



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

NIVIA MARQUES MONTEIRO

**JOAQUIM CATUNDA E A RECEPÇÃO DO DEBATE EVOLUTIVO
NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX.**

FORTALEZA

2014

NIVIA MARQUES MONTEIRO

**JOAQUIM CATUNDA E A RECEPÇÃO DO DEBATE EVOLUTIVO
NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Almir Leal de Oliveira.

FORTALEZA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- M778j Monteiro, Nivia Marques.
Joaquim Catunda e a recepção do debate evolutivo na segunda metade do século XIX / Nivia Marques Monteiro. – 2014.
173 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2014.
Área de Concentração: História social.
Orientação: Prof. Dr. Almir Leal de Oliveira.
- 1.Catunda,J.(Joaquim Catunda),1834-1907 – Crítica e interpretação. 2.Evolução. 3.Raças. 4.Homem – Origem. 5.Ciência. 6.Anticlericalismo. I.Título.

NIVIA MARQUES MONTEIRO

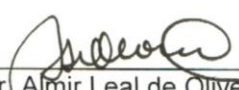
**JOAQUIM CATUNDA E A RECEPÇÃO DO DEBATE EVOLUTIVO
NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

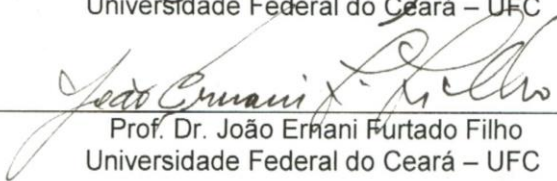
Orientador: Prof. Dr. Almir Leal de Oliveira

Aprovada em: 29 / Ago / 2014.

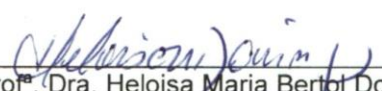
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Almir Leal de Oliveira (Orientador)
Universidade Federal do Ceará – UFC



Prof. Dr. João Ernani Furtado Filho
Universidade Federal do Ceará – UFC



Prof.ª Dra. Heloisa Maria Bertol Domingues
Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST

Prof.ª Dra. Ivone Cordeiro Barbosa (Suplente)
Universidade Federal do Ceará – UFC

*Aos meus pais, Ivonete e João Antônio. A
minha irmã, Vitória. Ao Pedro.
Com muito amor.*

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação marca o fim de uma importante etapa de minha vida, sobretudo como historiadora. Durante o percurso desta pesquisa, muitas vezes difícil, algumas pessoas foram imprescindíveis, por isso gostaria de agradecer a todos que contribuíram de uma forma ou de outra com a escrita desse trabalho.

Agradeço, imensamente, à minha família. Aos meus pais, Ivonete e João Antônio, pela dedicação, por sempre batalharem para me oferecer o melhor e por serem tão presentes em minha vida. Sou grata especialmente por esses últimos dois anos, que não foram fáceis. Mesmo não entendendo muito bem o que eu estava fazendo, eles suportaram meus momentos de impaciência e mau humor, nunca deixando de me oferecer apoio. À minha querida irmã, Vitória, que apesar dos nossos desentendimentos, sempre foi mais que uma irmã, foi uma confidente e amiga, sendo muitas vezes “minha bolsista não remunerada”. Obrigada, certamente, eu não teria conseguido sem o apoio de vocês.

Ao meu querido Pedro, pelo apoio desde o início, me encorajando desde a seleção, me incentivando e não me deixando desistir em muitos momentos difíceis. Agradeço pelas leituras sempre atentas e pelas considerações ao meu texto; pelo companheirismo e amor. Você fez imensamente parte da concretização disso tudo. Agradeço também a sua família que sempre me acolheu com muito carinho.

Ao meu orientador, professor Almir Leal de Oliveira, por ter me possibilitado, ainda na graduação, o primeiro contato com os *Estudos* de Joaquim Catunda. Sou imensamente grata pela confiança depositada, por construir junto comigo esse trabalho, sempre apontando generosamente os caminhos desta pesquisa e por me ajudar a ser uma historiadora melhor.

À minha turma de mestrado, agradeço a todos, que cada qual a sua maneira contribuiu com este trabalho. Agradeço pelos debates em sala de aula, pelas observações, pelas conversas nos corredores, pela preocupação e pela solidariedade, como também pelos momentos de descontração, sorrisos e “carnavalizações”, ainda que breves: Alysson, Gustavo, Humberto, Israel, Juliana, Leo Natanael, Luciana, Maurício, Paulo Giovanni, Priscylla, Renato, Tiago, Vicente, Victor Emmanuel.

Aos meus amigos que a *História* ofereceu: Dorenildo, Robson, Sarah e Júnior, pelas conversas e sugestões. Pela amizade, mesmo que distante, pela preocupação, pelas ligações e mensagens, muitas vezes inesperadas e cheias de afeto. A Rosa Lilian e Rafael Ricarte, pela solicitude e pelas ideias. Suas contribuições foram muito valiosas. Aos meus colegas do grupo de estudos de História da Ciência: Jamilly, Luiz e Paulo Victor.

Aos professores que participaram de minha qualificação, Franck Ribard e João Ernani Furtado Filho, sou grata pelas críticas e sugestões instigantes que fizeram ao meu trabalho.

Agradeço também às professoras das disciplinas da Pós-Graduação: Adelaide Gonçalves, Ana Rita Fonteles, Kênia Sousa Rios, Marilda Santana, Meize Regina Lucas, pelos debates ao longo das aulas e pelas contribuições.

Ao professor João Ernani Furtado e à professora Heloisa Maria Bertol Domingues por aceitarem participar de minha defesa.

Por fim, agradeço aos funcionários do Instituto Histórico do Ceará, do Arquivo Público, da Biblioteca Menezes Pimentel e do Museu Nacional (UFRJ), pela atenção. E às instituições, FUNCAP e CAPES, pelo fomento a esta pesquisa.

“Em algum período futuro, não tão distante que não possa ser medido por séculos, as raças civilizadas do homem irão certamente exterminar e substituir as raças selvagens pelo o mundo afora.” (Charles Darwin).

“Mas é puramente modal o trabalho da evolução e se realiza sobre o fundo imutabil da unidade substancial do ser infinito e uno, apesar da infinita variedade de formas que reveste na esfera da natureza phenomenica. [...]. A longa série de typos ancestraes do homem são apenas momentos d’esse processus evolutivo do sêr atravez da natureza animal para attingir a estados de consciencia. No espirito humano elle se affirma e reconhece, e começa então o processus para attingir o estado de perfeição ideal.” (Joaquim Catunda).

“Esta ideia de uma força immaterial creando inicialmente a materia, é um artigo de fé, que nada tem com a sciencia humana: *Onde começa a fé finda sciencia*. São dois modos de actividade do espirito humano nitidamente distinctos um do outro. A fé promana da imaginação poética; o saber origina-se na razão humana prescrutando o mundo exterior”. (Ernst Haeckel).

RESUMO

O presente trabalho procura analisar as concepções científicas de Joaquim Catunda (1834 - 1907) com o objetivo de compreender a recepção de ideias evolucionistas e racialistas na segunda metade do século XIX, como o darwinismo e outras teorias evolutivas. Catunda foi intelectual e político nascido no Ceará, autor do livro *Estudos de História do Ceará* (1886), um dos fundadores do Instituto Histórico do Ceará e senador da República. Ao longo da segunda metade do século XIX, o debate evolutivo ensejava questões sobre a origem do homem e a discussão entre ciência e religião. Ao analisar os escritos de Catunda, especificamente *Estudos de História do Ceará*, identificamos uma clara evidência do interesse de Catunda pelos estudos dessas questões, inclusive a antiguidade do homem americano, as hipóteses de povoamento da América, apoiado em pressupostos evolucionistas e em outras teorias que procuravam explicar o surgimento e o desenvolvimento do homem. Nesse sentido, o foco de nossa discussão são as matrizes teóricas de Catunda, analisadas através de sua produção intelectual de cunho historiográfico, tendo em vista problematizar as apropriações dessas ideias pelo autor e compreender como as ideias evolutivas aliadas ao discurso historiográfico foram interpretadas ao passo que estudamos sua trajetória político-intelectual.

Palavras-chave: Joaquim Catunda. Evolução. Raça. Origem do homem. Ciência. Anticlericalismo.

ABSTRACT

This present paper attempts to analyze the scientific conceptions of Joaquim Catunda (1834 - 1907) with the aim of understanding the reception of evolutionary ideas and racialist in the second half of the nineteenth century, like Darwinism and other evolutionary theories. Intellectual and political, Catunda was born in Ceará, author of *Estudos de História do Ceará* (1886), one of the founders of the Historical Institute of Ceará and Senator. Throughout the second half of the nineteenth century, the evolutionary debate addressed issues such as the origin of man and the debates between science and religion. By analyzing the writings of Catunda, specifically *Estudos de História do Ceará*, we identified a clear evidence of the interest of Catunda by studies of these issues, including the antiquity of American man, the chances of peopling of America, supported by evolutionary assumptions and other theories sought to explain the emergence and development of man. In this sense, the focus of our discussion are the theoretical matrices of Catunda, analyzed through their intellectual production of historiographical nature, in order to problematize the appropriation of these ideas by the author and understand how evolutionary ideas allied to the historiographical discourse were interpreted while studied its political and intellectual trajectory.

Key-words: Joaquim Catunda. Evolution. Race. Origin of man. Science. Anticlericalism.

LISTA DE QUADROS

Quadro - 1	Candidatos das Eleições de 1865	39
Quadro - 2	Caracterização dos Crânios	119

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	A FORMAÇÃO E A ATUAÇÃO POLÍTICO-INTELLECTUAL DE JOAQUIM CATUNDA: A RAZÃO ILUSTRADA E O ANTICLERICALISMO	20
1.1	Formação intelectual: tradição familiar e distinção intelectual	23
1.2	Atuação política e profissional: vida pública na província do Ceará	38
2	<i>ESTUDOS DE HISTÓRIA DO CEARÁ: LEGITIMAÇÃO INTELLECTUAL E CONCEPÇÕES CIENTÍFICAS</i>	56
2.1	<i>Estudos de História do Ceará: divulgação e repercussão</i>	58
2.2	Concepções filosóficas e a construção de um discurso científico e antiteológico	74
3	A RECEPÇÃO DOS DEBATES CIENTÍFICOS	83
3.1	O debate entre ciência e religião	83
3.2	Reflexões sobre a origem do homem e a diversidade humana	95
3.2.1	Reflexões sobre a origem do homem e a diversidade humana no Brasil	113
4	O EVOLUCIONISMO DE JOAQUIM CATUNDA	123
4.1	O debate evolutivo na segunda metade do século XIX	123
4.2	Joaquim Catunda e a evolução	134
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
	LISTA DE FONTES	153
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	156
	ANEXOS	166

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa analisa as concepções científicas de Joaquim Catunda (1834 - 1907) com o objetivo de compreender a recepção de ideias europeias de cunho evolucionista e racista¹ na segunda metade do século XIX, como o darwinismo e outras teorias evolucionistas. A segunda metade do século XIX foi marcada pela difusão de ideias evolucionistas como modelo hegemônico de interpretação científica. A partir da publicação de *The Origins of Species*, de Charles Darwin, em 1859, um intenso debate mobilizou os cientistas europeus e norte-americanos. As décadas de 1870 e 1880 podem ser consideradas como o período no qual o naturalismo evolucionista tornou-se explicação predominante no discurso científico.² O foco de nossa discussão são as matrizes teóricas de Catunda, analisadas através de sua produção intelectual de cunho historiográfico, tendo em vista problematizar as apropriações dessas ideias pelo autor e compreender como as ideias evolucionistas aliadas ao discurso historiográfico foram interpretadas.

Joaquim Catunda foi intelectual e político nascido no Ceará, um dos fundadores do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, em 1887, e

¹ Utiliza-se o termo racismo, justamente pela apropriação da distinção entre racismo e racismo feita por Todorov. “A palavra ‘racismo’, em sua acepção corrente, designa dois domínios muito diferentes da realidade: trata-se, de um lado, de um *comportamento*, feito, o mais das vezes, de ódio e desprezo com respeito a pessoas com características físicas bem definidas e diferentes das nossas; e, por outro lado, de uma *ideologia*, de uma doutrina referente às raças humanas. [...] Para separar esses dois sentidos, adotar-se-á aqui a distinção, às vezes operada, entre *racismo*, termo que designa o comportamento, e *racismo*, reservado às doutrinas. [...] O racismo é um comportamento antigo e de extensão provavelmente universal; o Racismo é um movimento de idéias nascido na Europa ocidental, cujo grande período vai de meados do século XVIII a meados do século XX.” In: TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana**; tradução Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. p. 107.

² “Quarenta anos decorreram desde que Charles Darwin publicou os primeiros trabalhos da sua imperecedoura teoria. Quarenta anos de darwinismo! Que fantásticos progressos no nosso conhecimento da natureza! [...]. Para compreender o admirável alcance desse grande progresso científico, é preciso ter uma visão contemplativa das diferentes fases dos últimos quarenta anos: no primeiro decênio, resistência geral a nova doutrina, que parece destinada a derrubar todas as concepções reinantes; no segundo, discussões violentas e resultados indecisos; no terceiro, vitória progressiva do darwinismo, em todos os campos da biologia; e, finalmente, no quarto, reconhecimento definitivo desta doutrina por todos os naturalistas competentes. Atualmente, podemos afirmar que o darwinismo e a sua teoria da evolução são, com a lei da substância, a lei da conservação da matéria e da energia e a teoria celular, uma das mais brilhantes da nossa época.” In: HAECKEL, Ernst. **A origem do homem**. São Paulo: Global Editora, 1982. p. 9 e 10. O livro *A origem do homem* foi publicado originalmente com o título *Ueber unsere gegenwärtige Kenntniss vom Ursprung des Menschen* (“Sobre o nosso conhecimento atual sobre a origem do homem”), em 1898. Disponibilizado em: <<https://archive.org/details/ueberunseregege02haecgoog>>; <<https://archive.org/details/ueberunseregege01haecgoog>>.

senador da República, entre os anos de 1890 e 1907. Em 1886, publicou o livro *Estudos de História do Ceará*, no qual identificamos uma clara evidência da propagação das ideias evolucionistas no Brasil. Pretendemos problematizar suas concepções científicas, tendo em vista promover uma discussão em torno da recepção de ideias racialistas e evolucionistas no Ceará. A historiografia contemporânea (SCHWARCZ, 1993; GUALTIERI, 2008) aponta que a década de 1870 foi o momento da chegada e circulação dessas ideias no Brasil. A década de 1870 também foi o período no qual essas leituras naturalistas marcaram a produção intelectual no Ceará (OLIVEIRA, 2002; TINHORÃO, 2006; CARDOSO, 2002). Em um primeiro momento do trabalho, buscamos analisar a trajetória intelectual de Joaquim Catunda, percebendo os espaços de atuação política e intelectual, suas redes de sociabilidade, e seu interesse pela ciência, para a melhor compreensão de sua obra e de suas concepções científicas. Em seguida, analisamos sua produção intelectual que se situa na década de 1880 com o objetivo de compreender como as ideias evolucionistas e racialistas foram apropriadas. Neste sentido, ressaltamos a compreensão da apropriação dessas ideias no Brasil não como meras reproduções dos modelos europeus, mas propomos compreender a historicidade destas ideias, percebendo as especificidades dos trabalhos que levantaram essas questões.

A ideia do tema deste trabalho surgiu em função do contato com os escritos de Joaquim Catunda durante a graduação, na disciplina de História do Ceará II, em meio a uma discussão sobre a questão científica e racial no Ceará na segunda metade do século XIX. Até então, não tinha conhecimento sobre a produção científica e historiográfica do *senador* Joaquim Catunda. Essas discussões instigaram uma pesquisa mais aprofundada a respeito deste intelectual. Em contato com seus trabalhos, particularmente o livro *Estudos de História do Ceará* várias questões foram emergindo: quem foi Joaquim Catunda? O que leu? Quais eram suas matrizes teóricas? Como ele se apropriou de ideias de cunho racial? Como essas ideias o ajudaram a elaborar um pensamento com relação ao passado, ao presente e às expectativas da sociedade que compunha a província do Ceará na década de 1880?

Um dos primeiros questionamentos feitos com a leitura desta fonte foi o porquê de escrever um livro sobre a História do Ceará, ou seja, a que se propunha Joaquim Catunda ao escrever *Estudos de História do Ceará*? Ora, Catunda era agrônomo de formação, mas elegeu a história para por em prática seu discurso.

Percebe-se que era comum o movimento desses intelectuais entre as várias áreas do saber, já que possuíam uma formação intelectual ilustrada e múltiplos interesses de investigação. Parti então para compreender como este livro, que fomentou um discurso pautado na verdade histórica positiva e na questão racial, constituiu um pensamento social aliado a um projeto político no Ceará. Logo nos questionamos, quais foram os usos desta escrita histórica e quais as implicações deste discurso?

Um dos campos da História que tem se dedicado à questão da recepção de ideias e que tem contribuído com relevantes discussões sobre o tema é a História da Ciência. O campo da História da Ciência é uma área multidisciplinar que vem se consolidando no Brasil desde o ano de 1983 com a fundação da Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC), desde então vem crescendo com o aparecimento de linhas de pesquisa e programas de pós-graduação na área, além de publicações, revistas e periódicos. Os estudos desse campo procuram problematizar a ciência a partir dos indivíduos, das instituições, práticas, ideias e teorias científicas. Nesse sentido, nosso trabalho assume a perspectiva da História da Ciência como uma leitura social. Busquei situar na abordagem desse campo as questões levantadas por Joaquim Catunda com objetivo de problematizar e compreender a recepção de ideias científicas.

Dentre os estudos contemporâneos que analisam a recepção de ideias científicas no Brasil do século XIX, especificamente o darwinismo, e com os quais dialogamos, destacamos os trabalhos *A Recepção do Darwinismo no Brasil* (2003) e *Darwinismo, meio ambiente, sociedade* (2009) organizados por Heloisa Maria Bertol Domingues e Magali Romero Sá. O foco do primeiro livro é a repercussão do evolucionismo de Darwin e de outros evolucionistas entre a intelectualidade no Brasil no final do Império e início da República. O segundo trata da recepção, das divergências e das apropriações do darwinismo no Brasil, nos demais países da América e na Europa, a partir de estudiosos como Fritz Müller, Louis Agassiz e Miranda Azevedo.

Para a reflexão propriamente da perspectiva evolucionista foi fundamental a leitura do livro *Evolucionismo no Brasil: ciência e educação nos museus (1870-1915)*, GUALTIERI (2008). A discussão proposta pela autora é pensar a incorporação dessas ideias evolucionistas não apenas no âmbito político ou social, mas compreender seus usos na vida científica do país, ou seja, como as instituições científicas utilizaram-se dos “evolucionismos” como aporte científico. A autora

problematiza as várias correntes do ideário evolucionista e as ressonâncias em seus adeptos pelos diversos museus do país voltados para as ciências naturais.

Outra publicação importante foi *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*, organizada por HEIZER (2001). Nesta publicação consta um balanço da produção de trabalhos no campo da História da Ciência, cujos temas são os mais diversos, como: as viagens científicas, o desenvolvimento das ciências naturais, a institucionalização de espaços de cunho científico, como museus e institutos (IHGB), entres outros, no século XIX, precisamente no período imperial.

As reflexões desses estudos inspiraram na construção de uma abordagem metodológica no trato com as fontes e da problematização central deste trabalho. Catunda não foi um cientista, não trabalhou numa instituição científica e nem tão pouco produziu uma ciência darwinista, no entanto, ele construiu um importante diálogo com essas leituras evolucionistas e com o debate científico do século XIX.

Com relação aos critérios que nortearam a escolha das fontes, partimos da necessidade de conhecer a produção intelectual de Joaquim Catunda. As obras analisadas foram, além do livro citado, os artigos publicados na *Revista do Instituto do Ceará*, intitulados *Origens Americanas. Imigrações Pre-historicas* (1887) e *As evoluções do clima* (1888). Nesses trabalhos, Catunda traz questões do debate científico europeu e norte-americano acerca da origem do homem e da diversidade humana. A análise de seus escritos revelou indícios que nos leva a concluir que suas ideias baseavam-se em princípios raciais e evolutivos. Dessa forma, levantamos algumas indagações: como Catunda se aproximou das ideias evolucionistas e racialistas? Como se apropriou do evolucionismo e suas diversas correntes, como a teoria darwinista? Quais suas referências teórico-científicas? Joaquim Catunda poderia não ser propriamente um evolucionista ou evolucionista darwinista, mas ele estava bem informado com relação ao debate do tema, e com as leituras da época sobre o assunto.

A partir da identificação dessas ideias em Catunda procuramos definir uma metodologia que nos indicasse suas referências. A partir de *Estudos de História do Ceará* foi realizado um trabalho de inventário das referências bibliográficas, com o objetivo de entender o diálogo construído com essas ideias, identificar suas matrizes de pensamento, percebendo quais autores foram lidos e quais ideias foram compartilhadas por ele. Buscamos a compreensão da obra, como também, as

concepções científicas do autor, tais como suas visões de ciência, civilização, humanidade, meio, raça, percebidas em seus textos, para pensar a escrita historiográfica de Catunda e os significados da questão evolutiva e racial em sua produção, como por exemplo, acerca das populações que habitavam o território do Ceará antes da chegada dos portugueses. Percebemos que Joaquim Catunda constituiu uma narrativa perpassada pelas concepções de evolução e de raça.

No decorrer da análise das fontes, encontramos principalmente referências de textos de cunho filosófico e historiográfico, sobretudo de autores germânicos, como a história metódica rankiana, o romantismo de Herder e as filosofias da história de Hegel e Feuerbach.³ Joaquim Catunda também tinha como referência trabalhos de estudos históricos de autores brasileiros, como: *Memória para a História do Maranhão* de Cândido Mendes de Almeida (1818 - 1881), *História da Província do Ceará (desde os tempos primitivos até 1850)*, de Tristão de Alencar Araripe (1821-1908), *Clima e secas do Ceará*, de Thomaz Pompeu de Sousa Brasil (1818 - 1877), entre outros.

Catunda tinha como principal questão a discussão da origem do homem, para isso ele fundamentou seus pressupostos em diferentes trabalhos de egiptólogos⁴, paleontólogos, arqueólogos, naturalistas,⁵ entre outros. O autor

³ *Die römischen Päpste, ihre Kirche und ihr Staat im sechzehnten und siebzehnten Jahrhundert* ("Os papas, sua igreja e seu estado nos séculos dezesseis e dezessete"), do historiador prussiano Leopold von Ranke (1795 - 1886); *Philosophie der Geschichte* - possivelmente Catunda se referia ao livro: *Auch eine Philosophie der Geschichte zur Bildung der Menschheit* ("Também para uma filosofia da história da humanidade") do filósofo prussiano Johann Gottfried Herder (1744 - 1803); *Das Wesen des Christenthums* ("A essência do cristianismo"), de 1842, do filósofo bávaro Ludwig Feuerbach (1804 - 1872); *Philosophie der Geschichte* - possivelmente Catunda se referia ao livro: *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte* ("Palestras sobre a Filosofia da História"), de 1848, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, filósofo de Stuttgart.

⁴ Identificamos diversos estudos de egiptólogos, como: *Aperçu de L'hist. Anc. de L'Egypte* ("Exame da história do Egito Antigo"), de François Auguste Ferdinand Mariette (1821-1881), a edição francesa de *Historie d'Egypte* ("História do Egito"), de 1859, do berlinense Heinrich Karl Brugsch-bey (1827 - 1894); *Aus Egyptens Vorzeit* (Desde o Egito Antigo), de Franz Joseph Lauth (1822 -1895). Ainda cita o arqueólogo e egiptólogo Karl Richard Lepsius (1810 - 1884) e o diplomata e acadêmico Christian Charles Josias, o Barão von Bunsen (1791 - 1860), ambos germânicos.

⁵ Dos estudos de naturalistas, etnólogos, paleontólogos, antropólogos e arqueólogos, podemos citar: o livro *The Geol evidence of the antiquity of man* ("A evidência geológica da antiguidade do homem"), do geólogo britânico Charles Lyell (1797-1875); *L'Homme Primitif* ("O homem primitivo"), do antropólogo e arqueólogo francês Louis Laurent Gabriel de Mortillet (1821 - 1898); *Pre-historic races of the United States of America* ("Raças pré-históricas dos Estados Unidos da América"), de John Wells Forster (1815 - 1873), geólogo e paleontólogo estadunidense; *Allgemein Ethnographie* ("Etnografia geral"), de Friedrich Müller (1834 - 1898); *Prehistoric man* ("Homem pré-histórico"), de Daniel Wilson, arqueólogo e etnólogo escocês; *Antigüdad del hombre en la Plata* ("Antiguidade do homem no Plata"), do naturalista, paleontólogo e antropólogo Florentino Ameghino (1854-1911); *Vorlesungen ueber den Menschen* ("Palestras sobre a humanidade") de Karl Christoph Vogt (1817 - 1895); *Geschichte der Schöpfung* ("História da criação"), de Hermann Burmeister (1807 - 1892);

procurou apresentar ao leitor o debate da antiguidade do homem a partir de duas perspectivas distintas: a primeira ligada à teologia natural que defendia a criação divina do homem baseada nas escrituras, e outra que defendia o surgimento da espécie humana como resultado de um processo evolutivo operado por leis naturais.

Os estudos dos egiptólogos indicavam uma idade do homem bastante recente; nesse sentido, as múmias eram consideradas os registros mais antigos da humanidade, inclusive referenciadas na *Bíblia*. Esses estudos confirmavam a visão judaico-cristã dos criacionistas de que a antiguidade do homem coincidia com os relatos bíblicos. No século XIX, a discussão acerca da origem do homem estava marcada pelo dogmatismo religioso, sendo boa parte de seus estudiosos profundamente religiosos. No entanto, a descoberta de outros vestígios humanos, os estudos dos fósseis de Georges Cuvier (1769-1832), os estudos geológicos, como o de Charles Lyell (1797-1875), os trabalhos de paleontologia e antropologia, como de Gabriel de Mortillet (1821-1898) e Karl Vogt (1817-1895), além das teorias evolucionistas de Jean-Baptiste de Lamarck (1744-1829) e Charles Darwin (1809-1882), ao longo do século XIX, ajudaram a construir uma outra visão no mundo científico que defendia o aparecimento da espécie humana em milhares de anos, fruto de um longo processo evolutivo.

A antiguidade do homem era um dos principais pontos de indagação da zoologia, da paleontologia, da antropologia e de outras ciências naturais. O debate da origem do homem suscitava a discussão de questões relacionadas às hipóteses sobre o aparecimento do homem (onde ele teria primeiro surgido) e sobre o povoamento do continente americano, incluindo a polêmica entre monogenistas e poligenistas, a diversidade humana, os tipos humanos existentes, a concepção de raça, as raças humanas e hierarquização das raças.

Podemos afirmar que Catunda foi introduzido nas leituras evolutivas através do debate da origem do homem. Catunda teve acesso à segunda edição de *The Descent of man, and selection in relation to sex*⁶ (1871), de Charles Darwin, além do trabalho de Ernst Haeckel (1834 - 1919), *Natürliche Schöpfungsgeschichte*⁷ (1868). Não foi possível mapear dentre suas referências uma citação direta a *The*

Culturgeschichte der Menschheit ("História da civilização") de Georg Friedrich Kolb; além de Carl Friedrich Philipp von Martius, com *Flora brasiliensis* (1829).

⁶ Traduzido como: **A origem do homem e a seleção sexual** ou **A descendência do homem e a seleção em relação ao sexo**.

⁷ História natural da criação ou História da criação natural.

*Origin of Species*⁸ (1859), porém há componentes que indicam a leitura deste livro, os quais serão analisados ao longo do trabalho. O debate da antiguidade do homem e a evolução das formas rudimentares para as formas evoluídas marcaram a visão de Catunda da história e da história do Ceará.

A interlocução entre Catunda e os principais evolucionistas, como Charles Darwin, Ernst Haeckel e Thomas Huxley, foi oportuna para percebermos os traços destas ideias nos trabalhos do autor. Não objetivamos fazer uma análise detalhada desses trabalhos, mas eles servem de aparato para identificar questões nos estudos de Catunda que reportam às teorias evolucionistas. Os manuscritos de José de Alencar, *Antiguidade da América* e *A raça primogênita*, revelaram-se uma fonte importante, fornecendo elementos de interlocução com as obras de Catunda.

Ao longo da pesquisa, percebemos que para a melhor compreensão das ideias de Catunda seria fundamental analisar sua trajetória. A necessidade de conhecer a trajetória pessoal, intelectual e política de Catunda levou-nos a uma busca por perfis biográficos sobre ele, como a biografia produzida por STUART (1913) e de outras publicações de cunho biográfico desenvolvidas por membros do Instituto Histórico do Ceará, como *Meio século de existência* (1937), de Eusébio de Sousa e *O Ceará no Senado Federal* (1992), de Valdelice Girão. Também foi fundamental a leitura dos livros *O Clã de Santa Quitéria* (1967) e *O Bacamarte dos Mourões* (1966), de Nertan Macedo, onde encontramos publicada a *Biografia do Rev. Padre Correio. Vigário do Ipu* (1871), escrita por Joaquim Catunda. Em meio às biografias-sínteses pesquisadas, percebemos uma repetição factual da experiência de Catunda que não foram problematizadas ou exploradas pelos autores. Guilherme Studart organizou a vida de Catunda de forma linear e cronológica, construindo uma trajetória sem tensões.

Buscamos explorar os referenciais biográficos levantados nessas cronologias tentando problematizá-los relacionando-os com os aspectos sociais a que elas se referem. Situar a trajetória de Joaquim Catunda com poucos referenciais biográficos foi tarefa difícil, principalmente quando o autor mostrou-se bastante particular na sua história de vida. Sua biografia pode nos evidenciar um perfil bastante complexo, peculiar e multifacetado (formação militar e científica voltada para ciências exatas, agrônomo, republicano e abolicionista)⁹.

⁸ A origem das espécies.

⁹ Ver Anexo 6: Cronologia, p. 172.

Não se trata de construir a partir de sua trajetória uma “biografia modal” (aquela que evidencia a partir de um sujeito o comportamento de todo um grupo ou que segue uma dinâmica narrativa limitada, ordenada, coerente e estável que privilegia “os grandes feitos” de “homens exemplares”, de “grandes homens”), mas explorar as suas contradições com seu grupo de experiência, os seus distanciamentos e as suas particularidades de visão de mundo (LEVI, 1996).

Contudo ao analisar a trajetória deste sujeito histórico, me vi muitas vezes repetindo as informações daqueles perfis biográficos. Faltavam-me elementos para problematizá-la. O material até então analisado não era suficiente para a compreensão da trajetória de Catunda. Desse modo, nos foi de assaz importância o contato com os periódicos publicados na província do Ceará, onde Catunda viveu boa parte de sua vida, e os do Rio de Janeiro, onde ele viveu de 1890 até sua morte em 1907.

Realizamos uma pesquisa detalhada no acervo de periódicos disponibilizado pelo site da Hemeroteca Digital Brasileira. Após a leitura dos jornais, selecionamos e catalogamos o material a ser analisado. Num segundo momento, foi realizado o levantamento e a compilação de informações sobre Joaquim Catunda. A análise das fontes hemerográficas foi de fundamental importância na costura de sua trajetória, além de nos oferecer informações e elementos importantes que possibilitaram a elaboração de diversos questionamentos sobre atuação política e intelectual desse indivíduo.

Nossa discussão a respeito da repercussão do livro *Estudos de História do Ceará* partiu especificamente da problematização dos jornais da época. Inicialmente, uma pesquisa foi realizada nos principais periódicos da província do Ceará no período que concerne o ano de lançamento do livro, 1886. Dessa forma, foram selecionadas as referências - artigos, notas, anúncios, entres outros - ao livro *Estudos de História do Ceará* e ao autor em questão. Os jornais nos quais encontramos referências foram: *Libertador* e *Gazeta do Norte*.

No jornal *Libertador*, foi possível encontrar além de anúncios de divulgação, críticas a respeito do livro. Simultaneamente, foram analisados os textos publicados no jornal *Gazeta do Norte*, também relativos ao livro. Dessa forma, vale dizer que nossa análise não apenas se restringiu ao material referente ao livro de Joaquim Catunda, mas também buscamos analisar as características específicas e o

conteúdo de cada jornal, sobretudo a partir análise discursiva, em busca de indícios que nos revele elementos do debate do período.

Para identificar as produções bibliográficas referenciadas em Catunda, destacamos a importância do site **archive.org** como ferramenta de pesquisa. Neste site foi encontrada a maioria dos títulos citados ao longo de *Estudos de História do Ceará*, sem este recurso possivelmente não teríamos acesso a esses livros, visto que muitos deles são exemplares raros.

Este trabalho é dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, analisaremos a trajetória político-intelectual de Joaquim de Oliveira Catunda, tendo em vista perceber elementos de seu círculo familiar e sua de formação escolar, os múltiplos espaços de atuação político-intelectual, os grupos os quais compunha e suas redes de sociabilidades, as ideias partilhadas e os embates teóricos e políticos travados e a construção de uma postura anticlerical.

No segundo capítulo, nosso enfoque é a produção e a recepção do livro *Estudos de História do Ceará*. Discutiremos como o livro tornou-se fundamental no processo de legitimação de Joaquim Catunda como um intelectual. Críticas e como a publicação suscitou entre seus pares um debate acerca da ciência, do método científico, das narrativas historiográficas e do próprio *métier* do historiador. No segundo tópico, analisamos as concepções filosóficas e científicas apresentadas em seu livro. O objetivo é apontar algumas dimensões gerais das ideias tratadas por Catunda em seu escrito, especificamente suas filiações e vertentes filosóficas, para compreender como ele orientou sua narrativa por um viés objetivo e antiteológico.

No terceiro capítulo, problematizaremos as concepções científicas de Joaquim de Oliveira Catunda relacionando-as com o debate vigente naquele momento, mapeando e discutindo suas matrizes teóricas, com o objetivo de compreender a recepção de ideias europeias de cunho evolucionista e racista. As questões levantadas por Joaquim Catunda e que norteavam o debate evolucionista ao longo do século XIX: ciência *versus* religião e a origem do homem.

No último capítulo, discutiremos o debate evolutivo na segunda metade do século XIX e analisaremos como Joaquim Catunda se apropriou dos pressupostos evolucionistas, como as noções darwinianas de evolução e seleção natural, para compreender o uso dessa conceituação evolutiva aplicada sociologicamente no entendimento da sociedade do Ceará.

1 A FORMAÇÃO E A ATUAÇÃO POLÍTICO-INTELLECTUAL DE JOAQUIM CATUNDA: A RAZÃO ILUSTRADA E O ANTICLERICALISMO.

“Era forrado de abalizados conhecimentos científicos e filosóficos, mas dominado por espírito um tanto cético, que se percebe nitidamente nas suas produções intelectuais”. (RAIMUNDO GIRÃO, 1987, p.84).

Nosso objetivo neste capítulo é analisar a trajetória de Joaquim Catunda, especificamente sua trajetória familiar, política e intelectual. A complexa tarefa de traçar os espaços de atuação, os grupos que ele compunha e as redes de sociabilidades nos permitem uma melhor compreensão das ideias partilhadas e dos embates científicos da época e, conseqüentemente, da própria construção de suas ideias.

Reconstituir ou *reconstruir* uma trajetória não é uma tarefa fácil, sobretudo, para um historiador. É necessário ter uma série de cautelas para não cair em armadilhas metodológicas e narrativas. Dificilmente um historiador poderia apreender ou dar conta de todos os aspectos da vida de um indivíduo, ou muito menos ordená-la de forma cronologicamente linear e coerente, haja vista que a vida de uma pessoa é um emaranhado desordenado de acontecimentos que não possuem uma racionalidade teleológica. O historiador é quem acaba dando coerência à vida de uma pessoa através de sua narrativa, construída a partir de suas problemáticas. Dessa forma, Pierre Bourdieu chama atenção para os problemas que permeiam a construção de biografias ou autobiografias, a partir do conceito de *ilusão biográfica*, em que enfatiza a “ilusão” de se tentar organizar a vida de forma totalizante, coerente e cronológica:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conforma-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. (BOURDIEU, 1996, p. 185).

No mesmo sentido, Giovanni Levi afirma:

Pode-se escrever a vida de um indivíduo? Essa questão, que levanta pontos importantes para a historiografia, geralmente se esvazia em meio a certas simplificações que tomam como pretexto a falta de fontes. Meu intento é mostrar que essa não é a única e nem mesmo a principal

dificuldade. Em muitos casos, as distorções mais gritantes se devem ao fato de que nós, como historiadores imaginamos que os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado. Seguindo uma tradição biográfica estabelecida e a própria retórica de nossa disciplina, contentamo-nos com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas. (LEVI, 1996, p. 169).

Claramente, nosso objetivo não é realizar um trabalho biográfico sobre Joaquim Catunda, muito menos nosso intuito seria fazer um trabalho genealógico, mas pretendemos investigar e analisar pontos relacionados à sua experiência familiar e ao seu letramento, construindo uma reflexão sobre as instituições formadoras e os lugares de atuação político-intelectual do Império, pensando a relação de seu percurso intelectual e político e a construção de um pensamento baseado na ciência.

A compreensão das ideias de Catunda e de sua filiação científica não nos seria possível sem o estudo de sua trajetória, visto que estamos lidando com um intelectual bastante complexo e repleto de singularidades. Nesse sentido, antes de organizarmos uma reflexão propriamente em torno das ideias elaboradas pelo *historiador e cientista*¹⁰ Joaquim Catunda, sentimos a necessidade de conhecer e historicizar sua trajetória, com o objetivo de compreender melhor a relação de seu pensamento com a ciência. Por isso queremos, nessas linhas, mapear a trajetória desse sujeito histórico em suas diversas nuances, destacando determinados elementos e peculiaridades de sua formação e atuação intelectual, situando-as em suas conjunturas.

Os elementos ligados ao círculo familiar de Catunda são centrais em nossa investigação por acreditarmos estarem neles as raízes de seu letramento e de seu viés político, visto que a família Pompeu era composta por homens letrados que procuraram estruturar carreiras no meio político e na burocracia estatal, algo bastante comum entre as elites dominantes no Brasil no século XIX.¹¹ A influência

¹⁰ Gilberto Câmara no prefácio de *Estudos de História do Ceará*, intitulado *Razões por que*. CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919.

¹¹ A título de exemplo, seu tio Thomaz Pompeu de Souza Brasil (1818-1877) foi talvez o mais proeminente Pompeu, formou-se na Faculdade de Direito de Recife e no Seminário de Olinda, e fez carreira política, chegando a se tornar do chefe do Partido Liberal e senador do Império. Thomaz de Aquino Souza Catunda, irmão de Joaquim Catunda, destacou-se ocupando o cargo de delegado de polícia e de juiz municipal de Santa Quitéria. Thomaz Pompeu Filho (1852-1929), seu primo e filho do senador Pompeu, também se formou pela Faculdade de Direito de Recife, foi um dos fundadores da Academia Francesa do Ceará (OLIVEIRA, 1998, p.142), sendo também deputado pelo Partido Liberal. *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano XV, Nº 1488, 29 de outubro de 1861. p.1; *Cearense*,

familiar, inclusive do seu tio Thomaz Pompeu de Souza Brasil, foi um dos fatores que permitiu sua inserção na política e no corpo intelectual da época como um erudito.

Neste capítulo também estudamos a trajetória de Joaquim Catunda, tendo em vista delimitar os múltiplos espaços de sua formação escolar e atuação intelectual em sua juventude. Objetivamos identificar e analisar as instituições onde ele estudou e as atividades intelectuais em que ele esteve envolvido, como também as redes de sociabilidade que estabeleceu. Dessa forma, buscamos analisar seu desenvolvimento intelectual nas instituições de formação, entre os anos de 1849 e 1859, como o Liceu do Ceará e a Escola Militar da Corte, e sua colaboração para a *Revista da Sociedade Philomática* do Rio de Janeiro.

Nossa análise também perpassa sua atuação político-intelectual. Após se desligar da Escola Militar, Catunda procurou ocupações administrativas e iniciou sua participação na vida política, candidatando-se pela primeira vez a deputado provincial no ano de 1865. Era bastante comum, sobretudo no período imperial, que o âmbito intelectual estivesse inteiramente relacionado ao âmbito político; em grande medida, eram os homens ilustrados, boa parte bacharéis, que ocupavam os cargos administrativos e políticos do Império. Nesse sentido, procuramos identificar os cargos ocupados por ele, os debates nos quais que ele esteve envolvido, sua relação com a instrução pública, entre outros aspectos. Desse modo, buscamos perceber como estabeleceu uma rede de relações, ocupando diversos cargos e se afirmando como um homem letrado e erudito.

A década 1880 foi o momento em que Catunda se estabeleceu ou ao menos procurou se estabelecer como uma autoridade intelectual em consonância com seus interesses políticos. Além de ocupar cargos no professorado das principais instituições de ensino da província, o Liceu do Ceará e a Escola Militar do Ceará, e integrar um dos mais importantes lugares de produção historiográfica da província, o Instituto do Ceará, também colaborou na fundação de duas importantes associações: o Centro Abolicionista e o Centro Republicano. Sua participação nessas instituições e em grupos políticos de vulto foi fundamental para sua inserção

no Senado da República em 1890. Tornar-se senador era um dos principais objetivos almejados por boa parte dos homens ilustrados da elite da época.

1.1 Formação intelectual: tradição familiar e distinção intelectual

Joaquim de Oliveira Catunda nasceu na pequena freguesia de Santa Quitéria¹², em 2 de dezembro de 1834. Seus pais eram Antônio Pompeu de Souza Catunda e Inocência Pinto de Mesquita (GIRÃO, 1992, p. 65), primos que pertenciam a uma família bastante influente naquela região, os Pompeu. A família Pompeu descendia dos Pinto de Mesquita, uma linhagem que reportava aos primeiros grupos familiares que ocuparam o território do Ceará no processo de colonização.¹³ Os avós de Joaquim Catunda eram Tomás de Aquino Sousa (1778-1839) e Geracina de Sousa (1777-1850), rio-grandenses que vieram para o Ceará no início do século XIX. Deles descenderam tanto a família Pompeu como a família Catunda (MACEDO, 1980, p. 34). Ao longo do século XIX, a família Pompeu efetivou seu poderio, tornando-se um dos principais grupos oligárquicos da província do Ceará.¹⁴

Mas, afinal, o que era Santa Quitéria durante a infância de Joaquim Catunda, ao longo das décadas de 1830 e 1840? Qual a importância da família Pompeu naquele momento? Era uma família distinta de outras que dominavam os “sertões” da província do Ceará? Qual a importância para Catunda de pertencer a este núcleo familiar?

O período regencial foi um momento no qual “grandes famílias” detinham o poder político e econômico no *sertão* do Ceará. Essas famílias controlavam tanto a

¹² Santa Quitéria pertencia à vila de Sobral na região norte do Ceará. Ver Anexo 2: Mapa da Província do Ceará, p. 168.

¹³ Sobre as famílias Pinto de Mesquita e Pompeu, ver o livro: MACEDO, Nertan. **O clã de Santa Quitéria**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1980. O autor além de construir uma memória histórica que exalta os feitos e um certo pioneirismo desses *homens*, como Vicente Alves de Paula Pessoa, Tomás Pompeu de Sousa Brasil, e o próprio Joaquim Catunda, entre outros, também destaca a distinção desta “linhagem” de outros núcleos familiares. De acordo com o autor: “Também foram os Pinto de Mesquita, ao longo da história da formação da sociedade pastoril cearense, uma outra exceção: o clã, numeroso, rico e fidalgo, não produziu, como seria de esperar, cangaceiros e valentões, vingadores do rifle e do punhal, a talar os sertões que habitavam com seus cavalos relinchantes e bárbaros, afeitos a fumaça dos combates e tropelias selvagens. Isso, a despeito da vigorosa atuação pública de quantos Pinto de Mesquita se houveram em política no Ceará, dos primórdios do Império aos últimos dias da República Velha, onde se sucederam, sem interrupção, abastados e eruditos e também pioneiros, compondo um dos mais vivos murais clânicos da província e do Estado.” p.19.

¹⁴ Ver Anexo 1: Grupo familiar de Joaquim Catunda, p. 167.

ordem social quanto o poder público dessas localidades, ocupando cargos administrativos e/ou políticos. Mesmo com o processo de centralização do Estado Imperial - que se concretizaria ao longo de todo o século XIX, principalmente com a corroboração da submissão desses potentados diante do poder provincial em Fortaleza -, essas famílias continuaram exercendo seu poderio (OLIVEIRA, 2009). Por sua vez, o Estado desejava a unificação da nação e a consolidação de seu poder, as elites provinciais ansiavam por maior autonomia das províncias e a conservação de sua autoridade, gerando conflitos de interesse entre as elites dominantes e o governo central. As negociações e alianças políticas teriam papel preponderante naquele momento. É importante reiterar que o fato desses grupos se fazerem presentes na burocracia do Estado foi uma considerável estratégia política.

Podemos afirmar que a família Pompeu era uma parentela¹⁵, ou melhor, uma “parentela familiar de elite” (ARAÚJO, 2011, p. 23), quer dizer, um grupo formado por alianças familiares e seus agregados, que exerciam seu poder em uma determinada região, manipulando os processos eleitorais, a ocupação de cargos administrativos e militares. Essas famílias portentosas, além de proprietárias de muitas terras, possuíam grande poder de armas. Santa Quitéria era um desses potentados, onde a parentela, nesse caso a família Pompeu, agia e efetivava seu poderio. Era comum que esses grupos familiares mantivessem alianças com parentelas de outras localidades, dessa forma, a dominação de um determinado grupo político se estendia por toda uma vila. Os Pompeus cultivavam alianças com os Alencar, os Paula-Pessoa e os Accioly (ARAÚJO, 2011, p. 35), formando um grupo oligárquico expressivo que submetia a vila de Sobral à sua autoridade política.

O Estado então, para fazer-se presente nas vilas, precisava das parentelas, ou melhor dizendo, este fazia-se representar na ação de um determinado grupo de parentelas. E estas, por sua vez, exerciam as funções de Estado, muitas vezes, apropriando-se do discurso da ordem para atender seus interesses locais. (ARAÚJO, 2012, p. 19).

A dimensão do poder desses grupos ficava mais evidente no período eleitoral. Uma carta publicada no jornal *O Cearense*, enviada pelo padre Manoel de

¹⁵ Sobre as parentelas, consultar: ARAÚJO, Raimundo Alves de. **Família e Poder: construção do Estado no noroeste cearense do século XIX (1830 - 1900)**. Dissertação de Mestrado. UECE. Fortaleza, 2011; ARAÚJO, Reginaldo Alves de. **Quando a ordem chegou ao sertão: as relações entre o estado imperial e a elites da região do Acaraú – Ceará (1834 - 1846)**. Dissertação de Mestrado. UFC. Fortaleza, 2012.

Lima e Albuquerque, no ano de 1857, mostra-nos a influência da família Pompeu em Santa Quitéria e nos ajuda a compreender o cenário político do período.

Aqui cheguei, como parocho, em 1851, e logo fui observando que este pequeno lugar despresado do governo, não tinha ainda conhecido os bens que [sic] emanão das leis de nosso imperio: que se matava, espancava-se, feria-se, e furtava-se, e que a policia innerte, dormia sempre indifferente em todos esses actos como nada disso fosse crime; que os criminosos, e assassinos de outros districtos apertados da policia, vinham achar apoio e protecção nesta freguesia nas mesmas autoridades policiaes, e que alem de tudo, existia grande intriga entre os meos fregueses da família aqui dominante.

[...]

Uma parte desta família mais probos, e conceituados, já não podendo soffrer os desvarios, e oppressões de seos mesmos parentes aqui dominantes, e não contando com a segurança individual, erguerão o partido liberal, até então adormecido, convidarão me para os ajudar, na esperança de que um dia fossem auxiliados do governo em suas boas intenções; e eu mostrei-me indifferente, conhecendo que devia viver com todos.¹⁶

O documento expressa um momento importante na política da província que foi justamente o processo de filiação desses grupos oligárquicos aos partidos políticos, nesse caso específico, ao Partido Liberal. Este processo foi fundamental para efetivação da família Pompeu no poder.

Nas décadas de 1830 e 1840, a família Pompeu era possuidora de terras, assim como “pastoreava gados e negociava peles, charco e algodão no porto do Acaraú e na praça do município de Sobral naquele período” (ARAÚJO, 2011, p. 24). Além de poder econômico, gozavam de grande influência política. Contudo, outro elemento foi fundamental para garantir que essa elite dominante conservasse seu poderio: a ilustração¹⁷. Podemos perceber esse padrão se estabelecendo principalmente a partir do tio de Joaquim Catunda, Thomaz Pompeu de Sousa Brasil.

A situação econômica da família Pompeu na década 1820 não era tão estável. Tiveram até que deixar Santa Quitéria devido às perseguições políticas, que sofreram por causa de sua ligação com os membros da Confederação do Equador de 1824. Quando retornaram, seus bens haviam sido praticamente dizimados pela

¹⁶ O Cearense, Fortaleza/CE, Ano XI, Nº 989, 13 de janeiro de 1857, p.2.

¹⁷ “A trilha da ascensão era galgada pela educação. Em um mar de analfabetos se construía uma ilha de letrados. Os homens que exercitavam o poder passavam, na sua expressiva maioria, pelos bancos escolares e adquiriam, neste percurso, funções muito específicas no processo de elaboração das condições que eram caras às elites.” In: SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Senador Pompeo**: um geógrafo do poder no Brasil do Império. Dissertação de mestrado – Faculdade de Filosofia, Ciências Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997, p.21.

seca e pelas punições vindas de seus adversários (BARROSO, 1977, p. 194). Porém, o avô de Catunda utilizou-se dos poucos recursos econômicos, e do considerável prestígio político da família, para investir na instrução de seus filhos.

O início do percurso, para os filhos de famílias de origem nobre, porém pobres, era investir na formação dos filhos e levá-los a participar de uma grande família de burocratas, seja como padres, como bacharéis em direito, como militares ou ainda como detentores de outros cursos superiores realizados em apenas quatro cidades no Brasil – Recife, Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro. A formação de intelectuais, por sua vez era fundamental naquele momento para um país que vivia um processo de múltiplas transições, transações e reações (SOUSA NETO, 1997, p. 19-20).

Thomaz Pompeu tornou-se um “modelo” de instrução na província, representando uma nova guinada da elite, que buscava a distinção pelo letramento, principalmente com a implantação do Ensino Superior no Império. Segundo José Murilo de Carvalho, após a chegada da Côrte ao Brasil, em 1808, mas principalmente após a Independência, em 1822, várias instituições de educação superior seriam implementadas, como as faculdades de Direito e Medicina, em São Paulo e Olinda, entre outras entidades, com o objetivo de formar a “elite brasileira” (CARVALHO, 2012, p. 64).

Em 1836, Pompeu foi para Olinda completar seus estudos preparatórios. Lá, ingressou no Seminário de Olinda onde foi ordenado padre e, posteriormente, obteve o título de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Olinda.

No Seminário de Olinda recebeu uma formação predominantemente liberal (BARROSO, 1977, p. 194). Mesmo o Seminário de Olinda sendo idealizado a partir dos preceitos da Igreja Católica, seu “projeto pedagógico visou atender necessidades nitidamente burguesas” (ALVES, 1991, p. 3), especificamente durante a gestão de seu fundador, o bispo José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho (1742-1821), no período entre 1800 e 1802¹⁸. O pensamento do bispo de Olinda era marcado por um caráter burguês e iluminista (ALVES, 1991, p. 7). Certamente, tais características influenciaram o pensamento dos diversos estudantes que ali

¹⁸ “Chamado de volta ao Reino por uma Carta Régia de 25 de Fevereiro de 1802, no mesmo documento era informado de sua eleição para o Bispado de Miranda. No dia 12 de julho de 1802 regressa a Portugal. Azeredo Coutinho nunca mais veria a América.” CANTARINO, Nelson Mendes. **A razão e a ordem**: o Bispo José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho e a defesa ilustrada do antigo regime português (1742-1821). Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2012. p. 87.

passaram, inclusive Thomaz Pompeu. De acordo com Manoel Fernandes Sousa Neto:

O Senador Pompeu, enquanto intelectual formado no Seminário de Olinda, defendeu até o fim de sua existência a monarquia constitucional, a teologia cristã, a propriedade burguesa e os princípios liberais. Todavia, enquanto o liberalismo europeu pregava o trabalho assalariado e a constituição de um Estado leigo, no Brasil os liberais defendiam o trabalho escravo e a manutenção de uma religião oficial, católica, subordinada ao Estado (SOUSA NETO, 1997, p. 23).

O Seminário de Olinda também exerceu papel importante na formação científica de Pompeu. A criação do Seminário teve grande importância na modernização do ensino no Brasil, principalmente pela ênfase dada às ciências naturais (DIAS, 2005, p. 53).

Retornando à província do Ceará e estabelecendo-se em Fortaleza, Pompeu representaria a figura do “homem público”, quer dizer, seria o indivíduo ilustrado que além de ocupar vários cargos públicos considerados de prestígio, também alcançaria destaque no campo político. Este seria um perfil que os membros da família Pompeu teriam por várias gerações.¹⁹ Em 1845, ocupou os cargos de diretor do Liceu do Ceará e da Instrução Pública da Província do Ceará, enquanto na política se filiou ao Partido Liberal²⁰, sendo eleito primeiro suplente de deputado geral, em 1844, e depois deputado geral, em 1845.

¹⁹ Segundo Maria Odila, “[...]. Elite reduzida, falta de homens capazes, foram em virtude de tais circunstâncias frequentemente levados a trocar os gabinetes de estudos por ocupações administrativas ou cargos políticos e judiciários. Verdade que a versatilidade de interesses e ocupações era fenômeno próprio da cultura da época, também na Europa, e que o mesmo panorama caracterizou a França pós-revolucionária. O que importa, contudo, é ressaltar no Brasil a participação de muitos desses estudiosos na vida pública, decorrente da acumulação de interesses científicos e cargos administrativos e políticos.” DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **A interiorização da metrópole e outros estudos**. São Paulo: Alameda, 2005. p.100-101.

²⁰ Durante o Segundo Reinado (1840-1889), os grupos oligárquicos que disputavam a hegemonia no poder eram representados por dois grandes partidos: o Liberal e o Conservador. As parentelas se filiavam ao grupo conservador ou liberal dependendo dos interesses, das perspectivas políticas e das alianças construídas. “O partido Liberal viria dos moderados e as suas principais lideranças possuíam envergadura nacional, como o próprio regente Feijó, e elementos que antes figuravam a facção exaltada. A despeito das diferenças dos dois partidos, é importante enfatizar que ambos tinham nas elites o seu estrato mais significativo, assim como a participação de proprietários de terras nos dois era equivalente. Pequenas particularidades sociais poderiam diferenciar, de maneira não determinada, os dois grupos. Entre eles estaria a maior presença de profissionais liberais e proprietários com a produção voltada para o mercado interno no partido Liberal, enquanto os conservadores possuíam uma leve maioria entre os funcionários públicos e proprietários de terra com a produção destinada à exportação.” In: FREITAS, Bruno Cordeiro Nojosa de. **A exaltação dos eleitos: evolução eleitoral e política do Império (Ceará – 1846-1860)**. Dissertação de Mestrado – UFC, Fortaleza; 2011. Página: 78. Na província do Ceará, os dois grupos que se destacavam eram os chimangos e os caranguejos; os caranguejos se aproximavam da proposta dos conservadores, e

Com a morte de José Martiniano de Alencar, em 15 de março de 1860, Pompeu tornou-se chefe do Partido Liberal na província. A esse respeito, Macedo afirma que Pompeu era um “liberal avançado”, relacionando que “talvez se encontre aí a razão que levou seu sobrinho e afilhado, o Senador Joaquim Catunda, a aderir, mais tarde, ao ideal republicano” (MACEDO, 1980, p. 61). Possivelmente, Macedo adjetivou Pompeu como “liberal avançado” por ele ser um liberal “exaltado”, ala do partido liberal que buscava maior autonomia das províncias em detrimento dos “moderados”, que defendiam um poder mais centralizado (FREITAS, 2011, p. 47). Mais tarde, em 1864, Pompeu foi escolhido senador do Império pelo imperador D. Pedro II.

Entretanto, não foi apenas na política que Pompeu se constituiu, ele também se dedicou na estruturação de um conhecimento científico, haja vista que publicou diversos trabalhos, como: *Principios elementares de Chronologia para uso do Lyceo do Ceará* (1850); *Elementos de geographia* (1851); *Memorias sobre estatística da população e indústrias da província do Ceará* (1856); *Memoria sobre a conservação das mattas e arboricultura como meios de melhorar o clima das Províncias do Ceará* (1859); *Compendio elementar de geografia geral e especial do Brazil* (1859); *Memoria sobre o clima e seccas do Ceará* (1877); *Systema ou configuração orographica do Ceará* (1877), entre outros (STUDART, 1915, p.144-145).

Optamos por analisar a trajetória de seu tio, Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, por sua relevância social na vida pública da Província e pelos laços de proximidade, com o objetivo de compreender a influência na formação de Joaquim Catunda. Ressalta-se também a semelhança entre as duas trajetórias e a estreita relação que ambos tiveram com o debate e os preceitos científicos. Defendemos que Catunda foi um dos sucessores de Pompeu, não apenas politicamente falando, mas também intelectualmente, posto que o tio certamente foi uma referência para ele.

Ao que diz respeito à formação educacional de Catunda presumimos que ele obteve o conhecimento das primeiras letras ainda em Santa Quitéria. Naquele

os chimangos da dos liberais. ARAÚJO, Reginaldo Alves de. **Quando a ordem chegou ao sertão: as relações entre o estado imperial e a elites da região do Acaraú – Ceará (1834 - 1846)**. Dissertação de Mestrado. UFC. Fortaleza, 2012. p.46.

período era bastante comum que os filhos de famílias abastadas recebessem instrução dos próprios pais ou de tutores.

Tomás de Aquino Sousa, avô de Catunda, era um homem bastante instruído, que cursou Teologia no Seminário de Olinda e foi responsável pelo o ensino das primeiras letras de seus filhos, Antônio Pompeu, pai de Catunda, e Thomaz Pompeu. Este, além de aulas com seu pai, aos 17 anos matriculou-se em aulas régias de latim ministradas por seu tio, Gregório Francisco Torres de Vasconcelos, em Sobral (MACEDO, 1980, p. 52). É provável que Joaquim Catunda tivesse aulas com o pai ou com um professor particular, como também é plausível que ele tenha frequentado a “cadeira” de primeiras letras de Santa Quitéria²¹.

De qualquer forma, sobre sua instrução é imprescindível destacarmos que o jovem Catunda estava cercado por um círculo familiar ilustrado. Proveniente de uma ambiência ilustrada, em que convivia com pessoas ilustradas, tendo seu avô e tio frequentado o Seminário de Olinda, com acesso a professores particulares, muitas vezes parentes próximos, e à cadeira de primeiras letras. Tudo isso possibilitou a ele não apenas o letramento, mas uma formação intelectual consistente.

Catunda viveu em Santa Quitéria até 1849 quando foi para a capital da província do Ceará, Fortaleza, aos 15 anos de idade, estudar no Liceu do Ceará, ficando sob os cuidados de seu tio Thomaz Pompeu de Sousa Brasil. Estudar em uma instituição onde seu tio exercia grande influência - visto que ele foi convidado pelo próprio presidente da província, o coronel Inácio Correia de Vasconcelos, para organizá-la e dirigi-la em 1845 - sem dúvida foi vantajoso para Catunda. Não podemos esquecer que foram em colégios como o Liceu do Ceará e O Atheneu Cearense onde

[...] formaram-se as primeiras interações intelectuais e as primeiras referências de leituras que mais tarde definiriam a forma de atuação

²¹ Até o ano de 1848, existia em Santa Quitéria uma “cadeira” de primeiras letras, que foi extinta pela resolução de 20 de agosto de 1848 – que fazia parte da reforma no sistema da instrução pública - em que se determinou o fechamento de 16 outras “cadeiras”, devido a pouca demanda de alunos e a falta de recursos da província. Podemos afirmar a existência de tal cadeira em Santa Quitéria com base nas informações do relatório do presidente de província Fausto Augusto de Aguiar, visto que ele solicitou a restauração das “cadeiras” de freguesias como Missão Velha, Cachoeira, Saboeiro, Messejana, Assaré, incluído a de Santa Quitéria, em 1849. Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial do Ceará pelo excelentíssimo senhor doutor Fausto Augusto de Aguiar, presidente da província, em 1º de julho de 1849. Ceará, Typ. Cearense, 1849/1850. p.10-11. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/provincial/cear%C3%A1>>.

intelectual desses estudantes. Ali também se formaram os primeiros laços de afinidades sociais, intelectuais e políticas que se manifestariam nos anos posteriores (OLIVEIRA, 1998, p. 32-33).

No Liceu, Catunda recebeu uma educação de qualidade para a época, adquirindo uma formação que possibilitaria ingressar em qualquer instituição do país. Vejamos o que Almir Leal de Oliveira afirma sobre a importância da criação de um *liceu* no Ceará:

[...], abriu um espaço de formação intelectual fundamental para a elite cearense, uma vez que no interior na própria província se efetivou a organização de instrumentos de capacitação da elite local. Com ou sem o título de bacharel em letras, abriram as condições de se pensar uma elite letrada local, bem como o estabelecimento de parâmetros intelectuais para uma possível atuação crítica, fosse ela política ou não (OLIVEIRA, 2002, p. 18).

No Liceu do Ceará, os alunos tinham aulas de francês, inglês e latim, além de geografia, história, filosofia, retórica, geometria, aritmética e trigonometria. A grade de matérias era baseada na organização curricular do Colégio D. Pedro II (OLIVEIRA, 1998, p. 24). O corpo docente do Liceu no ano de 1849 era composto por: Tomás Pompeu de Sousa Brasil, responsável pelas disciplinas de História e Geografia; Theophilo Rufino Bezerra de Menezes, com Filosofia; Manoel Theophilo Gaspar d'Oliveira, Retórica; Manoel Soares da Silva Bezerra (1810 - 1887), Geometria; Gonçalo d'Almeida Souto, Inglês; José Lourenço de Castro e Silva (1808 - 1874), Francês; Padre Antonio Pereira de Alencar (1806-1889), Latim²², contando com 97 alunos matriculados²³.

A convivência com Thomaz Pompeu nos permite pensar outras dimensões da formação de Catunda. Muito possivelmente a colaboração de Pompeu na sua educação não ficou restrita as paredes do Liceu. No período que ficou na casa do tio, Catunda não assimilou apenas ideais políticos, mas também as mais diversas leituras, visto que Pompeu era um homem letrado que estudara diversas línguas e detinha uma extensa literatura, assim como uma formação religiosa. Seguindo os passos do tio que era redator do jornal *Cearense*, Joaquim Catunda,

²² Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial do Ceará pelo excelentíssimo senhor doutor Fausto Augusto de Aguiar, presidente da província, em 1º de julho de 1849. Ceará, Typ. Cearense, 1849. Mapa: 6.

²³ Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial do Ceará pelo excelentíssimo senhor doutor Fausto Augusto de Aguiar, presidente da província, em 1º de julho de 1849. Ceará, Typ. Cearense, 1849, p.9.

ainda muito jovem, aventurou-se no mundo do impresso. Em 1853, fundou juntamente com Juvenal Galeno (1838 - 1931) o jornal *Mocidade Cearense* (OLIVEIRA, 2001, p. 134).

No mesmo ano, após terminar os estudos no Liceu, alistou-se no Exército²⁴, quando foi para o Rio de Janeiro seguir carreira militar, servindo no 1º Batalhão de Artilharia a Pé do Exército. Trilhar uma carreira militar se apresentava como uma alternativa de ascensão e legitimação da elite no poder. De toda forma, o exército foi uma porta para ele dar continuidade aos seus estudos na Côrte. Aos 23 anos, Catunda matriculou-se na Escola Militar Imperial onde estudou Agrimensura²⁵, no período entre 1857 e 1860. De acordo com José Murilo de Carvalho:

Os filhos de famílias de recursos, que podiam aspirar a educação superior, iniciavam a formação com tutores particulares, passavam depois por algum liceu, seminário ou, preferencialmente, pelo Pedro II, e afinal iam para a Europa ou escolhiam entre as quatro escolas de direito e medicina. As quatro cobravam anuidades e seus custos duravam cinco anos (direito) e seis anos (medicina). Um estudante típico entraria numa dessas escolas na idade de 16 anos e se formaria entre 21 e 22 anos. Outra alternativa para os ricos era a Escola Naval, sucessora da Real Academia de 1808, onde, apesar da gratuidade do ensino, era mantido um recrutamento seletivo baseado em mecanismos discriminatórios, o mais importante dos quais exigência de custosos enxovais. (CARVALHO, 2012, p. 74).

Ainda de acordo com o autor:

As pessoas de menores recursos podiam completar a educação secundária nos seminários ou em escolas públicas. A partir daí a escolha podiam ser os seminários maiores para uma carreira eclesiástica, a Escola Militar, sucessora da Academia de 1810, para uma carreira no exército, a Politécnica ou a Escola de Minas para uma carreira técnica. Nenhuma dessas escolas cobrava anuidade, a Escola de Minas dava bolsas para alunos pobres e a Escola Militar pagava pequeno soldo aos alunos. (CARVALHO, 2012, p. 75).

²⁴ “Todos os cidadãos brasileiros, solteiros, livres ou libertos, de 18 a 35 anos, estavam sujeitos ao serviço, desde que fossem filhos de família com renda suficiente para serem leitores. Numerosas isenções tornavam muito reduzido o número de pessoas sobre as quais podiam recair as exigências da lei. Por falta de alistamento preliminar e indistinto de cidadãos sujeitos ao desfavorecidos da fortuna e da proteção social e política. Apesar de Aviso de 27 de fevereiro de 1833 excluir do recrutamento os indivíduos incorrigíveis, ébrios ou desmoralizados, as delegacias de polícia forneciam numerosos contingentes às fileiras.” VASCONCELOS, Genserico de. **História Militar do Brasil**. Rio de Janeiro, 1941. *Apud* CÂMARA, José Aurélio Saraiva. **Um soldado do Império: o general Tibúrcio e seu tempo**. Rio de Janeiro: biblioteca do Exército Ed., 2003, p.44.

²⁵ [Lat. agrimensura.] sf. Medição de terras. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa. 8. Ed. Curitiba: Positivo, 2010, p.26

Sabemos que seu tio possuía boas condições materiais; entretanto, destacamos que não se sabe ao certo as condições do núcleo familiar de Joaquim Catunda.

Outros jovens provenientes do Ceará também foram fazer carreira militar no Rio de Janeiro, entre os quais podemos citar Antônio Tibúrcio Ferreira de Sousa (1837 - 1885), combatente da Guerra do Paraguai. Tibúrcio foi para a capital do Império em 1852 e, assim como Catunda, serviu no 1º Batalhão de Artilharia em Pé, matriculando-se na Escola Militar em 1855 (CÂMARA, 2003, p. 48-51). Catunda e Tibúrcio eram amigos e muito provavelmente conviveram nesse período no Rio de Janeiro. A constituição de contatos e laços de amizade nessas instituições era de fundamental importância para esses jovens, principalmente quando esses laços eram entre contrerrôneos; sem mencionar o significado de ter uma formação em comum ou uma ideologia política similar, que resultaria em importantes alianças futuras. Como veremos adiante, Tibúrcio se tornaria um aliado de Catunda.

Catunda ingressou na Escola Militar em um momento de inflexão para a instituição.²⁶ A Escola Militar Imperial era uma instituição remanescente da Academia Real Militar, criada em 1810. O principal objetivo de sua criação era o treinamento de força de trabalho especializada e capacitada para construção de fortificações devido à necessidade de proteção do território do Brasil de possíveis invasões no Período Colonial.

A engenharia como ciência e a Academia estavam diretamente ligadas ao militarismo, principalmente após a reforma de 1839, quando a Academia Militar deu lugar à Escola Militar. Os ditames da Academia possuíam forte influência do modelo politécnico francês, posto em prática na *École Central des Travaux Publics* (1794) (CARVALHO, 1998, p. 73-74). Com relação às mudanças sofridas pela Escola Militar, Maria Alice Rezende de Carvalho, afirma:

Tomando como modelo a Politécnica francesa, o novo Estatuto de 1839 tentaria desdobrar a formação do oficial em duas escolas: na primeira, ingressariam rapazes a partir de 16 anos, que seriam submetidos à formação científica; a isso se seguiria a escola de aplicação, encarregado do conteúdo profissionalizante - tal como, no contexto francês, fora Metz destinada ao treinamento dos futuros artilheiros e engenheiros. A ideia de uma escola de Aplicação só seria concretizada, no Brasil, em 1855; porém o novo estatuto indicava uma tentativa de ajuste local à duplicidade curricular consagrada no ensino francês. O estatuto de 1839 mudava também o nome

²⁶ A historiografia (CARVALHO, 2012) tem destacado a relação da formação dos militares com a doutrina positivista.

da Academia Imperial Militar para Escola Militar da Corte e instituiu a figura do 'oficial-instrutor', encarregado da instrução prática das Armas.

A reforma seguinte, a de 1842, anulava, contudo, essas iniciativas de militarização da Escola e a devolveria ao seu espírito original, como um centro de altos estudos. Finalmente, em 1849, a institucionalização do título militar-bacharel ou de militar-doutor em Ciências Matemáticas consagraria a orientação científica da Escola Militar, em detrimento da vertente profissionalizante. (CARVALHO, 1998, p. 74).

Durante esses anos de uma formação voltada para uma orientação científica e técnica na Escola Militar, aliada a uma formação religiosa herdada de sua família e o convívio de quatro anos com o tio padre, que defendia uma teologia cristã, de alguma forma ajudaram Catunda a formular sua visão de mundo cada vez mais de rompimento com a moral cristã - católica.

Ainda enquanto esteve no Rio de Janeiro, estudando na Escola Militar, o jovem Joaquim Catunda fez parte de uma sociedade composta por jovens estudantes chamada de Sociedade Philomatica. Os membros da agremiação produziram um pequeno periódico chamado *Jornal da Sociedade Philomatica*, cujo primeiro número foi lançado em abril de 1859 e que tinha como objetivo difundir as leituras e as produções do grupo. A leitura dessa fonte nos possibilitou compreender e lançar questionamentos a respeito dos primeiros passos de Catunda em seu interesse pela ciência.

Mas, afinal, o que era a Sociedade Philomática, quais eram seus objetivos, o que se discutia em suas sessões? A Sociedade Philomatica foi uma espécie de associação, fundada em junho de 1858 no Rio de Janeiro, muito provavelmente inspirada nos moldes de sociedades anteriores de mesmo nome, como a Sociedade Philomatica da França de 1788, da qual fizeram parte Antonie Lavoisier, Jean-Baptiste de Lamarck, Georges Cuvier, Pierre Simon Laplace, Louis Pasteur, entre outros.

No Brasil, houve um movimento similar. A partir do ano 1833 passou a circular a *Revista da Sociedade Philomatica* por iniciativa da Sociedade Filomática da Faculdade de Direito de São Paulo. Essa sociedade era formada por estudantes e professores da então faculdade, que desenvolveram trabalhos de cunho científico e literário, ligados ao Romantismo e ao nacionalismo (PASSOS, 1989, p. 68). O trecho a seguir retirado de um artigo publicado no jornal *Correio Mercantil* nos fornece algumas informações a respeito da Sociedade Philomatica a qual Catunda estava associado:

A *Philomatica*, segundo cremos, é uma associação composta de estudantes, nem só de cargos superiores, como os da escola central, e faculdade de medicina, como também de alguns collegios dos mais conhecidos: louvaremos esta instituição, que para o futuro póde vir a ser de uma grande utilidade ás ciências e ás letras.²⁷

Como dito anteriormente, no ano seguinte a criação da Sociedade Philomatica do Rio de Janeiro foi publicado o *Jornal da Sociedade Philomatica*, com o intuito de divulgar as produções de seus membros e seus colaboradores. Foram redatores da publicação: Francisco de Sequeira Dias, Manoel Ignacio Barbosa Lage²⁸, Antonio Justiniano das Chagas, Honorio Ricalho, Eugenio Adriano Pereira da Cunha e Mello e Francico Basilio Duque; foram colaboradores do periódico: o presidente da *Sociedade*, Dr. P. Pederneiras, e o 1º secretário, N. R. dos Santos França e Leite Filho²⁹, Joaquim de Oliveira Catunda, entre outros. Não sabemos ao certo o grau de envolvimento de Catunda com a Sociedade Philomatica, se participava efetivamente da Sociedade ou apenas colaborou com textos para o jornal.

Os membros da Sociedade Philomatica se reuniam frequentemente em sessões que eram anunciadas no jornal *Correio Mercantil*.³⁰ Todavia tais sessões não tinham a mesma visibilidade e o mesmo alcance de público que um impresso poderia ter, a decisão de fazer um jornal residia em promover a Sociedade através de uma ferramenta além das conferências. No primeiro número do jornal, de abril de 1859³¹, em primeira folha são justificadas as razões que levaram à criação do jornal, vejamos: “- Sendo ella uma sociedade scientifica, e como bem demonstra o seu titulo, - desejosa de instruir-se, necessitava de um jornal, para o cultivo do espirito de cada um dos sócios.”³² E complementam que: “O desejo de instruir-nos, de conservar as lições, que fossemos recebendo; eis o motivo que derão existência a este jornal.”³³

²⁷ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro/RJ, Ano XVI, Nº 123, 5 de maio de 1859, p.2.

²⁸ Estudante da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. In: Decreto nº 768, de 9 de agosto de 1854. <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-768-9-agosto-1854-558391-publicacaooriginal-79623-pl.html>

²⁹ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro/RJ, Ano XV, Nº 275, 10 de outubro de 1858, p.2.

³⁰ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro/RJ, Ano XV, Nº 200, 15 de julho de 1858, p.3; *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro/RJ, Ano XV, Nº 227, 22 de agosto de 1858, p.1.

³¹ O *Jornal da Sociedade Philomatica* tinha como proposta inicial ser mensal, mas encontramos apenas dois exemplares. Não se sabe se outros números foram publicados.

³² *Jornal da Sociedade Philomatica*, Serie 1, Abril de 1859, nº1. p.1.

³³ *Idem*. p.1.

É importante notar que os membros do jornal ao designar a Sociedade Philomatica como uma “sociedade científica” procuravam demarcar seu campo de discussão e seus objetivos. A própria instituição de um jornal cumpre um papel nesse processo de afirmação como uma “sociedade científica” e letrada, não é a toa que afirmam que a associação foi fundada “por alguns sócios desejosos do cultivo das letras”³⁴.

Os temas tratados no primeiro volume do jornal eram os mais diversos: encontravam-se textos relativos à pena de morte, além de poemas e crônicas. O primeiro artigo do jornal intitulado *Qual das descobertas maior influencia produziu na civilização, a bussola, a imprensa, o vapor ou a pólvora?*, de autoria de Pederneiras, abordou a questão das grandes invenções da humanidade. Sob o título de *Da pena de morte*, França e Leite Filho discutiu o tema da pena de morte, trazendo argumentos contra a pena capital, segundo ele, punição esta não condizente com os moldes de uma “nação civilizada”. Entres as poesias, podemos citar as do poeta romântico Casimiro de Abreu (1839-1860), entre outros.

Com relação especificamente aos escritos de Catunda, foi publicado um texto intitulado *O suicídio de Catão*, com continuação no segundo número do mesmo jornal. Naquelas linhas, Catunda constrói um texto com tom filosófico para tratar da questão do suicídio, muitas vezes se utilizando do eufemismo “morte voluntária”.

Eu vejo que na apreciação deste problema minha situação é critica e orlada de tropeços. De um lado é minha convicção íntima e profunda, que o suicídio é um acto legitimo e moral; do outro, ahi está a sociedade, ahi está religião, bradando esta que ele é criminoso perante Deos, aquella perante os homens. A dificuldade, pois esta nisto: como, sem cahir no odioso para os exaltados, sem incorrer no desagrado da igreja, advogar uma causa, que, comquanto ache guarida no bom senso e na razão, tem contra si algumas apparencias de interesse social, a superstição, a fraqueza, e muitas vezes a ignorancia?³⁵

Ele tratou o tema trazendo elementos da relação entre a igreja e os valores morais. É possível perceber que ao abordar essa questão, Catunda se encontrava num dilema. Ao passo que ele explicitava uma clara defesa ao suicídio, sustentando ser um “acto legitimo e moral”, não conseguia romper totalmente com os valores religiosos da sociedade. O jovem escritor tentava encontrar uma solução que

³⁴ *Idem.* p.1.

³⁵ *Idem.* p.10.

legitimasse tal ato, assim, ele saiu em defesa da razão para balizar suas concepções.

Não são os philosophos interessados que me servirão de guia; não é aos theologos que irei pedir interpretação sobre o espirito duvidoso das Escrituras. Não. E' da filosofia das cousas que saberei se Catão, por amor da vida, devia renegar os princípios, que fizeram d'elle esse grande vulto, isolado na historia das gerações humanas. E' a razão, e somente a ella que consultarei se o homem póde licitamente dispor de si.³⁶

Grande defensor da filosofia e da razão sobre a moral, Catunda versou sobre o suicídio de Catão³⁷, mostrando seu conhecimento sobre a história da antiguidade clássica, erudição que visitava filósofos da modernidade como Voltaire e Rousseau. Para ele, argumentos religiosos como de que a vida foi concedida por Deus e que não poderíamos dela dispor não se sustentavam. O autor defendia o suicídio como algo legítimo recorrendo a uma passagem do Evangelho de São Matheus em prol de seus argumentos, afirmando que:

Assim pois S. Matheus aconselha o suicidio áquele que depois de haver trilhado a senda da virtude, pagando um tributo á fragilidade humana, colloca-se em uma situação tal, que lhe não é possível dar um passo sem commetter um crime, porque continuando a viver arriscava a salvação d'alma. Ora, se a sociedade não perde, se a religião autorisa, como se diz que o suicidio é illegitimo e immoral? Um homem honrado, de grande reputação, por um capricho da fortuna, por uma circumstancia qualquer acha-se em um estado tal que só a morte ou o milagre podião salvá-lo da deshonra e da miséria. O milagre é impossivel, na imutabilidade nada se altera. Porque não abrigar-se no seio da morte? Para que serviria ao mundo mais um infame ou miserável? Reciprocamente o que faria o mundo a esse homem senão cuspir-lhe na face quando o houvesse deshonrado, rir-se d'escarneio quando o visse miserável, fitar-lhe olhares de desprezo, quando esmolasse sua caridade? Quem importa que depois de morto os homens insultem seu cadáver, praguejem seu nome, se isto é nada relativamente ao que lhe destinavão na vida?³⁸

É bem provável que as opiniões de Catunda, a respeito de assuntos de cunho religioso, fossem comumente externadas a público e criticadas, visto que ele afirmou: “Bem sei que me estão reservados os ephitetos de ignorante e atheu.”³⁹

A publicação do periódico da Sociedade Philomatica teve significativa repercussão gerando debates na imprensa. Em 5 maio de 1859, mês seguinte à

³⁶ *Idem.* p.11.

³⁷ Catão, o Jovem (95-46 a.C.), inimigo de Caio Júlio César. Após a derrota de Trapso, suicidou-se em Útica.

³⁸ *Jornal da Sociedade Philomatica*, Serie 1, Abril de 1859, nº1. p.12.

³⁹ *Idem.* p.11.

divulgação do primeiro número da publicação, o jornal *Correio Mercantil* publicou uma crítica assinada pelas iniciais H.G. Foram disparadas críticas a todos os textos e, com relação especificamente ao *Suicídio de Catão*, ele afirmou que: “O suicídio de Catão do Sr. Oliveira Catunda, é pena que encerra tão idéas extravagantes; é um escrito muito elegante e castigado; [...]”⁴⁰

No dia seguinte, 6 de maio, o *Correio Mercantil* publicou outra crítica assinada por B., onde são tecidos comentários a respeito da apreciação de H.G. e algumas discordâncias são apresentadas:

Felizmente o Sr. H.G. confessa que o trabalho do Sr. Catunda sobre o suicídio de Catão tem [sic]. Quanto as opiniões do autor, são opiniões individuaes, e se o Sr. H.G. examina-las bem verá que se podem sustentar: não são, pois, paradoxos nem...

[...]

Uma única palavra, o Sr. H. G. é incontestavelmente infenso no jornal Philomatica. Mas advirta que não é cavalheirismo desanimar deste modo uma publicação, filha das mais puras intenções, realização de uma das mais nobres idéas que podem brotar nos espíritos juvenis e illime de vistas mercantis, no dia imediato áquelle em que so queima tanto incenso a outra publicação, em que se nota um defeito desde a primeira página até a ultima. Esperamos que S.S. na critica do segundo numero será sempre imparcial, porém consciencioso.⁴¹

A passagem de Catunda pela Sociedade Philomatica é um momento importante de ser analisado. Foram em sociedades como esta que na sua juventude Catunda estabeleceu seus laços de sociabilidade e grupos de afinidade. Estudantes que se reuniam para discutir ideias, compartilhar leituras, nos dá um panorama da rede de sociabilidades que Catunda mantinha naquele período no Rio de Janeiro. Naquele momento, o jovem Catunda buscava um envolvimento com questões de cunho científico e literário, não que estejamos buscando as origens do seu interesse posterior pela ciência, mas esse momento nos fornece algumas pistas sobre as temáticas que o interessavam e seu próprio repertório de leitura sobre História Antiga, Filosofia, além do conhecimento de outros idiomas que seriam fundamentais em seus escritos posteriores.

⁴⁰ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro/RJ, Ano XVI, Nº 123, 5 de maio de 1859. p.2.

⁴¹ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro/RJ, Ano XVI, Nº 124, 6 de maio de 1859. p.2.

1.2 Atuação política e profissional: vida pública na província do Ceará

Em 1860, Catunda obteve baixa do Exército, desligou-se da Escola Militar e seguiu para a província das Alagoas em uma comissão organizada pelo governo Imperial para demarcar terras devolutas do Urucú⁴² (STUDART, 1913, p. 18). Lá atuou como agrimensor, mesmo não tendo concluído o curso na Escola Militar. Entretanto, Catunda havia adquirido conhecimentos técnicos que garantiram a ele participar de comissões e de ocupar posições administrativas que necessitavam de um conhecimento das ciências matemáticas. No ano de 1862 foi nomeado 2º escriturário da Alfândega das Alagoas e dois anos depois se tornou 1º escriturário da Alfândega do Ceará.⁴³

Nesse período, além de ocupar cargos da administração pública do Império, ingressou na vida política propriamente dita. Em princípio, sua carreira política teve uma atuação marcada por sua atividade no Partido Liberal. Foi deputado da província do Ceará por três vezes, primeiro durante a década de 60, nos anos de 1866 e 1867, depois nos seguintes períodos: 1878 - 1879 e 1880 - 1881. Conforme José Murilo de Carvalho, tornar-se deputado naquele período era um passo importante na carreira política, visto que no Império a Câmara exerceu grande influência, sendo responsável até por queda de gabinetes ministeriais (CARVALHO, 2012, p. 57). Além do que, candidatando-se a deputado, posteriormente Catunda poderia ser indicado como senador ou ministro.

As eleições para deputado provincial no ano de 1865 foram marcadas por disputas bastante acirradas e noticiadas nos principais periódicos da época. Disputavam as eleições duas chapas: a chapa da *Coalizão*, dos conservadores e a chapa *Minu*,⁴⁴ dos liberais. Joaquim Catunda, aos 32 anos, foi um dos candidatos que compunham a chapa *Minu* e apresentou uma votação bastante expressiva, aparecendo em 4º colocação com 16 votos no Colégio de Baturité, 27 votos no Colégio do Ipu⁴⁵. Já em Santa Quitéria, Catunda recebeu votos dos sete eleitores

⁴² A Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850, conhecida como Lei de Terras previa a medição e demarcação de terras sem proprietários para posteriormente serem ocupadas por colonos para ampliação de áreas agrícolas. Sobre essa questão ver: DUARTE, Rones da Mota. **Natureza, terra e economia pastoril – Soure (CE): 1798-1860**. Dissertação de Mestrado UFC, Fortaleza, 2012.

⁴³ *O Sol*, Fortaleza/CE, Ano VIII, Nº 397, 4 de setembro de 1864. p.4.

⁴⁴ *A Constituição*, Fortaleza/CE, Ano III, Nº 26, 7 de fevereiro de 1866. p.1.

⁴⁵ *A Constituição*, Fortaleza/CE, Ano III, Nº 41, 1 de março de 1866. p.1.

que compareceram a votação.⁴⁶ O quadro a seguir apresenta os candidatos das respectivas chapas.

Quadro – 1: Candidatos das Eleições de 1865

CHAPA COALIÇÃO	CHAPA MINU'.
Dr. Marrocos Telles Coronel Manoel Felix José A. Moreira da Rocha Dr. José Thomé da Silva Dr. Firmo Saboia Padre Neves Tenente-coronel A. Barroso Dr. Paulino Nogueira Dr. J. Candido da F. e Silva José Flamino Padre Antonio X. M. de Castro Capitão Antonio J. da S. Carapeba	Dr. Gerson de Saboia Dr. Francisco de Paula Pessoa Dr. João F. Bandeira de Mello Joaquim Catunda Dr. Felix de Souza Major Francisco U. Montenegro Padre Correia Dr. Theodoreto Dr. Antonio Cordeiro Arcadio Fortuna Capitão Thomaz de Andrade Dr. Barbosa Cordeiro

Fonte: Quadro baseado nas informações publicadas no *A Constituição*, em 7 de fevereiro de 1866, referente aos candidatos do colégio de Baturité.

O clima de disputa eleitoral entre liberais e conservadores pode ser percebido principalmente nas colunas de seus jornais *A Constituição* e o *Cearense*, que eram os principais veículos de propagação dos projetos políticos desses grupos. A análise desses periódicos foi de fundamental importância na construção de nossa problemática em torno da trajetória política de Joaquim Catunda e dos grupos em disputa naquele momento. Nesse sentido, deixamos claro que compartilhamos da ideia de que é preciso analisar a fonte jornal tendo em vista suas especificidades. Podemos perceber que esses jornais estavam atrelados e promoviam os interesses políticos dos grupos partidários (NOBRE, 2006, p. 16); logo, eram órgãos que defendiam determinadas ideias e ideologias (ZICMAN, 1985, p. 90), por isso é de fundamental importância a problematização das informações colhidas nesse tipo fonte, para não interpretá-las como a verdade.

O jornal *Cearense* foi fundado por Tristão de Alencar Araripe, Frederico Pamplona e Thomaz Pompeu de Sousa Brasil (como redator) no ano de 1846

⁴⁶ *A Constituição*, Fortaleza/CE, Ano III, Nº 29, 11 de fevereiro de 1866. p.1.

(FERNANDES, 2004, p. 37). Nas primeiras edições do jornal⁴⁷, especificamente as edições da década de 1840, não há, ao menos nos cabeçalhos, qualquer referência às tendências partidárias. Porém, nas edições posteriores, particularmente na década de 1850, o jornal se assumiu como um órgão “destinado a sustentar as ideias do partido liberal”⁴⁸. No ano de 1850, Pompeu assumiu a direção do periódico⁴⁹ e, em 1859, tornou-se seu proprietário⁵⁰. O adversário do *Cearense*, o jornal *A Constituição*, apareceu na cidade de Fortaleza em 1862, fundado por Domingos José Nogueira Jaguaribe (1820-1890)⁵¹, devido uma dissidência do partido conservador.

O principal alvo do *A Constituição* era o chefe do partido liberal, Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, o tio de Catunda. Num artigo publicado no *A Constituição*, em primeira página da edição de 7 de fevereiro de 1866, na sessão *Noticiário*, Thomaz Pompeu era acusado de ameaçar eleitores e de adulteração de votos no período das eleições. A notícia intitulada de *Estratégia eleitoral* afirma que, de acordo com informações vindas do Ipu, Pompeu estaria ameaçando os eleitores que não votassem na chapa dos liberais de exclusão do processo eleitoral. A imprensa tornou-se um espaço privilegiado de disputas ideológicas, acusações, denúncias, principalmente em períodos eleitorais.

Enquanto Thomaz Pompeu era extremamente atacado pelo *A Constituição*, não pode se dizer o mesmo com relação ao seu sobrinho, Joaquim Catunda. O jornal trazia em sua edição do dia 25 de agosto de 1867 uma matéria intitulada *Justiça aos adversários*, desferindo elogios ao discurso proferido pelo então deputado Joaquim de Oliveira Catunda na Assembleia Provincial. No discurso,

⁴⁷ *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano II, Nº 42, 19 de abril de 1847; *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano II, Nº 73, 5 de agosto de 1847; *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano II, Nº 91, 11 de outubro de 1847; *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano II, Nº 94, 21 de outubro de 1847; *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano II, Nº 108, 9 de dezembro de 1847; *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano III, Nº 119, 24 de janeiro de 1848; *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano III, Nº 131, 6 de março de 1848; *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano III, Nº 136, 23 de março de 1848; *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano III, Nº 191, 6 de outubro de 1848.

⁴⁸ A título de exemplo temos a seguinte edição: *Cearense*, Ano VII, Nº 585, 7 de dezembro de 1852.

⁴⁹ “No ano de 1850, o jornal *Cearense* ficou sob a direção exclusiva do senador Thomaz Pompeu, pois os colegas Frederico Pamplona, Miguel Ayres e Tristão Alencar Araripe ausentaram-se por motivo de viagem”. In: FERNANDES, Ana Carla Sabino. **A Imprensa em pauta: entre as contendas e paixões partidárias dos jornais *Cearense*, *Pedro II* e *Constituição* na segunda metade do século XIX**. Dissertação de Mestrado UFC, Fortaleza, 2004. p.52.

⁵⁰ *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano XIII, Nº 1200, 15 de fevereiro de 1859.

⁵¹ Conhecido como o visconde de Jaguaribe (NOBRE, 2006: 100), o fundador do *A Constituição* foi um homem de grande influência política, foi promotor público, diretor do Liceu do Ceará, entre outras funções. FERNANDES, Ana Carla Sabino. **A Imprensa em pauta: entre as contendas e paixões partidárias dos jornais *Cearense*, *Pedro II* e *Constituição* na segunda metade do século XIX**. Dissertação de Mestrado UFC, Fortaleza, 2004. p.87.

transcrito na matéria, Catunda fez severas críticas à família Feitosa do Inhamus, pedindo esclarecimentos a respeito das motivações que levaram a prisão do deputado Francisco Barbosa Cordeiro. O *A Constituição* apoiou Catunda e procurou dar legitimidade a causa defendida por ele, afirmando que

O Sr. Catunda não póde ser suspeito a gente do *Cearense*: é liberal, liberalíssimo, sobrinho do Sr. Padre Pompeu, por muito tempo conviveu com essa família, e não consta que dela tenha recebido a menor ofensa. O seu discurso, inspirado na injustiça revoltante, que acabava de sofrer um seu colega, é por tanto uma manifestação louvável e dolorosa de seus sentimentos íntimos.⁵²

Vejamos um trecho do discurso de Catunda:

Este facto supponho que é devido ás correrias judiciais da comarca dos Inhamus. V. Exc. Sabe, Sr. Presidente, que aquela comarca, desde muito tempo, se acha sob o jugo ferrenho de uma raça estúpida e avesada ao crime; de uma família na qual o assassinato é uma tradição de longa data, d'uma família que se caracteriza pelo uso constante do bacamarte, e do punhal.⁵³

A partir desse trecho é possível perceber o posicionamento político de Catunda naquele período. Ao que parece ele, que representava a ilustração e o “moderno”, tendia a ser contrário aos grupos familiares marcados por ações de violência, incluindo os Feitosas, que eram conhecidos por sua “valentia e ferocidade lendárias” (ARAÚJO, 2011, p. 40). Mesmo os Feitosas tendo se tornado aliados de Thomaz Pompeu e dos liberais ao longo da década de 1850, Catunda não era afeito a esse grupo. Talvez porque para ele a violência impossibilitaria a implantação da “civilização” e de uma “cultura letrada” nessas localidades da província do Ceará.

A interferência da cúpula governamental sobre a vida política das comunidades do sertão, bem ou mal, colaborava para fazer com que a grande maioria das parentelas municipais renunciasse à violência desenfreada dos hábitos tradicionais, e se encaixasse, assim, num outro padrão de civilidade. À medida que crescia a gravidade exercida pela máquina pública e política da estratosfera provincial e nacional, era mais difícil a estes bandos familiares radicados na estrutura burocrática municipal manterem os velhos padrões de conduta. (ARAÚJO, 2011, p.86).

Seu primeiro mandato foi fundamental para o aumento de seu prestígio político e estima frente aos liberais, adquirindo cada vez mais importância na

⁵² *A Constituição*, Fortaleza/CE, Ano V, Nº 81, 25 de agosto de 1867. p.1.

⁵³ *Idem*. p.1-2.

engrenagem da política local. Em 1867, Joaquim Catunda foi nomeado professor de instrução primária na vila do Ipu.⁵⁴ Sua esposa, Maria Libania Catunda, também exerceu a função de professora no mesmo período.⁵⁵ A ida de Catunda para o Ipu e o fato de ambos ocuparem cargos no professorado são indícios da influência que a família Pompeu exercia na região naquele período, como também pode ser vista como uma estratégia política do grupo liberal.

Lá, Catunda atuaria como professor, mas também como procurador⁵⁶ e advogado. Mesmo não possuindo o diploma em Direito, era bastante comum que os homens com alguma formação representassem os indivíduos da povoação em causas jurídicas. No caso de Catunda, ele chegou a defender cinco homens acusados de homicídio no ano de 1874.⁵⁷

A nomeação de Catunda como professor significou um passo importante para os liberais, visto que foi bastante aclamada pelo jornal *Cearense*:

Moço inteligente e ilustrado, a instrução publica tem muito a lucrar com a entrada do Sr. Catunda no professorado.

Tão precaria como é a sorte do professor publico entre nós attento o indifferetismo culposos em que tem a instrução primaria, é por certo admiravel que um moço, como Sr. Catunda que dispõe de bastante intelligência, abandone um bom emprego para dedicar-se a essa carreira.

O Sr. Catunda como empregado publico deu sempre provas de muita honradez e probidade.

Damos os nossos emhoras aos Ipuenses por uma tão feliz aquisição.⁵⁸

Certamente a decisão de lecionar naquela região estava diretamente ligada às estratégias políticas, posto que naquele momento, a freguesia do Ipu era uma localidade importante para os liberais.

O Ipu era domínio dos Felix de Sousa, uma parentela que além de laços de parentesco possuía uma aliança política com os Pompeu (ARAÚJO, 2011, p. 58-87). Entretanto, o poderio exercido nessa localidade por esse grupo de aliados não era o mesmo desde a chegada do padre Francisco Correia de Carvalho e Silva, em meados da década de 1840. Carvalho e Silva (1814-1881) era o vigário da freguesia de São Gonçalo da Serra dos Cocos (MACEDO, 1980, p. 69) e foi transferido para a

⁵⁴ *Pedro II*, Fortaleza/CE, Ano XXVII, Nº 201, 13 de setembro de 1867. p.2.

⁵⁵ *A Constituição*, Fortaleza/CE, Ano XVI, Nº 83, 7 de novembro de 1878. p.3.

⁵⁶ *A Constituição*, Fortaleza/CE, Ano VIII, Nº 207, 10 de novembro de 1870. p.2-3.

⁵⁷ *A Constituição*, Fortaleza/CE, Ano XII, Nº 32, 18 de março de 1874. p.3.

⁵⁸ *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano XXI, Nº 2458, 4 de setembro de 1867. p.1.

vila do Ipu⁵⁹, onde construiu uma série de alianças políticas, que lhe permitiu exercer seu poder e sua influência. Entre os anos de 1856 e 1857,

No Ipu, os Felix de Sousa, parentes e aliados dos Pompeu Brasil, assistiram inconsolados à ascensão vertiginosa da parentela do padre Francisco Correia de Carvalho e Silva, um 'estranho' do meio político local; [...] (ARAÚJO, 2011, p. 87).

A perda de espaço político se tornou uma preocupação para os Pompeu. As disputas políticas se acirraram tanto no Ipu, que Catunda escreveu uma biografia bastante mordaz sobre o padre Francisco Correia de Carvalho e Silva, no ano 1871.⁶⁰

Com o título, *Biografia do Rev. Padre Correia - Vigário do Ipu*, a biografia tinha como intuito criticar o modo de vida e a atuação política do “Reverendo”. Catunda utilizou-se de variadas histórias sobre o padre, inclusive sobre seu nascimento, com o objetivo de demarcar uma “predestinação para o mal” desde o berço. Em seu relato, o autor lançou críticas à dominação exercida pelo padre sobre a freguesia da Serra dos Cocos, sob o apoio do partido Conservador e, posteriormente, sobre o Ipu. De acordo com Catunda, em 1844, durante o predomínio dos liberais, o padre deixou de ser conservador e partiu para o Ipu. Sobre esse aspecto, Catunda afirmou que “Homem versátil, sem crença, sem princípios políticos, odiento e vingativo, o Padre Correia nunca serviu a um partido na adversidade.”⁶¹

⁵⁹ *Pedro II*, Fortaleza/CE, Ano XXII, Nº 238, 17 de outubro de 1862. p.1.

⁶⁰ Em artigo publicado no *Cearense*, assinado por João Furtado, algumas considerações a respeito da então biografia. Vejamos: “Ainda se acha na memoria de todos, a tristissima e sempre celebre byographia do Padre *Francisco Correia de Carvalho e Silva* escripta por Joaquim Catunda, esta cathilnaria, - capaz de fazer a qualquer homem que ainda dispozesse d’ um pouco de brio, emendar-se de seus erros e crimes; porém nada aproveitou ao incorrigível Padre Correia! Devendo justificar-se de accuzações de tanta gravidade, tratou-se de humilhar-se, contentando-se do justo desprezo a que fora condemnado a dirigir 2º corre, circulares a diferentes pessoas mais gradas, suplicando a caridade de suspenderem o máu juízo que a seu respeito podiam com razão fazer diante de tão poderosas acusações, de que pretendeu defender-se sem que até o presente d’isto se tenha ocupado, tendo a decorrido 6 annos. Quando apenas tinham decorrido 2 annos, que era com assombrosa admiração lido esse monumental escripto, assáz recommendado com o nome de seu illustrado author, como também pela gravidade dos fatos irresponsáveis que n’elle continha, [...]” *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano XXX, Nº 35, 26 de abril de 1876. p.3.

⁶¹ CATUNDA, Joaquim. **Biografia do Rev. Padre Correia - Vigário do Ipu**. Editado no ano de 1871 pela tipografia do “Cearense”. In: MACEDO, Nertan. **O Bacamarte dos Mourões**. Editora “Instituto do Ceará”, 1966. p.199.

Sobre a biografia é imprescindível destacar o momento em que Catunda trata da formação do padre Correia⁶²:

Um dia reuniu-se em capítulo a família do maldito Chiquinho para deliberar sobre o seu destino ulterior.

[...]

Mas aonde o enviar?

Não seria arriscado mandá-lo para um seminário, donde podia ser expulso, como já o fora da escola primária?

Há um solo ingrato, onde tôdas as instituições apodrecem. Êste solo, como todos sabem, é o solo pernambucano. Ali há uma Academia de Direito, um Seminário e um Tribunal de Superior Instância, com alçada no cível e no crime. Mas a Academia é jesuítica e carola, o Seminário relaxado e corrompido, o Tribunal, quando não é venal, decide antes conforme as paixões partidárias e interesses políticos dos desembargadores, do que conforme o Direito e o texto claro das leis. Não havia, pois, que hesitar, era ao Seminário de Pernambuco que o maldito Chiquinho seria enviado.⁶³

No trecho é possível perceber certa aversão de Catunda ao Seminário de Olinda, lugar onde seu avô e seu tio estudaram. Ao longo do texto, ele deixou clara sua oposição, especificamente, com relação à orientação da disciplina filosófica ensinada naquela instituição. Catunda considerava a filosofia dos seminários “escolástica e atrasada”⁶⁴, ficando evidente sua crítica à metafísica ao afirmar que:

Ali cava-se uma palavra abstrata, sutiliza-se algum velho problema com o fim de torna-lo ininteligível, pretendendo-se demonstrá-lo **a priori**, e procede-se em tudo como se a **Crítica da Razão Pura** não houvesse arruinado pela base todo o edifício da filosofia antiga, e como se os métodos e resultados das ciências físicas não houvessem transformado em realidade iniludível os velhos ídolos da metafísica.⁶⁵

Naquele momento, Catunda delineava um pensamento que ficaria mais evidente em seus escritos de cunho científico da década de 1880: a defesa da ciência em contraposição ao dogmatismo, à teologia, salientando o papel preponderante das “ciências físicas”. Discutiremos melhor essa questão ao longo do trabalho.

Retomando a questão das disputas políticas no Ipu, além dos Félix de Sousa e da parentela do padre Francisco Correia, havia outras oligarquias influentes, como os Araújo e os Mello Marinho. De acordo com Raimundo Araújo

⁶² Joaquim Catunda o trata com o apelido de Chiquinho.

⁶³ CATUNDA, Joaquim. **Biografia do Rev. Padre Correia - Vigário do Ipu**. Editado no ano de 1871 pela tipografia do “Cearense”. In: MACEDO, Nertan. O Bacamarte dos Mourões. Editora “Instituto do Ceará”, 1966. p.187.

⁶⁴ *Idem Ibidem*. p.187-188.

⁶⁵ *Idem Ibidem*. p.188.

(2011, p. 117), mesmo essas famílias estando de alguma forma associadas à família Pompeu e ao Partido Liberal, elas disputavam a hegemonia política no Ipu. A chegada de Joaquim Catunda na localidade gerou um maior acirramento desses conflitos. Percorrendo os jornais da época, especificamente *A Constituição*, fica claro o envolvimento de Catunda nessas rivalidades político-partidárias.

Eram bastante comuns publicações diárias de queixas e acusações entre os membros de grupos rivais da região. Um dos desafetos de Catunda era Vicente Ferreira de Araújo Lima, presidente da Câmara Municipal da vila Nova do Ipu Grande em 1870 (ARAÚJO, 2011, p. 108). Vicente Ferreira era aliado dos conservadores e os mantinha informados sobre os passos dos liberais. A título de exemplo dessas tensões, na sessão *A Pedido* do *A Constituição* foi publicada uma carta de Vicente Ferreira se referindo a realização de reuniões liberais lideradas por Catunda no Ipu.⁶⁶

Num outro momento, Vicente Ferreira, numa carta publicada em *A Constituição*⁶⁷, acusou “o Sr. Joaquim d’Oliveira Catunda, professor primário desta villa” de calúnia, afirmando que Catunda e outro indivíduo haviam lhe ofendido e aos seus filhos no jornal *Pedro II*, esclarecendo que: “Podera eu perdoar as injurias que me irrogou esse ente degenerado; porque sei de sciencia certa que ele apenas as assignou de cruz, e que autor foi o Sr. Joaquim d’Oliveira Catunda, (...)”⁶⁸ Com o objetivo de instigar as disputas foi reproduzido um discurso proferido por Catunda na Assembleia Provincial no ano de 1869, em que Catunda acusou um dos membros da família Mello Marinho, o então delegado Luiz de Mello Marinho, de estelionato.

Em meios a essas polêmicas, um episódio merece destaque. Durante as eleições de agosto de 1872, Joaquim Catunda foi acusado juntamente com o promotor público da comarca do Ipu, Firmino Rodrigues de Farias, o padre Angelim e o capitão João Mendonça de Furtado, todos liberais, de promover uma passeata e de orquestrar um atentado contra Pedro Ribeiro de Oliveira - possivelmente membro ou aliado do grupo conservador da localidade - na povoação de Campo Grande.

Um comunicado anônimo publicado no *A Constituição* pedia interferência do governo, afirmando que o povoado de Campo Grande estava vivendo em “estado

⁶⁶ *A Constituição*, Fortaleza/CE, Ano X, Nº 130, 18 de julho de 1872. p.2.

⁶⁷ *A Constituição*, Fortaleza/CE, Ano X, Nº 117, 29 de junho de 1872. p.3.

⁶⁸ *Idem*.

de anarchia”.⁶⁹ Referindo-se às acusações, o jornal *Cearense* publicou uma nota negando tais fatos:

Negocios do Ipù. - A *Constituição* continua ainda a soffrer os efeitos da hydrophobia de que foi accommettida. Não ha honra, nem reputação por mais bem firmada que não pague tributo a sanha hydrophobia da folha grauda.

No seu nº. de hontem diz que os negócios do Ipù vão mal, devido ao genio partidário e estúpida perversidade do malvado juiz de direito Dr. Leocadio, e seu instrumento o promotor publico Dr. Placido de Pinho Pessoa; que o professor Catunda, perverso atheu está convertido em demônio; que o mesmo juiz de direito está macomunado com o celebre João Furtado de Mendonça e outras amenidades desta ordem!

A folha official não se acha em estado de discutir; está convertida em verdadeiro pasquim: os cofres públicos a subvencionam para descompor e insultar os seus adversários. O Sr. Wilkens de Mattos, que esta com uma peneira nos olhos, não comprehende que todos esses convícios e diatribes de sua folha reflectem sobre S. Exc.

Não nos occuparemos de refutar as calumnias irrogadas aos nossos amigos: para sua defesa iremos registrando as pedradas que lhes atiram os loucos da *Constituição*.⁷⁰

Não faltavam acusações recíprocas entre liberais e conservadores no período eleitoral. Estavam ocorrendo eleições para câmaras e juizes de paz em várias localidades: Boa Viagem, Crato, São Francisco, Missão Velha, não foi diferente no Ipu. Além da participação de Joaquim Catunda no atentado de Campo Grande relatada no *A Constituição*, ele também foi acusado de homicídio.

Na edição do dia 22 de setembro de 1872, *A Constituição* publicou uma nota acusando o *professor* Catunda de ser o mentor do assassinato de Antonio Francisco Pereira, em 7 de setembro de 1872. Interessante notar que a denúncia a Catunda foi feita pelo promotor público Luiz de Mello Marinho, acusado de estelionato por Catunda alguns meses antes. Como mencionamos anteriormente, os Mello Marinho eram umas das famílias tradicionais do Ipu que disputavam o poder de mando com os Pompeu.

Os leitores do *A Constituição* puderam acompanhar o inquérito policial do caso e o processo em trâmite nas páginas do periódico, incluindo os depoimentos das testemunhas. De acordo com os depoimentos publicados, Catunda teria sido o autor do disparo⁷¹; contudo, o grande alvo da querela era Thomaz Pompeu. Na mesma edição, na sessão *Imprensa Conservadora* o jornal traz um texto com o título

⁶⁹ *A Constituição*, Fortaleza/CE, Ano X, Nº 150, 22 de agosto de 1872. p.3.

⁷⁰ *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano XXV, Nº 78, 7 de setembro de 1872. p.2.

⁷¹ *A Constituição*, Fortaleza/CE, Ano X, Nº 198, 7 de novembro de 1872. p.2.

“Eleições no Ceará”, assinado por “Da Nação”, onde Thomaz Pompeu e o Barão de Aquiraz eram acusados mandantes dos atentados durante as eleições, afirmando que “O senador e o barão, um liberal e o outro dissidente, uniram-se por ódio ao governo conservador, e pela sede de domínio.”⁷²

Nos meses correntes, *A Constituição* continuava publicando matérias relacionadas ao caso de Catunda, especificamente correspondências vindas do Ipu. De acordo com uma correspondência⁷³, assinada com o pseudônimo “O Roceiro”, os ânimos pioraram após as eleições. A questão do processo envolvendo “o professor Catunda”, chamado de “terrível hecatombe”, foi retomada. As acusações a Catunda iam além, sendo posta à prova sua capacidade intelectual e profissional: “Por falar no Catunda direi que ele é tudo, menos professor. Pobre mocidade, e infelizes paes de família.”⁷⁴ É importante notar que os adversários tentavam desconstruir a imagem do professor erudito e “civilizado”, tornando o caso de Catunda uma peça importante nas disputas de poder entre os dois grupos.

Dois anos após o acontecido em Campo Grande, uma correspondência assinada com o pseudônimo “O velho ipuense” foi publicada no *A Constituição*. De acordo com a publicação, Catunda não cumpriu pena pelo acontecido e se recusou a admitir a autoria ou qualquer envolvimento no referente homicídio de Antonio Francisco Pereira.⁷⁵ “O velho ipuense” finalizou afirmando: “Felizmente essa gente ruim não acredita nem desacredita, mormente quando o descredito é lançado por um Catunda, outros Catundas e mais Catunda.”⁷⁶ É importante perceber que acusar Catunda de assassinato era uma estratégia para deslegitimá-lo não somente politicamente, mas também como homem “civilizado” e “ilustrado”, características tão exaltadas por seus aliados.

Passados mais de dez anos de sua primeira candidatura, Joaquim Catunda assumia o segundo mandato como deputado, em 1878, num momento estratégico e decisivo para os liberais, devido à morte de seu tio e chefe do Partido Liberal, Thomaz Pompeu em 1877. Sua eleição era de fundamental importância à manutenção do projeto político de Pompeu na província. Catunda foi uma das

⁷² *Idem.* p.2-3.

⁷³ *A Constituição*, Fortaleza/CE, Ano X, Nº 216, 1 de dezembro de 1872. p.3.

⁷⁴ *Idem.*

⁷⁵ *A Constituição*, Fortaleza/CE, Ano XIX, Nº __, 13 de dezembro de 1874. p.3.

⁷⁶ *Idem.*

peessoas ligadas a Pompeu que deu continuidade à influência da família Pompeu na política local.⁷⁷

Durante seu mandato (1878 - 1879), a província do Ceará fora atingida por uma seca que se estenderia entre os anos de 1877 e 1880. A primeira metade década de 1870 foi um período de prosperidade econômica para as elites dominantes do Ceará. Naquele momento, Fortaleza estava se integrando ao mercado internacional como centro exportador de algodão. A capital da província estava adquirindo, ou pelos menos almejando, o *status* de cidade “moderna”. Porém, a elite local não contava com a intempérie climática que se alastraria pela província. A “modernização” de Fortaleza praticamente seria à custa da mão de obra das inúmeras pessoas que chegariam à capital em busca de recursos ou condições mínimas para sobreviver⁷⁸.

A Assembleia Provincial era responsável pelos gastos públicos, inclusive, pela deliberação de verbas para os socorros públicos e obras ligadas a seca.⁷⁹ É importante notarmos que esses cargos eram ocupados por representantes dos grupos dominantes e Catunda era um claro exemplo disso. As elites locais seriam as grandes beneficiadas pela seca, inclusive a família Pompeu. Conforme Raimundo Alves de Araújo, “Sobral, Granja, Santa Quitéria, Ipu, Camocim, dentre outras, foram as principais povoações em que as verbas da seca foram usadas na construção de prédios públicos e obras de ‘melhoramentos’ urbanos” (ARAÚJO, 2011, p. 124).

A influência que Catunda exercia naquele momento pode ser percebida também pelo número de cargos burocráticos distintos ocupados por ele na província do Ceará no ano de 1879. Além de secretário da Relação do Distrito, foi oficial-maior da Secretária do Governo e secretário do Tribunal da Relação⁸⁰.

Segundo Raimundo Araújo, a criação do Tribunal “colaborou decisivamente para ampliar a profissionalização e emancipação do judiciário

⁷⁷ Manoel Fernandes Sousa Neto nos fala da importância dos laços de amizade e parentesco da manutenção do poder de determinados grupos, especificamente da família Pompeu, na política imperial. SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Senador Pompeo: um geógrafo do poder no Brasil do Império**. Dissertação de mestrado – Faculdade de Filosofia, Ciências Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997. p.13-17.

⁷⁸ Sobre a questão da seca, ver: NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

⁷⁹ DANNEMMAN, Fernando Kitzinger. Ato Adicional de 1834. Disponível: <www.efecade.com.br>. In: ARAÚJO, Raimundo Alves de. **Família e Poder: construção do Estado no noroeste cearense do século XIX (1830 - 1900)**. Dissertação de Mestrado. UECE. Fortaleza, 2011. p.64-65.

⁸⁰ *Pedro II*, Fortaleza/CE, Ano XXXIX, Nº 8, 26 de janeiro de 1879. p.2; *Pedro II*, Fortaleza/CE, Ano XXXIX, Nº 10, 2 de fevereiro de 1879. p.2.

provincial frente às parentelas interioranas” (ARAÚJO, 2011, p. 21). No entanto, para ocupar um cargo dessa natureza, seja por nomeação ou eleição, eram escolhidos os nomes mais influentes da localidade ou da província, que acabavam sendo pessoas pertencentes ou ligadas às grandes famílias. Ou seja, por mais que houvesse uma maior burocratização e profissionalização do Judiciário, ainda assim se mantinha relação com as parentelas interioranas, especialmente durante os períodos de seca.

Não foi apenas no âmbito propriamente político que a seca suscitou uma maior participação dos intelectuais, mas também na construção de uma leitura sociológica mais científica sobre a província.

Em carta enviada a Antônio Tibúrcio, em 31 de março de 1880, Joaquim Catunda contou ao amigo as “boas novas” a respeito da província do Ceará. Primeiro, ressaltou as mudanças que a província estava passando naquele momento, dizendo: *“Parece-me que tua província (...) vai entrar em uma nova fase.”* Catunda demonstrava interesse em relatar a Tibúrcio dois aspectos específicos dentre essas mudanças: o fim da seca de 1877 e questões eleitorais e partidárias. Especificamente com relação ao desfecho da seca, Catunda disse:

A seca que a torturou por três longos anos parece bater em retirada; durante este mês há chovido bastante, principalmente no sertão, e supõe-se que afinal o velho e caprichoso Jeová serenou a face colérica e dispôs-se a dar-nos inverno.⁸¹

Ele descreveu a intempérie, recordando-se de como a província do Ceará foi afetada:

Não fazes ideia de quanto sofreu esta província. A maior parte das fortunas do centro aniquilou-se, e pode dizer sem exageração que a população está reduzida à metade. Os engenheiros estrangeiros que visitaram algumas zonas pouco distantes da capital admiraram tanto a extensão do mal quanto a espantosa vitalidade da província, concordam comigo que, no Brasil, só o Ceará seria capaz de estar ainda de pé depois de três anos de seca e de peste. Se eu ainda fosse cearense, ou mesmo brasileiro, orgulhar-me-ia disso.⁸²

Certamente a seca de 1877 contribuiu para elaboração de sua leitura sobre a natureza da província do Ceará no livro *Estudos de História do Ceará* de

⁸¹ Trecho retirado de uma carta de Joaquim Catunda enviada ao General Tibúrcio, escrita em 31 de março de 1880. In: CÂMARA, José Aurélio Câmara. **Um Soldado do Império: o General Tibúrcio e Seu Tempo**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2003, p.411.

⁸² *Idem Ibidem*. p.412.

1886. O capítulo *Revelo e aspecto do solo. Clima. produções* resume uma visão extremamente pessimista do autor com relação aos “aspectos físicos ou naturais” da província.

Em períodos quase regulares, determinada por causas kosmicas, vem uma grande sêcca devorar as pequenas fortunas accumuladas pelo trabalho e economia. Essa temerosa calamidade condemna o Ceará ao ingrato martyrio de Sysipho; eleva com dolorosas privações o rochedo de sua prosperidade, e de subito o vê rolar e sumir-se em oceano de poeira. Nem uma gôttta de chuva; nada germina no sólo calcinado dos raios solares. Somem-se as aguas, séccam as arvores, desaparece o pasto, morrem os animaes e com eles os sêres humanos que não emigram ou buscam os logares soccorridos do governo imperial. O sertão se transforma em vasta fornalha que tudo devora; morna solidão invade os povoados, de que se retiram o movimento e a vida. Começa então um grande exodo de cearenses, e a Niobe americana, envolta em crépe de pó ardente, chora os filhos, condemnados á expatiação e á morte. Figuras esqualidas, macilentas, de todas as idades e sexos, de olhos encovados, vista empanada, voz sumida, pelle sobre os ossos, imagens da fome, se cruzam em todas as direcções, e se atropelam em todas as estradas. Romeiros do infortúnio, eil os vão sem saber onde, em busca, talvez, da sepultura, em província extranha. Ao passar as fronteiras volvem ainda a vista para o Ceará; em horizonte azul fluctúa ao longe a imagem angustiada da patria. Quantos volverão ainda ao lugar em que houveram o berço? Quando tornarão a abraçar a parentes, esquece, por momentos, o retirante as angustias da fome e afoga em amargurado pranto as saudades da patria, da patria que não é ingrata sinão infeliz por não poder mais no resequido seio alimentar os filhos.⁸³

Se no caso da carta de 1880, nota-se em Catunda um “suspiro” de otimismo com relação à província, não é possível encontrar a mesma perspectiva em seu livro. Para ele “tudo no Ceará acusa[va] uma natureza uniforme nos seus aspectos e extenuada nos seus processos”⁸⁴. Interessante notar que Catunda contou a experiência da seca de forma poética, distante do perfil do restante do seu livro que possui um tom mais científico, demonstrando que seu relato estava associado às suas memórias do fato. No que se refere ao modo que ele procurou explicar o fenômeno da seca, podemos constatar que suas opiniões se diferem nos dois momentos. Em 1880, ele buscava no sobrenatural a explicação para a ocorrência da seca, afirmando ser “Jeová” o responsável pelas mudanças climáticas, em 1886, ele conferiu ao fenômeno “causas kosmicas”.

Com o fim da seca, a carreira de Catunda não se restringiu apenas à ocupação de cargos estritamente burocráticos do Estado. A dominação da elite iria

⁸³ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.13-14.

⁸⁴ *Idem Ibidem*. p.15.

além da burocracia estatal, pois eles necessitavam ocupar as mais variadas estâncias ligadas a esse Estado, fosse ao meio político ou intelectual. A educação foi um desses espaços importantes. Como veremos adiante, a presença de Catunda na área da instrução pública foi constante.

Na década de 1880, já de volta a Fortaleza, Joaquim Catunda teve uma atuação intelectual bastante intensa, tanto com relação à área da instrução pública como em outros espaços do campo intelectual. Em 12 de fevereiro de 1882 foi designado membro do Conselho Literário, juntamente com Virgílio Augusto de Moraes e Guilherme Studart.⁸⁵ Sobre as atribuições dadas aos membros do Conselho Literário da Instrução Pública, sabemos que era o conselho que deliberava as escolhas dos livros didáticos adotados nas escolas, como também eram encarregados da elaboração do programa de instruções para os exames de capacidade profissional dos professores e para a admissão de alunos nas escolas públicas.⁸⁶ Eram também responsáveis pela inspeção de estabelecimentos de instrução pública ou particular, como pelo regimento interno das instituições públicas de ensino⁸⁷, dentre outras competências. Ser membro do Conselho Literário atribui a Catunda autoridade intelectual no meio letrado.

Naquele ano de 1882, Catunda também foi nomeado professor de Filosofia do Liceu do Ceará e de alemão da Escola Militar do Ceará. Ele prestou concurso para professor da cadeira de Filosofia, em 19 de agosto de 1882, contando com a presença de um grande público, inclusive do então presidente da província, Sancho de Barros Pimentel (1849-1924).⁸⁸ Os candidatos ao cargo foram Joaquim Catunda e o padre Bruno Rodrigues da Silva⁸⁹. O concurso tinha como integrantes da banca examinadora: o então professor e diretor do Liceu, membro do Partido Conservador e, posteriormente, um dos fundadores do Instituto do Ceará⁹⁰, Paulino

⁸⁵ *A Constituição*, Fortaleza/CE, Ano XX, Nº 12, 12 de fevereiro de 1882. p.2.

⁸⁶ *A Constituição*, Fortaleza/CE, Ano XII, Nº 31, 15 de março de 1874. p.1.

⁸⁷ *A Constituição*, Fortaleza/CE, Ano XII, Nº 141, 30 de outubro de 1874. p.1.

⁸⁸ *Pedro II*, Fortaleza/CE, Ano XLIII, Nº 67, 20 de agosto de 1882. p.1.

⁸⁹ Padre Bruno Rodrigues da Silva Figueiredo era diretor e fundador do Collegio Instituto de Humanidade, inaugurado na província em 7 de abril de 1882. De acordo um anúncio publicado no jornal *Gazeta do Norte*: “O Collegio Instituto de Humanidades, tem a seu cargo a educação physica, moral e intellectual dos alunos que forem confiados a sua sollicitude. O ensino destribuido pelo Collegio está dividido em dous cursos: o primeiro comprehende, leitura, calligraphia, calculo, doutrina cristã, noções de geographia e história do Brazil. O secundário compreende portuguez, francez, italiano, inglez, allemão, latim, geographia, cosmographia, aritmética, álgebra e geometria, philosophia, rhetorica e poética.” In: *Gazeta do Norte*, Fortaleza/CE, Ano II, Nº 211, 4 de outubro de 1881. p.2.

⁹⁰ STUDART, Guilherme. **Dicionário Biobibliográfico Cearense**. v. 3. Fortaleza: Tipografia à Vapor, 1915, p.5-6.

Nogueira Borges da Fonseca (1842-1908); Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza – “o *general*” e amigo de Catunda – e Theophilo Rufino Bezerra de Meneses (1818-1906), o então professor de filosofia do Liceu⁹¹.

O edital do concurso foi anunciado pelos principais periódicos da capital, entre eles o *Cearense*⁹² e *A Constituição*⁹³. Também foram nas páginas desses jornais que se instaurou uma polêmica entre os círculos políticos e intelectuais em torno do concurso. No dia anterior ao exame, *A Constituição*, jornal do Partido Conservador, tentava demonstrar certa imparcialidade com relação ao concurso elogiando os dois candidatos, afirmando: “sendo ambos equiparados em habilitações” e “ambos os concorrentes exibiram brilhantes provas de sua ilustração e talento”⁹⁴. Enquanto isso, o *Cearense* deixava claro o seu posicionamento, publicando uma nota tecendo elogios apenas a Catunda, assinalando que: “Foram brilhantes as provas exibidas pelo Sr. Joaquim d’Oliveira Catunda, que mostrou profundos conhecimentos”⁹⁵. Interessante notar que apesar de o jornal *Pedro II* representar os conservadores, igualmente lançou uma nota parabenizando Catunda por sua explanação no concurso, que segundo o jornal foi “brilhante e proficiente”⁹⁶.

No dia 23 de agosto de 1882 foi anunciada a nomeação de Catunda para o cargo de “lente de filosofia” do Liceu do Ceará. No *Cearense*, o novo professor foi bastante elogiado: “O nomeado reúne a sua reconhecida intelligencia grande somas de conhecimento. Excellente aquisição fez aquelle estabelecimento de instrucção secundaria”⁹⁷. Contudo, alguns grupos do meio político-intelectual contestaram o resultado do concurso. No mesmo dia, o jornal *A Constituição* publicou um texto de denúncia questionando a validade do concurso.

Com o título “Illegalidade” foram tecidas críticas especificamente ao presidente da província do Ceará em exercício, o liberal Barros Pimentel, por nomear Virgílio Augusto de Moraes (que havia participado juntamente com Catunda do Conselho Literário) e Joaquim de Oliveira Catunda, professores de inglês e

⁹¹ *Idem Ibidem*. Página: 131; *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano XXXVI, Nº 152, 18 de agosto de 1882. Página: 03; *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano XXXVI, Nº 153, 19 de agosto de 1882. p.2; *A Constituição*, 17 de agosto de 1882.

⁹² *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano XXXVI, Nº 151, 17 de agosto de 1882. p.3.

⁹³ *A Constituição*, Fortaleza/CE, Ano XX, Nº 68, 17 de agosto de 1882. p.4.

⁹⁴ *A Constituição*, Fortaleza/CE, Ano XX, Nº 69, 20 de agosto de 1882. p.2.

⁹⁵ *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano XXXVI, Nº 154, 20 de agosto de 1882. p.2.

⁹⁶ *Pedro II*, Fortaleza/CE, Ano XLIII, Nº 67, 20 de agosto de 1882. p.1.

⁹⁷ *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano XXXVI, Nº 156, 23 de agosto de 1882. p.2.

filosofia do Liceu, respectivamente. De acordo com a matéria, eles não poderiam assumir tais cargos já que não haviam abandonado suas funções anteriores, os cargos de procurador fiscal do tesouro provincial e secretario do Tribunal da Relação do Distrito.⁹⁸ Após essa explanação geral, o artigo se deteve especificamente ao caso de Catunda, afirmando que: “O nomeado nos merece particularmente estima, e somos mesmo apreciadores de seu talento; mas é nossa opinião que a presidência, nomeando-o lente de philosophia, como o fez, não andou regularmente.”⁹⁹

Segundo o jornal, os dois candidatos teriam sido equivalentes em suas avaliações:

Cumpre, entretanto, notar que a lei, em igualdade de circumstancias, manda preferir aquelle candidato, que tiver gráo científico. Ora o Rvdm. Padre Bruno, além de ter esta superioridade em relação a seu contendor, accrescia que havia por muitos mezes servido gratuitamente como lente da mesma cadeira.¹⁰⁰

De acordo com o jornal *A Constituição*, a nomeação de Catunda para o cargo de lente de filosofia estaria eivada de irregularidades por dois motivos. Primeiro, por ainda ocupar outro cargo no Estado e, depois, por não possuir “gráo científico”¹⁰¹. Afinal, por que Joaquim Catunda teria sido nomeado? É perceptível que a solidariedade partidária estava enraizada nessas questões. Tudo indica que o presidente da província Barros Pimentel, um liberal, estaria mais propenso em nomear o candidato de mesma posição ideológico-partidária. Assim, *A Constituição* concluiu o texto:

Incontestavelmente o Sr. Catunda é habilitado; estamos certo mesmo que desempenhará satisfatoriamente as elevadas e nobres funções do magistério; mas o distinto padre Bruno, que foi preterido, revelou-se no mesmo modo sufficientemente preparado; e quanto á garantia, que podia offerecer de bem e conscientemente exercer o professorado, basta lembrar

⁹⁸ O texto sustentava seu argumento transcrevendo o artigo 212 da lei nº 1951 de 12 de setembro de 1881, que diz: “Os cargos de inspector geral da instrução Publica. Diretor de estabelecimento público de instrução e professores públicos são incompatíveis, quaisquer outros gerais, provinciais e municipais.” In: *A Constituição*, Fortaleza/CE, Ano XX, Nº 70, 23 de agosto de 1882. p.1.

⁹⁹ *A Constituição*, Ano XX, Fortaleza/CE, Ano XX, Nº 70, 23 de agosto de 1882. p.1.

¹⁰⁰ *Idem*.

¹⁰¹ “Em toda parte, em que ha estabelecimentos de instrução, vigora esta lei sobre concursos, - que, em igualdade de habilitações, terão preferencia nas nomeações os que tiverem grãos scientificos. Semelhante disposição legal não é uma ficção entre nós. O artigo 31 da Reforma do Lyceu de 12 de Janeiro de 1874 consagrou o mesmo principio.” *A Constituição*, Ano XX, Nº 71, 25 de agosto de 1882. p.1.

seu passado, como diretor de um dos mais importantes estabelecimentos de educação n'esta capital.¹⁰²

Após esse primeiro artigo publicado no *A Constituição*, um intenso debate seria mobilizado entre os jornais. Em resposta ao *A Constituição*, o *Cearense* publicou um artigo em defesa da nomeação de Catunda se utilizando de argumentos meritocráticos, afirmando que:

O que todos presenciamos foi que o Sr. Catunda, chamado para o que ha de mais elevado na sciencia, a ontologia, respondeu com um vigor de argumentação, uma precisão de linguagem e uma elegancia de dicção verdadeiramente sorprendentes naquelas alturas da abstracção metaphysica, e com uma proeficiencia e talento de exposição que o habilitariam a ser em qualquer parte um notável professor de filosofia.¹⁰³

E mais:

As opiniões do Sr. Catunda dão, a nossos olhos, grande realce a sua illustração, pois é para causar-nos a mais viva satisfação que a mocidade cearense desta ultima parte do século XIX encontre no distincto professor um espirito do seu tempo, uma intelligencia illuminada pelos progressos da sciencia.¹⁰⁴

É de notar que havia um esforço por parte dos conservadores de deslegitimação das decisões tomadas pelos liberais, e o jornal vai ser uma forte ferramenta utilizada. Para o *Cearense*, o jornal opositor somente enxergava o caso de Catunda como ilegal, por ser “intimo” e partidário do outro candidato, o padre Bruno Rodrigues.¹⁰⁵ Apesar disso, Catunda não foi alvo de depreciação no *A Constituição*. Enquanto isso é perceptível que havia um esforço por parte do órgão liberal, o *Cearense*, de legitimá-lo como um homem da ciência. Havia uma tentativa de construção de uma imagem de Catunda como um intelectual, um erudito habilitado nas questões filosóficas.

Afora a questão propriamente política, há um aspecto importante a ser destacado com relação à nomeação de Joaquim Catunda, para além das alianças partidárias. A escolha de Catunda em detrimento do padre Bruno Rodrigues da Silva indicava a perda de poder da Igreja e da teologia nos espaços ligados ao Estado. Catunda detinha “uma intelligencia illuminada pelos progressos da sciencia”, dizia o

¹⁰² *A Constituição*, Ano XX, Fortaleza/CE, Ano XX, Nº 70, 23 de agosto de 1882. p.1.

¹⁰³ *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano XXXVI, Nº 157, 24 de agosto de 1882. p.2.

¹⁰⁴ *Idem*.

¹⁰⁵ *Cearense*, Fortaleza/CE, Ano XXXVI, Nº 158, 25 de agosto de 1882. p.2.

jornal *Cearense*. Ele era representante da ciência, enquanto o padre representava o retrocesso. Além do mais, a aprovação no concurso para lente do Liceu do Ceará significou um passo importante na conquista do tão almejado reconhecimento intelectual.

Joaquim Catunda, que cresceu num ambiente familiar de letrados e clérigos, recebendo uma sólida formação intelectual ilustrada, optou por uma formação mais técnica e científica ao ingressar na Escola Militar do Rio de Janeiro. Mesmo, de certa forma, renegando a tradição religiosa de sua família - tornando-se ao longo de sua trajetória um representante da laicidade e do anticlericalismo tanto em seus escritos como na política -, Catunda procurou dar continuidade ao legado político da família, sendo um dos sucessores de seu tio Pompeu. De certo, pertencer à família Pompeu, a uma elite política, possibilitou-lhe a inserção em diversos espaços de poder.

Uma trajetória intelectual marcada por sua atuação no professorado de importantes instituições de ensino da província e pelo envolvimento em comissões intelectuais foi o alicerce na busca por legitimação como um homem erudito e da ciência. No entanto, foi com a publicação de *Estudos de História do Ceará*, em 1886, seu primeiro livro com contornos científicos, que Catunda se estabelece intelectualmente. Aos 52 anos de idade e maduro em suas convicções, Catunda resolveu externar sua leitura acerca da província do Ceará.

2 ESTUDOS DE HISTÓRIA DO CEARÁ: LEGITIMAÇÃO INTELECTUAL E CONCEPÇÕES CIENTÍFICAS

Em 1886, Joaquim Catunda publicou o livro *Estudos de História do Ceará*. Tratava-se de uma obra de síntese histórica da província do Ceará, dividida em nove capítulos, que abordavam desde a colonização e o povoamento do território até o início do século XIX, com a Revolução Pernambucana de 1817 e a Confederação do Equador. No entanto, o que a primeira vista poderia parecer apenas um livro de história do Ceará ou uma síntese histórica, nos revelou os meandros de importantes discussões científicas de seu tempo. As ideias expressas por Catunda estavam fortemente vinculadas a uma abordagem cientificista da história e do conhecimento acerca do homem.¹⁰⁶ Para compreender a história do Ceará em sociedade e caracterizar sua população, Catunda vai aos primórdios, propondo uma reflexão sobre a origem do homem americano, a origem do homem como espécie e a origem da própria vida.

A abordagem científica em Catunda fica clara pelo o diálogo construído com estudos e teorias científicas da segunda metade do século XIX, como o evolucionismo. O autor fazia questão de citar as referências que balizaram as suas afirmações em notas de rodapé conferindo ao texto traços de cientificidade. Em termos historiográficos, Catunda cumpria em parte os procedimentos da história científica do século XIX. Se por um lado, ele indicava suas referências bibliográficas, por outro não há indícios da utilização de fontes primárias em sua pesquisa (OLIVEIRA, 2013, p. 120). Também podemos afirmar que havia uma associação específica de seu pensamento com um racionalismo cientificista, que o remeteu ao desenvolvimento de uma defesa com relação à razão científica em detrimento da teologia.

Ao escrever *Estudos de História do Ceará*, Catunda não estava se propondo a fazer um trabalho nos moldes dos “estudos históricos”, mas nem por isso ele deixou de imprimir características e problemáticas da histórica científica do século XIX em seu texto. De acordo com OLIVEIRA (2013), um dos principais problemas historiográficos do período era definir o lugar do indígena na história do

¹⁰⁶ Além de *Estudos da História do Ceará* (1886), Catunda publicou os artigos *Origens Americanas* (1887) e *Evoluções do Clima* (1888), enquanto membro do Instituto do Ceará.

Brasil.¹⁰⁷ Ao analisar a escrita do historiador Capistrano, a autora conclui que ao reservar um espaço ao indígena na história nacional, os historiadores estavam demarcando uma “ascendência histórica” na narrativa.

Por onde deve começar-se a história do Brasil? Pela descrição do solo e seus produtos, dos indígenas, com os grupos em que se dividiam, e os característicos de cada um dos grupos e finalmente os sucessos que ligaram o continente ocidental às nações que para nós representam o Oriente? Ou, partindo-se da história dos descobrimentos, abrindo em seguida um largo parêntese para incluir a terra e o homem que os europeus aqui defrontaram? Ambos [os] métodos tem suas vantagens. O primeiro foi defendido por D' Avezac, que traçou-lhe o programa em poucas páginas, porém magistrais. E afinal Varnhagen, que seguiria o outro, aderiu ao primeiro na segunda edição da *História geral*. (ABREU, 1976, p.178 *apud* OLIVEIRA, 2013, p. 30-31).

De certo, a mesma questão permeou as discussões em torno das narrativas da história do Ceará. Em *Estudos...*, Catunda reservou os dois primeiros capítulos para tratar dos aspectos geográficos da província e dos indígenas. No capítulo *Habitantes primitivos*, o autor procurou delinear a origem do homem americano e analisar as povoações indígenas no Ceará. Reportando-se ao trabalho de Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), *Brasil e Oceania*¹⁰⁸, Catunda afirmou que duas “raças indígenas” ocupavam o território brasileiro quando da chegada dos portugueses: “os autóctones” e “os invasores”. De acordo com ele, as tribos que predominavam no Ceará no período colonial se originavam das “tribos invasoras”, denominadas de “tupinambás” e por esse motivo ele decide analisá-las. O autor traz uma descrição dos costumes, da organização social e da religiosidade dos tupinambás, apontando as possíveis causas do “pouco desenvolvimento” dessas populações, visto que para ele era uma “raça inferior”.

Para além das discussões que Catunda apresenta ao longo de sua escrita, a própria publicação de *Estudos de história do Ceará* é um aspecto importante em nossa investigação, visto que foi um momento fundamental para constituição de sua posição no meio intelectual.

¹⁰⁷ Em *Como se deve escrever a história do Brasil*, de 1847, o naturalista/botânico Carl F.P. von Martius (1794-1868) “recomendaria a investigação da história do desenvolvimento dos aborígenes americanos” (OLIVEIRA, 2013, p.103).

¹⁰⁸ DIAS, A. Gonçalves, **Brasil e Oceania**. Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil, Rio de Janeiro, Garnier, TOMO XXX (Parte Segunda), 1867.

2.1 Estudos de História do Ceará: divulgação e repercussão

“Por outro lado, mereceria mais credito dos leitores e teria colhido melhores resultados de seu talento, se não se entregasse a descripções fantasticas, se apresentasse as fontes em que bebeu, se não abundasse em affirmações que não pôde provar e em que a imaginação do escriptor collabora mais que a consciência do historiador. Talvez a este ultimo respeito influísse omissamente o desejo de escrever história a Michelet e Carlyle.”¹⁰⁹ (CAPISTRANO DE ABREU, 1886, p.2).

As condições de produção, publicação, divulgação e consumo de um livro sempre estão envoltas de uma série de elementos distintos, mas que de certa forma estão interligados.¹¹⁰ Com o livro de Joaquim Catunda, *Estudos de História do Ceará*, publicado em 1886, não seria diferente. A publicação resultou da conjunção de esforços de vários sujeitos e grupos, entre eles, correligionários políticos de Catunda, a imprensa aliada e parceiros intelectuais. Estava, ainda, permeada de intencionalidades, dentre as quais, motivações políticas, demandas por narrativas historiográficas por parte de seu círculo intelectual, mas principalmente, a publicação de um livro, significaria angariar reconhecimento intelectual do autor pelos seus pares. Do mesmo modo, após a publicação do livro, as questões levantadas por Catunda suscitaram um debate entre os intelectuais no período. Portanto, para compreender a ambiência intelectual de produção e recepção desta obra, e sua complexidade, gostaria de neste tópico esmiuçar e analisar esses elementos requeridos.

Afirmamos no tópico anterior que a imprensa, especificamente os jornais *Cearense* e *Libertador*, havia criado para Joaquim Catunda uma imagem de “erudito”, “homem da ciência”, “anticlerical” e “ateu”. Vimos também que no período do concurso para professor de Filosofia do Liceu do Ceará, em 1882, houve grande polêmica em torno da nomeação de Catunda para o cargo e naquele momento a prática discursiva da imprensa ganhou força. Com o intuito de justificar tal nomeação, o *Cearense* empreendeu um discurso em que a figura de Catunda estava diretamente associada à “ilustração”.

¹⁰⁹ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro/RJ, Ano XIX, Nº 270, 27 de setembro de 1886.

¹¹⁰ Sobre o “circuito de comunicação do livro” ou “circuito de transmissão de textos”, ver: DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Podemos constatar que essa imagem de “ilustrado” se deve em parte ao seu próprio engajamento intelectual, visto que Catunda era uma personalidade ligada ao magistério desde a década de 1860. Posteriormente, quando publicou *Estudos de História do Ceará*, em 1886, era professor de filosofia e alemão de importantes instituições de ensino da província, o Liceu do Ceará e a Escola Militar. Sempre esteve envolvido em questões de cunho político-intelectual. Compôs o Conselho Literário da Instrução Pública em 1882¹¹¹ e, inclusive, foi examinador das disciplinas de História e Filosofia¹¹² nos exames gerais dos preparatórios do Liceu. Participou ainda de comissões, entre elas, a comissão incumbida de receber produtos destinados a compor a *Exposição Antropológica* organizada pelo Museu Nacional em 1882.¹¹³

Sem dúvida, na década de 1880, Joaquim Catunda era um homem de reconhecido destaque no meio intelectual de Fortaleza. Entretanto, não podemos deixar de pontuar que a construção discursiva da imprensa e as relações políticas foram de fundamental importância na viabilização da constituição de Catunda como uma autoridade no meio intelectual, posição esta que facilitou sua inserção em outros espaços de atuação intelectual e de articulação política.

Apesar de Catunda ter consolidado uma imagem de intelectual erudito na imprensa, para firmar-se como um homem letrado e da ciência entre os intelectuais da época, bem como obter o próprio reconhecimento como historiador, faltava a ele a publicação de um livro de história nos moldes científicos. Naquele momento, as ideias de cunho científico estavam cada vez mais enraizadas no meio letrado. Por isso uma obra para ser aceita deveria estar dentro dos moldes científicos da época. A publicação de um livro atendia a uma demanda intelectual e a uma determinada “pressão” por parte de uma parcela letrada da população de Fortaleza. Afinal, como

¹¹¹ *A Constituição*, Fortaleza/CE, Ano XX, Nº 12, 12 de fevereiro de 1882. p.2.

¹¹² *Pedro II*, Fortaleza/CE, Ano XLII, Nº 88, 10 de novembro de 1881. p.2; *Libertador*, Fortaleza/CE, Ano VI, Nº 147, 3 de julho de 1886. p.2.

¹¹³ *Pedro II*, Fortaleza/CE, Ano XLII, Nº 91, 20 de novembro de 1881. p.1. “A relação política com o governo imperial e o apoio dos liberais que estavam com o poder da presidência da província cearense, de 1881 e 1882, ofereceram condições favoráveis para que José Pompeu e Dr. Francisco Barbosa de Paula Pessoa, o capitão Guilherme César da Rocha, João Lopes Ferreira Filho e Joaquim Catunda fossem nomeados membros da comissão responsável pelo processo de arrecadação de objetos representativos da vida do homem cearense, para a Exposição Antropológica Brasileira que ia acontecer em 14 de março de 1882, no Rio de Janeiro.” In: FERNANDES, Ana Carla Sabino. **A Imprensa em pauta: entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX**. Dissertação de Mestrado UFC, Fortaleza, 2004. p.55.

um homem imbuído de tanto prestígio intelectual não possuía uma produção intelectual nesses moldes?

É interessante notar que dois anos antes da publicação do livro, em 1884, foi publicado um pequeno texto sobre Joaquim Catunda no jornal *Libertador*, na sessão intitulada *Typos contemporâneos. Perfis á lápis*, que exemplifica bem essa cobrança intelectual. Nesse perfil, assinado pelo pseudônimo Theobaldo, Catunda era cobrado por não possuir uma produção intelectual. De acordo com o jornal, Catunda era “Philosopho da escola allemã, erudito de línguas mortas. Estuda a mais de trinta annos e continua a estudar, sem nada produzir!”.¹¹⁴ Nesse sentido, podemos afirmar que havia uma cobrança por parte dos letrados da província por uma produção bibliográfica de cunho científico daquele intelectual. Publicar um livro era expressar um pensamento e expô-lo ao público, o que era fundamental para o reconhecimento entre os pares.

De certo modo, a publicação dessa nota no *Libertador* também revela os conflitos político-partidários daquele período. Em 1884, o *Libertador* era um órgão pertencente à Sociedade Cearense Libertadora, grupo rival do Centro Abolicionista 25 de Dezembro, o qual Catunda pertencia. Os dois grupos possuíam posicionamentos distintos com relação à abolição da escravidão. De acordo com Almir Leal de Oliveira, as sociedades abolicionistas além de posições políticas diferentes, também cultivavam posturas intelectuais distintas (OLIVEIRA, 1998, p. 65). As atuações políticas e intelectuais estavam articuladas, o acirramento dos conflitos não se dava apenas de forma direta, com críticas às estratégias políticas, mas também de forma velada, muitas vezes com ataques depreciativos à figura do intelectual, desqualificando os membros do grupo adversário¹¹⁵.

Há outro elemento importante a ser considerado e que nos ajuda a pensar a ambiência de produção de *Estudos de História do Ceará*. Naquele momento, os intelectuais estavam buscando construir uma identificação do Ceará diante da Nação, e sintetizar uma história da província do Ceará, com objetivo de compreender o engendramento da sociedade, que compunha aquela província para

¹¹⁴ *Libertador*, Fortaleza/CE, Ano IV, Nº 85, 30 de abril de 1884. p.3.

¹¹⁵ Conservadores X liberais: “A disputa passava também pela crítica da produção intelectual, mesmo quando não de natureza jornalística. Retrucava-se a produção literária e científica como forma de desgastar a imagem do intelectual e também, porque entendia-se que era responsabilidade da imprensa cuidar da cultura, da civilidade e do saber cometente.” In: FERNANDES, Ana Carla Sabino. **A Imprensa em pauta: entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX**. Dissertação de Mestrado UFC, Fortaleza, 2004. p.88.

assim inseri-la no processo civilizatório, de desenvolvimento e progresso. As narrativas historiográficas exerciam papel central nesse processo. Conforme Oliveira (2001), no final da década de 1880 havia no Ceará alguns trabalhos de caráter historiográfico, que propunham sintetizar uma *História do Ceará* – como os de Capistrano de Abreu, Thomaz Pompeu de Souza Brasil e João Brígido, e em um momento anterior à década de 1880 havia o estudo de Tristão de Alencar Araripe –, mas não havia um consenso entre eles. A escrita da história configurava-se naquele momento um lugar de disputa. E ao que parece, Catunda era um intelectual preocupado com esta questão e seu livro ocuparia um lugar importante neste debate.

Essa ausência de uma narrativa convincente para os temas de história cearense mobilizou diferentes intelectuais a estabelecerem as convenções aceitáveis sobre o começo histórico do Ceará e de sua trajetória no tempo. Para uma sociedade que procurava se definir como nova, civilizada e moderna, a datação de suas origens, dos marcos de sua singularização, [p.12] representava a possibilidade concreta de municiar-se de referências identitárias e, a partir de uma cruzada pela delimitação de seu passado, definir-se num presente incerto, estabelecer as escolhas que definiriam suas formas e contornos dentro da nacionalidade pretendida. (OLIVEIRA, 2001, p.11-12).

A inserção de *Estudos de História do Ceará* no circuito de leitura de Fortaleza demandava por parte de seu grupo editorial uma preocupação com sua publicidade. O principal meio de divulgação do livro foram os jornais, especificamente o *Libertador*¹¹⁶. Entre 22 de janeiro e 23 de julho de 1886 foram publicados no periódico, anúncios sobre o trabalho de impressão de *Estudos de História do Ceará*. Nos anúncios continham informações sobre o prelo onde o livro estava sendo confeccionado, os locais de encomenda, assinatura e venda, e seus valores. O *Libertador* foi responsável tanto pela confecção do livro como pelo recolhimento de suas assinaturas. O livro custava em torno de dois mil réis para assinantes e dois mil e quinhentos réis para não assinantes.

A responsabilidade de confeccionar e distribuir uma publicação demandava grande investimento econômico por parte do jornal, visto que a produção e veiculação de um livro naquele período custavam caro. Nesse sentido, podemos supor que o *Libertador* acreditava que a publicação teria um público leitor,

¹¹⁶ Em 1886, o *Libertador* não mais pertencia à Sociedade Cearense Libertadora, mas se identificava como “Órgão dos Interesses do Paiz” e “Neutro entre os partidos”. In: *Libertador*, Fortaleza/CE, Ano VI, Nº 18, 22 de janeiro de 1886. p.1-2.

e esperava uma resposta positiva com relação às vendas. Isso nos revela a preocupação do jornal com as estratégias de divulgação do livro para garantir esse público. Além do período prolongado de publicação do anúncio de venda no periódico, a maneira como o autor e o livro eram apresentados nesses anúncios é uma questão importante a ser destacada em meio a essas estratégias. Catunda recebia a alcunha de *erudito professor*, expressando seu *status* frente aos homens de letras, como também revela o apelo comercial do jornal, visto que afirmá-lo como um erudito garantiria a ele uma credibilidade frente ao leitor.

As estratégias do *Libertador* em torno da divulgação e comercialização do livro continuaria ao longo dos meses que precederam seu lançamento. Na edição de 24 de julho de 1886 foi publicado um texto sem autoria sobre *Estudos de História do Ceará*, que tratava do seu lançamento, informando a data de entrega dos exemplares aos assinantes que aconteceria no início do mês de agosto daquele ano. Percebemos que o texto demarcava um posicionamento favorável por parte do jornal com relação tanto ao livro quanto às ideias de Catunda. Nesse sentido, a resenha intencionava divulgar o trabalho, mas também delimitar o seu lugar intelectual e científico, afirmando *Estudos* como “um trabalho vasado nos moldes que a sciencia construiu para o estudo da humanidade” e uma importante referência para outras pesquisas históricas, apesar de o autor do texto deixar claro que lhe faltava “competência e isenção d’espírito para fazer a crítica”.

No decorrer do texto não é explicitado o conteúdo do livro, mas diz de sua intencionalidade: “[...] orientar as pesquisas historicas e encaminhar a determinação das leis que presidem o evoluir do povo cearense.”¹¹⁷ Um fragmento da introdução do livro foi reproduzido no jornal, com o intuito de despertar interesse do leitor e o estilo de escrita de Joaquim Catunda foi exaltado como “vigoroso”, recebendo a alcunha de “historiador”.

É possível verificar que o jornal procurava conferir à obra um caráter científico e ao autor o posto de historiador, mas principalmente de homem da ciência, capaz de identificar as leis naturais que regiam a evolução no Ceará, com forte influência da história natural, principalmente da Geologia, da Paleontologia e da Antropologia, dando principal ênfase aos estudos desenvolvidos por Charles Darwin e Ernst Haeckel, isso para demonstrar que Catunda tinha conhecimento dos debates

¹¹⁷ *Libertador*, Fortaleza/CE, Ano VI, Nº 165, 24 de julho de 1886. p.2.

científicos do período, como também dialogava com essas leituras, dominava os temas e havia incorporado essas ideias em suas análises.

Catunda estava realmente atualizado com o debate científico. Em *Estudos de História do Ceará*, ele discutiu as origens da humanidade dialogando com uma perspectiva evolucionista. O autor teve como referências os trabalhos de evolucionistas como: Charles Lyell, Gabriel de Mortillet, Charles Darwin, Ernst Haeckel, entre outros. Ele apresentou essa discussão com o objetivo de defender a ciência em contraposição às explicações teológicas com relação à origem e o desenvolvimento da vida.

O *Libertador*, ao vender um livro de cunho científico que tinha como uma das questões principais a evolução, referenciado em autores como Darwin e Haeckel e que se articulava a uma visão de Catunda como um homem letrado e erudito, um ilustrado que se opunha à teologia e ao obscurantismo, estava expressando a necessidade de afirmação da temática da ciência e a estreita ligação do periódico ao debate científico.

Em princípio de agosto, o livro começou a circular entre os letrados da capital e uma série de críticas a respeito de *Estudos de História do Ceará* foi publicada nos principais jornais da província, especificamente no *Libertador* e na *Gazeta do Norte*. Interessante notar que durante os meses de agosto e setembro de 1886, o *Libertador* dedicou um espaço solicitando o envio de resenhas críticas a respeito da obra para serem publicados pela Libro-Papelaria de Gualter R. Silva, um dos locais de recebimento de assinatura do livro de Joaquim Catunda¹¹⁸, com o objetivo de “[...] vulgarisar o mais possível toda a controversia levantada à proposito da obra acima”¹¹⁹. Ao que parece, o *Libertador* pretendia estimular o debate científico como também necessitava de um *feedback* do público-leitor com relação ao livro.

A obra de Catunda recebeu críticas dos mais diversos intelectuais, como a do jornalista e historiador João Brígido dos Santos (1829-1921), publicada no *Gazeta do Norte*, que chegou a afirmar que em *Estudos de História do Ceará* “não há nem historia, nem Ceará”¹²⁰; como também do então secretario da província do

¹¹⁸ *Libertador*, Fortaleza/CE, Ano VI, Nº 18, 22 de janeiro de 1886. p.3.

¹¹⁹ *Libertador*, Fortaleza/CE, Ano VI, Nº 179, 9 de agosto de 1886. p.4.

¹²⁰ *Gazeta do Norte*, Fortaleza/CE, Ano VII, Nº 198, 2 de setembro de 1886. p.2.

Ceará, o “ilustrado e talentoso”¹²¹ Dr. Souza Bandeira¹²², e do crítico e poeta Manoel d’Araújo Costa Salles¹²³, ambas publicadas no *Libertador*. Algumas dessas críticas eram também de autores anônimos ou que usavam pseudônimos, como a publicada no jornal *A Constituição*, assinada por O.M.¹²⁴ A profusão de críticas e comentários a respeito do livro, significa que o lançamento de *Estudos de História do Ceará* angariou grande repercussão entre o meio letrado, especialmente na imprensa.

Para citar alguns exemplos, na edição de 4 de agosto de 1886 do *Libertador* foi publicado uma pequena nota não assinada intitulada *Historia Patria*, em que o trabalho de Joaquim Catunda foi bastante enaltecido.¹²⁵ O jornal procurou reafirmar o perfil erudito de Catunda e, para tanto, o texto é vazado de elogios ao autor e a sua obra, assinalando que o livro, “um trabalho de imenso merito” que “corresponde perfeitamente á spectativa”, foi produzido por um “erudicto professor” de “notável talento” e de “variada ilustração”. Entretanto, os recursos de legitimação do trabalho de Catunda não impediram a recepção negativa do livro. As críticas publicadas no *Gazeta do Norte* e no *Libertador* evidenciam que a publicação de *Estudos de História do Ceará* e suas ideias geraram controvérsias.

De modo geral, as críticas publicadas no *Gazeta do Norte* foram negativas¹²⁶. O método e a abordagem dada à história do Ceará por Catunda foram bastante criticados, chegando a ser desqualificada a cientificidade do trabalho. O método de análise aplicado por Catunda em *Estudos de História do Ceará* foi foco

¹²¹ *Libertador*, Fortaleza/CE, Ano VI, Nº 174, 4 de agosto de 1886. p.2

¹²² É possível que estejam se referindo a João Carneiro de Souza Bandeira que participou de uma banca examinadora de Filosofia nos exames gerais de preparatórios do Liceu do Ceará juntamente com o próprio Catunda. In: *Libertador*, Fortaleza/CE, Ano VI, Nº 147, 3 de julho de 1886. Página: 02. Infelizmente não nos foi possível fazer uma análise dessa crítica publicada em três partes nas edições dos dias 5, 6 e 7 de agosto de 1886, visto que os exemplares do *Libertador* referidos as datas de publicação da crítica, disponibilizados pela *Hemeroteca Digital Brasileira*, se encontram mutilados.

¹²³ Manoel d’Araújo Costa Salles era irmão do prosador e poeta Demetrio Ferreira Salles, e escrevia para o jornal *Libertador*. In: *Libertador*, 2 de setembro de 1886. p.2. No ano de 1887, Costa Salles lançou um livro, intitulado: *Abecedario Geographico do Ceará* (*Libertador*, 17 de junho de 1887).

¹²⁴ “A crítica foi-lhe impiedosa, pois ao mesmo tempo da publicação do livro, a *Constituição*, de Fortaleza, em 18 artigos firmados por O.M. (23 de janeiro a 16 de outubro de 1887), seguidos de uma série de epistolas (do M. ao sr. Catunda), cujo o autor se denuncia ser o mesmo O. M., o apreciável trabalho do inesquecível sócio do Instituto foi dissecado em suas minudências.” In: SOUSA, Eusébio de. **Meio Século de Existência. Subsídio para a história do Instituto do Ceará –1987/1937**. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1937. p.63.

¹²⁵ *Libertador*, Fortaleza/CE, Ano VI, Nº 174, 4 de agosto de 1886. p.2.

¹²⁶ Devemos ressaltar que a atitude crítica do *Gazeta do Norte* poderia estar relacionada à questões de cunho político, visto que o jornal era um órgão liberal criado por Thomaz Pompeu de Souza Brasil Filho (1852 - 1929) em meados de 1880, posteriormente a cisão no Partido Liberal da Província do Ceará. In: NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à história do Jornalismo Cearense*. p.111.

de uma substancial crítica publicada na edição de 5 de agosto de 1886¹²⁷. O crítico anônimo achava equivocado o autor querer dar conta de uma gama infinita de aspectos do processo histórico, ou seja, achava desnecessário que para ele discorrer sobre a história do Ceará, tivesse que falar do surgimento da vida, além do mais sem aplicar nenhum método científico, afirmando que:

Se é verdade que para sciencia não há grandes, nem pequenos, e, que todos os seres ou phenomenos são igualmente dignos de observação e analyses; é certo, também que os instrumentos de verificação variam conforme o objeto.
Fôra desproposito aplicar o telecopio no reconhecimento de *bacterides* ou de micro-organismos, e prescutar as profundezas celestes com as lentes do microscópio.¹²⁸

A metáfora referente aos aparelhos científicos é empregada para criticar o próprio método de investigação de Catunda. Há uma inversão na função dos instrumentos. Na realidade, o telescópio é utilizado na visualização de objetos em grandes distâncias, enquanto que o microscópio é usado na visualização de estruturas pequenas, isso para mostrar que Catunda teria se utilizado de um método equivocado na delimitação de seu objeto de estudo, que se estende desde a origem da vida e da própria espécie humana até o século XVIII da história do Ceará.

A concepção de história do autor também é alvo de crítica: “A historia, tal como comprehende o sr. J. Catunda, é alguma cousa vaga, indefinida, espiritual que fluctua entre as *brumas* da imaginação e as realidades *tangíveis* dos kosmos.”¹²⁹ O crítico reclama do autor uma maior precisão científica em seu estudo. Segundo ele, Joaquim Catunda ainda estaria ligado a um pensamento teológico-metafísico:

Essa revelação permanente de Deus no seio da humanidade, de que elle nos fala, não tem a precisão scientifica que modernamente caracterisam os estudos da evolução humana segundo os methodos de Buckle, Mommsem, Curtius e outros.¹³⁰

Aqui o crítico está se referindo especificamente a passagem do livro na qual Catunda explicita sua concepção de história:

¹²⁷ *Gazeta do Norte*, Fortaleza/CE, Ano VII, Nº 174, 5 de agosto de 1886. p.1-2.

¹²⁸ *Idem*.

¹²⁹ *Idem*.

¹³⁰ *Idem*.

A historia vem a sêr assim a verdadeira theodicéa, o registro dos membros principaes do labor divino atravez da forma, a revelação permanente de Deus no seio da humanidade. E' por isso que ella não fez selecções. Todas as raças em que começam as evoluções logicas do espirito, todos os niveis de civilização, todas as manifestações da consciencia moral e religiosas da humanidade são igualmente preciosas para o historiador, cuja missão é de transportar ao seio das realidades que descreve, comprehender a razão de sêr das instituições políticas e sociaes, a necessidade na successão dos phenomenos e as leis que determinam todas as situações historicas.¹³¹

É possível perceber que havia posicionamentos teóricos bem distintos entre Joaquim Catunda e o crítico. Imbuído de uma perspectiva hegeliana, Catunda afirmava que a história era uma *teodiceia*¹³², quer dizer, para ele a história seria um processo em que a ação humana estaria submetida a uma determinação divina.

O autor da crítica constata que o trabalho de Catunda não possuía uma precisão científica, primeiro porque não rompia com uma matriz de pensamento teológico-metafísico, como também porque Catunda não se baseava no método de estudiosos referenciais para o crítico, como o historiador britânico Henry Thomas Buckle (1821-1862), autor bastante lido entre a intelectualidade da província do Ceará naquele período, o historiador alemão Theodor Mommsen (1817-1903) e o historiador e arqueólogo alemão Ernst Curtius (1814-1896). É importante ressaltar que realmente entre as referências teóricas de Catunda não há alusão a esses estudiosos citados pelo crítico.

Vasto, e sem duvida superior as forças de uma geração e aos meios de acção de que dispomos, fôra o estudo das variadas condições de existencia em que tem se achado o sólo e seu involucro gazozo o animal e a planta nesse recanto tropical que se chama Ceará.

Uma historia natural delle deveria abranger as modificações por que passaram suas camadas geológicas, as variações athmosphericas, e a vida animada ou vegetal desde o embryão, do *plastidulus* ou *monera* até os organismos complexos dos mamíferos.

A este estudo se poderá dar por esforço imaginativo o de *theodicéia* ou revelação de Deus no seio da humanidade.

O Sr. J. Catunda, pretendendo subordinar todos os factos da vida orgânica a aquelle fator estreita o campo de observação, diminuindo o esforço do historiador da indagação dos andecedentes motivos que determinam os actos humanos.¹³³

¹³¹ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha, 1919. p.8.

¹³² O termo *teodiceia* foi cunhado por Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716). AQUINO, J. A. . **Leibniz e a Teodicéia: o problema do mal e da liberdade humana**. Philosophica (Lisboa), v. N.28, p. 49-66, 2006.

¹³³ *Gazeta do Norte*, Fortaleza/CE, Ano VII, Nº 174, 5 de agosto de 1886. p.1.

O crítico não compreende o atrelamento da história natural à “revelação de Deus no seio da humanidade”, a qual, segundo ele, deveria ser um estudo mais objetivo. Ele afirma que o trabalho de Catunda não era científico porque não conseguiu romper com as explicações teológicas, assegurando que isso acaba comprometendo a análise do historiador.

[...]. Toda indagação é vã, todo esforço em sondar o passado inútil e perigoso, desde que se conhece a causa ou motivo real e único de tudo. Para que retroceder à prehistoria ou revolver essas folhas do grande livro da crusta terrestre si alfim não deparamos senão Deus revelando-se na rocha crystalina, do gnais, na mica, nas raças animais extinctas, nas civilizações primitivas etc.

[...]

Os que têm mêdo a lucta e aneiam o quietismo com a posse do *nirvana*, os que repudiam os instrumentos de trabalho pela mystica contemplação do absoluto e da perfeição; os que preferem a estagnação das faculdades anímicas ao movimento incessante do racioncinio, podem se comprazer com a inteligência dada a historia pela escola theologico-metaphisica.¹³⁴

Para o crítico, toda a investigação de Catunda se tornava desnecessária, se o estudioso acaba submetendo sua análise a explicações teológicas. Por mais que Catunda tenha buscado ao longo de seu trabalho romper com qualquer explicação teológica em prol de uma ciência laica, mais secular, e tenha sido reconhecido como anticlerical e ateu ao longo de sua trajetória, mesmo assim ele é acusado de não romper com a escola teológica-metafísica, e seu livro não recebeu o reconhecimento de ser um trabalho científico por partes de seus pares.

Apesar das críticas, o autor da crítica finalizou o texto afirmando que o livro é um “apreciável trabalho”; todavia, a introdução não agrada ao leitor e assim aconselha:

Si o critico tivesse authoridade para aconselhar, diria ao author que precindisse da introdução ou a modificasse no sentido de explicar o valor e autenticidade do documento que lhe serviram de subsidio, as lacunas não pôde cumular, as difficuldades que enfrentou, as duvidas que lhes restam sobre períodos históricos não aclarados, etc.; tudo isto com aquella simplicidade de que nos dão exemplo os Darwin, Renan, Strauss, Mommsen e tantos outros.¹³⁵

O trecho traz algumas questões que merecem destaque e reflexão. A primeira delas é quando ele recomenda que Catunda deveria “explicar o valor e

¹³⁴ *Idem.* p.2.

¹³⁵ *Idem.*

autenticidade do documento”. É importante destacar que no século XIX, a História para angariar *status* científico buscava se desvencilhar de qualquer perspectiva considerada *ahistórica*, seja teológica ou metafísica. Logo, a afirmação de que a história é uma “verdadeira teodiceia” seria negar a cientificidade tão almejada pelos “historiadores”, assim como crítico.

Relacionada à negação de elementos *ahistóricos*, conforme José Carlos Reis, uma das principais características do novo paradigma posto pela história científica, designada de escola metódica ou positivista era a valorização do *evento*.

A história não será uma ciência de leis e essências, pois não há modelos supra-históricos dados *a priori* que garantiriam a racionalidade e inteligibilidade do processo histórico efetivo. [...]. Não é um princípio supra-histórico que organiza o processo efetivo, mas sim a própria história que organiza o pensamento e a ação, os quais existem em uma “situação”: um lugar e uma data – um evento (REIS, 1996, p.7).

Daí a importância do documento na investigação histórica. O documento seria fundamental para a “reconstituição” do *acontecimento*:

O documento que, para escola histórica positivista do fim do século do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar por si mesmo como prova histórica (LE GOFF, 1990, p.536).

A cobrança pela autenticidade do documento estava pautada na concepção de que este servia como prova científica. O método de crítica ao documento realizado pelo historiador deveria provar sua veracidade de forma objetiva para chegar ao fato histórico e assim construir uma narrativa (REIS, 2011, p. 23). Ao longo de sua escrita, Catunda não analisa e praticamente não cita fontes primárias. Contudo, há de sua parte uma preocupação em referenciar suas afirmações e aí podemos constatar o caráter científico de seu trabalho.

O texto publicado por João Brígido, denominado *Considerações sobre os Estudos de História do Ceará por J. Catunda*, ofereceu uma crítica severa ao trabalho de Joaquim Catunda.¹³⁶ Ao longo do texto, Brígido discutiu e criticou a

¹³⁶ Devido sua extensão, foi dividido em diversas partes publicadas na coluna *História* ao longo das edições do jornal nos meses de agosto de setembro de 1886. Não sabemos ao certo em quantas partes o artigo foi dividido. Não podemos deixar de mencionar a dificuldade encontrada na análise desse material, visto que não nos foi possível localizar todas as partes que integravam a crítica. Tivemos acesso a III parte, na edição de 26 de agosto de 1886; V parte, 2 de setembro de 1886; VI parte, 4 de setembro de 1886; VII parte, 6 de setembro de 1886; VIII parte, 9 de setembro de 1886.

acepção de Catunda com relação aos aspectos naturais da província - como a flora, a fauna, os fenômenos climáticos - de que tudo é: “pouco desenvolvido”, “atrophiado”, “minguada nas variedades”, “acanhada nas fórmās”¹³⁷, “tudo no Ceará acusa uma natureza uniforme nos seus aspectos e extenuada nos seus processos”¹³⁸. Brígido discordava inteiramente de Catunda e procurou exaltar os aspectos da natureza da província. Tal como o crítico anterior, Brígido deixou claro que não reconhecia o livro de Catunda como um trabalho científico.

Assim como João Brígido, outro membro de destaque da intelectualidade cearense criticou a perspectiva de Catunda com relação aos aspectos naturais da província do Ceará: Antonio Bezerra de Menezes (1841-1921). Destoando da publicidade que o jornal promoveu em torno de *Estudos de História do Ceará* e dos editoriais em prol da obra e das ideias de Catunda, o *Libertador* publicou na edição de 21 de agosto de 1886 um pequeno anúncio a respeito da realização de uma exposição organizada por Bezerra de Menezes. Intitulado *Uma Orchidea*, o texto afirma que Bezerra de Menezes estaria bastante descontente com relação às afirmações de Catunda de que “... é pobre a flora cearense...” e por isso teria resolvido expor uma orquídea da província.

Antonio Bezerra, entusiasta da flora cearense, sustenta que nessa família temos muita coisa linda e desconhecida, e espera brevemente expor outras não menos interessantes orchideas do gênero *Odontoglossum*, que encontrou na serra de Maranguape.¹³⁹

O estilo narrativo e a linguagem de Catunda também foram alvos das críticas de Brígido. O jornalista parecia defender uma matriz francesa no que concerne à narrativa histórica. Segundo ele, a nitidez do texto lembra uma construção francesa; todavia, afirma que o autor de *Estudos* somente a emprega na “segunda parte” do livro, enquanto que no restante do livro isso se perde.¹⁴⁰ João Brígido diz:

Quem attender ás diferenças de linguagem e á disposição das materias acreditará promptamente que o primeiro trabalho não passa d’um mastigado

¹³⁷ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha, 1919. p.11.

¹³⁸ *Idem Ibidem*. p.15.

¹³⁹ *Libertador*, Fortaleza/CE, Ano VI, Nº 189, 21 de agosto de 1886. p.2.

¹⁴⁰ João Brígido: “Tudo que não é claro, não é francez.” In: *Gazeta do Norte*, Fortaleza/CE, Ano VII, Nº 192, 26 de agosto de 1886.

do alemão, e vem as ser o superposto de diversos pedaços vertidos para o portuguez e colados pelo artista; o segundo é a tradução livre de Quatrefages, de Buchner e outros expositores enfeixados; a terceira finalmente é produção, exclusivamente, do autor, e á imagem do autor.¹⁴¹

O rigor de João Brígido com relação a Catunda é notório, inclusive, correções de aspectos ortográficos e gramaticais são feitas ao texto. Segundo ele, “o Sr. Catunda abusa consideravelmente de certas expressões, repetindo-as a cada passo, exemplo: evolução, evolutivo, esfera, nível e advento”¹⁴². Para o historiador, na “parte puramente histórica”, faltava uma análise mais centrada na história do Ceará por parte do autor. Ainda de acordo com Brígido, falta originalidade nos capítulos *Relevo e aspecto do solo. Clima. Produções e Habitantes primitivos*, considerando essa parte do trabalho um plágio. A crítica à obra de Joaquim Catunda se intensifica quando ele afirma que:

O livro inteiro, destinado a caricaturar o cearense, resente-se do pensamento que o dictou; é um aborto. Tem enormíssima cabeça para um corpo de anão. As considerações, que precedem a narrativa da parte puramente histórica, e lhe servem de prolegômenos, consumirão 48 páginas; tudo mais, entretanto, inclusive os enxertos do domínio hollandez (germanico) em Pernambuco, da revolta de 17, da revolução do Porto, da scena theatral do Ipyranga, etc. apenas (ilegível) no triplo, havendo saltos repetidos no que mais concerne á *terra da luz*.¹⁴³

Brígido chega a desconsiderar a tão aclamada ilustração de Catunda e finaliza dizendo: “Para conhecer a terra da luz, certo não basta toda luz, que esbate da philosophia allemã sobre o author, verdadeiro Loth da raça tupica, por eleição e excepção de Odin, o deus de que nos fala”¹⁴⁴.

As críticas de Brígido ao longo do artigo também revelam a disputa de projetos em torno da definição de narrativas sobre a história do Ceará. Como afirmamos anteriormente, Brígido denunciava uma falta de “originalidade” por parte do estudo de Catunda. A questão da originalidade era um ponto importante nessas disputas por legitimidade como historiador, como também havia um esforço para construir um discurso de pioneirismo na produção historiográfica¹⁴⁵.

¹⁴¹ *Gazeta do Norte*, Fortaleza/CE, Ano VII, Nº 192, 26 de agosto de 1886. p.2.

¹⁴² *Idem*.

¹⁴³ *Idem*.

¹⁴⁴ *Gazeta do Norte*, Fortaleza/CE, Ano VII, Nº 200, 4 de setembro de 1886. p.2.

¹⁴⁵ Sobre a construção de um discurso de pioneirismo por João Brígido, ver: RIOS, Renato de Mesquita. **João Brígido e sua escrita de uma história para o Ceará: narrativa, identidade e estilo (1859-1919)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

A questão do pioneirismo na produção de narrativas historiográficas foi tratada num artigo publicado na parte *Ineditoriais* do *Gazeta do Norte*, de 12 de agosto de 1886, em que João Brígido teceu algumas considerações referindo-se a resenha de Souza Bandeira, anteriormente citada, a respeito de *Estudos de História do Ceará* publicada no *Libertador*. De acordo com Brígido, nesse artigo, Bandeira destacou os principais estudos sobre a história do Ceará, citando Pedro Theberge (1811 - 1864), Tristão de Alencar Araripe, além do próprio João Brígido. Do texto de Bandeira, Brígido transcreveu a seguinte passagem:

Finalmente o sr. Major Brígido dos Santos é autor de importantes trabalhos sobre a história do Ceará, sendo o ultimo um interessantíssimo *Resumo para o uso das escolas primarias*. Sobra a s. s. gosto e competência para produzir trabalho de mais folego sobre a historia da provincia, e é de lastimar que as labutações da vida política não tenham lhe deixado tempo para mais.¹⁴⁶

João Brígido afirmou que Bandeira não lhe deu o devido reconhecimento entre os estudiosos que produziram trabalhos de investigação sobre os fatos históricos da província. Ao longo de seu texto, Brígido destacou o papel de Araripe como um dos pioneiros nos estudos sobre a documentação da província. Contudo, também demarcou sua posição nesse esforço pioneiro de investigação: “Em seguida, fui eu quem começou, no Crato, uma serie de publicações (1857) sobre a historia, até então por fazer, do Ceará, occupando-me exclusivamente dos acontecimentos do sul da província”¹⁴⁷.

Brígido apresentou suas produções dentre as quais ele destacou: *Apontamentos para a história do Cariri* (1859), o qual lhe rendeu a nomeação de sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro¹⁴⁸, e *Biographia do padre Antonio Manoel* (1859). Além de enumerar suas obras, Brígido assegura também ter colaborado com os trabalhos de outros estudiosos, como *Estática do Ceará* (1863) de Thomaz Pompeu, entre outros. Ele chegou a afirmar ainda que forneceu os dados que balizaram o trabalho de Theberge, *Esboço histórico do Ceará*.

¹⁴⁶ *Gazeta do Norte*, Fortaleza/CE, Ano VII, Nº 180, 12 de agosto de 1886. p.2.

¹⁴⁷ *Idem*.

¹⁴⁸ “Logo em 1859 dei á luz no *Araripe* um extenso trabalho – *Apontamentos para a história do Cariri*, o qual foi reproduzido no *Cearense* desse ano, e no *Diario de Pernambuco* de 1861. Apresentado ao Instituto Histórico do Rio-de-janeiro, me produziu a nomeação de sócio correspondente dessa sociedade.” *Gazeta do Norte*, Fortaleza/CE, Ano VII, Nº 180, 12 de agosto de 1886. p.2.

Cabe destacar que o intuito do jornalista não era apenas demarcar seu lugar intelectual como pesquisador e historiador, mas também reclamar um pioneirismo acerca dos estudos sobre a história do Ceará. Conforme ele, *Apontamentos para a história do Cariri* seria uma dos primeiros trabalhos historiográficos. E rebatendo a afirmação de Bandeira, sustentou que:

Vê-se pois que, trabalhando para o pão de cada dia, e envolvido constantemente nas lutas tremendas da política, tenho sido todavia um dos fundadores da sua história, e justamente um dos que mais tem trabalhado para ella.¹⁴⁹

As disputas entre esses intelectuais em torno de suas narrativas e do reconhecimento intelectual eram latentes, por isso que Brígido procurava deslegitimar o trabalho de Catunda, lançando a afirmação de que em *Estudos de História do Ceará* “não há nem historia, nem Ceará”¹⁵⁰.

Por mais que boa parte das críticas tenham sido desfavoráveis, e mesmo o livro não recebendo, num primeiro momento, o reconhecimento científico esperado dos pares, é importante atentar para duas questões. Em primeiro lugar, é importante assinalar que Catunda possuía interlocutores que dominavam as questões trazidas no livro e que promoveram um debate em torno da publicação. Segundo, a publicação de *Estudos de História do Ceará* sem dúvidas teve um papel importante na consolidação do nome Joaquim Catunda como intelectual. Tanto que após publicar o livro, Catunda tornou-se sócio-fundador do Instituto do Ceará em 1887, onde ocupou a função de 1º secretário e colaborou com artigos para os dois primeiros números da *Revista do Instituto do Ceará*, como também, em 1889, foi nomeado Inspetor Geral da Instrução Pública.

A divulgação de *Estudos de História do Ceará* não ficou restrita à província do Ceará, sendo citada em publicações importantes do meio científico. A obra foi mencionada no *Catálogo da Exposição de Geografia Sul-Americana*¹⁵¹, como referência de trabalho sobre a história do Ceará. O catálogo foi resultado da *Exposição de Geografia Sul-Americana*, inaugurada em 23 de fevereiro de 1889 e realizada pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro¹⁵², em comemoração aos

¹⁴⁹ *Idem*.

¹⁵⁰ *Gazeta do Norte*, Fortaleza/CE, Ano VII, Nº 198, 2 de setembro de 1886. p.2.

¹⁵¹ Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242545>.

¹⁵² A Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (SGRJ) foi uma associação inspirada nos modelos europeus de sociedades de estudos geográficas, fundada em 25 de fevereiro de 1883 por intelectuais

seus cinco anos de existência. A realização da exposição foi uma forma de divulgação e legitimação do conhecimento geográfico proposto pela Sociedade.¹⁵³

De acordo com Luciene Cardoso:

Participaram do certame, que teve lugar na Escola Politécnica, os seguintes países: Chile, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Venezuela e Argentina. Foram ocupadas seis salas da Escola, além de uma galeria. A mostra, a princípio, havia sido marcada para 16 de setembro de 1888, data de aniversário de instalação da SGRJ, porém, devido ao atraso no envio da remessa dos objetos, decidiu-se adiar a abertura para 23 de fevereiro, data da primeira sessão preparatória da instituição, realizada sob a presidência de Manoel Francisco Correia. Diversas instituições nacionais concorreram para o evento, tais como: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Escola Politécnica, Arquivo Militar, Museu Nacional, Observatório Imperial, Arquivo Público do Império, Repartição Hidrográfica, além da biblioteca particular do Imperador e de materiais provenientes das províncias do Espírito Santo, Alagoas, Rio Grande do Norte, Piauí, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Sergipe, Bahia, Pernambuco e Goiás. (CARDOSO, 2005, p. 90).

A partir desse evento foi produzido o *Catálogo da Exposição de Geografia Sul-Americana*, publicado no ano de 1891. O catálogo indica o esforço por parte da Sociedade de dar conta das mais diversas áreas do saber, além da *Geographia Physica, Política, Commercial e Mathematica* do *Império de Brazil* e dos outros países participantes da exposição também foram contemplados aspectos da Geologia, Mineralogia, Antropologia, Botânica, Zoologia, Orografia, Hidrografia, Meteorologia e Magnetismo Terrestre¹⁵⁴.

Na seção *Geographia Política* do Brasil correspondente à província do Ceará, o quarto ponto do item 772 intitulado *História do Ceará* traz o livro *Estudos de*

das mais diversas áreas do saber, sobretudo, médicos, engenheiros, militares, advogados, entre outros, além de personalidades políticas. A criação da Sociedade estava relacionada com a institucionalização do saber geográfico e da divulgação do conhecimento científico naquele período. Nesse sentido, o objetivo central da SGRJ era “conhecer” o Brasil, quer dizer, coletar dados relativos ao espaço territorial e aos recursos naturais do país. O reconhecimento do espaço territorial do Brasil foi utilizado principalmente para finalidades econômicas, auxiliando o Estado no controle do território, já que havia lugares onde o Estado não havia submetido seu poder. De acordo com Luciene Cardoso: “[...], a SGRJ espelhava-se na política de governo. Por meio dos seus trabalhos procurava promover o ideal de uma nação civilizada nos trópicos. Para isso, teria que conhecer e dominar a natureza.” In: CARDOSO, Luciene P. Carris. **Novos horizontes para o saber geográfico: a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (1883 - 1909)**. In: REVISTA DA SBHC, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 80-96, jan. | jun. 2005. p.83-84.

¹⁵³ CARDOSO, Luciene P. Carris. **Novos horizontes para o saber geográfico: a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (1883 - 1909)**. In: REVISTA DA SBHC, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 80-96, jan. | jun. 2005. p.89.

¹⁵⁴ Índice por Matérias do **Catálogo da Exposição de Geografia Sul-Americana** realizada pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e inaugurada em 23 de fevereiro de 1889. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891. In: Biblioteca Digital do Senado Federal. p.3.

História do Ceará, selecionado pelo então responsável por arrolar e expor as referências da província do Ceará, Liberato de Castro Ferreira (1820 - 1903).

Liberato de Castro, proveniente do Ceará, foi um dos médicos que figurava o elenco dos sócios efetivos da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Além do título de Joaquim Catunda, há também *A Fortaleza em 1810* – publicado na Revista do Instituto em 1912 e *Eleições senatoriais do Ceará* do historiador e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, João Brígido (1829-1921). A escolha por *Estudos de História do Ceará* sugere, levando em conta o caráter científico da exposição, que Liberato de Castro consideraria o trabalho de Catunda uma obra de cunho científico.

Assim, consideramos que para além da legitimação de sua escrita e de Catunda como um intelectual erudito, a publicação de *Estudos de História do Ceará* estimulou o ambiente de crítica histórica entre os intelectuais. As polêmicas evidenciam a falta de consenso sobre as matérias históricas, mas mostram como era pauta entre os intelectuais firmar uma narrativa sobre o Ceará.

2.2 Concepções filosóficas e científicas e a construção de um discurso científico e antiteológico

Para além da obtenção de um reconhecimento intelectual, ao publicar *Estudos de História do Ceará*, Joaquim Catunda buscava inserção no debate científico da época. A síntese historiográfica produzida por ele estabeleceu um claro diálogo tanto com a historiografia do período quanto com as ideias científicas difundidas no contexto do século XIX.

Assim, para compreendermos o significado dos escritos de Catunda no debate científico, neste tópico analisamos suas concepções filosóficas e científicas com base no livro *Estudos de História do Ceará*. O objetivo é apontar algumas dimensões gerais das ideias tratadas por Catunda em seu escrito, especificamente suas filiações e vertentes filosóficas, para compreender como ele orientou sua narrativa por um viés objetivo e antiteológico.

Consideramos que os trabalhos de Catunda, particularmente *Estudos de História do Ceará*, são produções de caráter historiográfico, ou seja, narrativas sobre o passado que tinham como objetivo instituir marcos temporais em torno da “história do Ceará”, buscando assim uma origem e uma identidade em comum para aquela

sociedade. Dessa forma, tomaremos *Estudos de História do Ceará* como objeto de análise com a finalidade de esmiuçar a concepção de história de seu autor e sua própria concepção de ciência.

O primeiro elemento que nos ajuda a discutir as concepções do autor diz respeito à sua percepção com relação ao processo de transformação do pensamento humano. Na introdução do livro, a partir de uma perspectiva evolutiva, Catunda procurou pensar a história do pensamento humano de forma etapista, tendo como marco divisor a difusão do cristianismo. A escolha pelo cristianismo reside no fato de sua matriz de pensamento ser europeia e ocidental; logo, ele procurou tratar das culturas que estiveram ligadas ou influenciaram de alguma forma o pensamento europeu. Segundo ele:

Antes do aparecimento do christianismo tinham os povos antigos uma rica serie de factos prehistoricos que remontavam ao mais longinquo passado; legendas divinas que ornaram o berço das grandes raças civilizadoras, tradições de feitos heroicos elaborados pela collectividade nacional, transfigurados pela distancia através da penumbra das idades, como outras tantas reminiscências vagas e preciosas das evoluções do sêr desde que attingiu á estação bípede e ás faculdades racionais até sua ascensão á história.¹⁵⁵

Na perspectiva de Catunda, o advento do cristianismo teria sido uma etapa negativa do desenvolvimento da humanidade que desestruturou as “intelligencias”, apagando as tradições e mitos de origem dos “povos antigos”, fazendo com que o pensamento humano ficasse sob a tutela teológica cristã, havendo uma cisão na consciência histórica das sociedades antigas.

Desde então teve curso forçado nas intelligencias a kosmogonia mosaica, que dava ao homem e ao planeta que habita, centro supposto do universo, uma existência recente, que attinge, no momento actual, a cerca de 5890 annos.

Condemnado como erro, desceu á categoria de fabula, todo o passado prehistorico dos povos antigos. Nem ficou inteiramente illesa a parte histórica: larga amputação lhe foi feita de factos que se encontravam com os dados mosaicos, supprimiram-se épocas para acanhar a chronologia, e muitos eventos importantes perderam sua physionomia real porque sobre elles se implantaram e cresceram tradições parasitarias.¹⁵⁶

¹⁵⁵ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.3.

¹⁵⁶ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.3-4. “Aqueles que possuíam autoridade dada pela Igreja para definir a partir da bíblia o momento de origem do mundo e da humanidade, estabeleceram uma origem recente. O padre John Lightfoot (1602-1675) definiu que o mundo e Adão foram criados em 4004 a.C.”. In: BARROS, Henrique de Lins. Prefácio. IN: DOMINGUES, Heloisa Bertol (Org.). **A recepção do darwinismo no**

De acordo com Catunda, a explicação cosmológica que prevaleceu a partir da instituição do cristianismo e principalmente com a consolidação da Igreja Católica foi a “kosmogonia mosaica”, ou seja, o mito da criação/origem do mundo a partir do Gênesis bíblico. Segundo o autor, somente no século XVIII, a partir do avanço da ciência, iniciou-se um movimento de divergência com relação à tutela teológica cristã sobre a racionalidade, afirmando que:

Do meiado do século XVIII ao principio do corrente, a philosophia, as descobertas scientificas e os grandes trabalhos da erudição histórica e da exegese allemã emanciparam a razão da tutela theologica, e dilatados horizontes se abriram á actividade febril do pensamento. As sciencias se alentaram, e outras surgiram a investigar o campo infinito da realidade.¹⁵⁷

Um dos pontos da discussão de Catunda, presente nos primeiros capítulos de seu livro e retomadas posteriormente em seus artigos, era a origem do homem e a evolução da vida. De acordo com o autor, um dos principais questionamentos que norteavam o pensamento humano ao longo de sua evolução foi “qual a origem da humanidade?”. Ele afirma que o “espírito humano” teria buscado por muito tempo suas respostas na teologia. Nesse sentido, o autor procurou apresentar como tradição judaico-cristã impôs respostas a essa questão através do dogma da criação e como essa dominação dogmática foi sendo desconstruída pelo desenvolvimento científico.

Mas, á medida que se foram enriquecendo as sciencias e se revelando á razão as leis que regem a natureza phenomenica, se foi também apagando a fé nas regiões superiores do pensamento, e a kosmogonia mosaica, pelo menos em seus elementos sobrenaturais, baixou á ordem dos factos contingentes, das crenças poéticas e místicas, porém perecíveis, de uma raça por cuja consciência passou o sentimento do divino. Interessante pela historia das disposições do espirito humano, considerado na infância de uma horda asiática, a revelação mosaica mal se abriga hoje na consciência religiosa das partes simples da humanidade. Incumbia, pois á sciencia a solução d’aquelles problemas.¹⁵⁸

Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. Página: 09; “Em Cambridge, no século XVIII, ainda se ensinava que o mundo tinha sido criado 4.004 anos antes do nascimento de Cristo, em 26 de outubro, às 9 horas da manhã.” LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p.126.

¹⁵⁷ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará.** 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.4.

¹⁵⁸ *Idem Ibidem.* p.4-5.

Aqui fica clara a visão evolucionista de Catunda sobre o desenvolvimento do pensamento humano e sua aproximação dos preceitos de August Comte (1798-1857), filósofo francês responsável por postular a lei dos três estados do conhecimento e da humanidade: o teológico, o metafísico e o positivo (MARÍAS, 2004, p. 386-387). Assim como Comte, para Catunda o conhecimento humano seria: primeiro conduzido pelas tradições coletivas; depois, com o aparecimento do cristianismo, a narrativa criacionista a qual ele denominou de “kosmogonia mosaica” se perpetrou mais fortemente nas sociedades, “em variadas situações históricas”, condicionado explicações para as mais variadas indagações, como a origem da vida e tornando o homem dependente do divino; posteriormente, com desenvolvimento das ciências foi se “apagando a fé nas regiões superiores do pensamento”, e “incumbia, pois á sciencia a solução d’aquelles problemas”. Nesse, momento Catunda dialoga com a obra *Historie Littéraire de l’Ancien Testament* [História Literária do Antigo Testamento] do orientalista de origem germânica Theodor Noldeke (1836-1930), referindo-se a seguinte premissa do autor:

Quem acredita hoje seriamente que Deus tenha creado o mundo em seis dias, repousado no sétimo, e passeado á tade no paraíso para gosar a fresca da tarde; que tenha fallado a burrinha de Balaan, e que por ordem de Josué, tenha parado o sol em seu curso? ¹⁵⁹

Catunda defendia claramente o conhecimento científico em oposição ao teológico. Com relação a essa visão etapista do espírito humano e a afirmação de que a ortodoxia religiosa não mais se sustentava no momento de sua escrita, Catunda baseou-se nas premissas do filósofo prussiano Ludwig Feuerbach (1804-1872), especificamente no livro *Das Wesen des Christentums* [A essência do cristianismo], de 1841. Neste livro, Feuerbach empreendeu uma densa crítica à teologia cristã e à dependência do homem com relação ao divino, a uma concepção de divindade, na qual ele denominou de alienação religiosa. Nesse sentido, Feuerbach defendia um homem dependente da natureza e não do divino (MELO, 2011, p. 231). A divergência entre teologia/fé e ciência/razão seria uma das principais questões que permearia as inquietações e discussões dos principais pensadores ao longo dos séculos XVIII e XIX, e Catunda procurou dialogar com

¹⁵⁹ NOLDEKE, Thedor *apud* CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.5.

esses autores, demonstrando seu conhecimento com relação ao tema e sua intenção de também propor um debate em torno dessa questão.

Na compreensão de Catunda, determinadas questões, como a origem da vida, não deveriam ficar a cargo da fé a função de revelá-las: a razão representada pela ciência é que deveria explicar determinadas incompreensões da humanidade. Ao longo de sua obra, o autor enumerou o papel e a importância dos estudos das ciências naturais como a Arqueologia, a Geologia, a Paleontologia, a Antropologia, no desenvolvimento de novas perspectivas no debate científico.

Impossível a solução d'essas questões, antes que as sciencias de observação se houvessem enriquecido d'essa prodigiosa somma de factos de que tanto se orgulha hoje o espirito humano, e que no domínio da sciencia, hão feito surpreendentes revelações, derrocado preconceitos seculares e corrigido erros santificados pelas tradições religiosas.¹⁶⁰

O autor percebia a ciência e o dogma como dois polos distintos, concluindo que somente a ciência poderia chegar à verdade absoluta. Especificamente sobre sua concepção de história, observamos que o autor apresentou uma posição diferente. Na definição de Catunda,

A historia vem a sêr assim a verdadeira theodicéa, o registro dos momentos principais do labor divino através da forma, a revelação permanente de Deus no seio da humanidade. E' por isso que ella não faz selecções. Todas as raças em que começam as evoluções lógicas do espirito, todos os níveis de civilização, todas as manifestações da consciência moral e religiosas da humanidade são igualmente preciosas para o historiador cuja missão é de transportar ao seio das realidades que descreve, compreender a razão de sêr das instituições políticas e sociaes, a necessidade na sucessão dos fenômenos e as leis que determinam todas as situações históricas.¹⁶¹

Importante notar que, mesmo Catunda se posicionando a favor de um “espírito científico”, da ciência em detrimento da teologia para chegar à explicação de determinadas questões, como a origem do homem, quando se tratou do conhecimento histórico o autor não conseguiu romper completamente com um determinado deísmo natural ou uma teologia da natureza.

Apoiado em Hegel, um dos principais representantes da filosofia da história do século XIX (REIS, 2011, p. 21), Catunda identificou a ciência histórica

¹⁶⁰ CATUNDA, Joaquim. **As Evoluções do Clima**. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza. Typographia Econômica, 1888, Tomo II. p.15.

¹⁶¹ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.7-8.

como uma “verdadeira theodiceia”, quer dizer, ele supunha que a história era uma “revelação” da criação natural. Havia uma ideia de uma divindade que decidiria os rumos da história. Para ele, a função do historiador seria registrar esses “momentos principais do labor divino” criacional e compreender os fatos a partir de uma racionalidade e de suas relações. Não caberia ao historiador fazer seleções dos povos que deveriam ser estudados, todas as sociedades, independente de seu grau de civilização ou de evolução, deveriam receber a apreciação do historiador.

De acordo com José Carlos Reis, por mais que os historiadores do XIX propusessem uma história científica, e em sua maioria tentassem romper com a metafísica, não obtiveram sucesso. Ele afirma que: “O século XIX é tão metafísico como Comte pode sê-lo: sob o discurso positivo, cientificista, há uma compreensão total da marcha da humanidade, uma metafísica, uma filosofia da história” (REIS, 2011, p. 26). Como afirmamos no tópico anterior, uma das críticas que Catunda recebeu quando do lançamento de seu livro foi justamente não conseguir romper com um pensamento teológico-metafísico¹⁶². Entretanto, Catunda não era um historiador nem ao mesmo um diletante: era um professor de filosofia, leitor de autores da antiguidade clássica e de filósofos, como Hegel e Herder. Por isso ele não se distanciou da Filosofia, como grande parte dos historiadores de seu tempo. Assim, podemos afirmar que Catunda não recusou o modelo metafísico de pensamento ao tratar da história.

A configuração de uma perspectiva voltada para uma tradição filosófica, sobretudo germânica, pode ser percebida em outro trabalho de Catunda, a *Biografia do Rev. Padre Correia - Vigário do Ipu* publicada em 1871. No relato é possível perceber sua aproximação dos estudos filosóficos, sobretudo, pertencentes ao idealismo alemão.

Ao narrar a trajetória de Francisco Correia de Carvalho e Silva, Catunda menciona a ida do jovem padre para o Seminário de Olinda, no ano de 1834, deixando claro seu posicionamento contra a então instituição, formadora de seu avô e tio. Através dos comentários a respeito do ensino de filosofia da instituição, é possível visualizar as leituras que circundavam Catunda na década de 1870, possibilitando fazer uma ponte entre sua orientação filosófica e científica em 1871 e na década de 1880, quando da escrita de *Estudos de História do Ceará*.

¹⁶² *Gazeta do Norte*, Fortaleza/CE, Ano VII, Nº174, 5 de agosto de 1886. p.1-2.

Para Catunda, “Em geral, a filosofia dos seminários é escolástica e atrasada”¹⁶³. O autor definiu assim a filosofia desenvolvida no seminário, justamente por entender que eles ainda seguiam uma perspectiva de pensamento que buscava conciliar fé e razão, não havendo separação entre o saber filosófico e o teológico (HELFERICH, 2006, p.89-90). Na opinião dele, o atraso da perspectiva filosófica dos seminários se encontrava no fato de que as leituras realizadas não estavam voltadas para os pressupostos de filósofos referenciais para ele, como Immanuel Kant (1724-1804). O autor afirmava que a obra de Kant, *Kritik der reinen Vernunft* [Crítica da Razão Pura] de 1781, e sua importância para a Filosofia não eram consideradas pelo Seminário de Olinda. Ao criticar o método filosófico ensinado pela instituição, Catunda também apontou que lá não se dava importância ao método empregado pelas chamadas “ciências físicas” e sua responsabilidade na desconstrução da filosofia metafísica.

[...]. Ali cava-se uma palavra abstrata, sutilha-se algum velho problema com o fim de torná-lo ininteligível, pretendendo-se demonstrá-lo **a priori** [grifo do autor], e procede-se em tudo como se a **Crítica da Razão Pura** não houvesse arruinado pela base todo o edifício da filosofia antiga, e como se os métodos e resultados das ciências físicas não houvessem transformado em realidade iniludível os velhos ídolos da metafísica.

O que, pois, ensina-se nos seminários, sob a denominação de filosofia, é uma imperfeita análise psicológica, uma teodicéia mais dogmática do que especulativa. Também, desde o princípio do século, as civilizações da raça latina se haviam atrasado naquela ciência.¹⁶⁴

Nesta passagem, podemos perceber a influência exercida pelas ciências da natureza ou físicas na construção de sua concepção científica. Também podemos afirmar que suas concepções com relação à ciência, apresentadas em seus escritos da década de 1880, não mudaram muito com relação aos anos de 1870 ou de sua época como estudante na Escola Militar. Seu posicionamento contra o Seminário explicita essa tendência anticlerical do autor. Contudo, não podemos perder de vista que se Catunda se posicionava contra a intervenção da teologia ou de qualquer ortodoxia religiosa em questões que, segundo ele, seriam próprias do conhecimento científico, e isso não significava que ele havia conseguido romper

¹⁶³ CATUNDA, Joaquim. **Biografia do Rev. Padre Correia - Vigário do Ipu**. Editado no ano de 1871 pela tipografia do “Cearense”. In: MACEDO, Nertan. *O Bacamarte dos Mourões*. Editora Instituto do Ceará, 1966. p.187-188.

¹⁶⁴ *Idem Ibidem*. p.188.

completamente com uma orientação de cunho teológico, pelo menos com relação a sua concepção de história.

Em diversos momentos de seu livro, ele se utilizou de termos que poderiam ser vistos como religiosos ou como pressupostos da doutrina eclesiástica, como a noção de “criação”. No entanto, ao mesmo tempo em que falava em criação, o autor também pensava em “leis que regem a natureza phenomenica” ou “as leis que acolá regeram a evolução”¹⁶⁵. É importante notar que Catunda compreendia o mundo baseado em leis naturais que determinavam os fatos e conduziam as situações históricas. Ao procurar por leis gerais que regiam o desenvolvimento da humanidade ou pelo fenomênico, o autor se aproximava claramente de uma perspectiva científica que rompia com a religião e com qualquer explicação sobrenatural para os fatos sociais e naturais, e que defendia uma “cosmologia mecanicista” (MURARI, 2009, p. 65).

A ideia de “criação” do autor talvez estivesse muito mais ligada ao sentido de “criação natural” adotado por Ernst Haeckel em *História da Creação Natural*, do que propriamente a um dogmatismo religioso:

Para se comprehender o que affirmo, é preciso examinar attentamente o que seja a ideia de criação. Se pela palavra criação se entende a produção de um corpo por uma força creadora, pôde-se por isso pensar na origem da materia do corpo ou na origem da sua fôrma. Considerada debaixo do primeiro ponto e vista, nada nos importa a creção. [...]. Se alguém tiver necessidade de figurar a origem da materia como resultado de uma atividade creadora sobrenatural, nada temos com essa concepção. [...].

Se a historia natural encara a <<historia da criação natural>> como o seu mais alto objectivo, o principal, o precioso, é coagida a conceber a criação no segundo sentido indicado, isto é no sentido da origem da fôrma dos corpos.[...]. Por isso, como a ideia de criação, tomada no sentido indicado, implica a noção de um creador distinto da materia modelando-a á sua vontade, seria melhor de futuro substituir a palavra <<creação>> pelo vocabulo mais preciso <<evolução>>.”¹⁶⁶

De todo modo, se Catunda não conseguiu romper totalmente com uma concepção teológica, ele demonstrou esse esforço ao valorizar os estudos científicos, até inserir em seu livro as temáticas em voga no debate científico da

¹⁶⁵ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.5-19.

¹⁶⁶ HAECKEL, Ernst. **História da Creação Natural**. Porto: Imprensa Moderna, 1912. p.6-7-8.

época. Como um leitor de Hegel, Catunda tornou-se bem mais receptivo as ideias evolucionistas desenvolvidas por Charles Darwin e Herbert Spencer.¹⁶⁷

¹⁶⁷ O positivismo de Comte e Hegel inspirariam fortemente as ideias de cunho evolucionista desenvolvidas ao longo do século XIX, como por Charles Darwin e Herbert Spencer.

3 A RECEPÇÃO DOS DEBATES CIENTÍFICOS.

Na discussão que se segue, dedico a minha análise as principais questões abordadas por Joaquim Catunda, questões estas que eram o cerne do debate científico na segunda metade do século XIX: a relação entre ciência e religião, e a origem do homem.

Problematizamos as concepções científicas de Joaquim de Oliveira Catunda relacionando-as com o debate vigente naquele momento, mapeando e discutindo suas matrizes teóricas, com o objetivo de compreender a recepção de ideias científicas, especificamente o evolucionismo.

3.1 O debate entre ciência e religião

Der Offenbarungsglaube verbidht nicht nur den moralischen Sinn und Geschmack, die Aesthetik der Tugend; er vergift, já tódt auch den gotlichen Sinn in Menschen, den Wahrheitssinn, das Wahrheitsgefúhl¹⁶⁸ (FEUERBACH *apud* CATUNDA, 1919, p.05).

Como vimos no capítulo anterior, Catunda cresceu numa família bastante tradicional da província do Ceará, e recebeu uma educação arraigada de valores religiosos. Seu avô e seu tio, Tomás de Aquino Sousa e Thomaz Pompeu de Souza Brasil, estudaram numa das principais instituições de formação da elite imperial, o Seminário de Olinda. Thomaz Pompeu acabou se tornando um dos mais importantes clérigos do período, destacando-se tanto no meio intelectual como político. Naquele período, seguir uma carreira clerical era um importante caminho para o letramento e para conseguir legitimidade política e intelectual, visto que o clero fazia parte do Estado.

Entretanto, vimos que apesar da forte tradição clerical de sua família, Catunda buscou adquirir sua formação na carreira militar. Após concluir seus estudos no Liceu do Ceará, Catunda ingressou no Exército e posteriormente na Escola Militar do Rio de Janeiro. O período em que esteve na Escola Militar, de 1857 a 1860, foi bastante profícuo para sua formação intelectual. O curso de agrimensura,

¹⁶⁸ Em uma tradução livre: “A revelação da fé estraga não apenas o senso e o gosto moral, a virtude da estética; ele envenena, mata também o senso divino na humanidade, o sentido de verdade, o sentimento de verdade”.

a participação na Sociedade Philomática e a constituição de importantes redes de sociabilidade proporcionaram-lhe uma formação mais técnica e uma aproximação com um universo de leituras voltado para o “conhecimento natural” e para “ciência física”. A formação científica se tornaria cada vez mais comum no Brasil a partir da década de 60, com a chegada de um variado conjunto de leituras e ideias. No entanto, a influência da religião católica causava grande resistência a essa nova realidade. Daí os embates entre alguns grupos de intelectuais e os setores católicos.

Ao retornar ao Ceará, Catunda buscou inserção nas esferas política e intelectual, e foram justamente nesses espaços que seu discurso político e científico repercutiu, tendo como uma de suas principais características o anticlericalismo. Podemos destacar como exemplo disso a publicação da *Biografia do Rev. Padre Correia - Vigário do Ipu*, em 1871, texto em que o autor expressou uma clara postura anticlerical, lançado críticas de cunho político e moral ao modo de vida do padre. A vertente anticlerical de Catunda se expressava através de ideias e práticas. Um bom exemplo disso foi sua decisão de proibir o ensino religioso nas escolas públicas enquanto Diretor da Instrução Pública do Ceará, em 1890, após a implantação do regime republicano e a separação, ao menos constitucional, da Igreja do Estado¹⁶⁹.

O caráter anticlerical de Joaquim Catunda, combinado às leituras filosóficas e naturalistas, se refletiu em sua concepção de ciência, que aparece no livro *Estudos de História do Ceará*, de 1886, e nos artigos *Origens Americanas* e *As evoluções do clima*, de 1887 e 1888. Catunda, como um erudito bastante atualizado com o debate científico do século XIX, propôs discutir em seus escritos as principais questões que norteavam aquele debate, como a origem da espécie humana, especificamente do homem americano, como também a relação entre ciência e religião.

Para compreendermos o interesse de Catunda nessas questões observamos a constituição e a trajetória desse debate nos principais centros de discussão. A origem da vida e da espécie humana eram as questões que mais suscitavam debates entre a ciência laica e a teologia natural. Assim, Catunda revela sua compreensão do desenvolvimento do pensamento científico no século XIX:

¹⁶⁹ *Libertador*, Fortaleza/CE, Ano X, Nº 17, 22 de janeiro de 1890. p.3.

Mas, á medida que se foram enriquecendo as sciencias e se revelando á razão as leis que regem a natureza phenomenica [**operado de acordo com leis naturais**], se foi também apagando a fé nas regiões superiores do pensamento, e a kosmogonia mosaica, pelo menos em seus elementos sobrenaturaes, baixou á ordem dos factos contingentes, das crenças poeticas e místicas, porém pereciveis, de uma raça por cuja consciencia passou o sentimento do divino. [...]. Incumbia, pois á sciencia a solução d'aquelles problemas.¹⁷⁰

Podemos perceber que a concepção de ciência construída por ele apresentava uma clara perspectiva laica, principalmente ao afirmar que determinados assuntos, como a origem do homem, caberiam à ciência investigar e não a teologia¹⁷¹.

Como mencionamos no capítulo anterior, suas posturas lhe renderam até a alcunha de ateu na imprensa da época. Não sabemos ao certo se Catunda era ateu, mas de certo podemos afirmar que sua concepção de ciência foi construída em antítese ao conhecimento teológico.

Se por um lado seu pensamento foi influenciado pelo racionalismo da filosofia alemã, por autores como Feuerbach e Nordelke, que defendiam a separação entre razão e fé, por outro seu conhecimento acerca do debate evolucionista também foi fundamental para a estruturação de um conhecimento científico que defendia a separação entre ciência e religião. Nesse sentido, podemos afirmar que ao passo que Catunda buscou se constituir como um letrado, como um “homem da ciência”, buscou se distanciar da tradição clerical de sua família, procurando construir uma escrita crítica em relação à intervenção clerical e religiosa no campo científico.

Ter um posicionamento com esse caráter na província do Ceará nas décadas de 1870 e 1880 de certo não era unanimidade, visto que o catolicismo exercia grande influência religiosa e política naquele período. Entretanto, os movimentos intelectuais, sobretudo literários, de cunho cientificista que emergiram naquele momento, tornaram-se importante frente de oposição à autoridade dogmática da Igreja Católica.

¹⁷⁰ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.4-5.

¹⁷¹ *Idem Ibidem*. p.5-6.

A conjuntura brasileira que se inicia na década dos anos 60, no século XIX, é fortemente marcada pelo conflito entre duas posturas: a cientificista, que apoiava o processo de modernização no país, e tradicionalista-católica, que se erguia contra a emergência envolvente das novas ideias, notadamente o evolucionismo e o positivismo, acompanhando as mudanças importantes da economia, da sociedade, procriando um novo perfil urbano tornando-as predispostas ao cultivo de valores cosmopolitas, a aceitação de instituições arejadas pelo espírito secularizante. (MONTENEGRO, 1992, p. 61).

Os grupos e movimentos intelectuais mais expressivos em Fortaleza foram: a Fênix Estudantal (1870); a Academia Francesa (1871); a Escola Popular (1874); o Gabinete Cearense de Leitura (1875); o Club Literário (1886), entre outros. Dentre esses, a Academia Francesa e a Escola Popular¹⁷² foram as iniciativas mais combativas com relação às questões que envolviam a Igreja¹⁷³. A esse respeito, Almir Leal de Oliveira esclarece:

As conferências da Escola Popular privilegiavam questões que possibilitassem uma visão cientificista dos temas da história, religião e da vida cotidiana. Procuravam estabelecer uma crítica das tradições tidas como naturais e insistiam na comprovação dos fatos. A crítica que daí partia colocava em teste a percepção de tudo o que não pudesse ser comprovado pelo método empírico cientificista. Assim, voltavam suas principais críticas às relações Estado-Igreja, que então ainda eram restritas ao padroado. (OLIVEIRA, 1998, p. 53).

Além dos movimentos cientificistas que defendiam uma maior objetividade científica e representavam as vozes dissonantes naquele período, também havia diversos intelectuais, como o romancista e jornalista José de Alencar (1829-1877), que tinham um pensamento fortemente marcado por uma perspectiva do conhecimento basicamente teológica, em que a *Bíblia* era vista como uma fonte infalível e que pregava a ideia de um Deus que explicava todos os fenômenos da natureza.

¹⁷² Fizeram parte da Academia Francesa e da Escola Popular: Capistrano de Abreu, Thomás Pompeu Filho, Tristão de Alencar Araripe Júnior, Antônio Felino Barroso, João Lopes Ferreira Júnior, Antônio José de Melo, Domingos Olímpio, Raimundo da Rocha Lima, Nicolau França Leite e Xilderico de Faria. OLIVEIRA, Almir Leal de. **Saber e Poder – O Pensamento Social Cearense no Final do Século XIX**. São Paulo: Dissertação de Mestrado PUC – SP, 1998. p.39-40.

¹⁷³ “[...], a Academia Francesa combateu veemente os setores mais tradicionais da sociedade cearense como a Igreja Católica, acusando a pedagogia da Companhia de Jesus de ‘absorver a vitalidade dos povos na condenação eterna ao julgo romano’. Nas páginas do órgão maçônico *Fraternidade*, esses jovens pensadores defenderam apaixonadamente, entre 1873 e 1875, os estandartes da sociedade industrial-civilizatória como progresso, tecnologia e ciência, acreditando ser a influência da Igreja nos modos de pensar e viver dos cidadãos, causa do atraso material e moral daquela sociedade.” CARDOSO, Gleudson Passos. **Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso**. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002. p.17.

Em 1877, atendendo ao pedido da revista *O Vulgarizador*¹⁷⁴, Alencar escreveu um artigo intitulado *O homem pré-histórico da América*¹⁷⁵. O artigo tratava da origem e da antiguidade da espécie humana, em especial do homem americano, temas similares aos debatidos por Joaquim Catunda entre os anos de 1886 e 1888. Alencar discutiu essas questões a partir de uma perspectiva de conciliação entre fé e razão. Nesse sentido, os escritos de Alencar nos ajudam a pensar as particularidades do debate entre ciência e religião e mapear a polifonia que envolvia a discussão. Por isso a importância de se analisar as conexões entre as obras dos dois autores.

José de Alencar, desde seus primeiros trabalhos, sinalizava sua preocupação com “as origens”, como quando publicou o romance *Iracema*, em 1865. Se em *Iracema* Alencar utilizava como instrumento a escrita literária para construir o mito fundante do Ceará - narrando a história do encontro entre o elemento civilizador e o indígena materializado na figura de Moacir, o “primeiro cearense” filho de Iracema e Martin -, em *O homem pré-histórico da América* e nos manuscritos *Antiguidade da América* e *A raça primogênita* ele procurou descortinar a questão da origem do homem americano numa perspectiva mais científica e filosófica. No entanto, o que nos chama atenção na escrita de Alencar é o desenvolvimento de um pensamento e de argumentos muito atrelados às explicações teológicas, ao dogmatismo judaico-cristão e ao sobrenaturalismo. Essa vertente fica bem clara em *Antiguidade da América*, em que ele discutiu o povoamento do continente americano. Com relação à antiguidade do homem, Alencar afirmou que:

Por um como o pressentimento do passado, semelhante à profecia de Vieira, penso que o Brasil é o berço da humanidade; e que o Adão da Bíblia, o homem vermelho, feito de argila, foi tronco dessa raça americana, que supõe degeneração das outras, quando ao contrário é a sua estirpe comum.¹⁷⁶

A partir da tradição bíblica, o autor traz em seu discurso elementos do Gênesis judaico-cristão, como as ideias de paraíso (Éden), de Adão como o primeiro

¹⁷⁴ Revista idealizada em 1877 por Augusto Emílio Zaluar, autor do livro *O Doutor Benignus* (1875). Sobre *O Doutor Benignus*, ver: WAIZBORT, Ricardo. **O Doutor Benignus: a origem do homem na concepção de natureza de Augusto Emílio Zaluar**. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 60-76, jan | jun 2012.

¹⁷⁵ ALENCAR, José. **O homem pré-histórico da América**. In: ALENCAR, José de. **Antiguidade da América e A raça primogênita**; edição, apresentação e notas de Marcelo Peloggio. – Fortaleza: Edições UFC, 2010.

¹⁷⁶ *Idem Ibidem*. p.79.

homem criado por Deus, além do mito diluviano como elemento explicativo para o povoamento da América, entre outros. Alencar defendia a hipótese de que a raça americana foi a primeira a povoar o mundo, sustentando esta ideia a partir da relação das características físicas da raça americana e a tradição bíblica. Ele faz uma analogia entre a etimologia do nome do primeiro homem, Adão, palavra que significaria “vermelho” - devido à cor de sua matéria-prima, o barro - e a cor da “raça americana”.

Ao longo de seus escritos, Alencar faz referências esparsas a diversos estudiosos que se dedicaram a questão da antiguidade da espécie humana, como Peter Lund, Quatrefages, John Lubbock, Geoffroy Saint-Hilaire, Ernst Haeckel, Charles Darwin. No entanto, a principal fonte e referência usada por ele, na qual fundamentou suas ideias, foi à *Bíblia*. Ele afirma que “O destino do homem, ou a concepção da mente divina criando-o – a questão é já muito longamente discutida. Não obstante, convém tratá-la em face da *Bíblia*”¹⁷⁷. Podemos observar que na concepção do autor, a ciência estaria subordinada aos dogmas bíblicos. A *Bíblia* acabou tendo para Alencar uma grande importância documental, tanto que ele conferiu a ela autoridade e foro científico.

Em *O homem pré-histórico da América*, Alencar chegou a admitir sua apreciação com relação a vertente científica a qual ele denominou de “ciência moderna”¹⁷⁸ e reconheceu sua importância; porém, esclareceu que não se “converteu” a ela, argumentado que: “Reconhecendo e aplaudindo os altivos consentimentos da ciência moderna, todavia não sacrifico ao ídolo de ontem todas as conquistas de uma civilização milenária.”¹⁷⁹ Ao tecer suas críticas à “ciência moderna”, o autor completa:

A ciência positiva tem prestado grandes serviços aos pensadores, fornecendo-lhes fatos e observações importantes; mas este precioso cabedal só poderá ser aproveitado quando os sábios se desprenderem do materialismo que os invadiu, e desistirem da pretensão de governar o mundo moral pelo microscópio.¹⁸⁰

¹⁷⁷ ALENCAR, José. **Antiguidade da América**. In: ALENCAR, José de. **Antiguidade da América e A raça primogênita**; edição, apresentação e notas de Marcelo Peloggio. – Fortaleza: Edições UFC, 2010. p.52.

¹⁷⁸ “Materialista”, “ciências naturais”.

¹⁷⁹ ALENCAR, José. **O homem pré-histórico da América**. In: ALENCAR, José de. **Antiguidade da América e A raça primogênita**; edição, apresentação e notas de Marcelo Peloggio. – Fortaleza: Edições UFC, 2010. p.72.

¹⁸⁰ *Idem Ibidem*. p.80.

Em *A raça primogênita*, podemos perceber que Alencar consegue se desvencilhar mais dos dogmas religiosos e da utilização da *Bíblia* como referência em suas argumentações. Ele demonstra estar situado do debate antropológico da época, expressando ser minimamente conhecedor das categorias da área antropológica, principalmente quando ele procurou definir e problematizar a noção de “raça” e as diferenças existentes entre elas a partir de uma perspectiva etnológica. Apesar de apresentar tal arcabouço, Alencar assegura de antemão que sua análise não tem pretensões científicas:

Qual das quatro raças, ou qual das quatro cores, foi a primeira que tomou a espécie humana no seu aparecimento?
É esta a questão que eu tomo para tema de algumas considerações que não têm pretensão à ciência, e se reduzem a simples cogitações de um espírito perplexo e desejoso de ser convencido.¹⁸¹

Ao discutir as diferenças entre as raças humanas, é interessante observar a menção feita à teoria de Charles Darwin, quando Alencar afirma:

Eu não sou sectário da doutrina de Darwin; embora reconheça a verdade das duas leis da seleção e da evolução, aparto-me da doutrina de Darwin em não considerar essas leis como absolutas, mas subordinadas ao princípio da criação. A gênese misteriosa, inescrutável, sobrenatural, é mais racional do que a criação espontânea fantasiada pela escola alemã.¹⁸²

Analisando este trecho, podemos observar que Alencar volta suas críticas à teoria da evolução por seleção natural de Darwin, justamente, por se tratar de um processo regido por leis naturais, ou seja, Darwin havia postulado uma explicação mecânica para as transformações do mundo, rompendo com o preceito de uma interferência divina. Por isso que Alencar criticava a “ciência moderna” e “a doutrina de Darwin”: por que elas buscavam romper com a subordinação da ciência à criação divina.

É justamente contra essa perspectiva defendida por intelectuais como José Alencar que Joaquim Catunda se posicionava. Inspirado nas leituras científicas, nos estudos de geólogos e paleontólogos europeus, nas pesquisas de Darwin e Haeckel, que Catunda discutiu a relação entre religião e ciência. Ao tratar

¹⁸¹ ALENCAR, José de. **A raça primogênita**. In: ALENCAR, José de. **Antiguidade da América e A raça primogênita**; edição, apresentação e notas de Marcelo Peloggio. – Fortaleza: Edições UFC, 2010. p.64.

¹⁸² *Idem Ibidem*. p.65.

do sentido de “criação” e “evolução”, sua perspectiva estava mais voltada para um “deísmo naturalista”¹⁸³ que se distinguia da ideia criacionista cristã de Alencar.

Esse debate a teologia natural e a razão científica materialista das ciências naturais atravessou todo século XIX na Europa, atingindo seu ápice com a publicação de *On the Origin of the species*, em 1859. Foram justamente críticas similares as de Alencar que Darwin enfrentou ao apresentar a teoria da evolução. Sem dúvida, os evolucionistas tiveram um papel preponderante na defesa de uma ciência independente da religião. De acordo com Ernst Mayr (2005, p.100), a ideia mais revolucionária na proposta de Darwin foi o rompimento com a visão teológica, que buscava interpretar os fenômenos da natureza a partir de explicações divinas e argumentos religiosos, estabelecendo uma ciência secular.

Uma aceitação literal de cada palavra na Bíblia era a visão padronizada de todo cristão ortodoxo no começo do século XIX. Tudo neste mundo, tal como o vemos, havia sido criado por Deus. A teologia natural acrescentava a convicção de que no momento da criação Deus também havia instituído um conjunto de leis que continuariam mantendo a perfeita adaptação de um mundo bem projetado. Darwin desafiou os três componentes principais dessa crença. Afirmou, primeiro, que o mundo estava evoluindo e não permanecendo constante; segundo, que novas espécies não eram especialmente criadas, mas derivadas de ancestrais comuns; e, terceiro, que a adaptação de cada espécie é regida de modo contínuo pelo processo natural. Nas teorias de Darwin, não há necessidade de interferência divina ou de ação de forças sobrenaturais em todo o processo de evolução do mundo vivo, nem em particular no processo de seleção natural. A proposta revolucionária de Darwin foi, assim, substituir o mundo controlado divinamente por um mundo secular, operado de acordo com leis naturais (MAYR, 2005, p. 101).

Para pesquisadores como Charles Darwin e Thomas Huxley, o conhecimento científico não deveria sofrer interferência da autoridade religiosa (MARTINS *in* HUXLEY, 2009, p. 15). O naturalista Thomas Henry Huxley (1825-1895) foi sem dúvida um dos principais animadores desse debate na Inglaterra, realizando conferências e publicando textos sobre o tema. O livro *Essays upon some controverted questions* [Ensaio sobre algumas questões controversas], publicado em 1892, reúne uma série de ensaios onde Huxley discutiu a questão científica em oposição à religião, dentre os quais podemos citar: *The Interpreters of Genesis and the Interpreters of Nature* [Os intérpretes do Gênesis e os intérpretes da Natureza], de 1885; *Mr. Gladstone and Genesis* [Mr. Gladstone e o Gênesis], de 1886; *The*

¹⁸³ Catunda rejeitava a teologia e explicações religiosas para os fenômenos naturais, no entanto, isso não quer dizer que ele necessariamente negava a existência de uma força criadora da vida.

Evolution of Theology: An Anthropological Study [A evolução da teologia: um estudo antropológico], de 1886; *Agnosticism* [Agnosticismo], de 1889; *The Value of Witness to the Miraculous* [O valor do testemunho do milagre], de 1889; *Agnosticism: A Rejoinder* [Agnosticismo: a réplica], de 1889; *Agnosticism and Christianity* [Agnosticismo e cristianismo], de 1889; *The Lights of the Church and the Light of Science* [As luzes da Igreja e a luz da ciência], de 1890.

O número de artigos publicados por Huxley com essa temática ao longo da década de 1880 é um exemplo de como a questão não estava esgotada e que Catunda estava em completa sintonia com o debate. Para a análise dessa polêmica, além dos trabalhos de Catunda e de Alencar, nos reportamos aos textos de Thomas Huxley¹⁸⁴, visto sua importância na discussão da época, dentre os quais podemos citar: *Sobre a conveniência de se aperfeiçoar o conhecimento natural* (1866), *O natural e o sobrenatural* (1892) e *Ciência e cultura* (1880).

Os pontos de vista de Catunda e Huxley com relação ao avanço desses estudos científicos estavam em consonância. Catunda ao sustentar que “[...], á medida que se foram enriquecendo as sciencias e se revelando á razão as leis que regem a natureza phenomenica, se foi também apagando a fé nas regiões superiores do pensamento [...]”¹⁸⁵, demonstrava uma opinião bastante similar a de estudiosos como Thomas Huxley, no que se refere ao modo de compreender o desenvolvimento do pensamento humano. Vejamos o que Huxley afirmava:

Com efeito, historicamente, parece estabelecida uma relação inversa entre o conhecimento sobrenatural e o natural. Enquanto o último tem-se expandido, avançado em precisão e confiabilidade, o primeiro tem minguado, cada vez mais vago e discutível; ao passo que o último tem sido mais e mais incorporado à esfera da ação, o primeiro recolheu-se à esfera da meditação ou desapareceu sob o véu do mero reconhecimento verbal¹⁸⁶.

Assim como Huxley, Catunda compreendia que o conhecimento humano estava em constante evolução, e que a passagem de um estágio teológico do pensamento para um racionalista cientificista seria o resultado de uma superação

¹⁸⁴ Publicados em: HUXLEY, Thomas Henry. **Escritos sobre ciência e religião**; tradução Jézio Gutierrez. São Paulo: Editora UNESP, 2009. (Pequenos frascos).

¹⁸⁵ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.4-5.

¹⁸⁶ HUXLEY, Thomas Henry. **O natural e o sobrenatural**. In: HUXLEY, Thomas Henry. **Escritos sobre ciência e religião**; tradução Jézio Gutierrez. São Paulo: Editora UNESP, 2009. (Pequenos frascos). p.63-64.

dos estágios do desenvolvimento do conhecimento humano, um aperfeiçoamento, um progresso.

Se essa diferença entre as fortunas do naturalismo e do sobrenaturalismo é uma indicação de progresso ou decadência da humanidade, de uma queda ou de um avanço em direção a uma vida superior, é algo controverso. O ponto para o qual gostaria de chamar atenção é que a diferença existe e é relevante. As pessoas estão ficando intensamente conscientes do fato de que a evolução histórica da humanidade – geralmente e, creio eu, não injustificadamente caracterizada como progresso – foi e está sendo acompanhada pela correlatada eliminação do sobrenatural de seu lugar originalmente amplo na mente dos homens. A pergunta “até onde vai esse processo?” é, em minha opinião, a “questão controversa” de nosso tempo.¹⁸⁷

Apesar desta visão etapista – Huxley ainda torna a questão mais complexa ao afirmar a controvérsia –, não podemos deixar de pensar a contribuição dos estudiosos cientificistas, sobretudo dos evolucionistas, na ampliação do debate. Huxley nos ajuda a compreender contra qual perspectiva os evolucionistas estavam se posicionando:

Minha memória infelizmente transporta-me a quarta década do século XIX, quando o dilúvio evangélico atenuou-se ligeiramente e os topos de certas montanhas estavam prestes a ressurgir, especialmente nos arredores de Oxford; embora fosse também um tempo em que a bibliolatria grassava; em que tanto a igreja quanto a capela proclamavam como oráculos de Deus as grosseiras crenças nos menos informados e, em sequência natural, as mais presunçosamente intolerantes de todas as escolas teológicas.¹⁸⁸

Nesse trecho, Huxley reporta-se a conjuntura da Inglaterra na década de 1840. De acordo com o naturalista inglês, naquele momento as principais instituições do saber, inclusive as universidades como Oxford e Cambridge, estavam sob o julgo do protestantismo. Os conhecedores da ciência eram geralmente clérigos ou homens religiosos e o corpo docente dessas instituições era formado em sua maioria por reverendos. “Em Cambridge, as ciências eram vistas como um complemento do cristianismo” (DESMOND, 2009, p. 85). Foi em meio a essa ambiência que Huxley e Darwin desenvolveram seus posicionamentos. De acordo com Huxley foi durante as “pregações” que ele tomou conhecimento

¹⁸⁷ *Idem Ibidem*. p.64.

¹⁸⁸ *Idem Ibidem*. p.82.

[...] da existência de pessoas que guiavam pela razão; que audaciosamente duvidavam de que o mundo tivesse sido criado em seis dias naturais ou que o dilúvio tivesse sido universal; talvez chegassem até mesmo a questionar a precisão literal da história da tentação de Eva ou da jumenta de Balaão.¹⁸⁹

Algumas temáticas ganhariam destaque no debate europeu e teriam ressonância no Brasil. A contestação do dogma da infalibilidade da *Bíblia* foi uma das questões amplamente discutidas pelos intelectuais. Como pudemos observar nos escritos de Alencar, na década de 1870 ainda era bastante comum a interpretação literal da *Bíblia*. Na Europa oitocentista havia ampla disseminação e aceitação das ideias contidas no Gênesis, de um Deus criador de todas as coisas, inclusive do homem, e de Adão como pai da humanidade pelas comunidades científicas.

O estudo dos fósseis, em especial o realizado por Georges Cuvier¹⁹⁰ (1769-1832), foi fundamental para constituição de uma perspectiva que questionasse a visão criacionista de que o mundo teria sido criado em seis dias por uma entidade sobrenatural, sendo toda a vida orgânica originada praticamente ao mesmo tempo, e o homem sendo criado no sexto dia. Nesse sentido, Cuvier estruturou a noção de um “tempo profundo”, ou seja, a ideia de que o surgimento do planeta e da vida ocorreu num tempo bem mais extenso do que o estimado pelo gênesis bíblico (FARIA, 2012, p. 20).

Posteriormente, não demoraram a surgir novos estudos de história natural, como de geologia de Charles Lyell, para demonstrar que as transformações na superfície do planeta aconteceram de forma lenta e gradual, contestando a ideia de que as mudanças geológicas ocorridas na história do globo terrestre, como também a extinção de determinadas espécies, teriam sido causadas por eventos cataclísmicos, como o dilúvio bíblico. O próprio Cuvier defendia o catastrofismo. Quer dizer, ao notar que muitas espécies fossilizadas não mais existiam isso o levou a crer que o desaparecimento dessas espécies se devia a uma catástrofe mundial.

¹⁸⁹ *Idem Ibidem*. p.83.

¹⁹⁰ “De fato, Cuvier foi o primeiro a interpretar com sucesso os registros fósseis como registros de vida passada. Sua percepção de que, de alguma forma, o ser morto poderia passar por uma série de transformações químicas até se transformar em um mineral, levou-o a pensar em tempos muito mais longos do que os poucos mais de seis mil anos preditos pelos cálculos realizados a partir da Escritura.” BARROS, Henrique Lins. Prefácio. In: DOMINGUES, Heloisa Bertol (Org.). **A recepção do darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003, p.10.

Muitos estudiosos procuraram conciliar o conhecimento científico com o pensamento teológico e os dogmas religiosos, tornando o debate cada vez mais complexo. O paleontólogo e geólogo Louis Agassiz (1807 - 1873) foi um representante dessa vertente. De modo geral, Agassiz defendia a ideia de um “Deus criador” que conduzia a natureza, inclusive a origem e o desenvolvimento das espécies.¹⁹¹ Os pensadores que defendiam a origem sobrenatural da vida e infalibilidade da autoridade bíblica passaram a assimilar as descobertas científicas a suas interpretações. Esta passagem do manuscrito *Antiguidade da América* evidencia essa postura:

A última e mais sublime criação de Deus foi a do homem feito à sua imagem.

A história dessa gênese, conservada no primeiro livro de Moisés, é descrita na linguagem figurada e simbólica dos tempos heroicos. Torna-se essencial para a sua inteligência extrair do seio das imagens a verdadeira ideia histórica. Assim não se mantém a tradição bíblica somente na fé do crente, mas conforma-se e apoia-se com a convicção robusta e os princípios da ciência.¹⁹²

Alencar compreendia a *Bíblia* de forma literal. Ele mesmo afirmou ao falar do *Éden*: “Não há aqui alegoria, [...]; nem mesmo linguagem figurada; porém a expressão nua e positiva da ideia.”¹⁹³ No entanto, é possível perceber que Alencar procurava trazer elementos científicos em suas argumentações, como por exemplo, ao dizer que admitia que os seres vivos estavam em constante transformação a partir da perspectiva de Darwin, ainda assim para ele este processo evolutivo estaria subordinado a leis divinas. Tanto que ao longo de seu texto Alencar procurou enfatizar a figura de um deus criador, revelador e interventor: “A intervenção divina é infalível.”¹⁹⁴ Esta era a interpretação diluvianista de Alencar.

A interpretação do Gênesis era talvez o ponto mais polêmico do debate, em que os evolucionistas mais enfatizaram suas críticas. Huxley assim chegou a afirmar:

¹⁹¹ ROBERTS, Jon. **Louis Agassiz: poligenismo, transmutação e a metodologia científica. Uma reavaliação.** In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol *et al.* (Org.). **Darwinismo, meio ambiente, sociedade.** São Paulo: Via Lettera; Rio de Janeiro: MAST, 2009.

¹⁹² ALENCAR, José de. **Antiguidade da América.** In: ALENCAR, José de. **Antiguidade da América e A raça primogênita;** edição, apresentação e notas de Marcelo Peloggio. – Fortaleza: Edições UFC, 2010. p.47.

¹⁹³ *Idem Ibidem.* p.48.

¹⁹⁴ *Idem Ibidem.* p.39.

O primeiro capítulo do Gênesis prega a criação sobrenatural das presentes formas de vida; a ciência moderna ensina-nos que elas surgiram pela evolução. O primeiro capítulo do Gênesis prega a origem sucessiva – primeiro, de todas as plantas; depois de todos os animais aquáticos e aéreos; e, finalmente, de todos os animais terrestres hoje existentes –, durante períodos de tempos distintos; a ciência moderna prega que, ao longo de toda a duração de um imensamente longo passado, até o ponto em que possuímos qualquer conhecimento adequado disso (ou seja, a partir da Era Siluriana), plantas e animais aquáticos, aéreos e terrestres, coexistiram; que os espécimes mais antigos conhecidos são diferentes daqueles hoje existentes; e que as espécies modernas surgiram como último elemento de uma série cujos os membros surgiram um após o outro. Destarte, longe de confirmar o relato do Gênesis, os resultados da ciência moderna em seu estado atual, tanto em princípio quanto em detalhe, irremissivelmente contraditam-no.¹⁹⁵

Huxley escreveu diversos ensaios em que tinha como objetivo desconstruir as narrativas bíblicas da criação e do dilúvio, e assim romper com a noção de infalibilidade das Escrituras. De acordo com ele, havia uma forte contradição entre as narrativas bíblicas e o conhecimento proveniente dos estudos naturalistas, principalmente, com relação “a origem da vida” e “palingênese da vida terrestre”. E, devido a essas dissonâncias, como adepto e defensor da ciência laica, contestava a autoridade creditada à *Bíblia* com relação a essas questões.

A transição de uma ciência que recorria ao sobrenaturalismo para um naturalismo cientificista foi lenta. Vimos que nas décadas de 1870 e 1880 a questão não estava resolvida, principalmente no que concerne ao debate da antiguidade do homem. As reflexões em torno da origem do ser humano foi um dos principais pontos de indagação científica.

3.2 Reflexões sobre a origem do homem e a diversidade humana

“(…). Qual a origem do homem? Quando e onde primeiro apareceu sobre a terra? (…).” (CATUNDA, 1919, p. 4).

Uma das questões que nortearam os trabalhos de Joaquim Catunda foi sua proposta de uma reflexão científica em torno da origem do homem, mais precisamente da origem do “homem americano”. Na introdução de *Estudos de História do Ceará* o autor afirmou que um dos principais questionamentos que há

¹⁹⁵ HUXLEY, Thomas Henry. O natural e o sobrenatural. In: HUXLEY, Thomas Henry. **Escritos sobre ciência e religião**; tradução Jézio Gutierre. São Paulo: Editora UNESP, 2009. (Pequenos frascos). p.101-102.

muito tempo orientava o pensamento humano era: “qual a origem do homem?”. Certamente, Catunda estava sendo coerente ao afirmar a antiguidade desta questão; todavia, no século XIX, tal problemática ganhou contornos peculiares.

Catunda tratava de uma questão que estava em discussão nos principais círculos intelectuais da Europa, dos Estados Unidos e do Brasil. Nessas comunidades científicas, especificamente na área antropológica, surgiram diversas hipóteses e teorias acerca da origem da humanidade. A problemática da antiguidade do homem estava no cerne do debate evolucionista da época, que emergiu em meados do século XIX, visto que a teoria da evolução de Charles Darwin havia incluído o homem no processo evolutivo era imprescindível desvendar suas origens (HOBBSAWN, 1988, p. 268). Propomos problematizar como este debate foi pensado no momento das reflexões levantadas por Joaquim Catunda, ao passo que fazemos uma interlocução com estudiosos que buscaram construir uma interpretação do assunto, alguns desses referenciados pelo próprio Catunda em seus estudos.

O interesse do autor em discutir os primórdios da espécie humana, sobretudo do “tipo americano”¹⁹⁶ em seus dois principais trabalhos - *Estudos de História do Ceará*, de 1886, e no artigo *Origens Americanas. Imigrações Prehistoricas*, de 1887 -, possivelmente decorreu do anseio de Catunda de obter explicações a respeito da sociedade que compunha o Ceará na época de suas reflexões. Ora, o que era exatamente a população da província do Ceará? Porque apresentava determinadas características? Poderia ser considerada uma população mestiça? Qual era a ascendência daquele povo? Possivelmente, eram estes os questionamentos levantados por intelectuais como Joaquim Catunda. Tais questões eram importantes para a compreensão das “potencialidades” daquele “cearense” para os possíveis destinos daquela província diante da civilização e do progresso. Ao finalizar o primeiro capítulo¹⁹⁷ de *Estudos de História do Ceará*, onde esclareceu ao seu leitor à composição física¹⁹⁸ da província, Catunda lançou o seguinte questionamento:

¹⁹⁶ Segundo Catunda, o povo cearense não teria “grandes feitos” em sua história, mas o interesse da ciência em investiga-lo residiria na ideia da existência de um “tipo sul americano.” In: CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.8.

¹⁹⁷ *Relevo e aspecto do solo. Clima. Produções*

¹⁹⁸ Catunda utilizou - se, por vezes, do termo mesológica atribuindo-o aos aspectos físicos.

E o homem? Que idéas produzirá o espirito afeito á contemplação d'essa natureza em esboço? Na lucta pela vida, a que é aqui mais do que algures condemnado o homem, curvará o mestiço americano ante a inexorabilidade das leis kosmicas, ou, fecundando pelo trabalho intelligente os areaes adustos, o sólo escabroso do Ceará, conquistará á patria logar proeminente entre as provincias mais favorecidas do Imperio?¹⁹⁹

Nesse trecho, Catunda estava questionando se o homem que habitava o Ceará em fins do século XIX, o qual ele classificou como “mestiço americano”, possuiria potencial para superar a natureza daquela província, segundo ele, tão castigada e “ainda em esboço”, que não havia atingido o ápice na escala evolutiva. Então, como o homem poderia superá-la? Como conduzir a província para o progresso? Podemos perceber que ao mesmo tempo em que o autor possui uma filiação determinista, quer dizer, a defesa de que o meio influenciaria ou determinaria o homem, afirmando que diante da seleção natural e da “luta pela vida” este estaria condenado devido aos aspectos naturais, ele também lançou uma possível superação desse homem diante da força determinante da natureza devido sua filiação ao um “tipo americano”. Por isso, no segundo capítulo de seu livro ele procurou dissertar sobre os “habitantes primitivos” e sua origem, em busca desta possível potencialidade do “povo cearense” no “tipo americano”.

O homem, sua origem e seu desenvolvimento tornaram-se foco da investigação de Joaquim Catunda. Entretanto, para uma melhor compreensão de como Catunda tratou essas questões, devemos lembrar que havia um intenso debate sendo gestado em relação às discussões trazidas por ele. Compreendemos que essa discussão estava além unicamente da busca de uma “identidade regional” ou da “construção de nacionalidades”. A problemática da origem do homem era algo tão pertinente para os principais estudiosos e as comunidades científicas, que foram lançados importantes trabalhos a esse respeito ao longo do século XIX, como por exemplo: *The Descent of Man, and selection in relation to sex* (1871), de Charles Darwin e *Ueber unsere gegenwärtige Kenntniss vom Ursprung des Menschen*²⁰⁰

¹⁹⁹ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.15.

²⁰⁰ “Sobre o nosso conhecimento atual sobre a origem do homem”. Este livro foi resultado de uma palestra realizada no IV Congresso Internacional de Zoólogos em Cambridge, em 26 de agosto de 1898. Em 1989, este livro ganhou uma edição em português com o título **A origem do homem**. Disponível em: <<https://archive.org/stream/ueberunseregegenge02haecgoog#page/n2/mode/2up>>.

(1898), de Ernst Haeckel. Afinal, qual a importância científica desses questionamentos no século XIX?

Ao longo do século XIX, percebe-se a reconfiguração da posição do homem como objeto da ciência, como evidencia Heloisa Maria Bertol Domingues: “O homem do mundo colonizado, para as ciências do século XIX, foi um ‘objeto natural’, uma continuidade da natureza” (DOMINGUES, 2009, p. 168). Essa visão possibilitou a produção de novos significados e novos problemas com relação ao lugar do homem no mundo e na natureza. As problemáticas da origem do homem e da diversidade humana passaram a ser vistas a partir de uma perspectiva da ciência da época, mobilizando o interesse de diversos estudiosos a observar e estudar as diferenças culturais e étnicas dos diversos grupos humanos. A ideia de “raça” tornou-se imprescindível na percepção dessas diferenças.

O problema é que a prática de um olhar científico trazia consigo algumas convicções que foram se confluindo e que permaneceram na dimensão sociocultural para pensar o lugar do homem na vida, como a hierarquização racial da humanidade. O olhar sobre o “outro” possibilitou a construção de uma série de questionamentos em uma dimensão científica como: os grupos humanos que ocupavam diferentes localizações geográficas e que possuíam tantas diferenças físicas e culturais teriam a mesma origem ou origens diversas? Se esses indivíduos possuíam a mesma origem, então seriam raças humanas distintas? Ou eram espécies diferentes? Essas indagações de certa forma orientaram o debate em relação à origem do homem na época. Vejamos os questionamentos levantados por Joaquim Catunda:

No fim do século XV povoavam as duas americas innumeras raças humanas, diversissimas de feições, de línguas, de costumes, de civilização. D’onde vieram? Authocthones ou descendentes de alguma ou de algumas das raças do mundo até então conhecido? Campo vasto abriram estas questões ás mais aventurosas hypotheses, e a solução definitiva parece recuar á proporção que se adeanta o estudo da paleoethnologia americana. Larga, rica de erudição scientifica, apaixonada por vezes, vai ainda a questão das origens americanas entre os que defendem a unidade da espécie humana e os que sustentavam diversos centros de aparição.²⁰¹

Nesta passagem, o autor estava se referindo ao debate científico erigido ao longo do século XVIII e XIX sobre a origem do homem que se dividia entre os

²⁰¹ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.17.

adeptos da teoria que defendia uma origem única da espécie humana, conhecida como *monogenismo*, e outra que defendia origens distintas para as “raças humanas”, o *poligenismo*.

A corrente monogenista defendia a unidade da humanidade baseada na crença judaico-cristã de que todos os homens descenderiam de Adão. Em contraposição, surgiria o poligenismo que começou a se difundir mediante ao aprofundamento dos estudos científicos sobre o homem nos Estados Unidos. Entretanto, podemos afirmar que mesmo com a difusão do poligenismo, a teoria monogenista não se esvaeceu, visto que muitos estudiosos permaneceram monogenistas e basearam suas afirmações em dados científicos, como podemos citar o próprio Charles Darwin. Devido às descobertas científicas, o conhecimento geológico²⁰², a descoberta de fósseis e os estudos de crânios humanos, parecia que o “gênesis bíblico” não era mais imbatível. Dessa forma, os monogenistas passaram a defender a unicidade da origem humana em bases científicas, e não somente pela *Bíblia*.

Ora, o peso da teologia sobre as afirmações científicas desses estudiosos era algo comum naquele momento, não havia uma separação clara entre religião e ciência; posto isso, será que podemos afirmar que a defesa do monogenismo estava ligada apenas a explicação genesíaca da *Bíblia* ou a outros aspectos?

Stephen Jay Gould levanta uma discussão em *A falsa medida do homem* (1991) em torno de ambas as vertentes, as quais ele denomina de “justificações pré-revolucionárias”, com o objetivo de pensar como o monogenismo e o poligenismo se utilizaram da ideia de “hierarquização social” baseada em uma concepção de raça. Claramente tais argumentos não foram meros discursos e tiveram implicações bem práticas. Havia um pensamento corrente que mesmo se todos os povos tivessem uma origem comum, isso não significaria uma igualdade social entre todos, pois

²⁰² “Uma das descobertas de maior importância na geologia foi feita por William Smith (1769-1839) nas primeiras décadas do século XIX: a Terra contém camadas que contam o passado. Ou seja, o estudo das camadas pode fornecer um cenário de tempos geológicos. Mas, a principal implicação desta descoberta talvez esteja no fato de se admitir que a Terra nem sempre foi como é, que ela possui uma história, que ela sofreu e sofre alteração, que ela, enfim, não se manteve inalterada desde a sua criação. Esta mudança de ótica, associada à ideia de uma Terra muito mais velha do que a prevista pela análise das Escrituras, fornece o elemento fundamental para a elaboração de uma teoria sobre a evolução dos seres vivos, pois se o planeta é tão mais antigo do que qualquer exercício de raciocínio possa prever, as alterações podem ter acontecido em um ritmo muito lento, imperceptível. Somente a reconstrução da história da vida poderá apontar os caminhos da transformação.” BARROS, Henrique Lins de. Prefácio. In: DOMINGUES, Heloisa Bertol (Org.). **A recepção do darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. p.10-11.

haveria diferenças entre esses homens, justificadas por uma ideia de *degeneração* causada pelo *meio*; por isso, esses indivíduos não estariam no mesmo patamar.

Enquanto isso, os poligenistas defendiam que a explicação de uma origem única não se sustentava, argumentando que as características raciais entre os indivíduos eram tão distintas que somente poderiam ser explicadas a partir da premissa de que as “raças humanas” tinham origens distintas. Ao tratar do poligenismo, Gould afirma:

No início da segunda metade do século XIX, os incipientes cultores da ciência americana organizaram-se para seguir o conselho de Emerson. Um eclético conjunto de amadores que até então havia reverenciado o prestígio dos teóricos europeus tornou-se um grupo de profissionais com ideias autóctones e uma dinâmica interna que não precisava ser constantemente alimentada pela Europa. A doutrina da poligenia desempenhou um importante papel nessa transformação, pois foi uma das primeiras teorias de origem quase totalmente americana a receber a atenção e o respeito dos cientistas europeus, e de tal forma que estes se referiam a poligenia como a “escola antropológica americana”. [...], a poligenia tinha antecedentes europeus, mas os americanos ampliaram os dados que podiam ser citados em seu favor e realizaram um vasto conjunto de investigações que baseavam em seus princípios. (GOULD, 1991, p. 30).

A problemática antropológica das teorias monogenista e poligenista nos introduz à discussão da própria ideia de diversidade humana da época. Segundo Todorov (1993, p. 21), o debate em torno da diversidade da humanidade começou a ser formulado durante o século XVIII, principalmente na Europa, cujo mote principal era definir, a partir de uma noção de raça, se os seres humanos formavam uma única espécie ou várias espécies.

Observamos que a literatura sobre o evolucionismo assinala que a publicação de *The Origins of Species* foi um marco divisor nas pesquisas científicas, como também em relação ao debate da origem do homem. Segundo Lilia Moritz Schwarcz, “É somente com a publicação e divulgação de *A origem das espécies*, em 1859, que o embate entre poligenistas e monogenistas tende a amenizar-se” (SCHWARCZ, 1993, p. 54). Todavia, a análise das fontes - tanto dos trabalhos de Joaquim Catunda como dos estudos desenvolvidos por uma das principais instituições preocupadas com a origem do homem no Brasil, o Museu Nacional do Rio de Janeiro, como também as publicações de Darwin e Haeckel sobre a origem do homem, em 1871 e 1898 - indicam que o assunto gerava ampla discussão no Brasil nas últimas décadas do século XIX. No Ceará não foi diferente.

Em *Estudos de História do Ceará*, Catunda demonstrou que a questão da origem do homem não estava resolvida, estabelecendo um importante diálogo com os principais estudiosos do homem do século XIX. Como referências de autores defensores do monogenismo, Catunda remeteu-se ao naturalista francês Quatrefages de Bréau (1810-1892) e ao anatomista e embriologista Agostinho Rauber (1841 - 1917), especificamente aos livros *L'Espèce humaine*²⁰³ [A espécie humana], de 1877, e *Urgeschichte der Menschen* [Pré-história da humanidade], de 1884. Joaquim Catunda dialogou com esses autores como referências de estudiosos que defendiam a filiação das “raças indianas” as “raças” encontradas na Europa, ou seja, que ambas teriam uma mesma origem. Segundo Catunda, os monogenistas defendiam a premissa de que “(...): todo ser orgânico teve uma zona limitada de aparição tanto mais restrita quanto mais complexo é o vegetal ou o animal”²⁰⁴.

Quatrefages, além de professor de História Natural no College of Henry IV, em 1850, e chefe do Departamento de Anatomia e Etnologia do Museu de História Natural, também foi um dos primeiros estudiosos a apoiar a criação da Sociedade de Antropologia de Paris fundada por Paul Broca²⁰⁵. Quatrefages era defensor da orientação monogenista, mas não teria aderido à teoria da evolução. O autor desenvolveu vários estudos, entre 1840 e 1887, propriamente na área de Zoologia, mas também trabalhos etnográficos, sobre migrações humanas, estudos sobre crânios humanos e sobre as “raças”, um especificamente sobre a “raça prussiana”. Podemos citar alguns de seus títulos, como: *Les Polynésiens et leurs migrations* [Os polinésios e suas migrações]; *La Race prussienne* [A raça prussiana]; *Crania Ethnica, Hommes fossiles et hommes sauvages* [Homens fósseis e homens selvagens]; *Histoire générale des races humaines* [História Geral das raças humanas], *Les Pygmées* [Os pigmeus].

Mesmo não sendo adepto, Quatrefages teve interesse pelas questões evolutivas, tanto que publicou dois trabalhos sobre as teorias darwinistas, intitulados

²⁰³ *L'espèce humaine* teve uma significativa circulação entre os intelectuais no Brasil, sendo imprescindível para os estudos sobre esta questão. Sabemos que o livro já circulava no país na década de 1870, visto que Alencar realizou essa leitura para escrever suas reflexões acerca da “antiguidade da América” e da origem do homem americano, a partir de um exemplar emprestado por Emílio Zaluar.

²⁰⁴ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.17.

²⁰⁵ QUATREFAGES, Jean Louis Armand de. **The Pygmies**. London: Macmillan and Co. And New York, 1895. Disponível em: <<https://archive.org/details/lespygmies02quatgoog>>.

*Les Émules de Darwin*²⁰⁶ e *Charles Darwin et ses precurseurs français*²⁰⁷ [Charles Darwin e os percussores franceses], indicando que havia todo um debate em torno da teoria evolutiva, inclusive na França. Na América, esse debate também teria ressonâncias.

Nos Estados Unidos, o estudioso que empreendeu uma importante discussão sobre a questão da origem do homem foi o cientista suíço Louis Agassiz. Enquanto esteve na Europa, Agassiz foi adepto da teoria monogenista, era criacionista e defendia a unicidade da espécie humana (GOULD, 1991, p. 31). Entretanto, após sua mudança para os Estados Unidos em 1846, o naturalista suíço aderiu ao poligenismo. A poligenia defendida por Agassiz não estava descolada de seus princípios religiosos, permanecendo assim defensor da ideia de um “criador” de todas as coisas.

De acordo com Stephan Jay-Gould, Agassiz defendia a existência de “raças humanas” com origens distintas e, como tal afirmação destoava do preceito do gênese bíblico que toda a humanidade descendia de Adão, ele assegurou que “o relato de Adão refere-se apenas à origem dos caucásios” (GOULD, 1991, p. 33-34).

Agassiz sustentava que o fato de a espécie humana ser encontrada por todo o globo e cada povo apresentar características tão diversas um dos outros seria um indício de que foram criados separadamente. Ele rejeitava a concepção determinista de que o meio pudesse definir as características humanas, ou seja, que as diferenças raciais fossem determinadas por fatores externos, como aspectos geográficos ou climáticos de uma determinada região. Todavia, ele afirmava que a humanidade era formada por raças distintas, que apresentavam origens distintas, mas que moralmente formavam uma espécie una (ROBERTS, 2009, p.90).

Outro fato importante a ser mencionado sobre Agassiz é que ele viera ao Brasil, na década de 1860, para desenvolver estudos sobre as espécies de peixes e sobre as tribos indígenas (DOMINGUES, 2009, p.173); inclusive visitou o Ceará, em busca de indícios de glaciação nos trópicos que corroborassem sua teoria catastrofista-criacionista (SOUZA, 2009, p.102-103). Os estudos de medições craniométricas, possivelmente, o ajudaram a chegar a suas conclusões sobre a existência de raças humanas distintas, baseadas na observação das diferenças entre os grupos.

²⁰⁶ Disponível em: <<https://archive.org/details/lesmulesdedarw00quat>>.

²⁰⁷ Disponível em: <<https://archive.org/details/charlesdarwinet02quatgoog>>.

Ainda sobre os cientistas que aderiram ao poligenismo podemos citar Samuel George Morton (1799 - 1851). Este nasceu nos Estados Unidos, era médico de formação, mas atuava como antropólogo. Ele juntamente com Agassiz foram propagadores da teoria poligenista, ficando conhecidos por integrarem a “Escola Antropológica Americana”. Conforme Gould, Morton tinha como atividade colecionar crâneos de indígenas encontrados no continente americano. Sobre isso, Gould afirma que:

Entretanto, Morton não juntou crâneos movido pelo interesse abstrato do dileitante, nem tão pouco pelo empenho taxonômico em obter a representação mais completa possível. O que lhe importava era comprovar uma hipótese: a de que uma hierarquia racial poderia ser estabelecida objetivamente através das características físicas do cérebro, particularmente ao que se refere ao seu tamanho. Morton interessou-se particularmente pelos indígenas americanos. (GOULD, 1991, p. 40).

Sobre as impressões de Morton com relação às suas investigações e análises dos crânios encontrados na América, citamos uma passagem de seu livro, *Cranea Americana* (1839):

Uma das características singulares da história deste continente é que as raças aborígenes, com poucas exceções, pereceram ou retrocederam permanentemente diante da raça anglo saxônica, e em nenhum caso mesclaram-se com ela em pé de igualdade, nem adotaram seus hábitos e sua civilização. Esses fenômenos devem ter uma causa; e nenhuma investigação pode ser mais interessante e, ao mesmo tempo, mais filosófica que a que procura averiguar se essa causa se relaciona com uma diferença cerebral entre a raça indígena americana e os invasores que empreenderam sua conquista (Combe e Coates, resenha do livro *Crania Americana* de Morton, 1840, p. 352 *apud* GOULD, p. 40).

Aproximando-se de Morton, Joaquim Catunda falou a respeito dos povos, que habitavam o continente americano quando da chegada do colonizador nos séculos XVI e XVII.

E nem as tradições, nem o caracter das civilizações, nem as fórmas do culto, nada recorda o velho mundo. Todas as manifestações do espirito tinham aqui seu cunho próprio, rigorosamente americano. Nos estados mais adeantados, nem um animal domestico, exceptuando o lhama; a mesma ignorância do uso ferro.

(...)

Raça inferior, incapaz de produzir uma grande civilização nem de aliunde recebel-a, haviam os tupinambás attingido ao maior gráo de cultura de que eram susceptibles, o do período neolítico, perfeitamente caracterizado: andavam nus, caçavam, pescavam tinham princípios de lavoura, e poliam a pedra de que faziam instrumentos.

(...)

(...): o índio desaparece pela acção da morte quando em relações com a raça superior, ou perde logo, pelo cruzamento, seus caracteres ethnics.²⁰⁸

Joaquim Catunda e Samuel Morton, mesmo escrevendo em momentos diferentes - Morton escreveu *Cranea Americana* em 1839 e Catunda escreveu *Estudos de História do Ceará* em 1886 -, apresentavam posicionamentos similares. A diferenciação entre os “grupos indígenas” e as “raças europeias”, segundo eles, reside em matrizes distintas com relação à origem; porém, em Catunda percebe-se a ratificação de um “typo americano”.

De acordo com Gould, no ano de 1851, Morton afirmaria a existência de várias raças humanas e que cada uma consistiria em uma espécie diferente, criadas separadamente, e que o cruzamento dessas raças não produziriam descendentes férteis. E ainda: “Morton estabeleceu a hierarquia entre as raças a partir do tamanho médio de seus cérebros” (GOULD, 1991, p.42). Compreende-se que, independentemente da defesa de uma origem única ou de origens distintas, havia uma concordância com relação a uma hierarquização das raças.

Com relação ao debate da origem do homem na Inglaterra, podemos citar o naturalista Charles Darwin (1809 - 1882) como um dos maiores defensores do monogenismo. Ele permaneceu por toda sua vida defendendo a ideia de uma origem una da humanidade. Esse posicionamento estava intimamente ligado a forte tradição religiosa de sua família, como também por sua formação escolar e acadêmica bastante arraigada pelo protestantismo. Em Cambridge, instituição onde Darwin estudara entre os anos de 1827 e 1831, os alunos recebiam uma formação caracterizada por traços da teologia anglicana. Segundo Adrien Desmond e James Moore, enquanto Darwin estudava em Cambridge, às discussões entre os estudantes assim se desenvolviam:

Nenhum assunto era tabu em seus debates privados de sábado à noite e, certa vez, chegaram até a esgotar a questão de saber se o homem “descendia de um único tronco” (declaram que sim). Na verdade, a unidade humana era um livro fechado em Cambridge, ou melhor, um livro que nunca fora aberto. A crença em Adão como pai da humanidade era sólida e era a premissa teológica da postura antiescravidão. (DESMOND; MOORE, 2008, p. 91).

²⁰⁸ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p. 22-25.71

A influência de seus professores teve importante peso na configuração de seu pensamento acerca das raças humanas. Segundo Desmond e Moore, o jovem Darwin conviveu com um dos mais importantes estudiosos de Cambridge, James Cowles Prichard (1786 - 1848). Prichard foi um dos fundadores da Sociedade de Etnologia, em Londres, e um tenaz defensor do monogenismo (KEULLER, 2008, p. 36-37). De acordo com Desmond e Moore (2009, p. 91), para Prichard a espécie humana era una e possuía a mesma origem, mas como se diversificou tanto, formaram-se raças diferentes. Darwin também conheceu diversos estudiosos que adotaram a ideia de evolução, mas que não admitiam uma origem comum entre as raças, como o zoólogo francês Robert Edmond Grant (1793 - 1874) e o naturalista francês Jean Baptiste Bory de Saint-Vicent (DESMOND; MOORE, 2009, p.143). Sobre os evolucionistas anteriores a Darwin, Desmond e Moore afirmam que:

Por mais bizarro que pareça, para os evolucionistas que precederam Darwin, a natureza era composta de muitas linhas paralelas, todas progredindo e todas passando pelos mesmos estágios: algumas chegaram até os peixes, outras até os macacos, e uma percorreria todo o caminho até o ser humano. Bory chegou até a dividir as raças humanas e atribuiu a cada uma delas uma linhagem própria que remontava a um germe gerado espontaneamente na aurora dos tempos. Portanto, os negros, com sua própria ancestralidade chimpanzé, ainda teriam de subir até o topo branco de sua escada. Os brancos já tinham passado pelos estágios de chimpanzé e negro – e chegaram à sua apoteose. Esse era o ponto crucial: *os negros e brancos vivos não tinham nenhuma relação entre si*, não tinham um ancestral comum. (DESMOND, 2008, p.167-168).

Desmond afirma que o posicionamento de Darwin era distinto de seus contemporâneos e sugere que a raiz abolicionista e a veia religiosa, tanto familiar como de Cambridge, fizeram Darwin enxergar as raças humanas com uma mesma origem e um mesmo ancestral comum (DESMOND; MOORE, 2009, p.168). Observando um pouco o debate na Inglaterra antes de *The Origins of Species*, podemos afirmar que tais discussões já estavam acontecendo antes mesmo da publicação do então livro, que acabou sendo considerado um marco nesse debate. Darwin demonstrou o interesse pela origem da vida não apenas com a publicação de *The Origins of Species*, em 1859, mas posteriormente, com *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*, em 1871. Neste trabalho, Darwin aplicaria a evolução pelo mecanismo da seleção natural à espécie humana. Segundo Desmond e Moore, o grande projeto de Darwin na escrita de ambos os livros era desvendar a origem da humanidade.

De acordo com Darwin, seus objetivos em *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex* eram demonstrar que a espécie humana, assim como outras espécies, descendia de um ancestral comum, pensando o desenvolvimento do homem ao longo de sua existência, e assim descobrir se realmente existiam “raças” humanas e identificar suas diferenças²⁰⁹. Na introdução, Darwin discorreu a respeito dos percussores em pensar a questão da origem da humanidade enfatizando a excelência dessas investigações. Boa parte dos autores citados por ele eram conhecidos por Joaquim Catunda e utilizados por ele para o embasamento de suas afirmações, podemos citar alguns desses nomes, como o geólogo escocês e idealizador da geologia moderna, Charles Lyell (1797-1875), e o naturalista de origem germânica, que defendia o poligenismo, Karl Christopher Vogt (1817 - 1895).

De Charles Lyell, Joaquim Catunda usou como referência o trabalho *The Geological Evidence of the Antiquity of Man* [A Evidência Geológica da Antiguidade do Homem] publicado em 1863. Podemos perceber pelas temáticas dos capítulos do livro, as preocupações de Lyell e o debate em voga naquele momento. O livro consta de 24 capítulos, entre os quais ele dedica um específico para discutir as questões próprias das teorias de Darwin, chamado *On the origin of species by variation and natural selection* [Sobre a origem das espécies por variação e seleção natural].

Um dos mais importantes trabalhos de Lyell e referenciais para o próprio Darwin foi *Principles of Geology* [Princípios de Geologia]. A publicação desta obra entre os anos de 1830 e 1833 foi de grande importância e impacto na comunidade científica da época. Lyell sustentava que a superfície da Terra teria passado por uma série de transformações de forma gradual que provinham da ação de agentes naturais, contrariando a explicação criacionista de que tais mudanças seriam resultado de uma ação divina (HORTA, 2003, p. 510). Contudo, segundo Ernst Mayr, Charles Lyell não aceitava a teoria de inconstância das espécies de Darwin, ou seja, que todas elas passaram por transformações ao longo de suas existências (MAYR, 2005, p.116), como também não aderiu ao mecanismo da seleção natural (GUALTIERI, 2008, p. 21). No entanto, visto que Lyell foi um dos maiores incentivadores de Darwin, podemos afirmar que ele não negou a teoria, apenas a passagem de uma teologia natural para a aceitação da seleção natural foi lenta em

²⁰⁹ DARWIN, Charles. **A Origem do Homem e a seleção sexual**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004. p.15.

Lyell. Com relação a Karl Vogt, a referência utilizada por Catunda foi o livro *Vorlesungen ueber den Menschen* [Palestras sobre a humanidade].

Apoiado no diálogo estabelecido com os trabalhos de Lyell, Vogt e de outros autores²¹⁰, Catunda discorreu sobre o período geológico do aparecimento do homem para atestar sua antiguidade, afirmando que “A humanidade vem de longe. No tempo, se remonta ao post-pliocene terciário, princípios do quartenario; dão-lhe cálculos moderados e quarenta mil anos de existência”²¹¹. A afirmação corroborada por esses estudos desmontaria a ideia de que o homem teria tido uma existência recente, de 5.000 anos aproximadamente como nos estudos bíblicos. Entretanto, as questões que demandavam respostas eram onde ele primeiro teria surgido e como o continente americano teria sido povoado.

Catunda afirmou que os defensores da hipótese monogenista alegavam que o homem era “monotópico”, quer dizer, que todas as raças tiveram um mesmo lugar de aparição. Esta afirmação nos remete não apenas ao debate da questão da unicidade ou não da espécie humana, mas onde e quando ela surgiu. No século XIX, as descobertas paleontológicas e arqueológicas, os crânios encontrados na África, todos esses fatores levaram ao desenvolvimento da tese de que o homem surgira no continente africano e migrou para o resto do globo. Entretanto, o povoamento da América foi a questão que suscitou mais controvérsias entre os estudiosos na época, sendo elaboradas diversas teorias de povoamento. Alguns autores como Joaquim Catunda e José Alencar construíram também construíram suas hipóteses sobre o aparecimento do homem no continente americano.

No capítulo *Habitantes Primitivos* de *Estudos de História do Ceará*, Catunda inicia sua explanação em torno das teses de povoamento defendidas pelos monogenistas²¹². Segundo Catunda, eles defendiam que o homem teria surgido no platô da Ásia Central e explicavam o povoamento do continente americano a partir de três hipóteses principais: vindos do continente da Atlântida²¹³; da Ásia pelo Curo-

²¹⁰ *L'Homme Primitif* [O homem primitivo] do arqueólogo e antropólogo francês Louis Laurent Gabriel de Mortillet (1821 - 1898); *Der Vorgeschichte Mann* [Homem pré-histórico], de Baer; *Geschichte der Schopfung* [História da criação], do naturalista germânico Karl Hermann Konrad Burmeister (1807 - 1892); *Culturgeschichte der Menschheit* [História da civilização], de Georg Friedrich Kolb (1808 - 1884) e *Natürliche Schöpfungsgeschichte* [História natural da criação], de Ernst Haeckel, do ano de 1868.

²¹¹ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.6-7

²¹² *Idem Ibidem*. p.17.

²¹³ Atlântida é uma fictícia cidade criada por Platão na obra *Timeu*.

Sivo e arquipélago aleontino ou da África pela corrente equatorial do Atlântico e da Europa pela Groenlândia²¹⁴.

É interessante perceber a recorrência da questão da Atlântida nos trabalhos desses autores. Catunda, como grande conhecedor da História Clássica fez referência e desenvolveu uma análise com relação ao continente de Platão, tanto no seu livro quanto no artigo *Origens Americanas*, no qual ele aprofunda a questão. Ao que parece, a existência da Atlântida era um tema recorrente nas discussões no século XIX sobre a origem do homem e era considerada por alguns estudiosos uma questão de cunho científico. Informado do debate científico, Catunda fez referência à figura do Marquês de Nadaillac, um dos defensores da existência da Atlântida na época. Jean-François-Albert du Pouget de Nadaillac (1818 - 1904) foi um paleontólogo e antropólogo francês, que desenvolveu diversos estudos sobre a questão da origem da humanidade e de sua antiguidade²¹⁵.

Em *Estudos*, Catunda afirmou a impossibilidade das teorias migratórias nos “tempos pré-históricos”. Com relação à Atlântida, ele garantia a impossibilidade da ciência da época comprovar sua existência, mesmo citando os estudos do geólogo de origem britânica Eduard Suess (1831 - 1914), *Das Antlitz der Erde* [A face da terra] (1883), trabalho composto por três volumes sobre a formação geológica da Terra, e de Lapparente, *Traté de Geologie* [Tratado de geologia], em que ambos defendiam a existência de um arquipélago que poderia ter sido a Atlântida de Platão, no período quaternário. O autor supunha que mesmo que a Atlântida tivesse existido - segundo ele, algo possível -, isso não explicaria o povoamento da América, visto que segundo suas referências de leitura, aquele

²¹⁴ No artigo *Origens Americanas. Immigrações Prehistoricas* de 1887, o autor aprofundou a questão das explicações para a presença do homem na América nos tempos quaternários, percorrendo sobre as três teorias possíveis: a Atlântida, a imigração pelos aleutas e as correntes oceânicas. Catunda deixou claro seu posicionamento com relação a essas teorias, segundo ele, nenhuma das hipóteses ofereceria explicações científicas satisfatórias para solucionar os questionamentos em torno da origem do homem.

²¹⁵ Como os seguintes títulos: *L'ancienneté de l'homme* (A antiguidade do homem) (1870), *Les premiers hommes et les temps préhistoriques* (Os primeiros homens e os tempos pré-históricos) (1881), *L'Amérique Préhistorique* (Pré-história americana) (1883), *Manners and Monuments of prehistoric peoples* (Manners e monumentos pré-históricos) (1892), entre outros. Desenvolveu outros trabalhos de cunho etnográfico, como: *O Crânio de Calaveras* (1896), além de sua preocupação em debater uma questão central naquele momento que dividia opiniões: por um lado uma tradição científica ligada tradição bíblica, e por outro a defesa da secularização da ciência que rompia com a convicção corrente de um mundo regido pelo sobrenatural, em que a teoria da evolução foi fundamental, por isso a publicação de dois livros subsequentes, intitulados *Fé e ciência* (1895) e *Evolução e dogma* (1896).

arquipélago teria desaparecido “antes do aparecimento dos anthropomorphos”²¹⁶. Quando da escrita do artigo *Origens Americanas*, Catunda estava mais certo da impossibilidade da existência da Atlântida de Platão²¹⁷, concluindo que “(...). Nem a historia nem a ciência aceitam a grande ilha de Platão; é um romance sem valor scientificou nas duas Americas nos tempos quartenarios”²¹⁸.

Em *Origens Americanas*, Catunda defendeu ser pouco provável a teoria das emigrações, e sustenta o autoctonismo dos habitantes da América. Enquanto que no livro publicado em 1886, Catunda estava mais convicto quanto à impossibilidade das imigrações por navegações, no artigo publicado em 1887 o autor parece não ter a mesma convicção, como podemos observar neste fragmento: “A questão subsiste, pois, sem solução satisfatória. Da fraqueza d’essas hypotheses deve-se concluir que não houve imigrações na America nos tempos prehistoricos? Não; somente, si ellas se-deram, a sciencia ainda as-ignora”²¹⁹.

Outro ponto ressaltado por Catunda era a antiguidade do continente americano. Ao tratar dessa questão, o autor apontou que para a ciência não havia dúvidas quanto à antiguidade da América. Tanto que ele sugere, usando como referência a obra *Enchainements du monde animal*²²⁰ do geólogo e paleontólogo francês Jean Albert Gaudry (1827 - 1908), a possibilidade de as terras da América terem sido as primeiras a emergir no “oceano primordial” e onde possivelmente primeiro surgiram indícios de vida, “o primeiro continente que exondou”.

²¹⁶ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.19. Certamente, ele nomeia de antropomorfo os homínídeos anteriores ao surgimento do *Homo sapiens*.

²¹⁷ CATUNDA, Joaquim. **Origens Americanas - Imigrações Prehistoricas**. In: Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Fortaleza. Typographia Econômica, 1887, Tomo I. p.96.

²¹⁸ *Idem Ibidem*. p.99.

²¹⁹ CATUNDA, Joaquim. **Origens Americanas - Imigrações Prehistoricas**. In: Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Fortaleza. Typographia Econômica, 1887, Tomo I. Página: 102. José de Alencar achava as teorias migratórias inadmissíveis, afirmando que: “Se a civilização houvera passado do Oriente para as terras ocidentais, devia necessariamente trazer consigo os conhecimentos importantes e úteis, que constituem sua essência.” Ele citou como exemplo o uso do ferro e a escrita, tecnologias essas que os habitantes do continente americano não dominavam quando da chegada dos colonizadores no século XV e XVI. ALENCAR, José de. **Antiguidade da América**. In: ALENCAR, José de. **Antiguidade da América e A raça primogênita**; edição, apresentação e notas de Marcelo Peloggio. – Fortaleza: Edições UFC, 2010. p.44.

²²⁰ **Les enchainements du monde animal dans les temps géologiques** (os combos do mundo animal em tempo geológico), nome completo do livro segundo o site <http://archive.org>

Certamente havia um debate em razão da antiguidade da América com relação aos outros continentes. Em 1877, José de Alencar, tendo como referência os estudos de Lund, afirmava que:

A ciência geológica por sua parte já demonstrou que o centro do Brasil é o mais antigo continente do nosso planeta. Elevado acima das águas, quando o resto do globo ainda estava submergido no primitivo oceano, não há exemplo que apresente o mesmo carácter primordial, atestado pela carência dos depósitos marinhos.²²¹

Tanto Catunda quanto Alencar parecem defender um pioneirismo do continente americano. Ao analisar esses diversos aspectos relativos ao povoamento da América, Catunda vai demarcando sua opinião acerca da origem do homem americano. Vejamos o trecho abaixo:

Caracterizam os tempos quaternarios as fórmassas da fauna mammalia e o aparecimento do homem. Foi então que grandes convulsões agitaram os continentes; avançaram os mares pelo interior das terras e recuaram depois de milhares de anos; dimensões assoladoras tomaram as geleiras, determinando no mundo das plantas e no mundo animal grandes transmigrações para as zonas tropicaes, e o desaparecimento das raças retardatarias. O homem appareceu nos dois hemispherios ao alvorecer d'essa epoca, e presenciou os grandes tormentos da natureza physica e da natureza orgânica, o apparecimento e o desaparecimento de grandes mamiferos, a depressão e a elevação do sólo, o remate dos relevos definitivos dos Alpes na Europa, e quase toda formação da cordilheira gigantesca dos Andes na America.²²²

O apontamento de Catunda é um indício que havia na comunidade científica aqueles que defendiam que o “homem americano” surgiu na América, contrários à tese de que o homem teria surgido apenas no “velho mundo” e migrado para o continente americano. Alencar não só admitia que o homem americano era “produto do solo americano”, como defendia a ideia de que:

O berço da humanidade foi a América; não esta regenerada; mas a primitiva América, tal como saiu da gênese universal. Aqui fez a inteligência animalizada por Deus a sua primeira etapa na Terra. Aqui, nesta terra

²²¹ ALENCAR, José de. **Antiguidade da América**. In: ALENCAR, José de. **Antiguidade da América e A raça primogênita**; edição, apresentação e notas de Marcelo Peloggio. – Fortaleza: Edições UFC, 2010. p.50.

²²² CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.21.

majestosa que ainda conserva apesar das tremendas convulsões o tipo de sua estupenda magnitude, aqui raiou a luz do progresso.²²³

Podemos observar que mais uma vez a questão do pioneirismo da América é ressaltada. Estando seus argumentos fortemente atrelados às explicações teológicas e fundamentados na tradição bíblica, Alencar não concordava com a hipótese de que “a civilização americana” derivasse dos povos do “velho mundo”, visto que segundo ele os povos da América desconheciam tecnologias fundamentais como o uso do ferro, como também não dominavam a “arte da escritura” e a atividade de domesticar determinados animais. De acordo com ele, no mundo primitivo, a terra era um só continente e a América ficava no centro deste grande continente, sendo possivelmente o Éden bíblico. Partindo da ideia de um dilúvio, Alencar afirmou que tal fenômeno teria atingido todo o continente, exceto nas montanhas mais altas, especificamente onde se localiza os Andes, tendo as tribos remanescentes repovoado o planeta. O autor também argumentou que o primeiro homem de acordo com a *Bíblia* foi Adão, e tal palavra significaria vermelho, devido à cor da argila.

A uma raça humana cabe exclusivamente esse distintivo de cor argilosa ou vermelha – à raça americana. Não obstante os milênios decorridos, ainda atualmente apresenta ela no Brasil esse característico. O objeto que melhor apresenta a tez do indígena do novo mundo não é nem o cobre nem a azeitona, como pretenderam vários escritores; mas o barro do qual segundo o Gênesis foi ele amassado.²²⁴

Dessa forma, fica claro que para Alencar, a primeira raça humana foi a “americana” ou “raça vermelha”.

As ideias de Alencar nos ajudam a pensar o posicionamento de Catunda frente ao surgimento da espécie humana. Catunda afirmava que o homem teria aparecido no continente americano no mesmo período geológico que apareceu na Europa. Com tal afirmação Catunda ia de encontro com os monogenistas, que defendiam a premissa de que a única explicação para o fato de os homens

²²³ ALENCAR, José de. **Antiguidade da América**. In: ALENCAR, José de. **Antiguidade da América e A raça primogênita**; edição, apresentação e notas de Marcelo Peloggio. – Fortaleza: Edições UFC, 2010. p.38.

²²⁴ *Idem Ibidem*. p.53.

apresentarem “as mesmas feições físicas”²²⁵, seria a unidade da espécie, ou seja, o mesmo lugar de surgimento de toda a espécie humana.

Em *Estudos de História do Ceará*, Catunda esboçou um posicionamento de concordância com os poligenistas, ao afirmar que antes da chegada dos colonizadores, “povoavam as duas americas innumeras raças humanas, diversíssimas de feições, de línguas, de costumes”²²⁶. Assim, Catunda nos oferece um primeiro indício de sua adesão ao poligenismo em que ele admitia a existência de várias raças humanas, e não apenas uma raça. Catunda discorre sobre antiguidade do homem:

No espaço, appareceu sob as latitudes em que soffreram condições mesologicas que o sêr, em evolução ascendente, attingisse aos attributos característicos da especie. Na fórma, evoluiu através de differentes typos ancestraes, desde a monera até ao typo actual.²²⁷

Entretanto, Catunda apresenta certa contradição em sua afirmação. O último trecho indica uma orientação similar a de Charles Darwin no que se refere a uma suposta ascendência comum de todas as espécies. Como já foi ressaltado anteriormente, Darwin era monogenista, defendia a unidade da espécie humana. Com relação a Joaquim Catunda, é possível afirmar sua orientação, monogenista ou poligenista? Catunda parecia admitir uma ancestralidade comum da humanidade, ao mesmo tempo que defendia a ideia de que o homem teria centros de aparição diversos, assim como afirmava que “o homem americano é um produto do sólo americano.”²²⁸ Então Catunda considerava os povos da América uma espécie distinta dos povos da Europa? Alencar era monogenista porque defendia que as raças humanas formavam uma única raça, mas seu posicionamento diferia ao passo que defendia que a “raça americana” era a primeira e teria dado origem as outras raças. Enquanto que Catunda, aproximando-se na tradição da “escola antropológica americana”, defendia que a humanidade era formada por raças distintas com dois centros de aparição.

²²⁵ CATUNDA, Joaquim. **Origens Americanas - Imigrações Prehistoricas**. In: Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Fortaleza. Typographia Econômica, 1887, Tomo I. p.93.

²²⁶ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.17.

²²⁷ *Idem Ibidem*. p.6-7.

²²⁸ *Idem Ibidem*. p.22.

3.2.1 Reflexões sobre a origem do homem e a diversidade humana no Brasil

A interpretação do posicionamento de Catunda não reside apenas em analisar suas referências, mas também compreender os estudos desenvolvidos e a ambiência do debate no Brasil em torno da reflexão sobre a origem do “homem americano”, que esteve indubitavelmente associada à conformação da antropologia e da etnologia como ciências. Trazendo essa reflexão com relação à cultura científica para a conjuntura do Império, Maria Margaret Lopes afirma:

Nas diversas investigações científicas que se consolidavam em ciências geográficas, geológicas, paleontológicas e antropológicas no país, a eterna busca por origens perdidas ou que em breve se perderiam, foi incorporada fortemente pelos naturalistas dessas instituições científicas, traduzindo em perspectivas locais os modelos transladados que seguiam nessas buscas. A origem comum dos continentes e dos homens, sua antiguidade, o estágio de civilização já atingido e por atingir, faziam parte das discussões usuais dos construtores do império, que publicavam o resultado de suas cartas e reuniões nas páginas da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB. A antiguidade da ‘raça’ brasileira, por exemplo, - atestado científico de possibilidade de civilização - vinha referendada nas páginas da Revista pelos estudos paleontológicos de Peter Wilhelm Lund (1801 - 1880). Seus estudos sobre os vertebrados e homens fósseis das cavernas de Minas Gerais ‘provavam’: “que a povoação do Brasil deriva de tempos mui remotos e indubitavelmente anteriores aos tempos históricos..., e, que os povos que habitaram nesta parte do Novo Mundo eram da mesma raça dos que no tempo da conquista ocupavam no país. (LOPES, 2001, p. 85).

Além do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, outra instituição preocupada com a questão das origens no Brasil foi o Museu Nacional do Rio de Janeiro. A historiografia recente aponta o Museu Nacional como uma instituição importante na institucionalização, consolidação e difusão das ditas ciências naturais. Desde sua criação em 1818, como Museu Real do Rio de Janeiro, o museu teve como função coletar objetos da História Natural e organizá-los em coleções. Na década de 1870, a instituição passaria por uma série de reformas, voltando-se cada vez mais para as ciências naturais (GUALTIERI, 2008, p. 34), especificamente para o estudo especializado da História Natural (LOPES, 1997, p. 159).

Em 1875, Ladislau Netto (1838 - 1894) tornou-se diretor do museu que passou a ser dividido institucionalmente em três seções, sendo uma dedicada particularmente às áreas da antropologia, zoologia, anatomia comparada e paleontologia animal (GUALTIERI, 2008, p. 34). Naquele momento a antropologia se instituiu no Museu Nacional, como parte da zoologia (DOMINGUES, 2009, p. 167),

dessa forma a antropologia física era um ramo das ciências naturais porque compreendia o homem como ser biológico (DA MATTA, 1983, p. 28). Entretanto, o regulamento de 1888 separaria a antropologia da zoologia, criando duas seções diferentes, uma que reuniria zoologia, anatomia e embriologia comparada, e outra que agruparia a antropologia, a etnologia e a arqueologia (LOPES, 1997, p. 159).

De acordo com Gualtieri, uma das grandes preocupações que norteou os estudos desenvolvidos pelos pesquisadores do Museu Nacional, especificamente as pesquisas arqueológicas e antropológicas, foi de investigar e estabelecer a origem do homem, particularmente do “homem americano” (GUALTIERI, 2008, p. 41), com o objetivo de compreender as especificidades da sociedade brasileira e inseri-la no processo *evolutivo e civilizatório*.

Optamos por enfatizar os estudos e atividades realizadas pelo Museu Nacional na área da antropologia a partir da década de 1870, pela relação que Joaquim Catunda manteve com a instituição, visto que foi membro de uma comissão que tinha como incumbência coletar material na província do Ceará para integrar a Exposição Antropológica do Museu Nacional, realizada no ano de 1882, assim como também pelo o diálogo de Catunda com as produções da instituição.

Em *Estudos de História do Ceará*, Catunda ao discorrer sobre o homem americano cita as pesquisas realizadas pelos membros do Museu, Peixoto e Lacerda, assim como também usa como referência os textos sobre os “indígenas” publicados na *Revista da Exposição Antropológica Brasileira de 1882*. A análise da revista *Archivos do Museu Nacional*, o principal periódico da instituição, viabilizou problematizarmos o debate da época que também está presente nos trabalhos de Catunda, por isso buscamos essa interlocução.

Segundo Maria Margaret Lopes, o Museu Nacional foi uma importante instituição do Império preocupada em investigar as origens da “raça brasileira” (LOPES, 2001, p. 92). Podemos observar o direcionamento das pesquisas para a questão das origens a partir da análise das temáticas propostas nos artigos publicados na revista *Archivos*. A revista tinha como função divulgar os resultados dos estudos desenvolvidos pelos pesquisadores do museu, geralmente artigos sobre os materiais pertencentes às suas coleções.

Na primeira edição da *Archivos*, de 1876, dois artigos com caráter antropológico e arqueológico de investigação da história do “homem americano” foram publicados, intitulados *Descrição dos objectos de pedra de origem indigena*

conservados no Museu Nacional, de Carlos Frederico Hartt e *Contribuições para os estudos antropológicos dos indígenas do Brasil*, Lacerda Filho e Rodrigues Peixoto²²⁹.

No primeiro artigo, o naturalista Carlos Frederico Hartt (1840-1878) descreveu e analisou uma série de artefatos “indígenas” para desvendar o período de suas confecções, como também teceu comentários acerca das medições realizadas em crânios de “indígenas”, todos esses materiais pertenciam às coleções do museu. Essa prática estava diretamente correlacionada ao debate em torno das origens dos povos que habitaram a América, tanto que Hartt chegou a mencionar a coleção de crâneos de Samuel George Morton e a importância dos estudos arqueológicos, antropológicos e etnológicos desenvolvidos nos Estados Unidos. O autor deixa claro que um dos objetivos das pesquisas empreendidas pelo Museu era inserir os resultados obtidos com relação aos indígenas do Brasil neste debate. Segundo ele, a aglutinação destas pesquisas levaria a definição do lugar do homem americano e a obter respostas para seguintes questões: se todos os povos e tribos que habitaram aquela região poderiam ser classificados como um “tipo americano”, demarcar o lugar de origem, se eram autóctones ou resultado de migrações, antiguidade desse “homem americano”, entre outras²³⁰.

Ao longo de sua explanação em *Estudos de História do Ceará*, Joaquim Catunda igualmente destacou as pesquisas de paleontólogos norte-americanos e a importância desses estudos para a compreensão do surgimento e desenvolvimento do homem. Observamos que houve um diálogo pertinente entre os trabalhos de Catunda e os estudos etnológicos, antropológicos e arqueológicos do período. Ele possuía leituras sobre as pesquisas realizadas tanto por Quatrefages quanto as desenvolvidas por João Batista Lacerda (1846 - 1915) e José Rodrigues Peixoto, membros do Museu Nacional.

Possivelmente, tivera acesso ao trabalho de Lacerda e Peixoto publicado na revista *Archivos do Museu Nacional*,²³¹ referido anteriormente, intitulado *Contribuições para os estudos antropológicos dos indígenas do Brasil*, tendo em

²²⁹ Revista **Archivos do Museu Nacional**, Volume 1, 1876. Disponível em: <<http://www.obrasraras.museunacional.ufrj.br/periodicos.html>>.

²³⁰ HARTT, Carlos Frederico. **Descrição dos objectos de pedra de origem indigena conservados no Museu Nacional**. In: Revista **Archivos do Museu Nacional**, Volume 1, 1876. Página: 45. Disponível em: <<http://www.obrasraras.museunacional.ufrj.br/periodicos.html>>.

²³¹ LACERDA, João Baptista de e PEIXOTO, José Rodrigues. **Contribuições para os estudos antropológicos dos indígenas do Brasil**. In: Revista **Archivos do Museu Nacional**, Volume 1, 1876. p.106. Disponível em: <<http://www.obrasraras.museunacional.ufrj.br/periodicos.html>>.

vista a menção à coleta de um crânio pelos cientistas que participaram da expedição científica de cunho naturalista na província Ceará, organizada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Museu Nacional, e com o apoio de D. Pedro II, conhecida como Comissão Científica do Ceará ou “Comissão das Borboletas”, entre os anos de 1859 e 1861.

A comissão era composta por nomes como Francisco Freire Alemão (1797 - 1874), Guilherme Schüch Capanema (1824 - 1908) e Antonio Gonçalves Dias (1823 - 1864). Os membros da comissão tinham como principal interesse realizar observações de cunho antropológico e geológico sobre a província do Ceará, especificamente investigar a cultura de seus habitantes e das populações indígenas (KURY, 2001, p.36). Demarcar o “estado de civilização” desses indivíduos, de certa forma, demandava desses *homens da ciência* conhecimento da ciência antropológica. O material recolhido na expedição foi exposto na Exposição Nacional de 1861, no Rio de Janeiro, organizada por Gonçalves Dias, na Exposição de Pernambuco²³², que ocorreu no Museu Nacional idealizada pelo zoólogo Manoel Ferreira Lagos (1817-1871), como também na Exposição Antropológica, organizada pelo Museu Nacional, em 1882²³³.

Como membros do Museu Nacional, o zoólogo e antropólogo João Baptista Lacerda e José Rodrigues Peixoto desenvolveram vários estudos de caráter antropológico, aplicando técnicas antropométricas e craniométricas nos crânios coletados durante as expedições científicas. Tais medições tinham como objetivo avaliar a capacidade mental de tais indivíduos. É importante ressaltar que essas medições também eram realizadas em indivíduos vivos (KEULLER, 2008, p.116).

No artigo *Contribuições para os estudos antropológicos dos indígenas do Brasil*, os autores fazem uma minuciosa descrição de cerca de 10 crânios, incluindo o encontrado durante a expedição realizada na província Ceará. Eles os classificaram em cinco séries: botocudos, oriundos do Rio Doce na região de Minas Gerais e do Espírito Santos; de Macaé, Rio de Janeiro; da Ilha do Governador, também da província do Rio de Janeiro; de Lagoa Santa, Minas Gerais e o crânio do Ceará. Os detalhes nas descrições dos crâneos mostram certo domínio do conhecimento da anatomia humana. Segundo Domingues, “diferentemente da

²³² **Catalogos dos produtos naturaes e industriaes remmetidoss das províncias do Império do Brasil que figurarão na Exposição nacional inaugurada na Corte do Rio de Janeiro no dia 2 de dezembro de 1861.** Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1862. p.198.

²³³ **Revista da Exposição Anthropológica Brasileira.** Rio de Janeiro, 1882.

etnografia, a antropologia foi uma ciência de médicos, realizada em laboratório, e, embora trabalhasse com material coletado em expedições naturalistas, definia-se por métodos específicos, de medição de ossos fósseis e análise de esqueletos” (DOMINGUES, 2009, p. 172). Um exemplo disso foi Paul Broca, fundador da Sociedade de Antropologia de Paris, que era médico e anatomista. Os estudos de Samuel Morton certamente influenciaram as pesquisas desenvolvidas pelos *homens da ciência* do Museu Nacional, como Lacerda e Peixoto. Ao passo que os estudos desenvolvidos e o método de medição de Paul Broca balizaram os trabalhos de Lacerda e Peixoto, os materiais coletados no Brasil auxiliaram os trabalhos desenvolvidos por estudiosos, como o próprio Paul Broca e Quatrefages (DOMINGUES, 2009, p. 172).

A respeito do “crânio do Ceará”, os autores afirmaram que tal peça era a mais interessante da coleção de crânios do Museu. Tal afirmação nos leva a questionar o porquê da importância dada a este fragmento de crânio? Possivelmente pelo reconhecimento dado por estudiosos estrangeiros. Lacerda e Peixoto mencionam a visita ao Rio de Janeiro do zoólogo belga Pierre Joseph van Beneden (1809 - 1894) e seu amplo interesse pelo fragmento de crânio. O estudioso chegou a tirar uma fotografia e levou a reprodução para Europa²³⁴.

Catunda baseando-se nos trabalhos de Lacerda e Peixoto, afirmou que os crânios encontrados no Ceará, em Lagoa Santa e o fóssil de Neandertal possuíam características físicas similares. O autor, partindo desses indícios, sustentou a ideia de que o homem apareceu simultaneamente no período quaternário nos dois hemisférios. Observemos o trecho abaixo:

A raça mais antiga do continente europeu é a raça de Canstadt, representada pelo homem fóssil de Neanderthal. A inferioridade typica dessa raça a distancia menos do anthropopithecus do que do homem actual. O homem americano revestiu essa fôrma duvidosa. O craneo achado no Ceará e desenhado pelos srs. Lacerda e Peixoto, pertenceu a um sêr igual nos caracteres anatomicos, aos da raça de Canstadt; no mesmo momento da evolução morphologica se achavam os indivíduos, cujos esqueletos encontrou Lund na Lagôa Santa, de envolta com ossadas de megatheruns, machaerodus, glyptodos etc, etc.²³⁵

²³⁴ LACERDA, João Baptista de; PEIXOTO, José Rodrigues. **Contribuições para os estudos antropológicos dos indígenas do Brasil**. In: *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, Volume 1, 1876, p.67.

²³⁵ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919.p. 21-22.

De acordo com Catunda, os crânios eram um indício que corroborava a tese do aparecimento simultâneo da espécie humana em dois locais distintos, visto que possivelmente datavam de um mesmo período. Como já mencionado, Catunda não concordava com a teoria das migrações de povos de outros continentes para a América.

Além de informações sobre o “crânio do Ceará”²³⁶, Lacerda e Peixoto ofereceram uma descrição do crânio encontrado pelo naturalista dinamarquês Peter Lund (1801-1880), entre os anos de 1842 e 1843, em Lagoa Santa, em Minas Gerais, também citado por Joaquim Catunda. Os autores descreveram com detalhes o crânio fóssil encontrado em Lagoa Santa:

(...). A fronte é baixa e inclinada para traz como em quase todos os craneos da raça americana; [...] É de presumir que o individuo a quem pertencia este craneo não tivesse uma idade a 30 anos na ocasião da morte. Nem se óde considerar inadmissível esta hipótese ante o facto da consolidação das suturas, pois é sabido que as suturas se consolidam mais precocemente nas raças barbaras do que nas civilizadas. A abertura anterior das fossas nasaes tem a fórmula de um coração e carta de jogar muito irregular. As fossas caninas são pouco escavadas e o buraco occipital apresenta a formula ovalar. O dr. Lund que encontrou este craneo em uma das cavernas de Lagoa Santa, attribue-lhe uma idade superior a 3000 anos.²³⁷

Percebemos que no método de análise dos estudiosos, há uma preocupação em identificar anomalias ou deformações nos crânios, encontradas apenas em uma das dez peças. Vejamos o quadro a seguir:

²³⁶ “A um crânio assim constituído deve ter correspondido um grau de inferioridade intelectual muito próximo ao dos macacos antropomorfos”. LACERDA, João Baptista de; PEIXOTO, José Rodrigues. **Contribuições para os estudos antropológicos dos indígenas do Brasil**. *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, Volume 1, 1876. p.68 *apud* DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero. **Controvérsias Evolucionistas no Brasil do Século XIX**. IN: DOMINGUES, Heloisa Bertol *et.al.* (Org.). **A recepção do darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.p.104.

²³⁷ LACERDA, João Baptista de; PEIXOTO, José Rodrigues. **Contribuições para os estudos antropológicos dos indígenas do Brasil**. *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, Volume 1, 1876.p.64.

Quadro – 2: Caracterização dos Crânios

Crânio 1	Não oferece anomalia alguma, nem deformidade.
Crânio 2	Sem anomalia nem deformidade alguma.
Crânio 3	Não oferece anomalia alguma.
Crânio 4	Achava-se bem conservado e não apresenta deformação alguma congênita ou póstuma.
Crânio 5	A sutura nasal está situada quase ao nível da arcada superciliar a as apófises ascendentes do maxilar superior muito inclinadas para traz, o que constitui uma anomalia.
Crânio 6	Não apresenta anomalia alguma congênita ou póstuma.
Crânio 7	-
Crânio 8	É crânio muito pequeno, sem anomalia alguma.
Crânio 9	-
Crânio 10	-

Fonte: LACERDA, João Baptista de; PEIXOTO, José Rodrigues. Contribuições para os estudos antropológicos dos indígenas do Brasil. In: **Archivos do Museu Nacional**, Volume 1, 1876.

Compreendemos que há um esforço de tipificação da “raça americana”. Segundo eles, determinadas particularidades caracterizariam os crânios da “raça americana”, como a fronte baixa e inclinada ou a presença de “deformidades artificiais”. Interessante observar que tais deformidades não foram encontradas ou pelo menos não foram registrados com relação aos crânios analisados por Lacerda e Peixoto²³⁸. Isso levou os estudiosos a concluírem que apesar de deformidades artificiais serem comuns em crânios encontrados nas regiões do Peru e Bolívia, não eram comuns nas raças do Brasil. Então, como classificá-las em um mesmo tipo ou raça?

Os estudos craniométricos e o apontamento de “anomalias” e “deformidades” eram utilizados para comprovar uma suposta inferioridade desses indivíduos. Um indicativo disso foi a afirmação de que a medição do crânio pertencente à série dos *botocudos* mostrou que estes possuíam inferioridade intelectual frente a raças como os neo-caledônios e os australianos. De acordo com Lacerda e Peixoto, as aptidões dos *botocudos* eram limitadas e concluíram que por este motivo esse grupo não alcançaria o processo civilizatório²³⁹.

Em outro momento, descrevendo um crânio encontrado em Macaé, no Rio de Janeiro, os estudiosos ressaltaram o fato de no occiput²⁴⁰ ser achatado, algo

²³⁸ *Idem Ibidem*. p.71.

²³⁹ *Idem Ibidem*. p.72

²⁴⁰ O que designa como occiput é o termo anatômico dado à porção posterior da cabeça, o occipício.

característico da raça americana²⁴¹. Segundo eles, o crânio era provavelmente de uma criança, resultado de um cruzamento mais adiantado, quer dizer, possivelmente com uma *raça* oriunda da Europa, tal afirmação explicaria certo grau de superioridade intelectual.

O procedimento metodológico realizado por Lacerda e Peixoto foi comparar os dados das medidas craniométricas e dos caracteres anatômicos realizados pelos pesquisadores do Museu com os de crânios achados em outras localidades do continente americano para chegar, conforme eles, a algumas conclusões a respeito dos indígenas do Brasil. A partir desses estudos comparativos chegaram à conclusão de que a raça americana em geral é dolicocefala²⁴².

De acordo com o artigo analisado havia um esforço por parte dos estudos desenvolvidos por Morton em comprovar “a unidade ethnica das raças da América”. Segundo Lacerda e Peixoto, Morton não percebia diferenças realmente relevantes no que concerne às crenças, costumes e língua dos povos que habitavam a América, para afirmar que se tratavam de etnias distintas. Entretanto, notamos que o posicionamento de Lacerda e Peixoto vai de encontro a esta proposição, visto que eles afirmam:

Seja-nos, pois, licito declarar que a respeito de tais questões não temos opinião formada, e quando no circulo das hypotheses prováveis houvesse de aceitar alguma, seríamos polygenista como Agassiz. É possível que a America fosse um dos centros da criação e que mais tarde povos emigrados da Asia ou de outros pontos do globo, mais próximos, viessem fundir-se com a raça primitiva, produzindo a raça actual. Tal é um dos grandes problemas propostos á sciencia do futuro chegue a demonstrar.²⁴³

Catunda também parece concordar que quando da chegada dos portugueses na América havia raças formadas por etnias distintas²⁴⁴, tendo como referência o artigo *Brasil e Oceania* de Gonçalves Dias. Em suas indagações, Catunda explicou que aqueles povos eram muito distintos no que se refere à diversidade das características físicas, línguas, costumes, como também ao “grau de civilização”. No caso a “raça invasora”, os tupinambás, seria menos civilizada que as

²⁴¹ LACERDA, João Baptista de e PEIXOTO, José Rodrigues. **Contribuições para os estudos antropológicos dos indígenas do Brasil**. In: *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, Volume 1, 1876. p.57.

²⁴² *Idem Ibidem*. p.71.

²⁴³ *Idem Ibidem*. p.75.

²⁴⁴ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.24.

raças que ele caracterizava como autóctones. Segundo ele, as tribos que ocupavam o Ceará eram remanescentes da “raça invasora”. Com relação à origem das “tribos invasoras”, ele afirmou que:

Fragmentada em kabilas innumeras e hostis, sempre una, porém, pelos caracteres ethnicos, pelos costumes, pela lingua, se estendeu a raça invasora por uma superficie immensa, tomando differentes denominações. Era carahybas nas Antilhas, galibis nas Guyanas, tupinambás no Brasil, guaranis no Paraguay.

A invasão das raças do noroeste do Anuhac, as guerras continuas do governo theocratico dos aztecas em busca de victimas para sacrificios divinos, produziram grandes abalos por toda a America Central que se propagaram até ás populações grupadas na bacia meridional do gôlfo, e determinaram essa transmigração para o sul. Desceram em tribus que eram impelidas para deante por outras que vinham ocupar-lhes o logar e que por sua vez seguiam o mesmo impulso.²⁴⁵

Catunda levantou as possibilidades de povoamento do chamado continente americano, concordando com a hipótese defendida pelo geólogo e paleontólogo estadunidense John Wells Foster (1815 - 1873), utilizando como aporte teórico o livro intitulado *Pre-Historic Races of the United States* (Raças pré-históricas dos Estados Unidos), de 1873, como também, Hermann Burmeister (1807 - 1892), precisamente a obra *Geschichte der Schopfung* [História da criação]. Estes autores afirmavam que o *homem americano* é fruto do “solo americano”.

Ora, como podemos compreender tal afirmação “que o homem americano é produto do sólo americano”? Possivelmente, para Catunda, uma justificativa plausível foram as questões que ele elencou como características que distinguiram os povos da América dos povos da Europa, no que concernem as tradições, formas de culto, enfim²⁴⁶. Segundo ele, não havia filiação das *raças indianas* ou do *tipo americano* com as *raças* da Ásia, África e Europa, logo, era produto do solo americano:

Emquanto, portanto, não se provar o contrario, deve-se admittir que o homem americano é um producto do sólo americano e que appareceu neste hemispherio em uma antiguidade pelo menos tão remota quanto no <<velho mundo>>.²⁴⁷

²⁴⁵ *Idem Ibidem.* p. 24-25.

²⁴⁶ *Idem Ibidem.* p.22.

²⁴⁷ *Idem Ibidem.* p.22.

Portanto, quais as implicações da afirmação de origens distintas das populações humanas? Primeiramente que a humanidade era formada por várias raças, inclusive os povos que habitavam a América pertenciam a diferentes raças. Ele também distingue as raças pelos seguintes aspectos: feições, então o físico; línguas, costumes, entre outros. Como dito ao longo do trabalho, tinha argumentos para contradizer as teorias emigratórias. Ele defendia ser pouco provável a teoria das emigrações e sustentava o autoctonismo dos habitantes da América.

Como se vê, essa teoria desatende a grande antiguidade do homem do homem n'esse hemispherio. Logicamente admitem os sabios que a sustentam, que por milhares de séculos a America foi êrma de sêres humanos e que solidão immensa fôra ainda ao tempo em que a descobriu o genio de Colombo, si as tempestades do Atlantico e do Pacifico não houvessem desgarrado, em remoto passado, alguns pequenos barcos das costas africana e asiática. A vida evoluiu aqui, como no outro hemispherio, modificando o typo primitivo, dando-lhe uma infinidade de fórm, enriquecendo-o de predicados, sem jamais atingir ao typo superior em que se produz o pensamento; as leis que acolá regeram a evolução do sêr através da longa serie de encadeamentos do reino animal e vegetal, tiveram aqui uma pausa funesta no momento mais importante dos processos evolutivo; a criação como que ficara decapitada no continente americano.²⁴⁸

A questão não era apenas desvendar a origem ou as origens desses habitantes, que para o autor possivelmente eram “um produto local”, mas mostrar como esse tipo primitivo foi se modificando e gerando vários tipos ou raças. Ou seja, ele possuía uma compreensão de que houve evolução no continente americano, mas devido determinados fatores se deu de forma diferente. Então, para ele, os habitantes que ocupavam o continente americano não eram apenas distintos de outras raças como as da Europa, mas os primeiros eram inferiores ao segundo.

²⁴⁸ *Idem Ibidem.* p.19-20.

4 O EVOLUCIONISMO DE JOAQUIM CATUNDA

4.1 O debate evolutivo na segunda metade do século XIX.

Ao longo do século XIX, diferentes paradigmas sobre a origem e o desenvolvimento da vida foram se modificando. O modo como cientistas, filósofos, pensadores em geral refletiam as mudanças do espaço natural e da sociedade mudou.

A noção de evolução, ou seja, a ideia de que o mundo estava em constante transformação, passou a gestar o conhecimento da época. Por vezes, a alcunha de evolucionista esteve ligada a teoria da evolução do naturalista Charles Darwin (1809-1882) e ao seu livro *The Origins of Species* (1859). Dessa forma, evolucionismo tornou-se sinônimo de darwinismo, termo cunhado por Thomas Henry Huxley (1825-1895)²⁴⁹, biólogo britânico que fora um dos maiores entusiastas da teoria da evolução de Darwin.

Ora, por mais que o pressuposto básico da teoria de Darwin tivesse sido a ideia de evolução, o darwinismo não era a única dentre as ideias correntes no século XIX que defendia esta teoria. Sobre como o sentido moderno de evolução foi se configurando principalmente entre os estudos biológicos, Raymond Williams elucida que:

O que ocorreu, então, na biologia, foi uma generalização do sentido de *desenvolvimento* (expor plenamente) de formas imaturas para formas maduras e, em especial, o sentido especializado de *desenvolvimento* de organismos 'inferiores' para organismos 'superiores'. Desde o final do S18 e início do S19, o sentido de processo natural geral – uma história natural por sobre e para além dos processos naturais específicos – tornava-se cada vez mais conhecido. Estava explícito na menção feita por Lyell à evolução dos animais terrestres em 1832, e Darwin referiu-se a ele em *A Origem das espécies* (1859) como aceito 'em nossos dias' por 'quase todos os naturalistas' 'sob alguma forma'. Em 1852, Herbert Spencer definiu a teoria geral da evolução desde formas inferiores até formas superiores de vida e de organização. (WILLIAMS, 2007, p.166-167).

A concepção de que a vida estava em permanente transformação foi percebida aos poucos pelos naturalistas da época, mas variavam as formas

²⁴⁹ Gualtieri em nota de rodapé: "Lembro que o termo darwinismo foi cunhado por T. H. Huxley, em 1864, para se referir às ideias de Darwin." In: GUALTIERI, Regina Cândida Ellero Gualtieri. **Evolucionismo no Brasil. Ciência e Educação nos Museus 1870 – 1915**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008, p. 201.

explicativas dessas mudanças. Foram elaboradas diversas hipóteses que procuravam esclarecer quais mecanismos regiam essas transformações e como eles funcionavam, como Charles Darwin, que defendia o princípio da evolução por seleção natural. De acordo com Darwin, a seleção natural era um mecanismo de evolução, variação e adaptação das espécies que atuava de forma aleatória num ambiente em constante transformação. Nesse determinado ambiente, existiriam indivíduos pertencentes a uma mesma espécie, mas com variações de características. As variações “benéficas” para a sobrevivência do indivíduo e que possibilitassem sua reprodução seriam transmitidas hereditariamente para os seus descendentes, eliminando gradualmente os indivíduos pouco adaptados²⁵⁰.

Apesar da teoria de Darwin ter tido um maior alcance, não apenas no campo científico, mas em diversas estâncias da sociedade, outros naturalistas também incorporaram a noção de evolução em seus estudos, entre os quais podemos citar o francês Jean-Baptiste Lamarck (1744 - 1829) e o britânico Alfred Russel Wallace (1823 - 1913).

Jean-Baptiste Lamarck foi um dos primeiros naturalistas a desenvolver uma teoria explicativa a respeito do processo de transmutação²⁵¹ dos organismos vivos, descrita no livro *Philosophie Zoologique*, publicado em 1809. Suas pesquisas o levaram a admitir que as espécies se modificavam e se aperfeiçoavam gradualmente ao longo do tempo. Contudo, Lamarck não utilizava o termo “evolução” em suas ideias, mas outros conceitos como “progressão” e “aperfeiçoamento”, visto que na época o termo “evolução” era comumente empregado para designar os estágios de desenvolvimento de um determinado indivíduo desde a fase embrionária até a fase adulta e não à transmutação das espécies num determinado ambiente (MARTINS, 1993, p. 17-18).

A teoria de Lamarck, apesar de apresentar questões importantes para o desenvolvimento da ciência biológica, tornou-se conhecida por dois aspectos principais: “a lei do uso e desuso” e a “lei da transmissão de caracteres adquiridos”. Para Lamarck, os organismos vivos teriam surgido de forma espontânea sem intervenção divina, afirmando que ao longo do processo de desenvolvimento desses

²⁵⁰ Sobre a teoria de Charles Darwin, ver: MAYR, Ernst. **Biologia, ciência única: reflexões sobre a autonomia de uma disciplina científica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

²⁵¹ Processo de modificação das espécies de um organismo mais simples para um mais complexo.

indivíduos, eles passariam por várias modificações, sendo o meio um dos mais importantes fatores dessas transformações.

De acordo com sua teoria, os seres vivos procuram ao longo de seu desenvolvimento se adaptar ao meio em que vivem; se esse meio sofre algum de tipo de alteração, os indivíduos passam por um novo processo de adaptação. Alterações no meio levariam a mudanças nos hábitos de uma determinada espécie, sendo que esses novos hábitos adquiridos acarretariam em transformações nas características físicas desses organismos. Nesse processo de adaptação às novas necessidades, alguns órgãos ou partes do corpo seriam mais usados do que outros, ou seja, a lei do uso e desuso agiria causando modificações nesses indivíduos. Essas novas características adquiridas persistiriam e seriam transmitidas aos descendentes²⁵². Conforme Henrique Lins de Barros

As ideias de Lamarck muito baseadas em especulações, têm, entretanto aspectos importantes. Para ele, as espécies não poderiam ter surgido da Criação e se mantido estáticas desde então, pois se isto ocorresse não sobreviveriam a mudanças do meio. Como consequência, ele concluiu que as espécies continuamente se alteravam, apesar de muitas vezes manter sua aparência. Estas mudanças poderiam ser diminutas, mas atuavam constantemente e de forma gradual, fazendo com que a vida se adaptasse constantemente às mudanças externas. Contrariamente a seu colega Cuvier, Lamarck defendia a ideia de uma Terra que evolui por contínuas pequenas alterações. De fato, Lamarck foi o primeiro a formular uma teoria da evolução compreensiva e sistemática. (BARROS *in* DOMINGUES, 2003, p. 10).

Na elaboração de suas ideias acerca da evolução, Lamarck e Darwin de certa forma concordavam que as espécies sofriam transformações de forma gradual, como também com relação à herança de caracteres adquiridos, todavia Darwin apresentou outros aspectos em sua teoria da evolução, como a descendência comum e a seleção natural. Entretanto, Darwin não foi o único a observar “a seleção natural” como um importante elemento no processo evolutivo.

O naturalista Alfred Russel Wallace também admitia que as espécies se transformavam ao longo do tempo e que estavam evoluindo. O naturalista britânico, após um período coletando exemplares de espécimes no Amazonas, de 1848 a 1852, tinha como objetivo desvendar o problema da origem das espécies e se estas

²⁵² Sobre a teoria de Lamarck, ver: MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira. **A teoria da progressão dos animais de Lamarck**. Dissertação de Mestrado: UNICAMP, 1993.

descenderiam de outra espécie modificada (FERREIRA, 2009, p. 41-42; HORTA, 2003, p. 521).

Em 1855, Wallace publicou um manuscrito intitulado *Sobre a lei que regula a introdução de novas espécies*, em que apresentava o mecanismo de separação das espécies em decorrência de eventos geográficos como uma das hipóteses explicativas da origem e evolução das espécies (HORTA, 2003, p. 523 e 524). Entretanto, no ano de 1858, publicou *Sobre a tendência das variedades a afastarem-se indefinidamente do tipo original* em que delineou sua hipótese da sobrevivência do melhor adaptado, bastante semelhante à teoria de Darwin (HORTA, 2003, p. 217-218).

Wallace trocava correspondências e ideias com Charles Darwin e chegou enviar seu artigo desejoso de uma apreciação. Receoso do trabalho de Wallace, Darwin decidiu apressar a publicação de *The Origins of Species*. Charles Darwin foi configurando sua teoria da evolução após anos de estudos, coleta de espécimes e análise de dados durante sua viagem a bordo do *Beagle* entre os anos de 1831 e 1836. Durante suas pesquisas, Darwin conheceu diversas localidades, espécies animais, povos e culturas, muitas delas desconhecidas pelos naturalistas europeus da época. Apesar de diversos estudiosos terem refletido sobre a origem e desenvolvimento da vida, e incorporarem em suas teses a teoria da evolução, a forma como Charles Darwin organizou suas hipóteses e a quantidade de dados coletados ganhou grande proporção no meio científico.

Segundo Ernst Mayr, o paradigma evolucionista de Darwin era composto por cinco teorias: a inconstância das espécies ou evolução propriamente dita; descendência comum; caráter gradual ou gradualismo; especiação populacional ou multiplicação de espécies e a seleção natural. Outros estudiosos contemporâneos a Darwin, como Thomas Henry Huxley e Ernst Haeckel, defenderam e difundiram as teses do autor inglês, mas não chegavam a concordar com todos os pressupostos de sua teoria (MAYR, 2005, p. 114-115). A noção de evolução e as ideias com esse caráter não estavam apenas associadas à compreensão do “mundo natural” a partir de uma concepção biológica, mas indubitavelmente a evolução foi aplicada para pensar o homem e a realidade social.

O impacto da ideia de que todos os seres vivos, inclusive o homem, estavam condicionados a teoria da evolução foi enorme, visto que aceitar tal

hipótese seria admitir que o mundo não era imutável desde sua “criação”, assim como o homem não era o mesmo desde Adão e Eva.

Outro ponto polêmico foi a questão da descendência comum das espécies, quer dizer, a afirmação de que todos os seres vivos descenderiam de um ancestral comum. O fato de Darwin equiparar a espécie humana a outras espécies foi de extrema importância para o desenvolvimento dos estudos naturalistas, paleontológicos e antropológicos naquele momento. A questão da origem do homem estava no cerne das preocupações de Darwin desde a viagem do *Beagle*; no entanto, ele resolveu tratá-la com prudência em *The Origins of Species*²⁵³ (CANGUILHEM, 2012, p. 116). Em *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex* de 1871, Darwin retomou esta questão e afirmou categoricamente que “o homem descende de alguma forma inferior”²⁵⁴.

O homem é sujeito a numerosas e ligeiras variações, produzidas pelas causas gerais, e governadas e transmitidas de acordo com as mesmas leis genéricas que regem a evolução dos animais inferiores. O homem tende a multiplicar-se numa velocidade tal que seus descendentes estão necessariamente expostos à luta pela existência, e conseqüentemente à seleção natural. Dele se originaram muitas raças, algumas tão diferentes do padrão normal que chegaram a ser classificadas pelos naturalistas como espécies distintas²⁵⁵.

Após inúmeras pesquisas, o naturalista inglês observou a similitude do homem com outros primatas, concluindo que:

Admitindo-se que os macacos antropóides formem um subgrupo natural, então, uma vez que o homem revela possuir afinidade com eles, não só com relação a todas as suas características em comum com o grupo catarrino, mas tendo em vista outras peculiaridades, tais como a ausência de cauda e de calosidades, e ao seu aspecto geral, podemos deduzir que algum antigo membro do subgrupo antropomorfo teria dado origem ao homem. Não é provável que um membro de um dos subgrupos inferiores tivesse, através da lei de variação análoga, dado origem a uma criatura

²⁵³ De acordo com Ernst Haeckel: “[...]. No seu livro *Sobre a origem das espécies* não ha uma palavra sobre a origem animal do homem. N’este livro o naturalista, unindo á audácia a prudencia, passa silencioso sobre esse ponto, prevendo que essa consequência da doutrina genealogica, a mais importante de todas, seria tambem o obstáculo mais poderoso á sua propaganda e acceitação. Se essa affirmacão estivesse clara no livro de Darwin, elle provocaria ainda mais opposição e maior escândalo. Sómente passados doze anos, em 1871, no trabalho *Sobre a descendência do homem e a seleção sexual* proclamou Darwin a conclusão importante do seu systema e se declarou de accordo com os naturalistas que já a haviam tirado. E’ imenso o alcance de tal deducção e os seus resultados taes que nenhuma sciencia lhes poderá fugir. A anthropologia e a philosophia fôram completamente revolucionadas em todos os seus ramos.” In: HAECKEL, Ernst. **História da Creação Natural**. Porto: Imprensa Moderna, 1912. p.5-6.

²⁵⁴ DARWIN, Charles. **A Origem do Homem e a seleção sexual**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

p.125.

²⁵⁵ *Idem Ibidem*. p.125.

humanóide similar aos antropóides superiores no tocante a tantos aspectos²⁵⁶.

A ideia de que o homem e os símios partilhariam um ancestral comum não foi menos debatida que questões como a luta pela sobrevivência e a lei de seleção natural. A teoria da seleção natural como mecanismo de transformação e adaptação dos seres vivos foi aceita por poucos naturalistas. Alguns chegaram a admiti-la em parte, como Herbert Spencer e Ernst Haeckel.

Herbert Spencer (1820 - 1903) sustentava que a hipótese da seleção natural²⁵⁷ não explicava todos os aspectos do processo de evolução, ou seja, não poderia ser o único elemento de modificação dos organismos vivos. Por esse motivo, ele admitia que a teoria de Lamarck da herança dos caracteres adquiridos era uma chave importante na evolução. Para Spencer, as mudanças sofridas ao longo do processo evolutivo de uma espécie, em alguns casos, poderiam ser explicadas pela “lei uso e desuso” e pela “herança das características adquiridas aos descendentes”²⁵⁸.

A seleção natural, ou sobrevivência do mais apto, é exclusivamente operante no mundo vegetal e no mundo dos animais inferiores, caracterizados por relativa passividade. Mas ao ascender aos tipos mais evoluídos de animais, os seus efeitos são em grau crescente envolvidos com aqueles produzidos pela herança de caracteres adquiridos; até, em animais de estrutura complexa, a herança de caracteres adquiridos se torna uma importante, se não a principal causa da evolução (SPENCER, 1893, p. 456 *apud* MARTINS, 2004, p. 287).

Alguns autores da contemporaneidade afirmam que foi comum a adaptação do darwinismo para a esfera social, sobretudo com o desenvolvimento do chamado “darwinismo social”²⁵⁹ atribuído a Spencer. Todavia, o próprio Darwin conformou a realidade social da humanidade na noção de “luta pela existência”:

A seleção natural decorre da luta pela existência, e esta de uma rápida taxa de crescimento. É impossível não encarar com apreensão, por uma questão de prudência, a taxa de crescimento que tende a prevalecer ao homem,

²⁵⁶ *Idem Ibidem*. p.133.

²⁵⁷ Spencer cunhou o termo: “Sobrevivência do mais apto”. BOWLER, Peter. **Evolution: The history of an idea**. University of California Press, Ltda. London, 1989, p.228.

²⁵⁸ “A obra de Haeckel, particularmente a História da criação (1867) e de Spencer, em especial Princípios de biologia (1864), apresentavam a herança dos caracteres adquiridos como um mecanismo evolutivo tão importante quanto a seleção natural”. In: GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. **Evolucionismo no Brasil. Ciência e Educação nos Museus 1870 – 1915**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008. p.199.

²⁵⁹ Sobre o “darwinismo social”, ver: BOWLER, Peter. **Evolution: The history of an idea**. University of California Press, Ltda. London, 1989.

pois nas tribos bárbaras ela acaba por levar ao infanticídio e a muitos outros males, e nas nações civilizadas à mais abjeta pobreza, ao celibato e ao casamento tardio dos mais prudentes. E como o homem sofre dos mesmos males físicos que os animais inferiores, não tem o direito de esperar que esteja imune aos males decorrentes da luta pela existência. Se ele não tivesse sofrido os efeitos da seleção natural, seguramente jamais teria atingido seu grau atual de evolução²⁶⁰.

É possível perceber que as ideias de “evolução”, “civilização” e “progresso”, que marcaram o século XIX, estão completamente imbricadas com a ideia de seleção natural. O “grau de civilização” era um elemento bastante importante para o autor. Para ele, quanto menor o “grau de civilização” de um determinado grupo humano, ou seja, quanto mais distinto fosse o modo de vida, os costumes, a tecnologia, dos padrões europeus, mais atuante seria o mecanismo de seleção natural.

A ressonância do debate evolutivo no Brasil teve papel importante no desenvolvimento das discussões em torno principalmente da espécie humana e da constituição da população brasileira na segunda metade do século XIX. Segundo Regina Gualtieri (2008, p. 44), os principais intelectuais divulgadores das ideias evolucionistas no Brasil foram: José de Araújo Ribeiro, Domingos Guedes Cabral e Augusto de Miranda Azevedo. Institucionalmente falando, podemos citar os membros do Museu Nacional, Ladislau Neto, Fritz Müller e João Baptista de Lacerda, que aderiram à ideia geral de evolução em seus trabalhos²⁶¹.

Na província do Ceará, a leitura de trabalhos de cunho evolucionista nos círculos intelectuais datava da década de 1870, quando da chegada dos primeiros exemplares de autores como Comte, Darwin e Spencer em Fortaleza. Entretanto, os primeiros contatos com esse repertório de leitura se deu principalmente entre os letrados que tiveram a oportunidade de estudar fora da província, em centros culturais como o Rio de Janeiro e Recife.

Ao longo daquela década, os intelectuais mantiveram um importante diálogo e fundamentaram seus estudos nos pressupostos de autores evolucionistas, sobretudo nas ideias de Charles Darwin e Herbert Spencer. O nome do famoso naturalista inglês, autor de *The Origins of Species*, junto com o de outros

²⁶⁰ DARWIN, Charles. **A Origem do Homem e a seleção sexual**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004. p.122.

²⁶¹ Sobre o Museu Nacional e sua adesão ao evolucionismo, ver: GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. **Evolucionismo no Brasil. Ciência e Educação nos Museus 1870 – 1915**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008.

evolucionistas tornaram-se recorrentes na imprensa da época, citados em folhetins, artigos e notícias²⁶². Os intelectuais da província não recorriam aos evolucionistas apenas em suas pesquisas ou trabalhos científicos, eles também embasavam os debates políticos.

A recepção dessas leituras possibilitou a elaboração de estudos sociológicos e naturalistas baseados nas teorias darwinistas por intelectuais cearenses que residiam em Fortaleza e fora da província. Era bastante comum que os intelectuais que elaboravam seus estudos em outras províncias enviassem seus trabalhos para sua terra natal, dessa forma havia uma circulação de diversos trabalhos sobre o tema.

Nessa ambiência surgiu o trabalho de Domingues José Jaguaribe Filho que teve grande repercussão na imprensa de Fortaleza. Nascido na província do Ceará, Jaguaribe Filho tornou-se doutor pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com a tese *Aclimatação das raças sob o ponto de vista da colonização do Brasil*, em 1874.²⁶³ Alguns exemplares de sua tese chegaram à província naquele ano de 1875, sendo bastante elogiada pelo o jornal *Constituição*, que decidiu transcrevê-la e publicá-la em suas páginas, numa sessão denominada *Sciencia*, garantido assim a difusão do trabalho entre o meio intelectual.

O ano de 1875 foi um momento importante para a divulgação do darwinismo no Brasil. No Rio de Janeiro, ocorreram as *Conferências Populares da Freguesia da Glória*, onde o médico Augusto de Miranda Azevedo (1851-1907) proferiu palestras em defesa do darwinismo, especialmente das proposições de Ernst Haeckel (WAIZBORT, 2012, p. 329-333).

Jaguaribe discutiu em sua tese algumas das principais questões em voga no debate científico da segunda metade do século XIX: a origem da humanidade e das raças, especificamente a origem da raça indígena na América, a transformação dos tipos humanos e as causas dessas transformações. Como leitor de Quatrefages e muito ligado às explicações teológicas e ao dogma bíblico, Jaguaribe defendia o monogenismo e a unicidade da espécie, admitindo a teoria das migrações pelo estreito de Bering como explicação para o povoamento do continente americano. Nesse sentido, ele afirmou que:

²⁶² A *Constituição*, Ano XII, Nº 127, 10 de outubro de 1875. p.1.

²⁶³ A *Constituição*, Ano XIII, Nº 21, 24 de fevereiro de 1875. p.3.

O genero humano é uma só família, dil-o nossa fé de catholico e a escriptura sagrada, que é o melhor monumento da história dos antigos povos, todos dizem bem alto que nosso berço foi um só e que depois levados pelas agitações da vida foram os homens e seus descendentes se espalhando pelas ilhas e continentes mais remotos²⁶⁴.

Muitos dos conceitos e pressupostos utilizados por Jaguaribe são próprios do debate evolucionista. Ao discutir o “aclimatação das raças”, o autor admitia a evolução das espécies, inclusive das raças humanas. Citando os estudos de Charles Darwin, Jaguaribe apropriou-se da teoria da descendência comum e multiplicação das espécies, afirmando que as diversas raças humanas teriam se originado de uma única raça.

A partir de uma perspectiva lamarckista, o autor afirmou que as raças passavam por uma serie de transformações ao longo de sua evolução ocasionada pela ação do clima e das condições geológicas, e essas modificações eram transmitidas hereditariamente. Para ele, “[...] a evolução das raças é alterada de dois modos ou pelo meio, ou pela hereditariedade; uma diversifica o typo, o outro perpetua a modificação”²⁶⁵.

Outro ponto importante da tese de Jaguaribe a respeito da diversificação do tipo é a questão cruzamento. O cruzamento de raças distintas gerariam tipos diversos, por exemplo: o africano e o português teriam como resultado o cabra ou mulato. Utilizando o método de Becquerel, o autor divide as raças humanas em: raça branca ou caucásia, raça amarela ou mongólica, raça vermelha ou americana, raça negra ou africana.

Seria longa a historia das modificações porque passou o genero humano para chegar a infinidade de typos que causando tanta admiração aos antropologistas levou-os a poligenia de Agassiz e Nott se constituíram defensores, e o incrédulo Volnay.²⁶⁶

Para o autor, a questão do clima é fator preponderante para a diversidade dos tipos e diferentes características físicas. Ele afirma que os indígenas descendem dos povos asiáticos, e a mudança nas características físicas advém do clima.

Com relação à origem dos povos da América, o autor destacou o papel das descobertas antropológicas e arqueológicas, de estudiosos como Humboldt,

²⁶⁴ *A Constituição*, Ano XIII, Nº 38, 11 de abril de 1875. p.2.

²⁶⁵ *Idem*. p.2.

²⁶⁶ *Idem*. p.3.

Robertson, Lund, para desvendar tal questão. Segundo ele, esses estudos demonstraram que a “raça indígena da América” é oriunda do “velho mundo”. O autor é categórico ao discordar do poligenismo.

O autor recorreu a estudos linguísticos de cunho científico, como também a *Bíblia* para assegurar sua afirmação. Apesar de embasar suas ideias em estudos científicos, a questão dogmática ainda estava bastante enraizada em boa parte dos trabalhos da época no Brasil.

Qualquer que seja a comparação que se queira fazer para ver a origem da raça americana n'outro berço, que não seja o estabelecido pelos livros santos, sempre se encontra analogias de tal modo eloquentes, que em verdade só um espirito intolerante não dará fé. Somos levados a vêr no gênero humano uma tal uniformidade, que ou o homem se apresenta negro, ignorante, anão, gigante, sempre o levamos a um só typo comum.²⁶⁷

Jaguaribe assim afirmou que todas as raças e tipos descendiam de uma só raça: a caucasiana. Desta forma, o autor defendia que a “raça americana” seria oriunda da Ásia, fazendo um paralelo entre as migrações “pré-históricas” e a colonização moderna. A questão da aclimação seria seu argumento contra a hipótese poligenista, ou seja, as raças e tipos humanos teriam características diferentes devido o clima e o cruzamento de espécies diferentes.

E' a America o scenario onde se passam os dramas das mais significativas prova da aclimação das raças. A descoberta do novo mundo attrahio europeus de todas as partes para procurar riquezas, e eis ahi habitantes dos climas mais frios no meio dos mais quentes.²⁶⁸

Jaguaribe discordava inteiramente da afirmação de Agassiz de que “o homem americano é produto do solo americano”²⁶⁹, afirmando que a raça humana é una.

Os membros das associações literárias e científicas de Fortaleza recebiam forte influência de autores como Buckle, Comte, Taine e Spencer (OLIVEIRA, 1998, p. 55-62). Darwin também foi sendo incorporado aos poucos ao inventário de leituras. Isso não significa que todos os autores que o citavam

²⁶⁷ *A Constituição*, Ano XIII, Nº 39, 14 de abril de 1875. p.3.

²⁶⁸ *Idem*. p.3.

²⁶⁹ *Idem*. p.3.

concordavam com ele completamente, dessa forma aderiam às concepções que se se identificavam e rejeitavam outras, como foi caso de José de Alencar.

Nos manuscritos *Antiguidade da América* e *A raça primogênita*, Alencar demonstra sua familiaridade com as leituras e discussões evolucionistas, citando como referências Darwin e Haeckel. Marcado por um pensamento teológico e genesíaco, Alencar admitia a veracidade da teoria da evolução por seleção natural de Darwin; contudo, não concordava com a ideia de que esse processo acontecia sem intervenção divina ou sobrenatural. A teoria de Darwin entrava em confronto com as convicções de Alencar, visto que no processo de seleção natural não há a necessidade de intervenção divina, enquanto que Alencar defendia a inteira subordinação das “leis naturais” à criação divina²⁷⁰.

Na década de 1880, o evolucionismo, especialmente o darwinismo, volta ao cerne do debate científico por conta da morte de Charles Darwin e da emergência de releituras das ideias de Lamarck e Darwin. Nos periódicos de Fortaleza é possível encontrar um número significativo de artigos, notícias e trabalhos referenciados nos estudos evolucionistas, sobretudo nas áreas da Zoologia e da Botânica²⁷¹.

É perceptível que os pressupostos evolucionistas não somente eram usados para sustentar questões de cunho científico, mas também nos assuntos mais triviais, como o modo como as parisienses andavam²⁷². Circulavam na capital não

²⁷⁰ ALENCAR, José de. **A raça primogênita**. In: ALENCAR, José de. **Antiguidade da América e A raça primogênita**; edição, apresentação e notas de Marcelo Peloggio. – Fortaleza: Edições UFC, 2010. p.65.

²⁷¹ *A planta telegrapho* (Darwin é citado), *Cearense*, Ano XXXVI, Nº 246, 15 de novembro de 1881. p.2; *Os Mormons* (sobre a poligamia, Darwin é citado), *Cearense*, Ano XXXVI, Nº 167, 5 de setembro de 1882. p.2; *As plantas más: seu extermínio* (São citados Charles Darwin e Charles Lyell), *Cearense*, Ano XXXVIII, Nº 100, 10 de maio de 1884. p.2; Notícia sobre uma conferência proferida por *Phaelante da Câmara* no Gabinete de Leitura Caruaruense em Pernambuco sobre a “lucta pela vida de Darwin”, *Cearense*, Ano XXXVIII, Nº 111, 24 de maio de 1884. p.1; *O sexo da alma* (Darwin), *Cearense*, Ano XLV, Nº 219, 14 de outubro de 1890. p.1; *O papel dos vermes da terra* (Darwin), *Cearense*, Ano XLV, Nº 120, 10 de junho de 1891. p.2; *O pico de Adão em Ceylão* (sobre as viagens de Haeckel), *Cearense*, Ano XXXVIII, Nº 102, 13 de maio de 1884. p.2; *Darwin*, *Gazeta do Norte*, Ano II, Nº 98, 5 de maio de 1882. p.3; *Carlos Darwin*, *Gazeta do Norte*, Ano III, Nº 149, 9 de julho de 1882. p.2; *Philosophia instantânea* (São citados Darwin e Spencer), *Libertador*, Ano III, Nº 218, 5 de outubro de 1883 p.2; *Sr. Goodewedle*, *Libertador*, Ano IV, Nº 192, 17 de setembro de 1884. p.2-3; *Família e fortuna*, *Libertador*, Ano IV, Nº 233, 7 de novembro de 1884. p.2; *Herbert Spencer*, *Libertador*, Ano VII, Nº 173, 23 de junho de 1887. p.2; *A formiga rival do homem*, *Pedro II*, Ano XLII, Nº 91, 20 de novembro de 1881. p.2; *Utilidade das abelhas*, *Pedro II*, Ano XLIII, Nº 10, 23 de janeiro de 1889. p.2; *Geologia*. *Emilio Castor de Araújo*, *Pedro II*, Ano L, Nº 34, 27 de outubro de 1889. p.3.

²⁷² “Um sábio americano explicou, com a ajuda da teoria de Darwin, a razão porque as parisienses andam de uma maneira muito mais graciosa e elegante do que as outras mulheres”. Nota publicada no *Globo* e reproduzida no *Cearense*, Ano XXXVII, Nº 190, 4 de outubro de 1882. p.2.

apenas livros de autores evolucionistas reconhecidos, como também trabalhos de autores locais²⁷³.

Num artigo publicado no *Libertador*, intitulado *A moral e a philosophia*, Farias Brito apontava, assim como Catunda, os argumentos que cerceavam o debate acerca da constituição da secularização da ciência, tendo os estudos evolucionistas os pilares nessa discussão. Farias Brito afirma que:

O homem segundo a moderna compreensão das cousas, segundo o estado actual das idéas, só poderá encontrar uma explicação natural de sua existencia no seio do mundo zoologico. Os trabalhos de Copernico, Kepler, Galileu e Newton destruíram o erro geocentrico, e os trabalhos de Goethe, Lamarck, Liell, Darwin, Haeckel etc. destruíram o erro anthropocentrico, erros que muito obscureciam os conhecimentos relativos ao homem. Hoje acham-se completamente destruídas as ideias theologicas em virtude das quais acercado do homem tudo se achava envolvido nas brumas tenebrosas das velhas concepções metaphisicas.²⁷⁴

É importante percebemos que, se na década de 1870, boa parte dos intelectuais buscavam na teologia explicações para questões científicas, nos anos 80 surgiu uma influente corrente de autores que cada vez mais aderiram à ideia de secularização da ciência, como Catunda e Farias Brito²⁷⁵, especificamente com a incorporação de ideias evolucionistas que procuravam dar uma explicação “natural” para os fenômenos naturais e sociais da província do Ceará.

4.2 Joaquim Catunda e a evolução

“Na fragmentação appparente do cosmos, na dispersão illusoria da vida universal, representam os sêres finitos formas, typos, modos do sêr infinito, que os abandona por uma forma mais adequada, por um typo mais perfeito.” (JOAQUIM CATUNDA, 1919, p.7).

²⁷³ *Excursão pelos domínios da entomologia. Estudos e observações sobre as formigas* (1886) de João Alfredo de Freitas. Este livro foi enviado um amigo do autor residente em Fortaleza, e este publicou no jornal *Libertador* sua apreciação acerca do livro. *Libertador*, Ano VI, Nº 108, 15 de maio de 1886. p.2-3.

²⁷⁴ *Libertador*, Ano VI, Nº 159, 17 de julho de 1886. p.2.

²⁷⁵ Num artigo intitulado *A Philosophia e seu objecto: Metaphisica*, na sessão *Estudos de Philosophia*, Farias Brito discorre sobre o debate entre filosofia e religião a partir de filosofo inglês Herbert Spencer, um dos principais defensores do darwinismo. De acordo o autor, Spencer tentou reconciliar filosofia e religião, contudo Farias Brito, se aproximando de Catunda, afirma que: “A religião e a philosophia são os dous polos, positivo e negativo do pensamento: uma é uma concepção *a priori*; a outra uma concepção *a posteriori* do mundo”. *Libertador*, Fortaleza/CE, Ano VI, Nº 165, 24 de julho de 1886. p.2.

O objetivo deste tópico é analisar como Joaquim Catunda se apropriou dos conceitos fundamentais de Charles Darwin, presentes em *The Origin of the Species* (1859) e *The Descent of Man, and Selection in Relation of Sex* (1871), e os aplicou em seus escritos. Como afirmamos anteriormente, Catunda para justificar seu interesse em produzir um trabalho sobre a história da província do Ceará e sobre o “povo cearense” - segundo ele, um povo “sem essas brilhantes evoluções que dramatizam a história das raças nobres”²⁷⁶ -, buscou na ideia de um “tipo sul americano” a potencialidade daquele povo. Nesse sentido, o autor procurou analisar o surgimento e o desenvolvimento do homem no continente americano a partir de uma perspectiva evolucionista.

Por mais que em suas publicações, Joaquim Catunda não se declarasse propriamente um evolucionista, há indícios com os quais podemos identificar sua adesão à ideia de evolução a partir do emprego de categorias usadas por autores evolucionistas, inclusive por Charles Darwin. Catunda não apenas conhecia o naturalista inglês, como também o admirava, assim como evidencia um trecho de *Estudos de História do Ceará* em que ele teceu elogios aos estudos de evolucionistas, afirmando que:

Recuados assim os limites da história, batida pela evidencia dos factos a autoridade da revelação, quis o espirito conhecer o homem antes de todo o estado social, nos primeiros tempos de aparecimento sobre a terra. A geologia, estudando a formação das camadas telúricas, a paleontologia, reconstruindo pelo estudo dos fosseis a fauna e a flora das primeiras idades do globo, derramaram uma luz imensa sobre a questão. As sabias investigações de Darwin na Inglaterra, os profundos trabalhos de Heckel na Alemanha, a indagação paciente dos anthropologistas de todos os paizes civilizados, solveram afinal o problema, tanto tempo embaraçado de extranhas considerações theologicas.²⁷⁷

Para ele, os avanços científicos naquele momento, sobretudo das ciências naturais, estavam diretamente atrelados ao desenvolvimento dos estudos evolucionistas, especificamente os desenvolvidos por Darwin e Ernst Haeckel. Ao que parece, Catunda creditava a esses trabalhos o fim da submissão da ciência aos ditames do dogmatismo religioso.

Com base nas fontes, podemos afirmar que Catunda não apenas estava ciente do debate evolucionista darwinista, como teve acesso aos trabalhos do

²⁷⁶ CATUNDA, Joaquim. **Estudos da História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.8.

²⁷⁷ *Idem Ibidem*. p.6.

naturalista inglês. Para tratar da questão do advento da espécie humana, Catunda reportou-se ao trabalho de Darwin, *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*, publicado em 1871. Uma parte significativa dos autores e trabalhos referenciados nesta obra foram citados por Catunda em *Estudos de História do Ceará*, como: Charles Lyell, John Lubbock, Karl Vogt, entre outros. Em *The Descent of Man...*, Darwin procurou analisar:

[...], em primeiro lugar, se o homem, assim como outra espécie animal qualquer, descende de alguma forma preexistente; em segundo lugar, como se teria dado esse desenvolvimento; em terceiro, qual o valor das diferenças entre as assim chamadas “raças” humanas.²⁷⁸

Neste livro, o autor discutiu especificamente o lugar da espécie humana no processo da evolução, trazendo elementos como seleção sexual e a transmissão de caracteres adquiridos. Certamente, esta obra não teve o mesmo impacto que *The Origin of the Species* tivera em 1859, livro no qual o autor apresentou a teoria da evolução por seleção natural, causando um grande impacto nas comunidades científica e religiosa da época.

Mesmo Catunda não citando diretamente *The Origin of the Species* em suas referências, fica claro que o autor teve também acesso ao famoso livro de Darwin. É importante deixar claro que as ideias do naturalista inglês não aparecem nos trabalhos de Catunda apenas como referências esporádicas. É possível perceber que o autor se apropriou dos principais termos e pressupostos darwinistas e de outras teorias evolucionistas para tratar do “homem americano”, quer dizer, dos grupos humanos que habitavam o Ceará quando da chegada dos europeus, partilhando de todo um vocabulário conceitual próprio do darwinismo como “evolução”, “cruzamento”, “hereditariedade”, “descendência”, “adaptação”, e “lei da seleção natural”.

Não podemos deixar de lembrar que Joaquim Catunda não era um naturalista, mas um intelectual ciente do debate científico em voga naquele momento, que empreendeu um diálogo com Darwin, apropriando-se de suas teorias e categorias em seus trabalhos de caráter historiográfico, construindo assim sua interpretação acerca do passado, do presente e das expectativas sociais da

²⁷⁸ DARWIN, Charles. **A Origem do Homem e a seleção sexual**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004. p.10.

província do Ceará, sobretudo, propondo uma leitura mais científica em relação à sociedade cearense.

Para balizar nossa discussão teremos como parâmetro de análise a proposição de Ernst Mayr (2005, p. 115), na qual ele dividiu os fundamentos de Darwin em cinco teorias: a evolução propriamente dita, a descendência comum, o gradualismo, a multiplicação das espécies e a seleção natural.

O primeiro pressuposto darwiniano aceito por Catunda foi a evolução propriamente dita ou inconstância das espécies. Para Darwin e outros evolucionistas da época o mundo estava em constante transformação, inclusive as espécies animais e vegetais. Até então, a visão que predominava era de que o mundo era constante, estável e imutável, e que as espécies, inclusive o homem – “criado a imagem e semelhança de Deus” -, teriam sido criados ou “surgiram” num mesmo momento e não sofreram modificações ao longo do tempo, mantendo a mesma forma desde a “Criação” (MAYR, 2005, p.116). Foram as pesquisas e os trabalhos de naturalistas como Lamarck e Darwin que começaram a romper com essa visão no meio científico.

Catunda compreendia que a evolução consistia em um “processo permanente de transformação”, em contraposição a uma compreensão de fixidez da vida. Ele também admitia que os seres vivos teriam evoluído de um “tipo inferior” para um “tipo superior”, ou seja, de um ser menos desenvolvido para um ser mais desenvolvido, passando nesse processo por uma infinidade de formas, construindo uma escala ascendente de perfeição. Apesar de o autor tocar na evolução em geral em seu livro, ele prioriza o homem; por isso, interessa-nos especificamente compreender como ele concebeu a evolução humana em particular.

Ao tratar da espécie humana, tendo como referências os estudos dos maiores naturalistas do século XIX, como Charles Lyell, Gabriel de Mortillet, Karl Vogt, Karl Ernst von Baer, Hermann Burmeister e Ernst Haeckel²⁷⁹, Catunda afirmou que o homem surgiu no início do período quaternário, tendo cerca de quarenta mil anos de existência. Para o autor, o processo de surgimento e de desenvolvimento do homem se deu de forma gradual:

No espaço, apareceu sob as latitudes em que soffreram condições mesológicas que o sêr, em evolução ascendente atingisse aos atributos

²⁷⁹ Ver Anexo 5: Ancestralidade do homem de acordo com Ernst Haeckel, p. 171.

característicos da espécie. Na fôrma, evoluiu através de diferentes typos ancestraes, desde o monera até o typo actual.²⁸⁰

Podemos observar que ao afirmar que “na fôrma, evoluiu através de diferentes typos ancestraes, desde o monera até o typo actual”, Catunda assim como Darwin estava incluindo o ser humano na linha da descendência comum do processo evolutivo. Além do mais, Catunda estava admitindo outra teoria darwinista: o caráter gradual da evolução.

O gradualismo consistia na hipótese de que as espécies evoluíram gradualmente, num processo contínuo, se opondo ao saltacionismo, ideia na qual a modificação dos seres orgânicos se dava em saltos, de forma repentina. De acordo com Ernst Mayr, o saltacionismo era preponderante e muitos estudiosos não concordavam com o caráter gradual da evolução, como Thomas H. Huxley. Apesar de Huxley ter sido um dos maiores defensores de Darwin, não concordava com o gradualismo da evolução (MAYR, 2005, p. 114-120).

Assim podemos afirmar que ao admitir que as espécies não eram fixas, que se modificavam gradualmente, e que estas mudanças estavam relacionadas às “condições mesológicas”, ou seja, que a evolução dos seres vivos estava também condicionada pelo meio, e que os todos os organismos vivos descendiam de um ancestral comum, inclusive o homem, Catunda estava incorporando a teoria evolutiva de Darwin.

Num determinado momento de *Estudos de História do Ceará*, Catunda passa a tratar especificamente do lugar do homem americano no processo evolutivo. No segundo capítulo, denominado *Habitantes primitivos*, dedicado à discussão do povoamento do continente americano e suas principais teorias, Catunda argumentou que as teorias correntes, como a teoria das imigrações, não explicavam o povoamento da América e que a justificativa mais plausível era que o homem era “produto do solo americano”, aparecendo no continente americano no mesmo período que surgiu no velho continente, no período quaternário. Sintetizando como teria ocorrido a evolução na América, o autor afirma que:

A vida evoluira aqui, como no outro hemispherio, modificando o typo primitivo, dando-lhe uma infinidade de fôrmas, enriquecendo-o os predicados, sem jamais atingir ao typo superior em que se produz o pensamento; as leis acolá regeram a evolução do sêr através da longa serie

²⁸⁰ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.7.

de encadeamentos do reino animal e vegetal, tiveram aqui uma pausa funesta no momento mais importante do processus evolutivo; a criação como que ficara decapitada no continente americano²⁸¹.

Entretanto para ele, na América, o “typo primitivo”, ou seja, o menos desenvolvido, não conseguiu atingir o “typo superior”, o estágio mais desenvolvimento. Ele afirma que a vida evoluiu tanto no continente americano como “no outro hemisfério”, mas no primeiro não atingiu o “typo superior”.

Antes de tratar do surgimento do homem americano, Catunda discorreu detalhadamente sobre o surgimento da vida a partir de uma ideia geral de evolução. Após refletir sobre as grandes mudanças climáticas características do período terciário, destacando o desaparecimento dos grandes répteis, o surgimento de grandes mamíferos e o período glacial, Catunda mencionou que “nessa grande época geologica”, em que o homem atual ainda não havia aparecido, existia “um sêr já bastante inteligente para lascar pedra e petiscar fogo”. Tendo como referência Gabriel de Mortillet, Catunda estava se referindo ao “anthropopithecus” (hominídeos extintos), segundo ele, “nosso imediato antecessor”.

Baseado nos estudos *Le prehistorique antiquité de l’homme* (1883) [A antiguidade pré-histórica do homem] de Mortillet²⁸², *Les enchainements du monde animal* [As sucessões do mundo animal] de Jean Albert Gaudry e *Prehistoric Races* (1874) [Raças pré-históricas], precisamente o capítulo *Parallelism as to the antiquity of man in two hemispheres* [Paralelismo quanto à antiguidade do homem em dois hemisférios], de John Wells Forster, Catunda afirmou que o “anthropopithecus” estaria numa etapa evolutiva mais avançada, trazendo a ideia de transmutação das espécies, ou seja, admitindo mais uma vez que as espécies estavam em constante mudança ao longo do tempo: “Os documentos d’essa época, encontrados na America, acusam a evolução mais adeantada, a transmutação quase realizada do irracional no racional”²⁸³.

Podemos identificar aqui outro ponto que demonstra que Catunda se utilizou de pressupostos darwinistas para pensar o desenvolvimento do homem americano: a descendência comum. A proposição de que homem atual descende de outra espécie é uma hipótese darwiniana. Catunda concebia a ideia do surgimento

²⁸¹ *Idem Ibidem*. p.19.

²⁸² No tópico sobre a origem do homem, citamos outro livro de Mortillet: O homem primitivo.

²⁸³ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.21.

de novas espécies a partir de outras, tal percepção remete ao debate empreendido por Darwin com relação ao fato de que a espécie humana atual, assim como outras espécies, possivelmente seria um “descendente modificado de alguma forma preexistente”²⁸⁴, ou seja, que o homem descenderia de formas inferiores, hoje extintas.

Charles Darwin levantou essa questão da descendência comum propriamente em relação à humanidade, no livro *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*. Na primeira parte do livro ele analisou tanto as estruturas físicas quanto a capacidade mental humana para averiguar se o homem descenderia ou não de outra forma “inferior”. Interessante notar que Darwin ao abordar a variação das faculdades mentais de uma mesma espécie utilizou como sustentáculo a argumentação de que os povos colonizados, designados por “selvagens”, mesmo os “selvagens mais primitivos” - como exemplo Darwin cita os *fueguinos* - tinham capacidade mental basicamente semelhante a dos “civilizados”, procurando demonstrar que não existia nenhuma diferença fundamental entre o homem e os “mamíferos superiores”; por conseguinte, Darwin levantou a premissa que somente teria sido possível o homem desenvolver uma capacidade mental elevada de forma gradativa.

Darwin afirmou que apesar de haver uma enorme diferença entre o homem e os mamíferos superiores com relação ao desenvolvimento do cérebro e à posição ereta, ele percebeu que também havia diversas características em comum, principalmente com relação aos primatas. De acordo com Darwin, o homem se assemelhava bastante ao grupo dos “catarrinos”, grupo formado por macacos do chamado Velho Mundo, e aos chamados “macacos antropomorfos ou antropóides”, ou seja, macacos similares ao homem, como os gorilas, chimpanzés, bonobos, e orangotangos, concluindo que “[...], podemos deduzir que algum antigo membro do subgrupo do antropomorfo teria dado origem ao homem”²⁸⁵.

Não resta dúvida de que o ser humano, em comparação com a maioria de seus parentes, sofreu um extraordinário conjunto de modificações, principalmente no que se refere ao grande desenvolvimento de seu cérebro e à posição ereta; não obstante, devemos lembrar-nos de que o homem ‘se trata tão-somente de uma das diversas formas excepcionais de primatas’.²⁸⁶

²⁸⁴ DARWIN, Charles. **A Origem do Homem e a seleção sexual**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004. p.13.

²⁸⁵ *Idem Ibidem*. p.133.

²⁸⁶ *Idem Ibidem*. p.133.

Falando do desenvolvimento do homem e de seu ancestral, Catunda afirmou que:

Precedentemente foi o homem um anthropomorfo que se aperfeiçoou de um lado, quanto á marcha e estação bípede, e de outro quanto ao desenvolvimento do systema nervoso e á capacidade craneologica. Foi a penúltima forma ancestral a do anthropopithecus dos tempos terciários, da qual sahi o homem actual, nos princípios dos tempos quaternários²⁸⁷.

A afirmação de Catunda é bastante similar à proposição do naturalista inglês, que ao analisar as modificações gradativas na estrutura física e as faculdades mentais do homem ao longo de seu desenvolvimento, chegou à conclusão que a espécie humana seria descendente de alguma espécie preexistente, que sofreu diversas modificações em seu desenvolvimento²⁸⁸. Catunda e Darwin partilhavam da ideia que o homem seria uma espécie descendente de um antropomorfo modificado²⁸⁹. Entretanto, há uma diferença de pensamento entre os dois autores com relação a essa linha de descendência. Para Catunda o velho e o novo continente passaram pelo mesmo processo evolutivo, mas foram dois processos separados. Para Catunda, diferentemente de Darwin, o homem americano era produto do solo americano e não pertencia a mesma linhagem das “raças do velho mundo”. Darwin defendia a unidade da humanidade a partir de uma mesma origem.

A teoria da descendência não apenas afirmava que todo grupo de organismo vivo descendia de uma espécie ancestral, como também que todos os seres vivos descendiam de um mesmo ancestral unicelular, tendo assim uma origem comum. (MAYR, 2005, p. 117-118; WEST, 2009, p.49). Nesse sentido, Catunda construiu o processo evolutivo no continente americano:

Foi no seio imenso do oceano original que o sêr manifestou os primeiros atributos da vida, em organismos simples, unicelulares, uniformes em seus aspectos como em sua modalidade, e dos quaes haviam de sair um dia o mastodonte, o baobab e o homem²⁹⁰.

²⁸⁷ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: Tipo Litografia Gadelha, 1919. p.7.

²⁸⁸ DARWIN, Charles. **A Origem do Homem e a seleção sexual**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004. p.13.

²⁸⁹ É preciso chamar atenção que Joaquim Catunda não se utilizava expressão macaco antropomorfo, apenas antropomorfo.

²⁹⁰ CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: Tipo Litografia Gadelha, 1919, p. 20.

Após a publicação de *The Origins of Species* em 1859, a teoria da descendência comum foi amplamente aceita na comunidade científica; entretanto, houve grande resistência com relação à inclusão da espécie humana nessa linhagem. Daí surgiu a polêmica em torno da ideia de que o homem partilharia um ancestral comum com outros primatas (MAYR, 2005, p. 118-119). A afirmação de que o mundo estava evoluindo, se transformando, inclusive o homem, e que este advinha de um ancestral “primitivo”, de um antropomorfo, como afirmou Catunda, também abalaria com a noção ou a crença de que o homem fora criado por um deus e que mantivera a mesma forma desde sua criação.

A teoria da evolução, proposta por Darwin e Wallace, tem como pilar o tempo. A evolução por seleção natural atua em milhões de anos, não em poucos milhares de anos. Ela introduz a história no mundo biológico. Não a história das culturas ou uma história do homem, mas uma história que tem um tempo muito maior que o tempo da História. E esta história não pode ter a dimensão antropocêntrica, pois, em última análise, a teoria da evolução tira o homem de seu lugar privilegiado e dá a ele um veredicto de desaparecimento. (BARROS *in* DOMINGUES, 2003, p. 13).

A ideia de “extinção”, “desaparecimento”, “extermínio” se tornou questão recorrente nesses estudos, como veremos a seguir.

Outro ponto importante a salientar no trabalho de Catunda é sua percepção com relação aos povos indígenas que povoavam o território do atual Brasil quando da ocupação dos portugueses no processo evolutivo. O autor ao discorrer sobre a colonização do território salientou que “senhoreavam o território brasileiro duas raças distintas nos elementos étnicos: autochthone e invasora. D’esta ultima é que nos ocuparemos, porque a ella se filiavam as tribos estantes no Ceará ao começar a colonização”²⁹¹.

Ao longo do texto, Catunda procurou caracterizar a “raça invasora” no que concerne aos seus hábitos e costumes. Reportando-se a Varnhagen, o autor denominou as “tribos invasoras” de tupinambás que para ele eram uma “raça inferior”, “incapazes de produzir uma grande civilização”, e na escala do processo evolutivo, estavam no período neolítico²⁹².

²⁹¹ *Idem Ibidem.* p.24.

²⁹² *Idem Ibidem.* p.25.

Não recue de horror a humanidade; não eram ainda sêres humanos. Os tupinambás envelhecem n'esse momento da evolução em que o sêr se desenfaixa da animalidade e não se tem ainda revestido de todos os predicados humanos. Não havia ahi depravação do senso moral; este não se tinha formado. As bulas pontificaes não modificariam as leis da natureza orgânica²⁹³.

Para ele, diferentemente do europeu que tinha se aperfeiçoado chegando ao ápice da evolução, o grau de desenvolvimento dos tupinambás não havia alcançado a humanidade, por não serem “civilizados”. Ele argumentou que nem mesmo a catequese modificaria aquilo determinado pelas “leis da natureza orgânica”, ou seja, para Catunda o estágio de civilização de um povo era algo biológico, ou seja, biologicamente os tupinambás eram inferiores. Ao que parece, para Catunda a “evolução social” não estava separada da “evolução orgânica”.

No capítulo *Povoamento do Ceará — aldeamentos — fusão das raças — eliminação dos elementos irreductiveis*, a noção de hierarquização racial e evolutiva fica bem clara. Joaquim Catunda analisou o processo de povoamento do território do Ceará no século XVII tendo em vista a compreensão das alianças entre as “raças” branca, negra e indígena. Ao tratar dessa questão, Catunda narrou um episódio do processo de povoamento da capitania do Ceará, fornecendo a descrição das expedições de conquista organizada pela Casa da Torre, localizada na Bahia, especificamente de uma bandeira organizada no ano de 1671, que percorreu a região do Cariri e que tinha como objetivo localizar terras propícias para a criação de gado.

Falando da composição da bandeira em questão, Catunda chama-nos a atenção para a presença de um negro como guia da expedição e que mantinha uma relação amigável com os indígenas da etnia Cariri designada por Catunda como “horda dos carirys”. Esta relação teria contribuído para a incorporação dos cariris a então bandeira. Catunda utilizou-se de uma metáfora do mundo natural para falar da associação entre o negro e o indígena: “Era a aliança do tigre africano com a jaguar da America do Sul”²⁹⁴.

N'aquelle, a ferocidade é mais intensa; n'este, mais covarde e atraioada. O negro crê; seus fetches, com revestir fôrmas hediondas, symboliza sempre alguma cousa que transcende ao grosseiro materialismo de seus instinctos animaes. O caboculo teve sempre a alma cerrada á crença; seus manitós caíam sob a categoria das coisas abjetas. O africano manifesta uma grande

²⁹³ *Idem Ibidem.* p.29.

²⁹⁴ *Idem Ibidem.* p.71.

força de resistência e mantém com energia perseverante o tipo da raça onde quer que viva ao lado do branco, assimilando seus usos e costumes; o índio desaparece pela acção da morte quando em relações com a raça superior, ou perde logo, pelo cruzamento, seus caracteres ethnicos.²⁹⁵

É interessante notar a tendência do autor em pensar as duas “raças” em termos hierárquicos. Para ele tanto o negro como o indígena pertenciam a raças inferiores se comparadas aos europeus, sendo ambas incapazes de se “elevarem na escala da humanidade”. Todavia, argumentou que o negro estaria em uma posição superior ao “índio”, no que diz respeito ao seu valor “sociológico”²⁹⁶, diferentemente de autores como Louis Agassiz, que afirmavam que o negro estaria no último nível da “escala hierárquica das raças” (GOULD, 1991, p. 34).

Outros intelectuais da época, também tendiam a compreender as raças de forma hierárquica, estando o negro numa escala acima do indígena. De acordo com Renato Ortiz (1998, p. 19): “Para Sílvia Romero e Nina Rodrigues ele adquire uma importância maior que a do índio (que se acredita estar fadado ao desaparecimento), ou, como dirão alguns: ‘o negro é aliado do branco que prosperou’ ”.

Segundo Bowler (1989), a noção de hierarquização racial foi elaborada antes das formulações de Charles Darwin, mas o mecanismo de sobrevivência do mais forte acabou servindo de aparato para explicar o “desaparecimento” das “raças inferiores”, principalmente durante o período neocolonial em fins do século XIX; conforme Stephan Gould (1991, p. 21) a hierarquização racial era uma “crença socialmente compartilhada”. A esse respeito o autor elucida a questão:

Ao avaliarmos o alcance da influência exercida pela ciência nas ideias sobre raça nos séculos XVIII e XIX, devemos, em primeiro lugar, reconhecer o contexto cultural de uma sociedade cujos líderes e intelectuais não duvidam da pertinência a hierarquização social, como os índios abaixo dos brancos, e os negros abaixo de todos os outros. Os argumentos não contrastavam igualdade com desigualdade. Um grupo – que poderíamos chamar de ‘linha dura’ – afirmava que os negros eram inferiores e que a sua condição biológica justificava a escravidão e a colonização. Outro grupo – os de ‘linha branda’, por assim dizer – concordava que os negros eram inferiores, mas

²⁹⁵ *Idem Ibidem*. p.71.

²⁹⁶ Na concepção de Catunda, no Brasil, os mestiços da mistura entre negros e brancos teriam “mais aptidão para as letras e para a política do que os outros em que predomina o elemento indiano”. In: CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: Tipo Litografia Gadelha, 1919, p. 72. Para Gobineau o cruzamento entre a raça branca e a negra gerariam mestiços aptos para a arte. In: SANTOS, Ricardo Alexandre Santos de. A extinção dos brasileiros segundo o conde Gobineau. In: **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 21-34, jan | jun 2013.

afirmava que o direito de uma pessoa à liberdade não dependia do seu nível de inteligência. (GOULD, 1991, p. 18).

Sobre a questão da fusão das raças há outro elemento importante do debate evolucionista incorporado por Catunda: a transmissão de caracteres hereditários. Joaquim Catunda admitia a transmissão de caracteres morais e culturais de forma hereditária. É interessante notar que Catunda defendeu a transmissão de determinados caracteres por meio da hereditariedade, ao passo que dependendo das condições na sociedade, havia a possibilidade de tais caracteres serem modificados. Como já mencionamos anteriormente, a herança de caracteres adquiridos e a lei da hereditariedade foram percebidas por diversos estudiosos como importantes fatores no processo evolutivo.

Na perspectiva de Darwin, a herança de caracteres adquiridos de um indivíduo poderia ser transmitida aos descendentes como um mecanismo de adaptação. Charles Darwin elucida que: “[...]. Dois elementos distintos estão englobados dentro do conceito de hereditariedade, a saber: a transmissão e o desenvolvimento de caracteres”²⁹⁷. Para Darwin, baseado nos estudos de Wallace, as faculdades intelectuais e morais do homem eram, assim como as características físicas, variáveis e hereditárias.

Nessa perspectiva, Catunda argumentou que o elemento “indiano” desapareceria pelo cruzamento com uma “raça superior”. Enquanto o “elemento africano” mantinha suas características, o indígena desapareceria ou perderia seus caracteres étnicos. Segundo ele, por esse motivo não era possível reconhecer as características físicas indígenas na população cearense de sua época, apenas morais. Entretanto, ao que parece, para Catunda a seleção natural teve uma ação mais significativa no desaparecimento do elemento indiano do que a transmissão de caracteres.

Joaquim Catunda apropriou-se da ideia de seleção natural para tratar do processo de povoamento do Ceará nos séculos XVII e XVIII, e explicar o “desaparecimento” da “raça tupica”²⁹⁸ ou “tipo indiano”. Em suas palavras, esse período de efetivação da colonização com a criação de aldeamentos e instalação da

²⁹⁷ DARWIN, Charles. **A Origem do Homem e a seleção sexual**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004. p. 184.

²⁹⁸ Catunda chamou de “raça tupica” aqueles grupos que falavam a língua tupi.

pecuária foi o momento em que “se fundem os diversos elementos ethnicos para formarem a população actual” ou “fusão das raças conquistadora e conquistada”²⁹⁹.

Para Catunda, a lei de seleção natural na capitania do Ceará agiu de diversas formas: pelos aldeamentos, pela mortalidade em consequência das doenças, pela perseguição e massacre dos indígenas, mas também devido à recusa dos mestiços, provenientes da união entre portugueses e mulheres indígenas, de “unir-se aos índios puros”³⁰⁰.

Catunda sinaliza o surgimento de uma nova raça, a mestiça, e consequentemente a extinção da “raça tupica”. As teorias de Darwin foram utilizadas pelo autor para embasar sua ideia em torno do extermínio do indígena, posto que o autor percebia o “apagamento do tipo indiano” como uma etapa a ser cumprida no processo evolutivo. Nesse sentido, quando uma “nação civilizada” disputava um território com “tribos bárbaras”, certamente o “grupo selvagem” seria subjugado pela “civilização”. Percebemos esse mesmo raciocínio nos trabalhos de Charles Darwin. Em *The Descent of Man, and Selection in Relation of Sex*, Darwin explicita:

Nos dias de hoje, nações civilizadas estão em toda parte suplantando as bárbaras, exceto onde o clima opõe uma barreira mortal, e elas são bem sucedidas, principalmente, embora não exclusivamente, em razão de suas técnicas, que são produto do intelecto. Por conseguinte, é altamente provável que, no caso do homem, as faculdades intelectuais tenham sido gradualmente aperfeiçoadas através da seleção natural, e esta conclusão é suficiente para o nosso propósito.³⁰¹

Darwin esclarece que não é possível explicar totalmente as causas da vitória das “nações civilizadas”; contudo, ele aponta algumas hipóteses. O alto desenvolvimento das faculdades intelectuais e morais, e o grau de civilidade, seriam importantes elementos para o sucesso em uma competição.

Eram os índios indolentes e apathicos; afóra a caça ou a pesca, seu estado habitual era uma sesta perpetua. Qualquer trabalho os mortificava, e sobretudo era notável a incapacidade de se fazerem proprietários. Os colonos, porém, os obrigavam a pesado serviço, e o índio, violentado em seus hábitos, sucumbia prematuramente, ou, aliando-se a outros que nunca deixaram os matos, acommettiam as fazendas e povoados, com grandes danos da sociedade nascente. Era o elemento inassimilável, irreductivel; convinha eliminado, para que progredisse a colonização. Uma lucta

²⁹⁹ CATUNDA, Joaquim. **Estudos da História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.69.

³⁰⁰ *Idem Ibidem*. p.77.

³⁰¹ DARWIN, Charles. **A Origem do Homem e a seleção sexual**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004. p.109.

mortífera se abriu entre os colonos e os indígenas indomesticáveis. Primeiramente os particulares, depois o governo fizeram-lhe guerra de extermínio. N'essa luta desigual, deviam os tapuias emigrar ou sucumbir. Seguiram o curso das raças inferiores e retardarias; emigraram uns, morreram outros.³⁰²

Catunda, assim como Darwin, apontou a questão da mudança de hábito como outro fator importante na competição. Darwin afirma que os selvagens não conseguiam se adaptar às mudanças de hábitos.

A humanidade caminha sempre e, n'esse caminhar indefinito, em que o sêr realiza processus evolutivo através das fórmias sociaes, quebra os obstaculos, esmaga as resistencias. Desaparece o que não tem mais razão de ser. No Ceará era finda a missão do tapuia. A raça tinha percorrido todas as estações da civilização de que era capaz, a vida se retirava ao typo indiano, e eles mesmos se teriam já devorado uns aos outros, si não fóra ainda descoberta a America.³⁰³

É importante enfatizar que a questão da concepção de extinção era algo discutido entre os estudiosos da época³⁰⁴, o próprio Darwin dedica um tópico do terceiro capítulo de *The Descent of Man, and Selection in Relation of Sex* para analisar a extinção das raças humanas. De acordo Darwin, as condições físicas teriam pouco efeito na extinção das raças, visto que o homem se adapta facilmente aos mais diversos meios. Para ele, “a extinção decorre principalmente da competição entre tribos e entre raças”³⁰⁵.

Na luta pela sobrevivência, aquele que tivesse maior poderio bélico e estivesse socialmente mais organizado subjugaria o mais fraco. A extinção seria um controle natural diante do crescimento populacional e dos diversos obstáculos encontrados pelas “tribos selvagens”. Darwin afirma que quando duas tribos selvagens disputam território e poder acabavam em guerra ou canibalismo. Catunda enfatiza que mesmo que os conquistadores europeus não tivessem aqui aportado, as “tribos selvagens” teriam se devorado umas as outras; logo, para eles, a invasão

³⁰² CATUNDA, Joaquim. **Estudos da História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.77-78.

³⁰³ *Idem Ibidem*. p.79.

³⁰⁴ Um exemplo de autor que pensou a questão da extinção é o diplomata e filosofo francês Arthur de Gobineau ou conde de Gobineau. Ver: SANTOS, Ricardo Alexandre Santos de. *A extinção dos brasileiros segundo o conde Gobineau*. In: **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 21-34, jan | jun 2013.

³⁰⁵ DARWIN, Charles. **A Origem do Homem e a seleção sexual**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004. p.159.

do território e a disputa com “tribos conquistadores” acelerariam esse processo de desaparecimento.

Passou a raça tupica. Perante o tribunal da consciência humana houve crime ou doloroso cumprimento do dever n’essa guerra de extermínio a criaturas em condições grandemente desvantajosas para a lucta? Os philanthropos optarão pelo primeiro, pela segunda os políticos. A mim me parece que houve apenas a consumação de lei necessária, que em todos os tempos, em todos os continentes, tem regido os destinos dos povos, nas condições em que se achavam colonos e tapuais. O futuro da civilização pode ser retardado, mas nunca annullado pela acção dissolvente de sêres incapazes de progresso.³⁰⁶

Catunda compreendia a seleção natural como um mecanismo de uma “lei necessária”, a eliminação do elemento que não se adaptou a uma nova etapa do processo evolutivo.

³⁰⁶ CATUNDA, Joaquim. **Estudos da História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. p.79.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos analisar as concepções científicas e as matrizes de pensamento de Joaquim Catunda a partir de sua obra, buscando compreender a recepção do debate evolutivo na segunda metade do século XIX. Problematicamos as apropriações e discordâncias do autor com as ideias evolutivas do período.

Para entender melhor suas ideias, partimos da análise de algumas dimensões de sua trajetória político-intelectual. Ao longo do estudo, vimos que Catunda pertencia a uma família bastante influente dos *sertões* da província do Ceará tendo sido criado sob forte influência ilustrada dos membros de sua família, notadamente daqueles que frequentaram o Seminário de Olinda em Pernambuco. Seguindo essa tradição desde cedo, Catunda recebeu letramento de seus familiares, com destaque para a tutela do seu tio, Thomaz Pompeu Souza de Brasil, senador do Império pelo Partido Liberal e diretor no Liceu do Ceará, onde Catunda obteve sua formação secundária.

As relações familiares se apresentaram como um elemento importante em sua inserção política e intelectual. Ao mesmo tempo em que recebeu letramento associado aos princípios ilustrados (visão litúrgica da sociedade e do lugar do intelectual da organização do Estado), ele buscou uma formação técnico-científica. Catunda foi estudante da Escola Militar no Rio de Janeiro entre os anos 1857 e 1860 e lá escreveu suas primeiras ideias científicas ao contribuir com o *Jornal da Sociedade Philomática*. Naquelas páginas, longe de reproduzir aquela visão litúrgica da sociedade, Catunda se distanciou dos princípios ilustrados e demonstrou sua postura laica com relação aos valores morais da sociedade. Ao retornar para o Ceará, construiu uma carreira política contundente como membro da família Pompeu, que junto com a família Castro e a família Alencar organizou o sistema político partidário do império na província do Ceará, mantendo sempre suas posturas anticlericais e sua ambição como homem científico. A *Biografia do Rev. Padre Correia. Vigário do Ipu*, em 1871, expressa esta defesa da razão e o anticlericalismo de suas ideias.

Grande leitor da filosofia alemã, de Kant a Hegel, Catunda se mostrou um homem conectado aos debates científicos do seu tempo, inclusive com as ideias evolucionistas, que podem ser claramente identificados em seus trabalhos. Em

Estudos de História do Ceará, Catunda procurou articular a ideia de evolução com questões que envolviam a origem do homem e o debate entre ciência e religião. Podemos afirmar que Catunda percebia a história do Ceará a partir de uma perspectiva evolutiva, assimilando princípios darwinistas e de outros evolucionismos para pensar a evolução social no Ceará. Defensor do poligenismo e da hierarquização das raças, sua concepção acerca dos “habitantes primitivos” foi fundamentada no princípio de seleção natural, apresentando posições por vezes contraditórias como defender a poligenia e aceitar os pressupostos darwinianos de uma descendência comum.

Em *Estudos de História do Ceará*, diferentemente de historiadores como Capistrano de Abreu, o primado não era a história científica do século XIX. Catunda não era o historiador científico que buscava determinar as origens do passado do Ceará a partir da análise de fontes ou pelo comprometimento com a datação de fatos. Para ele, a história era feita pela aplicação de leis naturais ao investigar socialmente a evolução de sociedade. Ele incorporou princípios, categorias e conceitos biológicos, materialistas e racionais para a compreensão da história do Ceará. Conectado com os autores alemães, como Hegel, com o debate da origem do homem, leitor de Darwin e Haeckel, Catunda incorporou diferentes ideias evolutivas numa análise do processo social e identificou a história do Ceará como um objeto do processo evolutivo, enxergando nos grupos em disputa – indígenas, negros, brancos –, a força da natureza agindo no Ceará. Era natural e racional encontrar forças raciais em oposição, forças da natureza biológica do homem como também morais, guiando os fatos históricos. Para Catunda, as leis naturais, a seleção natural, a extinção, a hereditariedade, a descendência comum explicavam o caráter evolutivo da história em *Estudos de História do Ceará*.

O autor também nos revela que as discussões no período estavam para além de Charles Darwin. O diálogo de Catunda com os mais diversos estudiosos das ciências naturais nos apresenta inúmeras possibilidades de investigação acerca do debate evolutivo. Seria bastante relevante uma análise mais aprofundada das obras desses autores lidos por Catunda e a problematização do papel desses estudos na composição do debate evolutivo na segunda metade do século XIX. Nossa pesquisa também possibilitou inventariar estudos produzidos por autores cearenses que estavam inseridos no debate evolutivo e da antiguidade do homem, como a tese *Aclimatação das raças sob o ponto de vista da colonização do Brasil*

(1874), de Domingues José Jaguaribe Filho, e *Antiguidade da América e A raça primogênita*, de José de Alencar. Esperamos que este trabalho contribua com futuras pesquisas acerca do tema.

Joaquim Catunda não foi um naturalista nem tão pouco teve uma grande produção científica, contudo sintetizou o debate evolutivo a um estudo local, ao Ceará. Sua importância reside nas discussões por ele tratadas, que nos ajudaram a mapear e a compreender as questões em pauta naquele momento. Para além do debate evolutivo, apesar das várias críticas recebidas, seu livro também instigou um importante debate acerca do projeto historiográfico no Ceará, gerando críticas de importantes historiadores como João Brígido e Capistrano de Abreu³⁰⁷.

Seu posicionamento anticlerical e a defesa da ciência laica, a aprovação no concurso para lente do Liceu do Ceará em 1882, mas principalmente, a publicação de *Estudos de História do Ceará* em 1886 – mesmo não obtendo o reconhecimento em termos historiográficos de seus pares –, conferiram a Catunda o tão almejado reconhecimento intelectual e possibilitaram a ele ocupar cargos importantes no âmbito letrado e político. Catunda foi um dos fundadores do Instituto Histórico do Ceará, em 1887, e do Centro Republicano em 1889, no mesmo ano foi nomeado Inspetor Geral da Instrução Pública do Estado do Ceará, momento em que instituiu o ensino laico. Em 1890, candidatou-se na eleição para senador. Tornou-se figura de destaque como parlamentar por conta de suas posturas racionais e anticlericais durante o governo provisório, compondo as comissões do senado, participando de círculos letrados ou com a defesa do divórcio. Catunda demonstrou os esforços de tornar aquela república laica, tendo primado pela razão e dissolução do poder da Igreja junto ao Estado. A república era uma nova força evolutiva da nação.

Joaquim de Oliveira Catunda faleceu em 28 de agosto de 1907 vítima de uma gripe intestinal, aos 72 anos de idade. Sua morte foi noticiada em jornais por todo o país. Em Fortaleza, repartições públicas fecharam em razão do luto.³⁰⁸ Jornais da oposição também noticiaram sua morte com pesar. O *Jornal do Ceará*, declaradamente contra a oligarquia acciolyna, a qual Catunda era aliado, publicou

³⁰⁷ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro/RJ, Ano XIX, Nº 270, 27 de setembro de 1886. p.2; *A Quinzena*, Fortaleza/CE, Ano I, Nº 1, 15 de janeiro de 1887. p.3.

³⁰⁸ *O Apostolo. Orgam oficial da Diocese*, Teresina/PI, Ano I, Nº 12, 4 de agosto de 1907. p. 2.

uma nota oferecendo pêsames à família do “ilustre extinto” e lembrando sua carreira política e intelectual: reconhecido como homem de “vasta erudição”.³⁰⁹

³⁰⁹ *Jornal do Ceará*, Fortaleza/CE, Ano IV, Nº 594, 29 de julho de 1907. p. 2.

LISTAS DE FONTES

OBRAS DE JOAQUIM CATUNDA

CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919.

_____. Origens Americanas - Imigrações Prehistoricas. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza. Typographia Econômica, 1887, Tomo I.

_____. As Evoluções do Clima. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza. Typographia Econômica, 1888, Tomo II.

_____. Biografia do Rev. Padre Correia - Vigário do Ipu. Editado no ano de 1871 pela tipografia do "Cearense". In: MACEDO, Nertan. **O Bacamarte dos Mourões**. Editora "Instituto do Ceará", 1966.

OBRAS DE CHARLES DARWIN

DARWIN, Charles. **A Origem do Homem e a seleção sexual**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

_____. **A origem das espécies**. Editora Martin Claret, 2004.

OBRAS DE ERNST HAECKEL

HAECKEL, Ernst. **História da Creação Natural**. Porto: Imprensa Moderna, 1912.

_____. **Religião e Evolução**; tradução Domingos Ramos. 2.ed. Porto, 1919.

_____. **A Origem do Homem**. São Paulo: Global Editora, 1982.

OUTRAS OBRAS

ALENCAR, José de. **Antiguidade da América e A raça primogênita**; edição, apresentação e notas de Marcelo Peloggio. – Fortaleza: Edições UFC, 2010.

ARARIPE, Tristão de Alencar Araripe. **História da província do Ceará**. 2.ed. Fortaleza: 1958.

HUXLEY, Thomas Henry. **Escritos sobre ciência e religião**; tradução Jézio Gutierre. São Paulo: Editora UNESP, 2009. (Pequenos frascos)

LACERDA, João Baptista de; PEIXOTO, José Rodrigues. **Contribuições para os estudos antropológicos dos indígenas do Brasil**. *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, Volume 1, 1876.

ROMERO, Silvio. **Zéverissimações ineptas da critica:** repulsas e desabafos. Porto: Commercio do Porto, 1909.

SMITH, Hamilton. **The Natural History of the Human.** Its Typical Formal Primeval Distribution, Filiations and Migrations. Gould & Lincoln: Boston, 1851.

PERIÓDICOS

- Ceará

A Constituição (Fortaleza/CE, 1863 a 1889)

Gazeta do Norte (Fortaleza/CE, 1886 - 1887)

Jornal do Ceará: politico, comercial e noticioso (Fortaleza/CE, 1907)

Libertador (Fortaleza/CE, 1881 a 1890)

Cearense (Fortaleza/CE, 1846 a 1881)

O Rebate (Sobral/CE, 1907 a 1913)

Pedro II (Fortaleza/CE, 1865 a 1888)

O Sol: jornal litterario, politico e critico (Fortaleza/CE, 1864)

- Outros

Jornal da Sociedade Philomatica (Rio de Janeiro/RJ, 1859)

A Constituição: Orgao do Partido Conservador (Belém do Pará/ 1878-1879)

O Brasil (Rio de Janeiro/RJ, 1890-1891)

Semanario Official (Goiás/1907)

O Apóstolo (Rio de Janeiro/RJ, 1866-1901)

Correio Mercantil: e Instructivo, Politico e Universal (Rio de Janeiro/RJ, 1858-1859)

Revista da Semana (Rio de Janeiro/RJ, 1907)

Gazeta de Notícias (Rio de Janeiro/RJ, 1886)

OUTRAS FONTES

ALMANACH Estatistico, Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário para o anno de 1918. Fortaleza: Typ. Moderna Carneiro & Cia, 1918.

Carta de Joaquim Catunda: Carta endereçada a Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza In: CÂMARA, José Aurélio Saraiva. **Um soldado do Império:** o general Tibúrcio e seu tempo. Rio de Janeiro: biblioteca do Exército Ed., 2003.

APEC, Fundo: Instrução Pública, Correspondências, Data Tópica: Fortaleza, Data Crônica: 1890. Carta ao Governador sobre inspeções realizadas em escolas públicas. BR APEC, IP. CO, RE/ ENC. 29.

CATÁLOGO da Exposição de Geografia Sul-Americana. In: **Biblioteca Digital do Senado Federal.** Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, 1889. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891.

CATALOGOS dos produtos naturaes e industriaes remmetidoss das províncias do Império do Brasil que figurarão na Exposição nacional inaugurada na Côte do Rio de Janeiro no dia 2 de dezembro de 1861. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1862.

DIAS, A. Gonçalves. Brasil e Oceania. In: **Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil**, Rio de Janeiro, Garnier, TOMO XXX (Parte Segunda), 1867.

GUIA da **Exposição Anthropologica Brasileira**, Rio de Janeiro: Typ. De G. Leuzing & Filhos, 1882.

MENEZES, Carlos Alberto de. **Biographia do professor americano Carlos Frederico Hartt [...]: publicada em homenagem á sua memoria pelos estudantes da Escola Polytechnica.** Rio de Janeiro: Typ. do Apostolo, 1878.

Livro de Registros de títulos de nomeações do ano de 1882 a 1905. Lyceu do Ceará. 5º volume. In: **Fundo APEC:** Instrução Pública, Data Tópica: Fortaleza, Data Crônica: 1889. BR APEC, IP. RG, MIP, ENC. 27.

MARTINS, Cláudio (Org.). **A Quinzena.** Edição fac-similar. Fortaleza: Gráfica do BNB, 1984.

REVISTA da **Exposição Anthropologica Brasileira**, Rio de Janeiro: Typ. de Pinheiro, 1882.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria; BELTRAN, Maria Helena Roxo. **Escrevendo a História da Ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas**. São Paulo: EDUC/Livraria Editora da Física/Fapesp, 2004.

ALVES, Isidoro Maria S. **Modelo Politécnico e produção de saberes na formação do campo científico no Brasil**. In: **Perspicillum**, Museu de Astronomia e Ciências Afins. Rio de Janeiro, v.8, n.1, 1994, p. 5-151.

ALVES, Gilberto Luiz. **O pensamento burguês e o plano de estudos do Seminário de Olinda (1800-1836)**. Tese de Doutorado – Universidade de Campinas, São Paulo, 1991.

AQUINO, J. A. . **Leibniz e a Teodicéia: o problema do mal e da liberdade humana**. Philosophica (Lisboa), v. N.28, 2006, p. 49-66.

ARAÚJO, Raimundo Alves de. **Família e Poder: construção do Estado no noroeste cearense do século XIX (1830 - 1900)**. Dissertação de Mestrado – UECE, Fortaleza, 2011.

ARAÚJO, Reginaldo Alves de. **Quando a ordem chegou ao sertão: as relações entre o estado imperial e a elites da região do Acaraú – Ceará (1834 - 1846)**. Dissertação de Mestrado em História Social – UFC, Fortaleza, 2012.

BARROSO, José Parsifal. **O Senador Pompeu – um cabeça chata autêntico, político, realista e anti-impostor**. In: **Revista do Instituto do Ceará (RIHGC)**, Tomo XCI, Ano XCI. Fortaleza: 1977.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou o Ofício do Historiador**; tradução: André Telles, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.

BORGES, Luiz Carlos; MEDINA, Manuela Brêtas de; MONTEIRO, Livia Nascimento. **Ciência, imaginário e civilização em Couto de Magalhães**. In: **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 5, n.2, p. 250-266, jul/dez 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOWLER, Peter. **Evolution: The history of an idea**. University of California Press, Ltda. London, 1989.

BRAGA, Renato. **História da Comissão Científica de Exploração**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929-1989: A Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: UNESP, 1997.

CÂMARA, José Aurélio Saraiva. **Um soldado do Império: o general Tibúrcio e seu tempo**. Rio de Janeiro: biblioteca do Exército Ed., 2003.

CANGUILHEM, Georges. **Estudos de história e de filosofia das ciências: concernentes aos vivos e à vida**. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

CANTARINO, Nelson Mendes. **A razão e a ordem: o Bispo José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho e a defesa ilustrada do antigo regime português (1742-1821)**. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2012.

CARDOSO, Gleudson Passos. **As repúblicas das letras cearenses. Literatura, imprensa e política (1873 – 1904)**. Dissertação de Mestrado, História Social, PUC, São Paulo, 2000.

_____. **Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso**. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

_____. **“Adesistas de Plantão”: O Centro Republicano Cearense e a Eloquente Imprensa “de Última Hora” durante os primeiros anos do novo regime no Ceará (1889- 1892)**. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 24., 2007, São Leopoldo, RS. Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo: Unisinos, 2007. CD-ROM.

CARDOSO, Luciene P. Carris. **Novos horizontes para o saber geográfico: a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (1883 - 1909)**. In: **REVISTA DA SBHC**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 80-96, jan. | jun. 2005.

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem: a elite política imperial; Teatro das Sombras: a política imperial**. 7.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **O Quinto Século: André Rebouças e a Construção do Brasil**. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ-UCAM, 1998.

CASSIRER, Ernst. **El problema del conocimiento em la filosofía y em la ciência modernas IV**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

CASTRO FARIA, L. **Antropologia: escritos exumados. Espaço circunscrito: tempos soltos**. Niterói: EDUFF, 1998.

CID, Maria Rosa Lopez. **O aperfeiçoamento do homem por meio da seleção: Miranda Azevedo e a divulgação do darwinismo, no Brasil, na década de 1870**. Dissertação de Mestrado – Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Rio de Janeiro, 2004.

COLLICHIO, Terezinha Alves Ferreira. **Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1983.

DANTAS, Elza Alves. **As letras da lei X as leis das letras: exame de capacidade profissional e a instrução pública na província do Ceará (1856 - 1888)**. Dissertação de Mestrado em História Social – UFC, Fortaleza, 2010.

DANTES, Maria Amélia M. (Org.). **Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DESMOND, Adrien J. **A causa sagrada de Darwin. Raça, escravidão e a busca pelas origens da humanidade**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **A interiorização da metrópole e outros estudos**. São Paulo: Alameda, 2005.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol *et al.* (Org.). **Darwinismo, meio ambiente, sociedade**. São Paulo: Via Lettera; Rio de Janeiro: MAST, 2009.

_____.; SÁ, Magali Romero. **Controvérsias Evolucionistas no Brasil do Século XIX**. IN: DOMINGUES, Heloisa Bertol *et.al.* (Org.). **A recepção do darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

_____. **O homem, as ciências naturais e o Brasil no século XIX**. In: **Revista do Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro, v. 22, nº 1, 2009, p. 167-178.

DUARTE, Regina Horta. **História e biologia: diálogos possíveis, distâncias necessárias**. In: **Hist. cienc. Saúde – Manguinhos**, v.16, nº4, Rio de Janeiro Oct./Dec. 2009.

DUARTE, Rones da Mota. **Natureza, terra e economia pastoril – Soure (CE): 1798-1860**. Dissertação de Mestrado em História Social – UFC, Fortaleza, 2012.

ELIAS, Nibert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. (Volume 1).

FARIA, Felipe. **Georges Cuvier: do estudo dos fósseis à paleontologia**. 1.ed. São Paulo: Associação Filosófica Scientia Studia: Editora 34, 2012.

FERNANDES, Ana Carla Sabino. **A Imprensa em pauta: entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX**. Dissertação de Mestrado em História Social – UFC, Fortaleza, 2004.

FERREIRA, Ricardo. **Quando Wallace concebeu sua lei sobre o surgimento e novas espécies?** In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol *et al.* (Org.). **Darwinismo, meio ambiente, sociedade**. São Paulo: Via Lettera; Rio de Janeiro: MAST, 2009.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão. **Ciência, História e Teoria**. Belo Horizonte: Argvmentvm Editora, 2005.

FILHO, Júlio Cesar da Fonseca. **O Ceará e a Proclamação da República**. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza. Typographia Minerva, 1924, Tomo Especial XXXVIII.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso do Collège de France (1975-1976)** / tradução Maria Ermantina Galvão. – São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (Coleção tópicos).

FREITAS, Bruno Cordeiro Nojosa de. **A exaltação dos eleitos: evolução eleitoral e política do Império (Ceará – 1846-1860)**. Dissertação de Mestrado – UFC, Fortaleza; 2011.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

GIRÃO, Raimundo. **O Abolicionista Studart**. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza. Editora A. Batista Fontenele, 1956, Tomo Especial.

_____.; SOUSA, Maria da Conceição. **Dicionário da Literatura Cearense**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987, p.84.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. **O Ceará no Senado Federal**. Brasília, 1992.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo**. In: GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. **Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre**. In: GOMES, Op. Cit.

GOULD, Stephen Jay. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. **Evolucionismo no Brasil. Ciência e Educação nos Museus 1870 – 1915**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008.

GUIMARÃES, Hugo Victor. **Deputados Provinciais e Estaduais do Ceará. Assembleias Legislativas 1835 – 1947**. Fortaleza: Editora Juridica LTDA, 1947, p.334-335.

GUIMARÃES, Manoel Luíz Salgado. **Nação e Civilização nos trópicos: O Instituto e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional**. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, nº 1, 1998, p.5-27.

HEIZER, Alda; PASSOS, Antonio Augusto. (Org.). **Ciência, civilização e Império nos trópicos**. Rio de Janeiro: Access, 2001.

_____. **Ciência, civilização e República nos trópicos.** Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2010.

HELPERICH, Christoph. **História da Filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HOBBSAWN, Eric J. **A era do capital 1848 - 1875.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade.** 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HOLTEN, Birgitte; STERLL, Michael. **Peter Lund e as grutas com ossos em Lagoa Santa;** tradução Luiz Paulo Ribeiro Vaz. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HORTA, Marcio Rodrigues. **O impacto do manuscrito de Wallace de 1858.** *Sci. stud.* [online]. 2003, vol.1, n.2, p. 217-229.

_____. **A primeira teoria evolucionista de Wallace.** *Sci. stud.* [online]. 2003, vol.1, n.4, p. 519-530.

KEULLER, Adriana Tavares do Amaral Martins. **Os Estudos Físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: cientistas, objetos, ideias e instrumentos (1876 - 1939).** Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo: 2008.

KURY, Lorelai. **A Comissão Científica de Exploração (1859-1861). A ciência imperial e a musa cabocla.** In: HEIZER, Alda; PASSOS, Antonio Augusto. (Org.). **Ciência, civilização e Império nos trópicos.** Rio de Janeiro: Access, 2001.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas.** 10. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEITE, Dante Moreira. **O Caráter Nacional Brasileiro: historia de uma ideologia.** 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1969.

LEVI, Giovanni. **Usos da biografia.** In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA, Aline Silva. **Um projeto de combate às secas os engenheiros civis e as obras públicas: inspetoria de obras contra as secas – IOCS e a construção do**

açude Tucunduba (1909- 1919). Dissertação de Mestrado em História Social – UFC, Fortaleza, 2010.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional.** Rio de Janeiro: Revan> IUPERJ, UCAM, 1999.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX.** Editora Hucitec: São Paulo, 1997.

_____. **O local musealizado em nacional – aspectos da cultura das ciências naturais no século XIX, no Brasil.** In: HEIZER, Alda; PASSOS, Antonio Augusto. (Org.). **Ciência, civilização e Império nos trópicos.** Rio de Janeiro: Access, 2001.

_____. **Mais vale um jegue que me carregue, que um camelo que me derrube... Lá no Ceará.** In: **Revista Manguinhos.** v.3, Mar. – Jun., 1996.

MACAMBIRA, Débora Dias. **Impressões do tempo. Os almanaques do Ceará (1870-1908).** Dissertação de Mestrado em História Social – UFC, Fortaleza, 2010.

MACEDO, Nertan. **O clã de Santa Quitéria.** 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1980.

MALERBA, Jurandir (org.). **A história escrita: teoria e história da historiografia.** São Paulo: Contexto. 2006.

MARÍAS, Julían. **História da Filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira. **A teoria da progressão dos animais de Lamarck.** Dissertação de Mestrado: UNICAMP, 1993.

_____. **Herbert Spencer e o neolamarckismo: um estudo de caso.** In: MARTINS, R. A; MARTINS, L. A. C., SILVA, C. C.; FERREIRA, J. M. H., (eds.). **Filosofia e história da ciência no Cone Sul: 3º Encontro.** Campinas: AFHIC, 2004, p.281-289.

MARTINS, Roberto de Andrade. **Thomas Huxley, o debate entre ciência e religião, e a educação.** In: HUXLEY, Thomas Henry. **Escritos sobre ciência e religião;** tradução Jézio Gutierre. São Paulo: Editora UNESP, 2009. (Pequenos frascos).

MAYR, Ernst. **Biologia, ciência única: reflexões sobre a autonomia de uma disciplina científica.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MELO, Regiany Gomes. **Crítica de Feuerbach às religiões em defesa do homem integral e da natureza não-instrumentalizada.** In: **Intuitio,** Porto Alegre, v.4, nº 2, 2011.

MIRANDA, Júlia. **O poder e a fé: discurso e prática católicos.** Fortaleza, Edições UFC, 1987.

MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. **O Trono e o Altar: as vicissitudes do Tradicionalismo no Ceará, 1817-1978**. Fortaleza, BNB, 1992.

MURARI, Luciana. **Natureza e cultura no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2009.

NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

NEVES, Margarida de Souza. **Os cenários da República: o Brasil na virada do século XIX para o século XX**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente - da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

NOBRE, Geraldo. **As sete vidas de Gilberto Câmara**. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1999.

NOGUEIRA, Paulino. **A Relação de Fortaleza**. In: **Revista do Instituto Histórico do Ceará**. Tomo XIV; 1º e 2º trimestre de 1900.

OLIVEIRA, Almir Leal de. **Saber e Poder – O Pensamento Social Cearense no Final do Século XIX**. São Paulo: Dissertação de Mestrado PUC – SP, 1998.

_____. **O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará – Memória, Representações e Pensamento Social (1887-1914)**. São Paulo: Tese de Doutorado PUC – SP, 2001.

_____. **Universo letrado em Fortaleza na década de 1870**. In: SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (org.). **Intelectuais**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. (Coleção Fortaleza: história e cotidiano).

_____. **A Construção do Estado Nacional no Ceará na primeira metade do século XIX: autonomias locais, consensos políticos e projetos nacionais**. In: OLIVEIRA, Almir Leal de; BARBOSA, Ivone Cordeiro (org.). **Leis provinciais: Estado e Cidadania (1835-1861)**. Tomo I, ed. Fac-similada. Fortaleza: INESP, 2009.

_____. **Viagens Científicas e Narrativas Naturalistas: as Problemáticas Evolutivas no Ceará**. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia *et al.* (Org.). **História da Educação Comparada: missões, expedições, instituições e intercâmbios**. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Crítica, método e escrita da história em João Capistrano de Abreu**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PAIVA, Carlos Henrique Assunção. **Samuel Pessoa: uma trajetória científica no contexto do sanitismo campanhista e desenvolvimentista no Brasil.** In: *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 2006, vol.13, n.4, p. 795-831.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. **Revista da Sociedade Filomática: A França no Itinerário da nossa maturidade.** In: *Revista Travessia* Publicação do Programa de Pós-Graduação em Literatura (UFSC). Brasil /França, n.16/17/18, 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **História cultural: experiências de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

PINTO, José Marcelo de Alcântara. **Tomás Pompeu de Souza Brasil. Um Senador do Império. Esboço Biográfico.** In: *Revista do Instituto do Ceará.* Fortaleza: 1986, Tomo C.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. **Os ziguezagues do Dr. Capanema: ciência, cultura e política no século XIX.** Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Passado Sedutor: a História do Ceará entre o fato e a fábula.** In: RIOS, Kênia Sousa; FURTADO, João Ernani. **Em Tempo: História, memória, Educação.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

REIS, José Carlos. **A História entre a filosofia e a ciência.** 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

RIOS, Renato de Mesquita. **João Brígido e sua escrita de uma história para o Ceará: narrativa, identidade e estilo (1859-1919).** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

ROBERTS, Jon. **Louis Agassiz: poligenismo, transmutação e a metodologia científica. Uma reavaliação.** In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol *et al.* (Org.). **Darwinismo, meio ambiente, sociedade.** São Paulo: Via Lettera; Rio de Janeiro: MAST, 2009.

SANTOS, Ricardo Ventura. **Os debates sobre mestiçagem no Brasil no início do século XX. Os sertões e a medicina-antropologia do Museu Nacional.** In: LIMA, Nísia Trindade; SÁ, Dominichi Miranda. **Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto.** Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Construindo Biografias... Historiadores e jornalistas: Aproximações e Afastamentos.** *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, 1997.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 - 1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, André Felipe Cândido da. **A trajetória de Henrique da Rocha Lima e as relações teuto-brasileiras (1901-1956).** *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol.17, n.2, abr.-jun. 2010, p.495-509.

SILVA, Bárbara Eliza Soares. **Uma história da educação: a invenção da instrução pública na Província do Ceará (1858 - 1889)**. Fortaleza: Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Ceará, UFC, 2012.

SILVA, Helenice Rodrigues da. **Fragmentos da História intelectual: Entre questionamentos e perspectivas**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

SILVA, Ítala Byanca Moraes da. **Tristão de Alencar Araripe e a História do Ceará**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

SOUSA, Eusébio de. **Meio Século de Existência. Subsídio para a história do Instituto do Ceará –1987/1937**. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1937.

SOUZA, Gastão Galvão de Carvalho. **Conferências de Agassiz após o seu retorno da Amazônia (maio de 1866)**. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol *et al.* (Org.). **Darwinismo, meio ambiente, sociedade**. São Paulo: Via Lettera; Rio de Janeiro: MAST, 2009.

SOUZA, Natália Peixoto Bravo de. **A militância em torno da glorificação de Euclides da Cunha: um projeto político-ideológico**. São Paulo: Dissertação de Mestrado USP, 2010.

_____. **O estigma de uma obra: a trajetória de Euclides da Cunha e suas reapropriações sob o ponto de vista do positivismo e do evolucionismo**. In: **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, v.5, n.2, 2007, p. 173-184.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **“As Leis da Eugenia” na antropologia de Edgard Roquette-Pinto**. In: LIMA, Nísia Trindade; SÁ, Dominichi Miranda. **Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Senador Pompeo: um geógrafo do poder no Brasil do Império**. Dissertação de mestrado – Faculdade de Filosofia, Ciências Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

STUDART, Guilherme. **Os Mortos do Instituto em 1907**. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1907, Tomo XXI.

_____. **Dicionário Biobibliográfico Cearense**. v. 2. Fortaleza: Tipografia à Vapor, 1913.

_____. **Dicionário Biobibliográfico Cearense**. v. 3. Fortaleza: Tipografia à Vapor, 1915.

TINHORÃO, José Ramos. **A Província e o Naturalismo**. Ed. fac-similar. Fortaleza: NUDOC. UFC, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana**; tradução Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

WAIZBORT, Ricardo. **O progresso do homem brasileiro pelo mecanismo de seleção natural em Miranda Azevedo**. *Scientiae Studia* - USP [online], vol.10, n.2, 2012, p. 327-353.

_____. **O Doutor Benignus: a origem do homem na concepção de natureza de Augusto Emílio Zaluar**. In: *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2012, p. 60-76.

WEST, David A. **Fritz Müller, o biólogo evolucionista pioneiro no Brasil**. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol *et al.* (Org.). **Darwinismo, meio ambiente, sociedade**. São Paulo: Via Lettera; Rio de Janeiro: MAST, 2009.

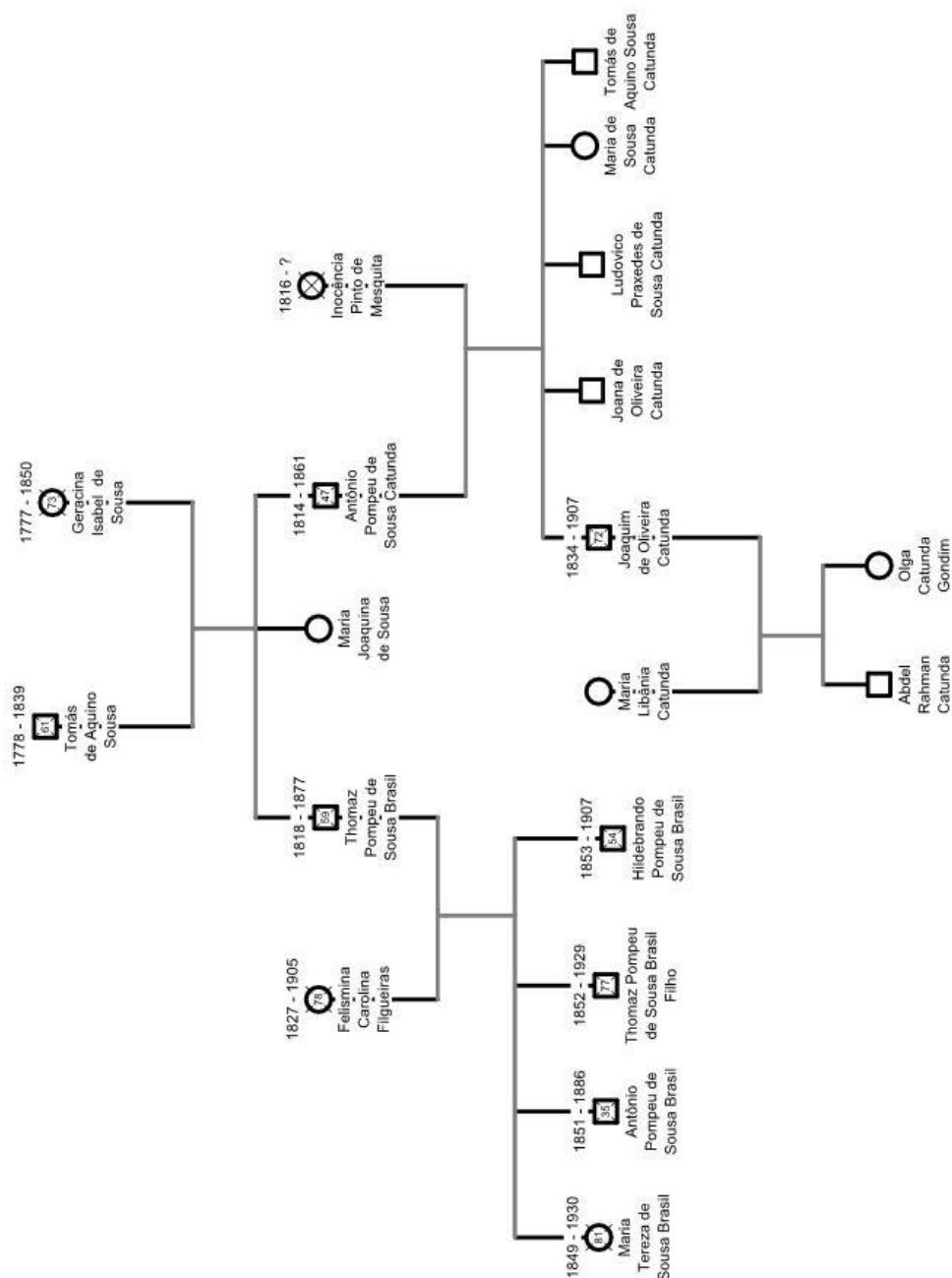
WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave. Um vocabulário de cultura de cultura e sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ZICMAN, Renée Barata. **História através da imprensa – algumas considerações metodológicas**. In: *Revista Projeto História. História e historiografia: Contribuições ao debate*. São Paulo: EDUC/PUC – SP. V. 4, jan/dez, 1985.

ANEXOS

ANEXO - 1

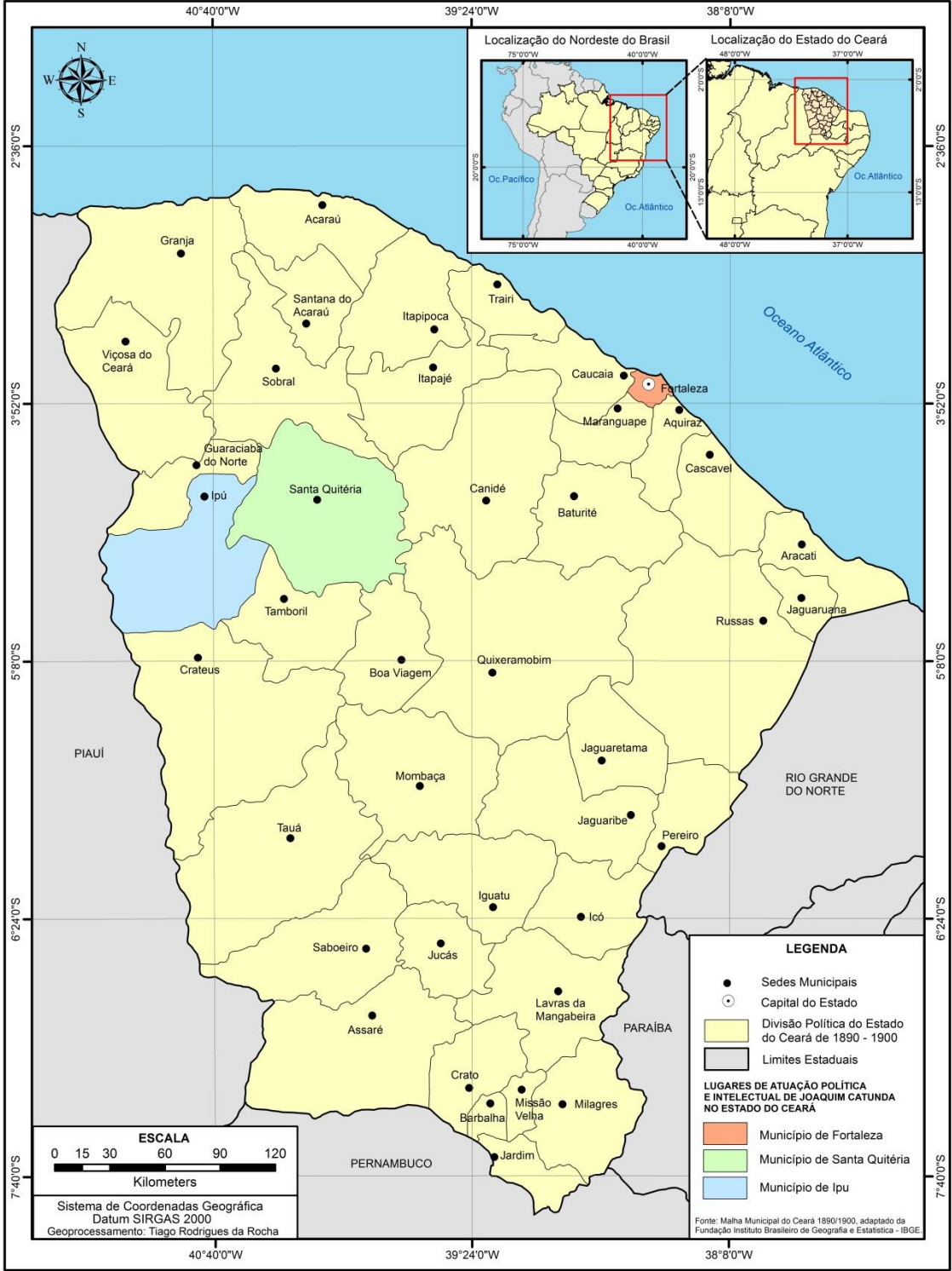
Figura 1 – GRUPO FAMILIAR DE JOAQUIM CATUNDA



Fonte: Árvore genealógica feita no programa *Genopro*, a partir dos dados disponibilizados em: STUDART, Guilherme. **Dicionário Biobibliográfico Cearense**. v. 2. Fortaleza: Tipografia à Vapor, 1913.

ANEXO - 2

MAPA DA PROVÍNCIA DO CEARÁ

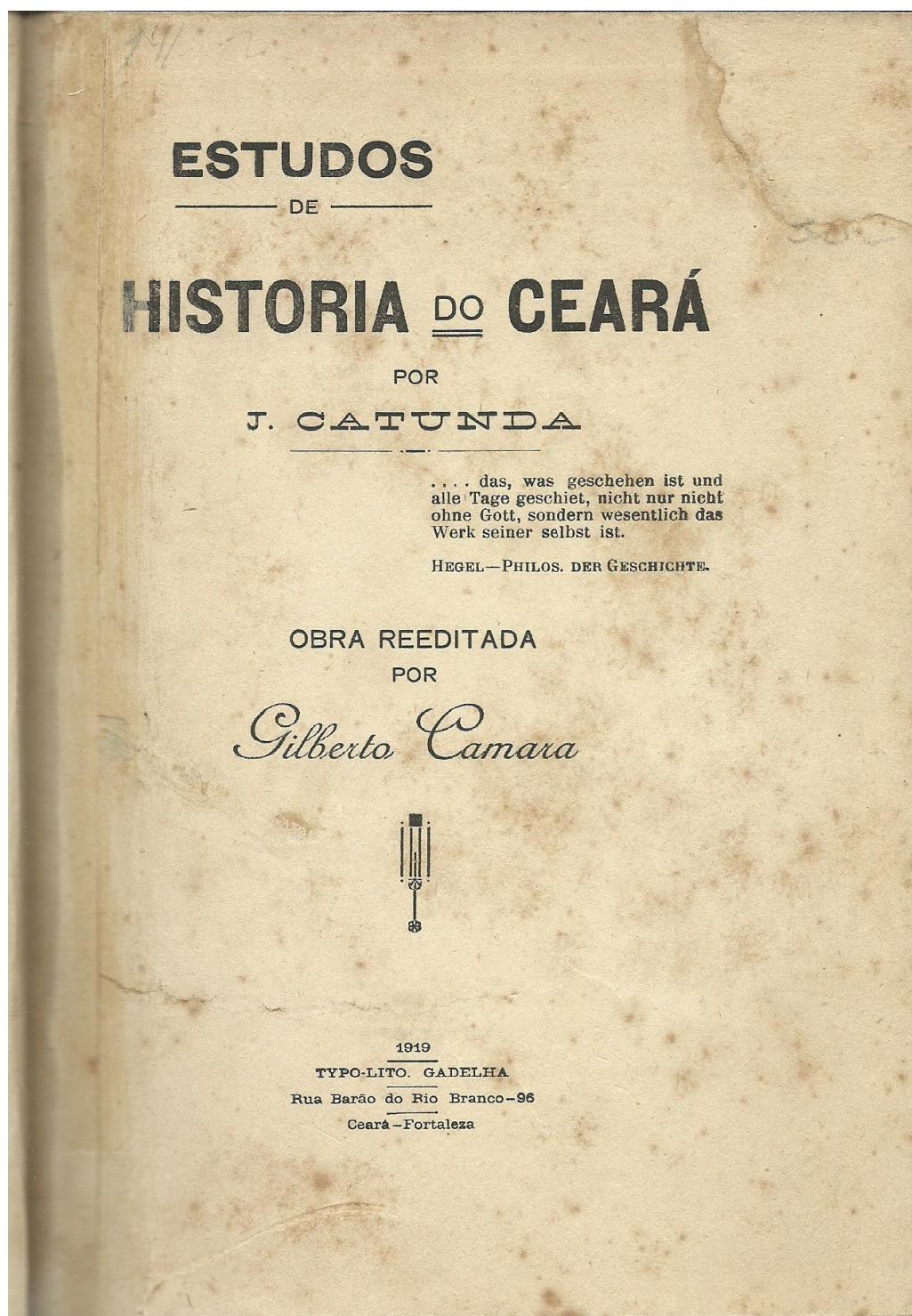


ANEXO - 3

RETRATO DE JOAQUIM CATUNDA



Fonte: CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919.

ANEXO - 4**FOLHA DE ROSTO DA 2ª EDIÇÃO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DO CEARÁ
(1919)**

Fonte: CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. 2.ed. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919.

ANEXO - 5**ANCESTRALIDADE DO HOMEM DE ACORDO COM ERNST HAECKEL**

SÉRIE DOS ANCESTRAES DO HOMEM			
M... N.—Limite separando os ancestraes invertebrados e os ancestraes vertebrados			
IDADE DA HISTÓRIA	PERÍODOS GEOLÓGICOS DA	SÉRIE	ORGANISMOS
ORGANICA	HISTÓRIA ORGANICA	DOS ANCESTRAES ANI-	ACTUAES MAIS ANA-
TERRESTRE	TERRESTRE.	MAES DO HOMEM.	LOGOS Á SÉRIE
		DOS ANCESTRAES	DOS ANCESTRAES
I. Edade archeolithica ou primordial.	1. Período laurentiano.	1. Moneras.	{ Protogenes.
		(Monera.)	{ Protamoeba.
		2. Organismos pri- marios monocel- lulares.	Amibas simples. (Autamoebæ.)
	2. Período cambriano.	3. Organismos pri- marios polycellu- lares.	Amibas compostas. (Morula.)
		4. Blasteades.	Larva blastula.
		5. Gastreades.	Larva gastrula.
	3. Período siluriano.	6. Archelminthes.	Turbellariados.
		7. Scolecida.	Balanoglossus.
		8. Chordonia.	Ascidios.
	(V. a pl. XIV e a explicação.)	M.	N
		9. Acrania.	Amphioxus.
		10. Monorhina.	Petromyzontes.
		11. Selachii.	Squalacei.
II. Edade pateolithica ou primaria.	4. Período devoniano.	12. Dipneusta.	Protoptera.
	5. Período carbonifero.	13. Sozobranchia.	Proteus. Axoloti. (Siredon.)
	6. Período permiano.	14. Sozura.	Tritões.
III. Edade mesolithica ou secundaria.	7. Período triasico.	15. Protamnia.	Autosaurianos.
	8. Período jurassico.	16. Promammalia.	Monotrema.
	9. Período cretaceo.	17. Marsupiaría.	Didelphysos.
IV. Edade cenolithica ou terciaria.	10. Período eoceno.	18. Prosimiæ.	{ Lori (Stenops.)
		19. Catarhínios com cauda.	{ Maki. (Lemur.)
	11. Período mioceno.	20. Anthropolides ou catarhínios sem cauda.	{ Nasico.
		21. Homens privados da palavra, ou homens pithé- coïdes.	{ Semnopitheco. Gorilha, chimpan- zé, orango, gib- bon.
V. Edade quaternaria.	12. Período plioceno.		Idiotas, cretinos e microcephalos.
	13. Período diluviano.	22. Homens dotados da palavra.	Australianos e Pa- puas.
	14. Período alluvial.		

Fonte: HAECKEL, Ernst. **História da Creação Natural**. Porto: Imprensa Moderna, 1912. p.542.

ANEXO – 6

CRONOLOGIA

1834 – Nasceu Joaquim Catunda, em Santa Quitéria.

1849 – Iniciou seus estudos preparatórios no Liceu do Ceará.

1853 – Fundou o jornal *Mocidade Cearense* com Juvenal Galeno e alistou-se no Exército.

1857 – Serviu no 1º Batalhão de Artilharia em Pé e matriculou-se na Escolar Militar do Rio de Janeiro.

1859 – Colaborou com o *Jornal da Sociedade Philomática*.

1860 – Obteve baixa do Exército, desligou-se da Escola Militar e foi para a província das Alagoas em uma comissão organizada pelo governo Imperial para demarcar terras devolutas do Urucú.

1862 – Foi nomeado 2º escrivão da Alfândega das Alagoas.

1864 – Tornou-se 1º escrivão da Alfândega do Ceará.

1866 – Foi pela primeira vez deputado da província do Ceará.

1867 – Foi nomeado professor da instrução primária no Ipú.

1868 – Foi nomeado Oficial maior da Secretaria do Governo.

1878 – 2º mandato como deputado da província do Ceará.

1879 – Foi nomeado Secretário da Relação do Distrito.

1880 – 3º mandato como deputado da província do Ceará.

1882 – Foi designado membro do Conselho Literário e da comissão responsável por receber produtos destinados a compor a *Exposição Antropológica* organizada pelo Museu Nacional, como também foi nomeado professor de Filosofia do Liceu do Ceará e de alemão da Escola Militar do Ceará. Colaborou com a fundação do *Centro Abolicionista* 25 de dezembro.

1886 – Publicou o livro *Estudos de História do Ceará*.

1887 – Tornou-se sócio-fundador do Instituto Histórico do Ceará, onde ocupou a função de 1º secretário.

1889 – Foi nomeado Diretor/Inspetor Geral da Instrução Pública do Estado do Ceará. Fundou o Centro Republicano juntamente com João Cordeiro, Abel Garcia, Oliveira Paiva, Martinho Rodrigues, João Lopes e Justiniano de Serpa.

1890 – Como Diretor da Instrução Pública, instituiu o ensino laico na Província.

1890 a 1907 – Representou o Ceará como senador da República.

1907 – Morreu Joaquim Catunda aos 72 anos de idade.